



REVISTA DE INFANTERIA

FUNDADA

9500

POR

Alexandre José Sarsfield

Major de infantaria

David Augusto Rodrigues

Tenente de infantaria

Alfredo de Leão Pimentel

Tenente de infantaria

8.º VOLUME

LISBOA

Typ. da Cooperativa Militar

1905

L'infanterie est l'arme dont l'action tactique est la plus étendue.

Von Miller.

L'infanterie est la base des armées modernes, comme elle l'a été chez les Grecs et les Romains.

Giustiniani.

On ne peut imaginer une victoire quelconque sans la coopération d'une infanterie instruite, solide, valeureuse et habile.

Von Schlichting.

COLLABORADORES INSCRIPTOS

Ex.^{mos} Srs.

Generaes:—Conselheiro J. E. de Moraes Sarmento, J. V. Sande e Lemos. = *Coroneis*:—J. J. da Silva Monteiro, J. N. Raposo Botelho, A. M. de Sousa Barros, A. J. de Sousa Machado, F. Rodrigues da Silva, J. C. G. de Magalhães, A. J. de F. Pereira, A. da Silva Dias, S. R. Arthur, A. A. de Barros. = *Tenentes coroneis*:—A. C. N. de Carvalho e A. J. Vergueiro = *Majores*:—F. F. de Castro e Solla, A. J. Sarsfield, C. A. Marques Leitão, C. da Fontoura Madureira Guedes, J. C. Ferreira Gil, B. Rodrigues Pereira, J. A. Borges Cabral. = *Capitães*:—Francisco Lopes, J. A. Simas Machado, A. dos Santos Fonseca, J. V. de Sousa Albuquerque, H. Baptista da Silva, A. C. Ribeiro de Carvalho, J. do Nascimento Pinheiro, L. H. Pacheco Simões, A. Dias da Silva Junior, A. C. de Menezes Pinto, F. da Silva Villar, J. Lopes de Oliveira, Antonio Barbosa Junior, Eduardo Pimenta, V. José Bugalho, A. J. Santa Clara Junior, F. da Cunha Macedo, L. Corrêa de Sousa, Candido Gomes, J. Vicente de Freitas, G. P. Pimenta de Castro, João de Almeida. = *Tenentes*:—A. Strecht de Vasconcellos, A. José Malheiro, A. Gomes de Sousa Junior, A. Infante Fernandes, Alberto Salgado, M. X. Trindade Roquette, A. A. Guedes Vaz, J. Bernardo Ferreira, J. A. Corrêa dos Santos, A. de Leão Pimentel, C. Gomes da Silva, G. do C. Ribeiro Villas, J. Pestana de Vasconcellos, A. Peixoto e Cunha, F. Augusto Borges Junior. = *Alferes*:—E. S. de Saurio Pires, A. Leite de Magalhães, A. Telles d'Azevedo e Francisco J. da Silva.

Collaboradores premiados

Ex.^{mos} Srs.

Adriano A. Madureira Beça, *major d'infanteria*; e Luiz de Mello e Athayde, *tenente d'infanteria*.

Collaboradores artisticos

Ex.^{mos} Srs.

A. E. d'Azevedo e Silva, *capitão de infanteria*; J. M. de Oliveira Guimarães, *tenente de infanteria*; A. Augusto Marques, *tenente de infanteria*.

Secretario de redacção

David Augusto Rodrigues

Tenente de infanteria.



8.º ANNO

JANEIRO DE 1905

N.º 1

REVISTA DE INFANTERIA

Concurso litterario

O nosso concurso despertou na arma o maior interesse e desde já nos parece podermos afirmar que o resultado vae corresponder á expectativa que formámos. As numerosas cartas que recebemos assim o deixam antever. E bom é que assim succeda, porque d'esta forma a infantaria vae mostrar mais uma vez a sua vitalidade com a manifestação da intellectualidade e dedicação ao trabalho e estudo dos seus officiaes, motivo este que só nos dá orgulho e prazer.

Entre as muitas cartas de felicitações e adhesões algumas recebemos em que se fazem varios reparos e se pedem esclarecimentos. A todos vamos responder com muito prazer, porque, note-se bem, o nosso unico interesse e o nosso unico desejo é que haja muitos concorrentes, para se accentuar bem essa manifestação intellectual da arma.

Pedem-nos para que os officiaes de infantaria habilitados com o curso do estado maior não possam concorrer, visto terem estudado mais desenvolvidamente a

cadeira de tactica. E' justo este pedido, e, embora nós custe muito, não podemos deixar de dar á condicção 2.^a a seguinte redacção:

2.^a — *Sómente podem concorrer officiaes de infantaria, com excepção dos officiaes habilitados com o curso do estado maior.*

Perguntam-nos tambem como interpretar a condicção 3.^a; se se pretende um pequeno tratado de tactica geral, satisfazendo á condicção 10.^a, ou se se pretende o estudo d'uma questão de tactica especial. Sobre este assumpto diremos que a liberdade é maxima desde que se estude a tactica de infantaria, sob um ponto de vista geral ou especial, em ligação, pelo menos, com a tactica da artilheria.

A condicção 11.^a não é alterada. Devemos, porem, dizer para mostrar que se guarda rigoroso incognito emquanto o jury não fizer a classificação, que se procederá da seguinte forma, o que representa um parographo que se deve juntar á mesma condicção 11.^a:

A medida que as memorias forem sendo recebidas, serão immediatamente entregues ao jury e os enveloppes lacrados com o nome do auctor e mais indicações, serão tambem immediatamente, sem serem abertos, note-se bem, depositados no cofre da Direcção Geral dos Serviços de Infantaria. Depois do jury, ter feito a classificação das memorias que se receberem é que se abrirão sómente os enveloppes que tiverem os numeros correspondentes ás memorias classificadas. Conhecidos então e unicamente os nomes dos auctores classificados, é que se determinará e se indicará o dia para a distribuição do premio de 50\$000 réis e dos diplomas d'honra, o que será feito segundo a condicção 9.^a e para o que se convidarão os officiaes de infantaria de toda a guarnição de Lisboa.

A condicção 12.^a precisa tambem ser modificada e passará a ter a seguinte redacção:

12.^a — *As memorias que o jury não repute dignas de serem publicadas serão inutilisadas pelo jury na presença dos assistentes, juntamente com os enveloppes sem que tenham sido abertos, no momento da distribuição do premio e diplomas d'honra, caso não tenham sido requisitadas, depois de se indicar publicamente quaes as classificadas.*

E d'esta forma o incognito será rigoroso, pois que as que forem classificadas só se saberá o nome do auctor depois de feita a classificação, e as não classificadas serão inutilisadas ou restituídas aos seus auctores ou pessoas que por elle as peçam, pela indicação do numero encarnado que as deve acompanhar.

Aquelles, pois, que se arreceiam de escrever para o publico, ahí teem um meio de trabalharem completamente alheios da critica. As mais condições não soffrem alteração alguma.

O jury a que se refere a condicção 5.^a podemos já dizel'o com muito prazer nosso, que é constituido pelos Ex.^{mos} Coroneis d'infanteria: José Nicolau Raposo Botelho, Director do Real Collegio Militar; Pedro Celestino da Costa, commandante da Escola Pratica de Infantaria; e Alfredo Augusto de Barros, chefe do estado maior da Direcção Geral de Infantaria. Estes tres nomes laureados é tão sobejamente conhecidos no exercito dispensam referencias especiaes, e dão a maxima garantia de seriedade ao concurso que abrimos. A suas Ex.^{as} penhorados agradecemos a acquiescencia prompta ao convite que lhes fizemos.





Escola Pratica de Infantaria ⁽¹⁾

(Continuado do n.º 12)

Deveriam tambem levar-se a effeito estudos sobre a dispersão, nos planos horisontal e vertical, do tiro collectivo, era esse o meu desejo, mas a despeito da melhor bôa vontade de todos não foi possivel realisal-os, por varias rasões, avultando como a principal a falta de tempo e de material proprio. Este estudo, por muito interessante e absolutamente necessario, já no anno anterior foi iniciado com muito bom exito, mas só até á distancia de 700 metros.

Effectivamente é manifesta a sua importancia, por isso que o conhecimento da lei das dispersões e da forma e dimensão dos grupamentos, constitue um valioso auxiliar para se obter o rendimento maximo dos fogos.

Por ella se determina a distancia a que nos devemos approximar do objectivo para se conseguir um effeito sufficiente; se encontram principios racionais para corrigir e dirigir o fogo; se forma criterio seguro para comparar as diversas armas no fogo e dá noção de um dos mais importantes factores do effeito util do tiro.

Os trabalhos de experiencias de vulnerabilidade e fogos collectivos de combate, levados a effeito no 5.º periodo, foram a realisação do programma elaborado na Direcção Geral dos serviços de Infantaria — segundo o que dispõe o respectivo regulamento — assistindo a elles não só o pessoal a que já me referi, mas tambem os tenentes coroneis e capitães de todas as armas que, nos termos da legislação vigente, devem concorrer ás differentes escolas, nas epochas mais activas do ensino.

No segundo dia de trabalhos finaes, effectuou-se tambem um exercicio de fogos de guerra contra alvos representando artilheria, cavallaria e infantaria em posição e em movimento.

Assistiram a elle Sua Magestade El-Rei, e os senhores ministro da guerra e general director geral dos serviços de infantaria. Teve, em meu entender, um bom exito. Ensaiou-se pela primeira

⁽¹⁾ Conferencia, pelo major José C. Ferreira Gil.

vez o emprego d'alvos moveis, representando uma linha de atiradores avançando para a linha de fogo, dando magnifico resultado.

O programma das experiencias de vulnerabilidade e exercicios de fogos collectivos de combate comprehendeu :

Exercicios de fogos de combate feitos por 100 atiradores (sendo em media—7 atiradores especiaes—21 de 1.^a classe—23 de 2.^a classe e 49 de 3.^a) contra 100 alvos figuras, simulando :

1.^o—Uma linha de atiradores de joelhos, deitados e de pé, em attitudes verosimeis, conforme as circumstancias do terreno e do combate; ás distancias de 200, 400 e 600 metros;

2.^o—Uma companhia em marcha, por filas abertas, e em uma fileira, a 800 metros;

3.^o—A marcha d'uma companhia em columna por secções de costado, com intervallos de desenvolvimento, e em columna por esquadras de costado, tambem com intervallos de desenvolvimento, a 1000 metros;

4.^o—A marcha d'uma companhia em linha e por pelotões de costado, a 1400 metros;

5.^o—Experiencias de tiro contra uma companhia de infantaria, em disposição de combate, tendo dois pelotões na linha de fogo e o terceiro de costado n'uma das experiencias, e em ordem extensa na outra.

Experiencias de tiro contra a artilheria. Alvos representando uma bateria de artilheria montada—escalão de combate—ás distancias de 1100 e 1500 metros.

Experiencias de tiro contra cavallaria. Alvos representando a fileira da frente de quatro pelotões de cavallaria em linha, e figurando a carga de um esquadrão contra uma força de infantaria—distancias 700 e 450 metros.

O campo de tiro da Escola sendo, como é realmente, de dimensões muito acanhadas para que n'elle se possam executar, como era da mais alta conveniencia, variadas experiencias de fogos collectivos de combate, está já tão explorado que nos leva á impreterivel necessidade de repetir n'um anno, apenas com ligeiras variantes, muitos dos exercicios anteriormente realisados. Em taes circumstancias, os executados no actual periodo de instrucção foram os do anno precedente apenas um tanto aperfeiçoados e ampliados.

Não se vá porém imaginar que, por esse facto, foram desprovidos de interesse. Bem ao contrario. Além de variarem os executantes, melhorou consideravelmente a parte material, disposição, movimento dos alvos nas differentes situações, o que fez alterar bastante os resultados.

Mas que assim não fosse, é principio que não offerece contro-

versia, que no tiro não é possível deduzir regras verdadeiramente praticas e positivas, sem primeiramente se ter procedido a multiplicas e meticolosas experiencias, em que, sem differirem essencialmente as condições principaes, se façam variar todas as outras, para se poder, com consciencia, estudar o complexo e difficiloso problema, sob os variados aspectos, e attingir a luz sublime da verdade, tanto quanto ser possa e com a sufficiente approximação da realidade. E digo quanto ser possa, visto que ninguem ignora, que não ha possibilidade de introduzir no calculo tantos e tão variados coefficients, quantos os que é mister, para equiparar os resultados obtidos nos campos de tiro e no combate real.

Sendo tambem hoje ponto assente que o *principal valor do fogo da infantaria reside na sua boa direcção*, deve-se procurar pelo maior numero de experiencias e pela sua repetição em annos successivos, desenvolver o mais possível o seu estudo e analysar com a maior insistencia os factos que influem na sua direcção no combate.

E em que consiste a boa direcção do fogo?

Consiste em o official ou graduado que o commanda conhecer perfeitamente a forma e propriedades da trajectoria da sua arma; em conhecer a lei da dispersão do tiro, a extensão dos terrenos batidos ou rasados ás differentes distancias; em saber determinar rapidamente, como que por intuição, a distancia a que se pode bater ou rasar um terreno de forma dada, e reciprocamente; como poderá subtrahir os seus soldados ao fogo do adversario, designando a sua formação, o fraccionamento e o escalonamento que melhor convirá á situação.

Consiste ainda na escolha da posição em que deve romper o fogo; na disposição a dar á tropa que commanda, na determinação do objectivo e da sua distancia; na regulação da alça; na designação da especie de fogo a empregar e na determinação da sua oportunidade; na determinação da velocidade do tiro, e finalmente no conhecimento dos meios de adquirir e conservar a superioridade do fogo.

Eis no que consiste a boa direcção, ou antes, eis no que consiste a disciplina do fogo para o official. E só no dia em que tiver conseguido estes conhecimentos, que a insistente pratica e a theoria lhe houverem dado, só então poderá considerar-se official instruido, official a valer.

Mais do que justificada está pois a repetição em annos successivos, de experiencias, de estudos que confirmando principios já deduzidos e apresentando formulas novas, sirvam ao mesmo tempo de lição aos officiaes. E não é essa a sua applicação menos proveitosa.

Pelo que já disse vê-se que os estudos effectuados no campo de tiro da escola, incidiram especialmente sobre a vulnerabilidade das differentes formações e distancias variadas e sobre os effectos do tiro, segundo a velocidade e especie de fogos.

Vejamos quaes foram os resultados obtidos e a que conclusões elles nos conduzem.

Fogos collectivos de combate

As primeiras tres experiencias tiveram por fim apreciar os effectos do tiro colectivo de combate contra alvos representando uma linha de atiradores a 200 e a 400 metros, e a vulnerabilidade de uma linha de atiradores em ordem singella com intervallos diferentes.

Os resultados obtidos apresenta-os o quadro n.º 2.

E' regra confirmada pela experiencia, que para alvos de eguaes dimensões e á mesma distancia (suppostas as outras condições normaes) a vulnerabilidade é variavel com a justeza e a justeza inversa á velocidade do tiro.

Vejamos até que ponto aquelle preceito se realisou no caso presente.

A's distancias de 200 e 400 metros, fizeram 100 atiradores fogo de joelhos contra 100 alvos, figurando uma linha de atiradores em diferentes posições (de joelhos, deitados e de pé) conforme o terreno. Os fogos empregados foram, vivo (5 tiros por minuto), vivo regulamentar e de repetição.

Observando as percentagens apontadas n'aquelle quadro, vê-se claramente que, em regra, foi mais efficaz o fogo vivo (5 tiros por minuto), depois o fogo vivo regulamentar e por ultimo o de repetição.

A' distancia de 600 metros tambem o fogo vivo (5 por minuto), deu maiores percentagens do que o regulamentar.

O facto, já constatado em annos anteriores, e que o nosso regulamento tactico preconiza de que *«quanto maior é a velocidade do tiro, menor é a sua efficacia»*, leva-me a considerar como absolutamente indispensavel modificar o mesmo regulamento na parte referente á velocidade dos fogos, estatuinto que no fogo vivo não deverá o numero de tiros exceder 5, quando muito 6, em um minuto.

Por esta forma ficarão mais distinctamente definidas e justificadas as diferenças d'aquellas tres especies de fogo individual, e attender-se-ha ao capital principio do menor consumo de munições, o que é essencialissimo.

Isto, supposta a hypothese de se persistir no emprego de 4 especies de fogo: lento, vivo, por descargas e de repetição, as quaes a meu ver, se poderiam, com vantagem, reduzir.

No fogo vivo (5 por minuto) o effecto util produzido a 200 metros, tendo em consideração o numero de alvos attingidos, é magnifico. 100 homens, n'um minuto de fogo e disparando 496 tiros, attingiram 64 alvos, de 100. Quer dizer: conservando esta proporção, os 100 homens poriam outros tantos inimigos fora do combate em 93 segundos, empregando cada um o maximo de 5 tiros, salva a correção.

A' distancia de 600 metros empregou-se o fogo lento, vivo (5 por minuto), vivo regulamentar e por descargas, contra uma linha de atiradores em ordem singella, com intervallos normaes e de um

passo. A linha de atiradores em ordem singella, com um passo de intervallo, mostrou menor vulnerabilidade do que com o intervallo normal, o que é absolutamente racional e está em harmonia com as anteriores experiencias.

(*Continua*).

SOLDOS E GRATIFICAÇÕES

XII

A imprensa diaria tem dito que vão ser modificadas as leis dos vencimentos dos officiaes. Se assim succeder, como aliaz não temos razão alguma para duvidar, só teremos que aplaudir tão acertada medida, o que faremos com verdadeiro prazer.

Fomos os primeiros, e até hoje temos sido quasi os unicos, que temos tratado esta questão. Não podemos pois deixar de nos orgulhar, porque se até á data presente os resultados ainda não são palpaveis, já conseguimos não obstante ver essa questão indicada no discurso da corôa e agora annuciado com auspicios de realidade pela imprensa diaria. Sanccão official já tem e agora parece que vae ter realisação pratica.

A questão dos vencimentos no momento presente sobreleva a todas as mais. Todos conhecem a veracidade d'esta affirmação, mas, para a pôr mais em relevo e a tornar mais palpavel, bastará dizer que as leis pelas quaes se regulam os vencimentos em vigor datam de 1872 e 1887 e que d'então para cá todos os mais assumptos tem sido reorganizados por diversas vezes. Mas ha mais; as tabellas dos vencimentos ninguem tem alterado, a não ser para as cercear, o que tem succedido em diferentes occasiões. A' medida, pois, que a vida encarece, o que está provado succeder progressivamente, os ma-

gros vencimentos do official não só não teem acompanhado essa evolução, mas, antes pelo contrario, teem sido reduzidos. E' uma dura verdade esta conclusão, mas verdade que se deve dizer, porque sem duvida ninguém a desconhece.

O problema economico do official é um dos mais importantes que urge resolver sem delongas, porque é aquelle que hoje apresenta caracteres de maior gravidade pelo estado de abandono a que foi lançado este lado pratico da vida e pela carestia das subsistancias, que attingem preços assustadores. Perante um assumpto de tal gravidade ninguém pode ficar indifferente, porque em toda a instituição, como em todo o organismo, o essencial e condicção primeira é a vida. Assegurada ella pense-se então em tudo o mais.

N'estas condicções todo o ministro que der um passo n'esse sentido não pode deixar de ter o apoio incondicional de todo o exercito, e mesmo da parte sensata do paiz, porque, se aquelle precisa, esta deve ser a primeira a querer o seu exercito organizado de maneira a não haver cousa alguma que impeça o seu funcionamento.

A este respeito, porem, devemos fazer uma objecção, não a titulo de conselho, pois que não damos conselhos a quem os não pede e os não precisa, mas a titulo de opinião pessoal. Toda a tentativa que se faça no sentido de melhorar a situação economica do official ha-de levantar, apesar da parte sensata do paiz a que já nos referimos o desejar, uma certa opposição, opposição que poderá ser proveniente de facções partidarias ou de ideias antimilitaristas, que tambem ha pelo nosso paiz. Desde que essa opposição seja certa, quem tentar remodelar os vencimentos deve fazel'o de forma a deixal'os completos e em harmonia com as exigencias economicas da epocha, porque tão difficil será vencer essa opposição, dentro de certos limites, sendo uma medida completa, como sendo um simples paliativo, com a aggravante, comtudo, que sendo paliativo não deixará satisfeita a classe militar e dentro em breve será necessario renovar a medida, havendo então difficuldades

maiores, que mais difficeis serão de vencer. E' esta a nossa opinião pessoal e muito estimaremos ver que os esforços que se tentam se coadunem com o nosso modo de sentir.

A classe militar bem merece que assim succeda, porque enquanto as outras classes se unem para zelar os seus interesses e se reúnem até, por vezes, para pugnar por formas violentas e ameaçadoras pelas suas conveniencias, a classe militar, formando um honroso contraste com esse proceder, não só se conserva, e ainda bem, muda e silenciosa, disciplinada, obediente e respeitadora, mas até serve para evitar os perigos que poderiam acarretar a ambição soffrega de determinadas classes. O confronto entre o proceder d'uns e outros é o que ha de mais honroso para o exercito. E ainda bem, porque mantendo-se firme e disciplinado como até aqui, sem levantar um queixume nem lavrar um protesto, dá um exemplo de tal forma nobre que não pode deixar de levar á consciencia de todos a convicção de que depois de tantos annos seja agora tempo de se attender ás suas necessidades.

Este exemplo, este proceder nobre e leal, este acto de abnegação e disciplina devem, sem duvida alguma, dar força bastante e auctoridade incontestavel a todo aquelle que possa desbravar o caminho, o fazer desas-sombradamente e sem hesitações. Onde ha justiça, onde ha razão, onde ha direito, só pode haver um caminho franco, que é necessario seguir até ao fim, que é o que nós muito folgaremos ver.

DAVID RODRIGUES

Ten. d'infanteria.





A reorganização do exercito ultramarino

Decorridos tres annos sobre a publicação do decreto que reorganizou as forças ultramarinas, teem-se dia a dia patenteado muitos inconvenientes e lacunas de tal diploma e opportuno seria já, talvez, introduzir-lhe determinadas modificações.

Não é nosso intento discutir ou fazer sequer reparo em todas as disposições exaradas n'esse decreto, pois falta-nos para tanto a competencia e muito tem tambem elle de aproveitavel.

O principio n'elle estabelecido da promoção ao posto immediato com prejuizo, tem sido bastante discutido, mas não nos parece facilmente eliminavel desde que o estado portuguez não pôde, como se pretende, pagar bem aos funcionarios que vão lá sacrificar o conforto, as alegrias do lar e a saude, esta muitas vezes para sempre. O voluntariado sem prejuizo e bem remunerado seria talvez o melhor principio em tal materia, visto a pouca tendencia da nossa gente para deixar a metropole por um grande lapso de tempo, o que permitteria o recrutamento de bons quadros exclusivamente ultramarinos em que uma accelerada promoção fosse a melhor recompensa d'uma vida de abnegação, erigada de difficuldades e de perigos e o mais poderoso engodo para attrahir bons officiaes e praças e fazel-os demorar largos annos por lá.

Vamos apenas tocar alguns pontos d'entre os muitos que se prestam á nossa apreciação, esperando assim tão somente chamar a attenção dos competentes para este assumpto, que bem merece ser discutido.

Vivem os mais antigos dos offerecidos em cada posto na incerteza ácerca da região para que serão enviados.

Apontam-se muitos officiaes das levas anteriores que foram collocados em situações e regiões privilegiadas e ninguem abriga duvidas ácerca da cegueira d'uma sorte que atira um individuo

para regiões inhospitas onde tudo é preciso crear, improvisar, longe de todo o recurso, sempre á mercê das intrigas d'um branco ou de azagaias d'um negro e que brinda outro com a benesse choruda da accumulacão d'uma companhia de guerra, com bom comando, capitania ou outra *commissão ordinaria* de tal jaez.

Tal duvida será injustificada, mas lavra bem fundo no nosso meio e quem se sente desprotegido, embora desejoso de servir o paiz onde elle muito precisa ser servido, olha para os camaradas da esquerda, encolhe os hombros e não se offerece, ou se o fez desiste

Não haverá uma formula que resolvesse o assumpto, que furtasse quanto possivel a collocacão e a situação do offerecido aos caprichos da politica, do compadrio?

Parece-nos que o sorteio seria um bom passo para tal desideratum.

Assim, no fim de cada trimestre, por exemplo, chamados a Lisboa todos os individuos a quem pertencesse *commissão ordinaria*, conforme as requisições recebidas do ultramar durante esse periodo de tempo, depois de inspeccionados, reuniam-se n'uma sala do ministerio do ultramar e tiravam d'uma urna uma esphera com um numero correspondente ao d'uma lista alli patente em que estivessem indicados detalhadamente as funcções, serviços, unidades, etc. constantes das requisições recebidas do ultramar durante esse trimestre. Para cada posto ou patente haveria um sorteio e uma lista especiaes.

Tirada a sorte por cada offerecido seria o seu nome e a funcção, unidade ou serviço que lhe coubessem, proclamados em voz alta. Terminada esta operação, dar-se-ia aos sorteados uma licença nunca superior a quinze dias, com transportes pagos, para se despedirem dos seus e tratarem dos preparativos de viagem.

*

Cita-se como uma das causas determinantes do recente desastre do Cunene, falta de solidez, a pouca instrucção das tropas negras, as quaes, apoz algumas investidas dos cuamatas, não conservaram a calma e a firmeza precisas para aguentarem um novo combate.

E' sabido que as tropas negras, ainda as melhores, não possuem nas occasiões supremas a firmeza, e a serenidade precisas para se conservarem nos seus postos e deixarem-se manejar com rapidez e precisão pelos seus graduados.

Diz-se que o desastre se produziu, quando já a pequena columna vinha retirando. E' o começo d'uma retirada, n'estas guerras, o movimento mais critico, aquelle em que é preciso conjugar todos os esforços para levantar o moral das tropas; para o soldado negro pouco adestrado uma retirada, por brilhante que seja, é sempre uma fugida, uma derrota.

Que admira pois que os nossos soldados negros em tal momento fossem dominados pelo panico e debandassem, deixando-se facilmente azagaiaar pelo adversario!

Fossem elles soldados bem instruidos, já provados em longos mezes e annos d'uma solida disciplina, nas mãos de quadros numerosos e de valor e outra teria sido a fase dos acontecimentos, muito embora houvesse a lastimar erros e lacunas d'outra natureza.

Mas que esperar de soldados, muitos dos quaes tinham sido alistados recentemente e a quem apenas houvera tempo para dar um leve verniz de instrução, mal disciplinados pela sua pequena permanencia sob as armas, recrutados a cordel, e os outros mais antigos arrancados aos serviços sedentarios e dissolventes dos destacamentos e guarnições dos postos, longe das vistas, da acção dos officiaes das suas unidades, recebendo uma instrução difficientissima, quando a recebessem, indisciplinados, desmoralizados pela vida licenciosa do sertão, pela promiscuidade constante com os negres livres das immedições dos postos?

Que confiança pode inspirar uma tropa assim?

Diz Ned-Noll. «O atirador indigena é o verdadeiro soldado da conquista: filho da terra, não teme os effeitos do clima; sobrio e sofredor, habituado ás privações e ao desconforto, não precisa arrastar apoz si enorme *impedimenta*». «Daria uma prova de incapacidade, diz Von Wissmann, aquelle que quizesse organizar uma expedição colonial apenas com tropas brancas».

O soldado negro é, pois, indispensavel nas fileiras do exercito ultramarino; uma nação pobre como a nossa deverá com elle constituir o grosso d'uma columna, mas torna-se absolutamente preciso recrutar o entre os povos mais aguerridos e com espirito militar accentuado, enquadrar-o bem e fortemente, disciplinar-o solidamente, instrui-lo e armar-o a valer. Não foi o que se fez e n'isto são unanimes as opiniões. Não é mesmo isso o que entre nós se faz. Que nos sirva ao menos o lastimavel acontecimento de lição. Que não seja o exercito ultramarino uma imagem carregada do da metropole; que não seja apenas um simulacro de força armada: em tal ramo de administração publica, todas as economias são funestas, porque é sempre muito mais cara uma derrota soffrida ou, pelo menos, um insucesso obtido com soldados baratos e portanto mal preparados, pouco solidos e mal armados do que uma victoria decisiva alcançada com uma tropa cara, mas bem instruida, disciplinada e organizada a valer.

Devem ser eliminadas do decreto de 18^o1 ao termos *effectivo minimo* e *effectivo maximo*. O *effectivo* é um só: — o de guerra — e todos os esforços tenderão a conservá-lo inteiro, unido, forte, disciplinado e instruido, bem nas mãos dos chefes, para que estes possam contar com os seus homens sempre e para tudo. O fraccionamento das unidades pelos postos e povoações do interior será uma causa poderosa de enfraquecimento das qualidades militares dos homens, um estorvo para a instrução e para a disciplina e deverá evitar-se o mais possivel ou, pelo menos, reduzir-se quanto ser possa os periodos de duração d'esses serviços, de modo que os

homens estejam pouco tempo arredados da unidade a que pertencem e que será, como na metropole, a unica escola onde se preparem para a lucta sempre imminente, será o ergastulo mais seguro onde se expurguem os vicios, onde se domem as velleidades de insubmissão do recrutado do sertão, onde se depure o moral, onde, n'uma palavra, se disciplinem mais solidamente.

*

E' tambem um grave inconveniente atirar de repente para uma guarnição do interior um graduado que as mais das vezes nunca vio um preto e para quem este é sempre uma entidade perfeitamente extranha, apenas conhecida de relance pelas leituras, pouco vulgares entre nós, dos livros de viagens, pelas descripções dos nossos exploradores ou pelas noticias, ás vezes phantasiosas, dos jornaes. E' só no fim d'alguns mezes de contacto com o negro que se começa a fazer uma ideia segura da sua mentalidade, character e aptidões, para se poder manejar-o, trabalhá-lo a ponto de fazer de um selvagem vindo do matto, ás vezes bom e intelligente mas sempre rude, vicioso e desconfiado, um soldado a valer, um auxiliar dedicado da nossa acção soberana e civilisadora.

Alli, pois, no interior onde o nosso funcionario e sebtetudo os nossos graduados militares precisam desde logo applicar-se sem hesitações nem receio ás suas funções moralisadoras, de educadores expressivos, será sempre leziva para o prestigio e futura acção d'estes a minima ignorancia ácerca do individuo com que vão estar n'um contacto de todos os momentos, ácerca dos processos racionais e efficazes de o desbravar, educar e subjugar.

De resto será uma transição demasiadamente violenta essa, feita de subito da vida remansada, despreocupada dos quarteis do reino para o labute das guarnições e postos do interior, onde a vida é toda cheia de desconfortos, de responsabilidades e de incertezas. N'este trajecto tão violento bem se torna preciso um grande alto, onde o europeu possa tomar alento, industrial-se e preparar-se melhor afim de proseguir a sua rota de animo firme, sem que o desanimo, a desillusão subita venham tornar-lhe ainda mais cruciante a nostalgia.

Era, então, da maior vantagem que os graduados, á sua chegada á provincia, ficassem desde logo e durante alguns mezes addidos, fazendo serviço na companhia de guerra, situada na séde do governo districtal. Essa companhia receberia tambem os contingentes de recrutas destinados ás unidades do districto. A instrução d'este teria ahi logar durante 6 mezes e seria entregue aos graduados recémchegados, sempre dirigidos por officiaes experientes e sob as vistas do governador, como chefe supremo militar do districto, e dos inspectores das unidades.

Haveria assim, entre outras, estas vantagens: 1.º O europeu, sob a direcção de pessoal experiente, aprenderia melhor e mais rapidamente a conhecer, educar, instruir e dominar o negro.

2.º — O recruta sob a vigilancia constante das auctoridades militares superiores, seria assim submettido a uma pressão mais inalteravel e vigorosa, recebendo uma instrucção mais homogenea, solida e continua, visto não ser distraído durante esse tempo para outros serviços.

3.º — Os graduados aprenderiam desde logo a bem desempenhar todos os trabalhos de expediente, recebendo de officiaes experientes e sabedores uma instrucção theorica e pratica mais efficaz e completa ácerca de todos os serviços que fossem chamados a desempenhar.

4.º — A instrucção e a execução dos serviços seriam para todos, europeus e negros, mais uniformes.

5.º — Os graduados, não tendo responsabilidades a preoccupal-os, nem trabalhos extranhos a absorver-lhes o tempo, poderiam dedicar-se completamente á instrucção e educação dos negros e á sua propria instrucção e educação, preparando-se pouco a pouco para um regimen de vida bem diverso do anterior, adaptando-se lentamente ao habitat local, fazendo por contrahir habitos hygienicos, recebendo mesmo lições theoricas e praticas do facultativo local ácerca da prophylaxia, diagnostico e tratamento das doenças mais vulgares nos paizes quentes.

Finalmente, a companhia de guerra da séde do districto, quando commandada por officiaes experientes, escolhidos, de valor, sob a acção directa do governador, da secretaria militar e do inspector das unidades, seria uma unidade modelar, uma escola militar de europeus e indigenas, d'onde todos sahiriam aptos a entrar immediatamente em acção, conhecendo-se bem, preparados com todos os conhecimentos militares necessarios na guerra colonial, conhecimentos esses que n'uma guarnição do interior nunca poderiam ter sido ministrados nem adquiridos por carencia quasi permanente de pessoal, de tempo, de recursos e até por falta de fiscalisação superior.

O periodo de instrucção do recruta negro seria de seis mezes, não esquecendo o ensino da lingua portugueza desde o inicio até final.

O tirocinio dos europeus iria até tres mezes, depois do que seriam mandados reunir ás unidades e desempenhar as funcções que lhes tivessem cabido por sorte.

A. PIMENTEL.

Tenente d'Infanteria.



UNIFORMES

Foi ultimamente ordenado ás commissões de aperfeiçoamento das armas a codificação em um só diploma de tudo quanto está preceituado sobre uniformes.

A proposito d'isto, que aliaz era bem necessario, um nosso illustre camarada pede para fazermos algumas ponderações, no que nos parece ter inteira razão.

O barrete n.º 1 das praças de pret, cabos e soldados, é usado raras vezes, de sorte que quando essas mesmas praças passam á reserva os deixam quasi novos. Como não os podem levar para a vida civil, faz-se d'elle espolio, que geralmente não teem licitação ou se chegam a ter, raras vezes excede 25 réis, notando-se, comtudo, que se assim succede não é porque se encontram em mau estado, mas porque a grande maioria das praças ou não precisam ou preferem mais, e evidentemente com razão, usar um artigo novo do que um artigo já usado.

N'estas condições pouco ou nada aproveitando a praça e a fazenda nacional, mal se comprehende o religioso escrupulo de os tornar durante o tempo de serviço interdictos em passeio ao seu possuidor. Não os chegando a gastar e não obtendo uma licitação razoavel, é preferivel, sem duvida, permittir que as praças os usem em passeio em determinados casos ou dias, taes como dias santos e dias de grande gala.

Alem d'isso, este desperdicio, resultante d'uma economia demasiadamente apertada, vae redundar em pre-

juízo ou das próprias praças ou da fazenda nacional, porque não sendo permittido o uso do 1.^o barrete em passeio em caso algum, é necessario dotar as praças com dois barretes n.^o 2, que, sendo usados no quartel e em passeio, raras vezes chegam para todo o tempo de serviço, sendo, portanto, necessario recorrer a concertos ou á distribuição d'um terceiro, o que tudo se evitaria certamente se em dias especiaes se permittisse o uso do barrete n.^o 1.

Não querendo optar pela generalisação a todas as praças, permitta-se, pelo menos, aos commandantes de companhia o poderem auctorisar o uso d'esse barrete ás praças suas subordinadas que forem limpas e bem comportadas, e assim se facultará áquelles officiaes mais um meio de premiarem os bons soldados das suas companhias. E d'esta forma se conciliará a justiça com a economia, com beneficio para a disciplina e sem prejuizo d'especie alguma.

Com relação ao barrete dos officiaes diz tambem o nosso illustre camarada, e as nossas informações confirmam essa asserção, que elle merece plena acceitação á grande maioria dos officiaes.

Um outro nosso camarada pede para solicitar-mos das estações superiores a approvação do uso do uniforme de *kaki* no exercito, e acrescenta o mesmo official que caso não seja possivel generalisal'o desde já, se permitta, pelo menos, aos officiaes poderem usal-o quer em exercicios e marchas, quer nas escolas praticas e no serviço interno e mais casos em que o official concorra com as praças trajando o brinzão.

Já em tempos nos pronunciámos sobre este assumpto. Hoje limitar-nos-hemos a dizer que a sua generalisação é necessaria e que aquelle pedido é justo, tanto mais que o uniforme de *kaki* figura já em dois diplomas officiaes, e é mesmo já usado pelos generaes e por tropas dependentes do ministerio da Guerra.





DAS TRAJECTORIAS TENSAS

Tambem nós temos ouvido fallar no projecto de dar á bala da da Mauser-Vergueiro uma velocidade inicial de 900 metros, assumpto a que se refere o nosso camarada snr. tenente Simas n'um interessante artigo publicado no ultimo numero da «Revista d'artilleria».

Segundo nos consta, uma commissão especial estuda n'esta occasião as propriedades balisticas da polvora, e o projectil de forma nova, destinados a produzir aquelle resultado, e de que não nos foi possivel obter elementos precisos, mas apenas algumas indicações vagas.

Não é porém da possibilidade de se realizar em breve praticamente aquella velocidade inicial que tencionamos occupar-nos hoje, mas das vantagens *reaes* que d'esse facto resultarão para o futuro armamento da infantaria.

As consequencias immediatas d'aquella grande velocidade inicial são: fixação da primeira linha de mira para a distancia de 800 metros, e augmento das zonas perigosas pela maior razança das trajectorias.

Ora parece-nos opportuno analysar se estas circumstancias constituem *sempre* vantagem, como, para as condições de serviço e de duração do material, o fez brilhantemente o snr. tenente Simas no artigo a que nos referimos, e em que a sua reconhecida competencia acha arriscada tal innovação, antes de consagrada por prolongadas experiencias.

Não ha duvida que o assumpto que n'este momento interessa toda a infantaria constitue um delicadissimo problema, e portanto é necessario libertar o espirito do prestigio de certas noções technicas, que, excedendo determinados limites, pódem constituir

abusos, e por isso condemnaveis como todos os abusos. E é sabido que em algumas coisas se tem abusado.

Um bello dia a tactica disse á industria que, para melhor desempenhar a sua missão precisava de lhe conseguir *essencialmente* dois aperfeiçoamentos no material, quer da infantaria quer da artilheria: maior rapidez de tiro e maior velocidade inicial com as suas respectivas consequencias.

A industria deitou mãos á obra, e depois de phases successivas, que não vale a pena recordar, offerecia á infantaria a espingarda automatica, e á artilheria a peça de tiro rapido.

A tactica agradeceu, mas alarmou-se. Não havia munições que alimentassem a voracidade de taes engenhos.

Evidentemente a industria tinha abusado. Toda a gente perguntou então, e pergunta ainda, se o resultado obtido não teria excedido as necessidades do campo de batalha, pelo que respeita a rapidez.

Na artilheria, a França viu-se obrigada a reduzir o numero de peças por bateria, para não augmentar exaggeradamente o numero de carros de munições, e a Allemanha via a artilheria franceza atirar com mais rapidez do que a sua e não se alarmava.

Pelo que respeita á infantaria, ninguém adoptou sequer a espingarda automatica, mas, ainda com a de carregador, toda a gente preconizou o fogo por descargas, de efficacia duvidosa e a que o nosso regulamento tactico attribue varias virtudes, mas que tem na realidade uma apenas; é a economia de munições.

Pelo que respeita á rapidez de tiro houve portanto abuso, e toda a gente trata de precaver-se contra as suas funestas consequencias com a convicção de que o que se havia conseguido chega quando habilmente aproveitado.

A segunda coisa que a tactica pedia era mais velocidade inicial.

Ora, é licito perguntar se não se estará dando com esta o facto analogo ao da rapidez de tiro? Não teriam uma e outra attinado na sua evolução limites correspondentes?

Já em 1887 o capitão d'artilheria franceza Sonich, fôra fortemente impressionado pela tendencia de exaggerar as velocidades iniciaes e publicou na «Revue d'artillerie» o estudo a que se refere o snr. tenente Simas, demonstrando a necessidade de augmentar a precisão da pontaria quando augmenta a velocidade inicial, e portanto a razança da trajectorya.

Tira d'esse facto o capitão Sonich conclusões que nos parecem constituir a boa doutrina.

O que é que em ultima analyse se exige do fogo da infantaria?

Evidentemente, que seja efficaz.

Pois coisa curiosa! Quando ouvimos fallar de zonas perigosas, razança de trajectoryas e suas virtudes e meritos, raras vezes ouvimos pronunciar a palavra: efficacia!

E todavia é ella que define o desideratum supremo do tiro de guerra!

Ora, em resumo a efficacia depende de tres especies de qualidades: as do atirador, as da arma e as do terreno.

O terreno continuará sendo o mesmo com uma ou outra arma; o atirador, visto que não falla sequer na sua pericia e educação, deve considerar-se egualmente habil com uma espingarda de trajectoria mais ou menos tensa. Fica, pois, apenas a arma para realisar só a efficacia. Eis o defeito. Eis no nosso entender o erro em que cahem aquelles que julgam poder corrigir com productos de mechanica a falta de qualidades d'outra ordem que constituem a educação do atirador, e a disposição do terreno.

Quando se vê investida de tão delicada missão a espingarda doida e cega, nem sempre se desempenha d'ella satisfactoriamente. Ora vejamos porque.

Posto o problema na sua fórma mais simples, isto é, quando se trata de terreno horisontal ou sensivelmente paralelo á linha de mira, uma ligeira inspecção das fig. 48 e 49 do regulamento de tiro prova, com uma facilidade que nos dispensa de reproduzir aqui os respectivos desenhos, que a maior razança produz effectivamente mais efficacia.

Mas o terreno n'estas condições não é a regra é a excepção, mórmente no nosso paiz. E não sendo o nosso exercito um exercito de conquista mas apenas de defeza nacional é em considerações sobre o nosso terreno que devemos basear o estudo dos meios de acção que nos convêm.

O caso vulgar é pois o terreno inclinado n'um ou n'outro sentido, e, o que é mais importante, offerecendo alguns abrigos naturais ou artificiaes. N'este caso as fig. 52 e 53 do regulamento de tiro mostram tambem claramente que augmentam com a razança da trajectoria a zona perigosa e o terreno batido, mas affastando-se estes do abrigo tanto mais quanto maior fôr a razança, augmenta proporcionalmente a esta a *zona de protecção*.

Além d'isso no terreno que depois do alvo ou do abrigo é inclinado para baixo uma trajectoria muito tensa deixaria de ser razante e passaria sobre o terreno sem nada ferir, como diz o regulamento de tiro no n.º 128 da 3.ª parte.

Portanto a consequencia que mais geralmente se aproveita da razança de trajectoria é, não a extensão das zonas perigosas que só raramente a disposição do terreno consente, mas o augmento das *zonas de protecção*. O que hoje é um mau abrigo passará ámanhã a ser o optimo, e uma pequena elevação de terreno que actualmente ninguem se lembraria de aproveitar poderá assegurar uma razoavel protecção. Poderia acontecer até que o abrigo que hoje serve apenas a uma linha d'atiradores, servirá então a formações mais ou menos espessas. Evidentemente não parece que as vantagens compensem os inconvenientes.

N'um livro publicado em 1901, devido á penna do major da artilheria franceza, Gabriel Rouquerol e intitulado «*Emploi de l'artillerie de campagne à tir rapide*», esta maneira de ver achase plenamente justificada quando o auctor diz a pag. 29: «... dans le tir de campagne il ne faut pas chercher à exagérer la tension

de la trajectoire, c'est-à-dire la vitesse initiale». E' verdade que elle se refere ao tiro da artilheria e que ahi o caso se aggrava pela influencia da velocidade do projectil na abertura do cone de dispersão das granadas com balas, mas nem por isso o principio deixa de ter todo o valor applicado ao tiro da infantaria.

Rouquerol cita ainda a opinião do major Mariani da artilheria italiana que discutindo o mesmo assumpto, acha que a extraordinaria potencia adquirida pelas peças de campanha pode, em certos casos reduzir-a á impotencia por effeito tambem da exaggerada tensão das trajectorias.

Dir-se-ha que as trajectorias muito tensas permittirão bater simultaneamente a linha de fogo e as reservas, ou pelo menos impedir o seu accesso ás posições.

Responderemos que esse facto não depende *fundamentalmente* da tensão da trajectoria, mas da sua *adaptação ao terreno*.

Este resultado não se consegue evidentemente com trajectorias que tendem para a linha recta.

Mas mesmo que aquillo fosse possivel, não vemos bem a vantagem que resultaria de ferir o inimigo que nos ameaça ao longe, poupando o que nos aggride mais ao perto.

Todas as espingardas modernas possuem já velocidades iniciaes permittindo tornar zona perigosa todo o terreno até 600 metros. Constituem-se assim, na frente das posições, verdadeiras zonas da morte.

Pois na lucta gigantesca que ha mezes está travada no Extremo Oriente mais d'uma posição tem sido tomada á bayoneta! E em muitos casos a empreza tem sido dificultada pelas obras de defeza accessoria. Se aquella denominação tivesse todo o seu valor nenhum ser vivo passaria além de 600 metros; enquanto nas posições houvesse homens e munições, nenhuma tentativa teria bom exito.

E' que, para que se dêsse aquelle facto, só duas causas podiam concorrer: ou os atiradores da defeza executavam mal o tiro ou o terreno o prejudicava; talvez até as duas conjunctamente. Pois como se vê nenhum d'aquelles dois males foi sufficientemente corrigido pela tensão da trajectoria.

Estes factos não pôdem deixar de impressionar, principalmente quando se receia que a innovação proposta não tenha senão a virtude de alargar um pouco mais o theatro de taes illusões, que de 600 metros passaria a ter 800 ou 900. Mas impressionam tambem quando se conhece o dique que se vae erguendo contra as exaggeradas velocidades iniciaes; quando se observa attentamente o empenho com que toda a gente procura melhorar e organizar os abrigos do campo de batalha; e quando se pensa que uma boa e solida instrucção individual de tiro e uma habil direcção dos fogos, são a base de todas as considerações sobre a efficacia dos fogos da infantaria.

Não quer isto dizer que nos devamos pronunciar em absoluto contra as trajectorias tensas. Simplesmente tememos as *excessi-*

vamente tensas por poderem illudir a efficacia introduzindo no tiro da infantaria mais inconvenientes do que vantagens.

E, se é realmente o problema da efficacia que se pretende resolver melhor, não esqueçamos que para o tiro de guerra ser verdadeiramente efficaz tambem precisa ser um pouco mergulhante, e que os nossos regulamentos celebrando as virtudes da razança, prestam egualmente homenagem á boa instrucção pratica de tiro, á adaptação das trajetorias ao terreno, ao judicioso emprego dos fogos, etc.

E' com o conjuncto d'estas circumstancias levadas ao maximo de perfeição, que será possivel com as actuaes trajetorias colher mais seguros resultados do que com as que se pretende adoptar, pois a questão pendente prova mais o valor d'aquellas qualidades e o dos abrigos do que o das trajetorias excessivamente tensas.

Seja-nos, pois, permittido ponderar, como já o fez o nosso prezado camarada snr. tenente Simas, que só longas e bem orientadas experiencias n'um sentido pratico, pôdem auctorisar a introdução no tiro da infantaria d'um elemento cujas consequencias pôdem ser tão importantes. E' o que com grande confiança esperamos da commissão que estuda esse assumpto. A questão está bem entregue.

JOÃO DE VASCONCELLOS

Tenente d'infanteria.

Infanteria montada

Parece certo que na nova expedição contra os cuanhamas vão ser organisadas algumas companhias independentes de infantaria montada. Como entre nós é a primeira vez que se organisa infantaria montada, sejamos licito dizer algumas palavras, attenta a sua oppor-tunidade, com referencia á sua organização e constituição, o seu fim e emprego tactico na guerra.

Sobre este assumpto já em tempos se escreveu n'esta Revista o seguinte:

«A infantaria montada é um producto inglez. E' a elles que é devida, foram elles os primeiros que a empregaram e é por elles que foi classifiada, talvez com pretensões d'espírito, como uma quinta arma.

Segundo as ideias que estão tomando predominio, o papel que é distribuido á infantaria montada, será desempenhado na Europa pela cavallaria, para o que está habilitada desde que se modifique os seus equipamentos e se altere ou desenvolva a sua instrução. Os proprios inglezes pensam assim e n'esta conformidade teem transformado a sua cavallaria d'uma maneira radical.

Nas colonias, porem, as condições, principalmente climatericas, impoem novas exigencias. A cavallaria mal pode ali prestar serviços por não ser propria e por não terem condições de resistencia os seus cavallos. A infantaria, para resistir á acção debilitante do clima, mal pode, a pé, executar longas marchas. Para contar com ella no combate é necessario poupar a nas marchas, e o meio mais seguro, commodo e exequivel que é possivel obter é transportal'a em cavallos ou muares de que se possa lançar mão. Estas duas razões, que são capitaes, são a base do emprego da infantaria montada nas colonias.

E já agora, que estamos tratando este assumpto, vamos apresentar um alvitre, que nos parece ponderavel. Nós não temos infantaria montada e em todo o caso temos muita infantaria, mesmo européa, nas colonias. Ora, se aquellas razões que apontámos são verdadeiras, estamos, sem duvida, em inferioridade manifesta. Para remediar esse mal, ahí vae o alvitre, — devemos montar as companhias europeias que já hoje temos nas colonias.

Ha augmento de despeza, bem sabemos, mas será por certo bem compensada pelo descanso para as tropas, que se transformará em maior resistencia ao clima e por consequencia, em melhores e mais duradouros serviços, que podem representar economias muito superiores. ¹

O alvitre então apresentado parece que vae ser agora iniciado. Bom será, todavia, que não fique só no inicio e se generalise a todas as colonias e mesmo ao proprio continente.

Nas colonias a necessidade de seguir essa orientação é indiscutivel. A Inglaterra tem empregado e está empregando cada vez mais a infantaria montada. A Allemanha, apesar de ser uma nação apegada ás suas tradições militares e sempre avessa a imitar o que as outros façam, não hesitou em montar uma grande parte da infantaria que mandou para a campanha contra

¹ No sul de Africa. — David Rodrigues.

os Herreros, a qual, pelas noticias que os jornaes nos teem trazido, parece que tem prestado serviços tão bons que os novos reforços que aquelle paiz tem mandado ao general von Throt, teem continuado a ser organisados com effectivos consideraveis de infantaria montada, constituida por batalhões e companhias independentes, batalhões e companhias estas que são formadas unicamente por soldados e officiaes provenientes da arma de infantaria.

O cavallo, para o infante montado, é um simples meio de transporte, mais rapido e sobretudo mais comodo, não succedendo, portanto, como na cavallaria, em que é considerado como um elemento de combate. O infante montado, como depois veremos com mais cuidado e desenvolvimento, serve-se do cavallo como meio de transporte para executar as marchas, abandonando-o por completo logo que precisa fazer uso da sua espingarda. Na acção da luta, no campo da batalha, no momento de combate, deixa de ser cavalleiro, se cavalleiro se pode chamar a um homem que se serve d'um cavallo como meio de transporte, para ser essencialmente infante. A differença, pois, entre o cavalleiro e o infante montado é bem patente e não pode haver, de forma alguma, confusão entre um e outro.

Servindo-se o infante montado do cavallo como simples meio de transporte, é evidente que este não precisa ser um ginete de guerra, um cavallo de batalha, para prestar bons serviços ao infante. N'estas condições vê-se que a organização da infantaria montada é facil e economica; facil, porque os cavallos satisfazendo a esses simples requesitos encontram-se sem difficuldades, e economica, porque esses mesmos animaes obteem-se por um preço barato.

Estas duas razões devem ponderar no espirito de todos nós e muito especialmente no espirito dos organisadores. A Inglaterra, levada por essas razões, de ordem pratica e de ordem economica, teem transformado uma grande parte da sua cavallaria d'uma maneira radical. Nós, portuguezes, arrastados pelas tradic-

ções, que nos vendam os olhos a ponto de não nos deixarem ser praticos, não temos talvez seguido uma orientação identica. E' fóra de duvida como já dissemos, que na Europa o papel da infantaria montada é desempenhado pela cavallaria. Em todo o caso, para ella se poder desempennar bem d'essa missão não deixará de ser conveniente augmentar a cavallaria ligeira, porque na guerra moderna ha situações em que o cavalleiro precisa ser infante. A estas considerações deve-se juntar uma outra, que é a falta do cavallo typo de guerra, que tanto escaceia no nosso paiz em contraposição ao cavallo ligeiro, que tanto abunda.

Isso, porém, não nos compete tratar, e findando assim esta ligeira e despretenciosa divagação, passaremos a indicar como a infantaria montada tem sido organizada na Inglaterra e colonias, para estudarmos em seguida os methodos de ensino e instrucção, bem como a sua applicação tactica.

(*Continúa*).

UM INFANTE.

O capitão de infantaria Pereira Batalha¹

I

Ha canticos que se não extinguem, alegrias que se não diluem, dôres que, para sempre, alanceiam a alma. Esses canticos são os dos supremos sentimentos; essas alegrias são as que resultam da proximidade do ideal; essas dôres são as que surgem com a morte de uma pessoa querida.

¹ Discurso proferido em sessão solemne do Real Instituto de Lisboa, pelo sr. Antonio Cabreira, cavalleiro da Legião de Honra.

As emoções mais profundas e vibrantes egualam o rustico ao artista que, sobre aquelle, possui a exclusiva vantagem de saber dar forma. Se os corações podessem reflectir, no discurso, no poema, na tela, no bronze, no marmore e na partitura o que, em singulares lances, lhes vae no amago, quantas vezes a felicidade e a desdita não excederiam as mais altas manifestações do genio?

Os canticos erguem-se, no fundo da consciencia, e reboam por toda a alma, inundando-a de amor, sublimando-a de ternuras.

As alegrias, sol que illumina, vida que se insufla, douram a existencia, e rasgam ao porvir a estrada de nobilissimas iniciativas: teem timbres triumphaes, relevos de deliciosa chimera, perfumes de inebriante suavidade.

As dôres, crepe profundamente denso, noite espirital, expõem á consciencia o lado miseravel e contingente da vida. Os seus espinhos cortam o coração; os seus echos são de agonia; os seus effeitos cavam desapiedadamente a sepultura.

Meus senhores: Quando toda a familia do Real Instituto de Lisboa ia experimentar supremas alegrias pelo regresso de um dos seus mais queridos e prestantes irmãos, eis que a fatalidade, inexoravel e invejosa, só permite que, em vez de um coração, palpitando de saudade, em vez de um cerebro, faiscando pelo nosso ideal, possa vir a caminho da Patria um cadaver frio e hirto. . .

E essas alegrias que, em sublime alvorada, iam raiar em todos os corações que lhe consagravam purissimos affectos, desabaram, como por encanto; foram a dôce miragem de um sonho roseo, evolada ante as dores mais asperas e amargas; e então vibraram intensamente as cordas de ouro da sentimentalidade, na mais emotiva das plangencias, que é o cantico da alma. . .

II

O roble tombou lá muito longe, mas com esse funebre baque, tremeram todas as columnas do Real Instituto de Lisboa. O grande luctador cahiu em terras de Africa, mas, com essa terrivel queda, diminuiu a pujança do

mesmo Instituto. E' que a vida, a alma e o coração de Pereira Batalha constituíam um dos mais preciosos cimentos da obra que elle tanto adorava e para cuja grandeza concorreu com modelar civismo.

Quem se não lembra d'elle, acompanhando-me, na via sacra aos ministerios; na secretaria, a redigir notas de propaganda a favor dos nossos cursos gratuitos; nas sessões, com a sua palavra sensata e lucida; nas aulas, com a sua provada e brilhante competencia; e, lá fóra, a defender esta casa, sempre que um birbante punha em duvida o seu valor?

Quem se não lembra d'elle, com a sua physionomia attrahente, com o seu estylo erudito, com o seu conselho amigo, com a sua Fé sempre inquebrantavel?

De olhos fitos no ideal, trilhando invariavelmente a mesma senda correctissima, Pereira Batalha foi um dos grandes servidores do Instituto e deixa, pela sua morte, enorme lacuna que jámais poderá preencher-se!

Era um bom por indole, um modesto por character, um altruista por feítio.

A sua psychologia era de um homem superior: só pretendia ser util, e, n'essa exclusiva preocupação, ia até ás mais accentuadas provas do sacrificio.

Não havia contingencias que lhe diminuíssem a firmeza do consciente proceder nem os fulgores do amantissimo espirito. Por isso subira pelos corações á admiração de todos; conquistara a sympathia unanime a que só as almas de eleição podem aspirar.

Nas escolas, como estudante, e, mais tarde, na qualidade de professor; na tribuna oratoria; na carreira das armas, desde o remanso do gabinete até ao fragor dos combates, Pereira Batalha distinguio-se sempre pela mesma elevação moral, pela mesma coherencia de principios, pelo mesmo quilate de talento, pelas mesmas virtudes militares. Consubstanciavam-se n'elle a generosidade, o affecto, a intelligencia, a perseverança, o estudo e a valentia.

Cerebro e coração completos, alma immaculada e só vibratil aos grandes sentimentos, eis o que era, em synthese, o homem cujo retrato hoje inaugura o Real Instituto de Lisboa.

III

Quando conheci Pereira Batalha foi em 1888. Era elle então soldado de caçadores 2 e frequentava commigo o Lyceu de Lisboa. Nos emprehendimentos em que me lancei para conseguir varias vantagens para a instrucção secundaria, sendo das mais importantes que vieram a segunda epocha de exames e a redução do latim para os cursos superiores de sciencias, encontrei sempre a meu lado, muito espontaneamente, o joven militar. Modesto e singelo, de apparencia timida, era todavia dos primeiros a entrar em fôrma sempre que se tornava preciso lutar por uma idéa nova, e na campanha dava um apreciavel contingente de sensatos alvitres e de exuberante boa vontade.

Mais tarde, comquanto seguissemos para institutos diferentes (elle matriculou-se na Escola do Exercito e eu na Polytechnica) continuámos a manter as mesmas relações de sincera e funda amizade.

Instigando-o um temperamento de luctador, que não lhe permittia longas treguas nas incruentas luctas pela elevação intellectual do seu paiz, offereceu-se, annos depois, em 1898, para professor de mathematica e physica no Instituto. Pereira Batalha era já então um official bastante estimado pelos primores do seu character e pela elevada competencia que já manifestava no magisterio livre. E note-se que elle, vindo reger gratuitamente as materias que lá fôra leccionava com remuneração, ia estabelecer uma nociva concorrência a si proprio! O amor á causa do ensino animava-o porém a consumir o sacrificio pecuniario, certamente muito penoso para quem possuia como unico capital para sustentar familia alguns explicandos e os modestos galões de tenente de infantaria.

O Instituto enriqueceu-se com tão valiosa acquisição, mas Pereira Batalha foi cerceado nos seus legitimos interesses: o ouro que o professor benemerito e abalisado deixou de receber transmudou-se em viçosas palmas que vieram engrinaldar a nossa bandeira, no fim do anno lectivo!

Mas o prestante cidadão, que já havia produzido tan-

tos serviços, notou que ainda havia outros campos em que podia expender a sua preciosa actividade, em beneficio d'esta casa. E então começou a auxiliar, com enorme effi-
cacia, todos os trabalhos de organização e propaganda. Salientando-se ainda bastante na nova tarefa a que generosamente se votara, o seu nome principiou a desenhar-se no pensamento do conselho de fundadores para occupar uma das proximas vagas. Havia já conquistado a bene-
merencia pelos brilhantes resultados escolares que o Instituto lhe devia e constituia um dos mais formosos ornamentos do corpo academico: — era portanto indiscutivel-
mente elegivel para promotor d'este estabelecimento scien-
tifico e de ensino gratuito.

Elle estava porém bem longe de suppor quão perto se encontrava d'essa posição elevada porque apenas nutria o entusiasmo mais devotivo pela sympathica causa a que nos haviamos solememente ajuramentado.

Um dia, em 1901, teve a agradável e honrosa surpresa; e então, se ainda era possivel, redobrou os seus energicos e intelligentes esforços.

Quando, no mesmo anno, se fundou o curso colonial, Pereira Batalha desenvolveu uma acção intensissima. Não era só no seio das commissões, architectando projectos, e em pleno corpo pedagogico, onde o assumpto foi laboriosamente discutido; era ainda em artigos e locaes para a imprensa e na redacção e copia de circulares a diversas entidades cuja adhesão era indispensavel ou conveniente.

(Continúa).

Secção do estrangeiro

Allemanha—Acabam de ser determinadas, por uma forma definitiva, as disposições que devem regular a obrigação do serviço militar.

Estas disposições datavam de 1893 e 1899.

A nova lei allemã é baseada nos seguintes motivos:

«O Imperio Allemão continuará no futuro a politica de paz que

ha mais de 30 annos mantem. Para isto precisa hoje, como precisou no passado, ter um exercito forte, prompto a combater e bem adestrado para a guerra. Não poderemos pensar em possuir um exercito que ultrapasse em numero todos os adversarios possiveis da Allemanha, mas deve-se proceder de modo que o Imperio Allemão caminhe paralelamente com as potencias visinhas, fazendo entrar a força do povo no serviço pessoal, para a defeza da patria.»

Fixou-se o serviço activo nas fileiras de 3 annos para a cavallaria e a artilheria montada, e de 2 annos para as outras armas.

«O governo, diz a *Gazeta da Allemanha do Norte*, formou a opinião, opinião baseada, é verdade, exclusivamente n'uma experiencia feita em tempo de paz, que o serviço de dois annos basta para a formação das tropas de infantaria.»

Estamos de accordo com esta opinião do governo allemão, com tanto que as tropas de infantaria, e agora referimo-nos ás nossas, estejam nas fileiras realmente os dois annos, e que se empreguem medidas tendentes a convidar a readmissões, pelo menos, a um terço dos cabos.

Esta questão dos cabos está reclamando sérias atenções e cuidados porque a sua escacez é espantosa, e sem cabos não é possível manter-se o serviço no pé em que é indispensavel manter-se.

A lei allemã a que nos vimos referindo procura augmentar gradualmente o effectivo medio annual de modo que em 1909 tenha nas fileiras 505.839 cabos e soldados, distribuidos por 663 batalhões de infantaria, 510 esquadrões de cavallaria, 574 baterias de artilheria de campanha, 40 batalhões de artilheria de posição, 29 batalhões de engenharia e 23 batalhões de equipagens.

O governo allemão pede tambem um augmento de 73.793.116 de marcos, dos quaes 11.194.646 de marcos representam despesas permanentes, e 62.117.470 de marcos despesas eventuaes.

Diante d'este extraordinario augmento de despeza somos forçados a reconhecer, e é preciso que todos tenham isto bem presente, que os exercitos modernos custam cada vez mais caros, e que não é possível manter-se hoje um exercito, com tudo quanto é necessario para poder desempenhar cabalmente a sua missão, sem o Estado respectivo fazer avultadas despesas.

Exercito economico não ha nem pode haver, toda a economia feita á custa do necessario é despredicio irremediavel, e que enfraquecendo o exercito põe em risco os mais caros interesses da nação.

*

* *

Já se pensa na Allemanha nas grandes manobras de 1905.

E' que hoje não ha nação alguma na Europa que não reconheça a absoluta necessidade das manobras de outunno.

Diz-se que as de 1905 terão logar entre Coblantz e Hamburgo entrando n'ellas os 8.º 18.º corpos de exercito.

*
* *
*

Cara, bem cara custa a Allemanha a insurreição do Sudoeste Africano.

Para o anno de 1904 foram pedidos creditos supplementares para fazer face ás despesas com o corpo expedicionario na importância de 76 milhões de marcos (cifra redonda) e o orçamento de previsão para 1905 pede para o mesmo fim um credito de 48 milhões de marcos.

Continuam mal as cousas pelo Sudoeste Africano Allemão.

Os Herreros atacam de noite as forças allemãs e bastante damno lhes teem causado.

Os Witbois e os Hottentotes teem praticado as brutalidades mais revoltantes nos pobres homens do campo e seus filhos. Nem as mulheres, absolutamente indefeizas, escapam.

Em outubro conta-se que que os Hottentotes fizeram 15 victimas entre os pobres colonos e seus filhos.

Japão— O imperador do Japão, seguido de todo o cerimonial do costume, abriu, no dia 30 de novembro ultimo, a 2.^a sessão de guerra, na sala das sessões da Dieta imperial, pronunciando o seguinte discurso:

«Declaramos aberta a Dieta imperial.

E' com profunda satisfação que annunciamos aos membros da Camara dos Pares e da Camara dos Representantes que o caracter amigavel das nossas relações com todas as potencias neutras se vai cada vez mais accentuando.

Ordenámos ao nosso Ministro de Estado de vos submetter não só o orçamento do 38.^o anno economico de Meiji ¹ como tambem outros projectos de lei tendentes a fazer face ás despesas extraordinarias impostas pela guerra.

¹ *Meiji* é uma palavra japoneza que significa *Grandiosa*. A epoca actual do Japão é contada a principiar no anno de 1868 que marca o grande acontecimento historico da Restauração do Imperio, e por isso é chamada *Meiji*.

Evidentemente tendo esta epoca o seu começo em 1868, o anno de 1904 é o 38.^o da epoca.

Deve-se notar que os annos no Japão são contados por periodos sem grandeza fixa.

E' provavel que o fim da actual guerra determine uma nova epoca.

As nossas tropas teem ficado victoriosas em todos os combates, e em muitas occasiões teem ellas dado novas provas da sua lealdade e da sua bravura, a ponto que a guerra tem marcado para nós vantagens assignaladas.

Contamos com a fidelidade e a dedicação dos nossos subditos para attingirmos o fim que desejamos.

Convidamos todos á união para a realisação da vossa tarefa, de modo a ajudar a execução dos nossos desejos e dos fins que temos em vista».

Russia—No Imperio moscovita existiam estações de pombos correios em Kovno, Ossovets, Varsoria, Nevogeorgievsk, Brest-Litevsk, Ivangoerd, Zegy, Lodminets e Sebastopol.

Recentemente foi organisada uma estação em Vladivostok (extremo Oriente).

E' provavel que o pessoal desta estação seja constituido como o das outras estações—1 tenente coronel, 4 instructores e 8 serventes.

França.—O Ministro da Guerra convidou a commissão de guerra da Camara dos Deputados e do Senado para assistirem ás experiencias de tiro, no Havre, com peças de 240^{mm}.

Estas experiencias realisaram-se no dia 18 do mez findo.

*

* *

Trabalha-se presentemente em França para se unificar o ensino da gymnastica. Para este fim foi nomeada uma commissão composta de delegados do Ministerio da Guerra, da instrucção publica e da União das sociedades Gymnasticas de França, sob a presidencia do general, Mr. Castex, director da infantaria.

Esta commissão já reuniu no Ministerio da Guerra tendo nomeado uma sub-commissão encarregada de n'este mez apresentar um plano de trabalho que sirva de base ás suas discussões.





8.º ANNO

FEVEREIRO DE 1905

N.º 2

REVISTA DE INFANTERIA

Aos nossos camaradas

A redacção da nossa *Revista* recebeu da Repartição do Gabinete da Secretaria da Guerra, a seguinte circular:

«Sua Ex.^a o Ministro da Guerra encarrega-me de comunicar á Illustrissima Redacção da *Revista de Infanteria* que resolveu mandar cessar, a partir do presente mez, o subsidio mensal concedido a essa revista e bem assim a tiragem, por conta d'este Ministerio, da Ordem do Exercito na Imprensa Nacional.

Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra, 4 de janeiro de 1905. — O chefe do gabinete, (a) *Francisco Xavier Corrêa Mendes*, Capitão do Estado Maior.»

Por esta circular se vê que nenhum auxilio do Estado receberá a nossa *Revista*.

Convém, porém, esclarecer dois pontos.

O primeiro é que o subsidio que nós recebiamos era apenas de 18.000 réis mensaes, se subsidio se pôde chamar á compra de 180 exemplares que o Ministerio da Guerra nos fazia, em cada mez, para os distribuir pelas Bibliothecas e differentes repartições technicas.

Parece-nos que todas as publicações periodico-militares recebiam egual quantia, a não ser a *Revista Militar* que recebia 24\$000 réis.

E declaramos isto porque houve mais de um jornal noticioso que avançou a proposição de que cada Revista recebia 150\$000 réis por mez!

Esta noticia falsa correu mundo a principio por mero erro de revisão, e depois com fins para nós completamente desconhecidos.

O segundo ponto é que as Ordens do Exercito eram impressas em papel nosso, por tanto, o Estado só nos dava a impressão, porque a composição já estava feita.

Cessando aquelle subsidio e sendo-nos recusado este modesto auxilio das Ordens do Exercito, só nos resta contar apenas com o favor e a boa vontade dos nossos camaradas.

Procuraremos, todavia, distribuir, como até aqui, a 1.^a serie das Ordens do Exercito, (parte legislativa) e, em extracto, a 2.^a serie (promoções e collocações).

Além d'isto continuaremos tambem a distribuir as circulares da secretaria da Guerra, das Direcções Geraes e dos Commandos das Divisões.

E tudo isto sem alteração do preço da assignatura da *Revista de Infantaria*, que continuará a ser a publicação militar mais barata do nosso paiz.

A excepção de incompetencia do 1.º conselho de guerra da grande circumscripção militar do sul para o julgamento d'um reservista

Em sessão do 1.º conselho de guerra da grande circumscripção militar do sul acaba de ser julgada procedente a excepção de incompetencia do fôro militar deduzida pelo advogado snr. dr. Martins de Carvalho, em favor do seu constituinte, o soldado reservista, Olympio Zorro Raposo, que no libello do ministerio publico era arguido de, no jornal «O Alemtejano», haver commettido um crime previsto e punivel pelo artigo 71 do codigo de justiça militar. Eis o que motivou o processo.

Em principios de julho foi enviado (presumo que pelo mencionado reservista) ao signatario d'estas linhas o jornal em que elle escrevera e assignara as seguintes amabilidades endereçadas ao seu legitimo superior, o commandante militar da localidade e capitão da 6.^a companhia da circumscripção do sul da guarda fiscal, snr. Manoel Soares de Oliveira Junior, a proposito de um incidente occorrido entre ambos no theatro da villa de Moura: «... Os factos a que sua senhoria deu origem, provam bem alto e demonstram evidentemente que ou sua senhoria *foi atacado momentaneamente d'um desequilibrio mental, ou que bebeu pouco chá em pequeno*. A forma nada correcta como sua senhoria me tratou em plena sala do theatro, *parecia mais emanada d'um homem sem educação*, do que d'um que *infelizmente* faz parte da briosa e distincta classe militar portugueza... E se sua senhoria pensa intimidar-me usando de processos analogos áquelles que usou no theatro, tem fraca lembrança, pois sirva-lhe d'uma vez para sempre de emenda e de governo, *que a nossa pessoa continuará a não lhe ligar importancia alguma como até aqui, e não tem medo de quaesquer que sejam as consequencias que d'isso nos possam provir.*»

O italico é meu, e destina-se a frisar bem as requintadas amabilidades do soldado reservista para com o capitão, seu legitimo superior.

Como fosse o proprio signatario do escripto offensivo o primeiro a declarar-se, no mesmo, soldado reservista, por isso em observancia do prescripto no artigo 330 do codigo de justiça militar tive eu de dar immediatamente parte ao quartel general da 4.^a divisão militar do crime de que pelo referido jornal tive noticia, commettido por um reservista contra a pessoa d'um capitão da circumscripção que tenho a honra de commandar, fazendo acompanhar do proprio jornal essa comunicação, que o referido artigo 330 me impunha o imperioso dever de dar.

Havendo corrido os seus termos o processo mandado instaurar pelo quartel general da 4.^a divisão militar, qual não ha sido o meu subido espanto ao vêr que o 1.^o conselho de guerra se considerara incompetente para o julgamento de tal crime em vista de umas allegações muito capciosas produzidas pelo illustre advogado do réo!!!

Acato, como devo, a opinião do tribunal, e bem assim a do illustrado patrono do réo, porque esteve sempre nos meus habitos o respeito pelas opiniões dos outros por mais absurdas que me pareçam, quando as julgo sinceras. Mas a quem assim procede, assiste egualmente o direito de exigir dos outros que lhe acatem a sua. Ora a minha opinião foi, é e será sempre que os conselhos de guerra são os unicos tribunaes competentes para o julgamento de todos os réos em condições analogas á do reservista Zorro Raposo.

A excepção de incompetencia fundou-se (diz-se) na propria letra do artigo 294 n.^o 4 do codigo de justiça militar, que diz o seguinte: «Estão sujeitos á jurisdicção dos tribunaes militares, mas unicamente pelos crimes previstos n'este codigo *os militares licenciados nas reservas, quando não estiverem em serviço ou nas revistas*

e reuniões de instrução». D'aqui o inferiu o illustre advogado, «que fóra do serviço ou das revistas e reuniões de instrução o artigo 294 e seu n.º 4 só sujeitam á jurisdição militar pelos crimes militares os licenciados nas reservas. Não é isto o que da lei é licito inferir, aliás resultaria d'ahi uma consequencia que offenderia a intenção do legislador, por repugnar á equidade e ao proprio bom senso que os militares licenciados nas reservas, *não estando em serviço ou nas revistas e reuniões de instrução*, estejam sujeitos á jurisdição dos conselhos de guerra pelos crimes militares, e achando-se em serviço ou nas revistas e reuniões de instruções, o não estejam.

E' um bom principio da interpretação das leis que as obscuridades ou ambiguidades, que podem fazer duvidoso o sentido d'uma lei, devem resolver-se pelo sentido mais natural e que melhor se conformar com a intenção do legislador. Ora seria intenção do legislador um tal despropósito?! Com certeza que não. E para bem entender o sentido d'uma lei devem tambem pezar-se todos os seus termos afim de julgar da sua disposição pelos seus motivos e por todo o contexto do que ella ordena, não devendo nunca ligar-se o seu sentido a uma parte truncada da mesma lei.

D'estes principios conclue-se, que não podendo admittir-se que fosse intenção do legislador sujeitar á jurisdição dos conselhos de guerra pelos crimes militares os licenciados nas reservas, *quando fóra do serviço ou das revistas e reuniões de instrução*, e isentál-os de tal jurisdição *quando em serviço ou nas referidas revistas e reuniões*, temos portanto de pesar bem todos os termos dos artigos 291, 293 n.º 7 e 294 n.º 3, do conjuncto de cujas disposições se infere que os conselhos de guerra são competentes para conhecer de todos os crimes de qualquer natureza, quando perpetrados pelos reservistas durante o tempo que estiverem em serviço ou nas revistas e reuniões de instrução, porque quando elles não estiverem em serviço ou em taes revistas e reuniões, sómente são competentes para conhecerem dos crimes militares que commettam, e não de quaesquer outros.

Afirmou o illustre advogado «que a palavra licenciamento suppõe a passagem de uma situação de mais actividade, de mais deveres e encargos para uma situação de menos actividade, de menos deveres e encargos, e que os alistados directamente na segunda reserva passam de uma situação de nenhuma actividade militar para uma situação, em que teem deveres e encargos militares dentro de certas condições e limites».

Ora admittindo, como pretende, que a lei penal se refere distinctamente ás duas cathogorias de reservistas — *a dos licenciados nas reservas e a dos alistados directamente na segunda reserva* — querera o illustre advogado que os primeiros sómente estejam sujeitos á jurisdição dos conselhos de guerra pelos crimes militares commettidos fóra do serviço ou das revistas e reuniões de instrução (artigo 294 n.º 3), e que os segundos o estejam por todos os crimes militares e communs commettidos em serviço ou nas referidas revistas e reuniões (artigo 293 n.º 7)?!

E' o que se conclue de querer que a lei se refira distinctamente ás duas cathogorias de reservistas, no artigo 293 n.º 7 aos *alistados directamente na segunda reserva*, e no artigo 294 n.º 3 aos *licenciados nas reservas*.

Nos artigos 119 n.º 6 e 200 n.º 4 do codigo de 1875 não ha differença de redacção nas palavras *licenciados na reserva*, porque então ainda não havia 2.ª reserva, mas apenas a 1.ª, para a qual se transitava depois de ultimado o tempo de serviço. No vigente codigo de 1896 empregou-se indistinctamente as palavras reservistas e licenciados nas reservas, não se devendo, porém, suppôr como intencional a divergencia de redacção, mesmo porque a palavra *reservas* do n.º 3 do artigo 294 (e não reserva, note-se bem) não pôde referir-se sómente áquelles que como licenciados transitam do serviço activo para a 1.ª reserva, mas sim a todas as praças da 1.ª e 2.ª, isto é, tanto aos alistados directamente na 2.ª reserva, como aos que no exercito activo já completaram o tempo legal de serviço.

Do que fica exposto conclue-se que havendo duas cathogorias de reservistas, (artigo 1.º do regulamento das reservas de 2 de novembro de 1899, pertencendo a uma d'ellas as praças da 1.ª reserva e á outra as da 2.ª, todos são, porém, reservistas ou licenciados respectivamente n'essas duas reservas, visto que a palavra licenciados refere-se a ser-lhes por lei facultado o não estarem na effectividade do serviço, emquanto por uma lei ou decreto não forem chamadas a serviço ordinario ou extraordinario.

E' ainda o proprio regulamento das reservas que chama indistinctamente a todos, no artigo 24 *reservistas*, e *praças licenciadas na reserva* no artigo 25, e ninguem ainda suspeitou que um e outro não abranjam tanto os alistados directamente na 2.ª reserva, como os que completarem o tempo legal do serviço nas tropas activas. E' que ainda nos artigos 126, 133 e § 1.º, quando se trata das disposições que constituem a sanção penal, abrange-se debaixo da denominação generica de *reservista* tanto as praças licenciadas na reserva, como as alistadas directamente na 2.ª, e até hoje ainda em nenhum dos districtos de recrutamento e reserva nem dos tribunaes judiciais se julgou que a *essa diversidade de redacção correspondesse diversidade de pensamento*.

Em conclusão para me não tornar mais prolixo:

1.º Os conselhos de guerra são competentissimos para conhecer dos crimes de *qualquer natureza*, praticados pelos reservistas ou licenciados *nas reservas* (que vem a ser tudo o mesmo) durante o tempo em que elles estiverem em serviço ou nas revistas e reuniões de instrucção, sendo-o sómente, porém, para conhecer dos crimes *militares* praticados por esses reservistas ou licenciados *nas reservas*, quando elles não estiverem em serviço ou em taes revistas e reuniões, porque n'este caso o estão pelos crimes de *qualquer natureza* (artigo 291, 293 n.º 7 e 294 n.º 3). O contrario d'isto occasionaria o absurdo.

2.º Todos os reservistas são *praças licenciadas nas reservas*, e reciprocamente todas as *praças licenciadas nas reservas* são reser-

vistas. Sempre assim se entendeu, e é o que se deduz do artigo 126 do proprio regulamento das reservas que diz: «Sempre que *qualquer reservista* commetta alguma das infracções previstas nos artigos 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124 e 125 do presente regulamento...» Ora os artigos 121 e 122 dizem: *a praça licenciada na primeira reserva*, e os restantes artigos citados dizem o *reservista*, e *tanto a uns como aos outros se refere depois o citado artigo 126 «chamando a todos reservistas»*. Além d'isso havendo só entre nós 1.^a e 2.^a reserva, e dizendo-se no n.º 3 do artigo 294 do codigo de justiça militar os militares licenciados *nas reservas*, é obvio que se refere a ambas ellas, e não sómente aos licenciados na 1.^a reserva, aliás diria na 1.^a reserva, e não nas reservas.

Mas diz-se que a excepção de incompetencia foi tambem deduzida, porque todos os factos criminosos praticados pela imprensa são regulados pela lei da mesma de 1898 que revogou todas as disposições em contrario. Ora, tal lei comquanto seja especial da imprensa, por se referir a uma especialidade de delictos, constitue, porém, uma lei geral para todos elles menos os apontados na lei especial militar.

Sendo o codigo de justiça militar uma lei especial, é obvio que a lei geral da imprensa sómente revogaria a disposição do artigo 71 do referido codigo, quando ella se referisse especialmente a tal artigo invalidando-o, o que não fez, porque isso seria o maior dos contrasensos.

Julgo haver demonstrado n'estas palavras traçadas muito à *la diable*, que o 1.º conselho de guerra era competentissimo para julgar o reservista Zorro Raposo, como o foi o 2.º conselho de guerra para, em novembro de 1899, julgar por um crime de insubordinação um outro reservista tambem alistado directamente na reserva, que na feira de Sacavem se insubordinou com o então snr. alferes Quaresma d'infanteria n.º 1, o qual constituiu tambem como defensor o mesmo snr. dr. Martins de Carvalho, que então julgou o conselho de guerra competente para o julgamento, visto não ter deduzido a excepção de incompetencia, como fez agora!

Persuado-me que o supremo conselho de justiça militar, para o qual interpoz recurso de tão cerebrina decisão o meretissimo promotor, há de dar-lhe provimento convencendo o illustre causidico, que não é facil fazer adoptar doutrina erronea como boa, e que *quod semper, quod ubique quod ab omnibus* foi reputado verdadeiro, é difficil, quando não impossivel, invalidal-o por mais argucioso que se seja.





Infanteria montada

(Continuado do n.º 1—1905)

A victoria, disse alguém, depende muitas vezes das pernas dos soldados. Isto, que é um facto verdadeiro nas guerras continentaes, porque a rapidez de execução é quasi sempre uma garantia de successo, nas guerras coloniaes, onde o inimigo é muitas vezes invisivel e sempre dotado de grande mobilidade, é uma condição essencial, porque tropas que não se movam com facilidade ficam em manifesta inferioridade.

Essa mobilidade, essa rapidez de execução é muito difficil de obter nas colonias com tropas europeias porque a natureza do terreno e a acção debilitante do clima é uma causa de enfraquecimento geral que impede as marchas grandes e fatigantes.

Para evitar este grande mal, e grande mal porque é uma causa importante que muito prejudica as garantias de successo, é que se tem montado a infantaria, não só, é conveniente dizer-se, para lhe attenuar as fadigas, mas tambem para lhe augmentar a mobilidade.

Tem dito a imprensa diaria que no projecto de organização da expedição aos cuamatás se proponha montar alguma infantaria em camelos.

Esse processo já não é novo; é mesmo muito velho.

Napoleão, sem pretendermos fazer um pouco de historia, já os empregou na campanha do Egypto, bem como o general Wood na Zululandia e Wolseley na campanha do Soudan.

Hoje mesmo ainda são empregados pelos francezes no Sahara e pelos inglezes no Alto Egypto.

Todos os generaes francezes que commandaram as campanhas do Egypto, Senegal, Tonkin, Soudan e Madagascar, tem reconhecido a necessidade de montar a infantaria, e, da mesma forma, os inglezes que dirigiram as campanhas da India, Afganistan, Zululandia e Soudan egypcio organisaram sempre unidades de *mounted infantry*.

Foi, porém, nos Estados Unidos, na guerra da Secessão, que a infantaria montada foi pela primeira vez empregada em larga escala. O uso que n'esta epocha se fez d'esta arma não chamou verdadeiramente a attenção dos escriptores contemporaneos e esse facto passou quasi despercebido.

Um dos primeiros escriptores, comtudo, que estudou esta nova arma, como já alguém lhe quiz chamar, foi o general Lewal na sua *Stratégie de marche*, onde, apesar de o fazer a traços largos, disse o bastante para lhe definir o emprego e a applicação.

As suas ideias, não obstante, nunca foram em França postas em pratica, ou porque as não desenvolvesse, ou porque não fossem comprehendidas, ou talvez porque o apego á tradição a isso se oppuzesse. E dizemos apego á tradição porque em França, sobre este assumpto, parece que ainda ha mais preconceitos do que entre nós, que só agora é que essa ideia começa a germinar d'uma forma indecisa.

A nação que primeiro comprehendeu o valor da infantaria montada foi a Inglaterra. Esta especie de infantaria tem mesmo sido empregada n'aquella nação em tão grande escala que bem merece o nome de producto inglez.

No nosso paiz, sob o ponto de vista militar, ha um pouco de desprezo por tudo quanto tenha origem n'aquella nação. Não nos admiraremos muito se todas as

tentativas que se empreguem n'este sonto forem olhados de soslaio por muita gente. Entre nós a tradição também vale muito e oxalá que ella não impeça que a nossa infantaria, principalmente a colonial, seja dotada com mais este melhoramento ou aperfeiçoamento.

N'aquella nação, devemos dizer como esclarecimento e embora isso dê alento aos defensores da tradição, a ideia da infantaria montada levou annos a germinar. Um dos primeiros que a empregou com forma regular foi Charles Napier, em 1845, na conquista do Sindh indiano. John Ross empregou-a depois em 1857, e na Africa do sul foi empregada em 1878-79-81 e no Egypto em 1882-84-85 e mais recentemente na Birmanian.

Apezar d'um largo emprego em campanha, o *War-Office* só em 1888 é que prescreveu a forma de, em tempo de paz, ministrar á infantaria a instrucção que lhe é privativa. N'esse anno e apenas a titulo de ensaio, foram tirados destacamentos de todos os regimentos de infantaria de guarnição em todo o Reino Unido e grupados por companhias, sob o commando do major Hutton, hoje general, que foi o primeiro que na Europa deu uma forma regular á infantaria montada.

Para ministrar a instrucção foram-lhe facultados cavallos tirados dos corpos de cavallaria. Não podendo contar-se com estes cavallos para um periodo de instrucção annual, o governo inglez, levado pelos bons resultados que o major Hutton tinha obtido, determinou em 1891 a compra dos cavallos ligeiros necessários para ministrar essa instrucção.

Desde então até 1899 a infantaria montada pasou por diversas phases e a instrucção foi ministrada pelos regulamentos de 1889, 1897 e 1899, ⁽¹⁾ que é o que ainda hoje está em vigor.

Passaremos, pois, a indicar como a infantaria montada tinha sido organisada até essa data, quer na metropole, quer nas suas colonias.

UM INFANTE.

(1) Regulations for Mounted Infantry—1899



A ACÇÃO DO COMMANDO

E

O USO DA INICIATIVA

Commandar é hoje, por certo, uma das mais difíceis e espinhosas missões que ao militar podem ser commettidas, se é que aquelle que possuir o bastão do mando se acha compenetrado verdadeiramente da importancia e valor do seu papel e d'elle procure tirar um resultado efficaç e conveniente.

Se difficil e espinhosa é essa missão, certo é tambem que aquelle que souber manter-se no commando com um são e justo criterio, conseguindo impor-se ao respeito e sympathia dos subordinados, bastante se poderá suavisar com os esforços e dedicações d'estes, que nunca poderão deixar, em taes condições, de cooperar voluntaria e promptamente ao lado do chefe prestigioso.

O segredo da missão está na conquista, por parte do chefe, do prestigio *real* e verdadeiro em que elle consiga envolver-se perante os subordinados, e mercê do qual poderá dispor de boas vontades e dedicações *sinceras*, d'essas dedicações com que é licito contar-se ainda mesmo nos momentos mais criticos e difíceis, n'aquelle em que verdadeiramente se carece de abnegações extremas.

Na verdade, ha bastante que distinguir em materia de dedicações e obdiencias que muitas vezes não são mais que ficticios defeitos d'uma disciplina assente em bases improprias e irracionais, sem garantias, por consequencia, de com ellas se poder contar na occasião suprema que d'ellas se necessite.

Assim, ha as dedicações que brotam *espontaneamente* de processos de disciplina que apenas se recommendam por energias de estadulho como manifestação cega de uma vontade *forte* de determinar a obediencia, ainda mesmo que esta sirva contrasensos.

Ha, ainda, dedicações que se alimentam anafadamente de commodismos que trazem a paz da alma e o socego do corpo, manifestadas por *trop de zêles* que chegam a illudir os mais experientes e atinados, dedicações de todo o ponto apreciaveis quando ao machinismo militar se pede todo o rendimento util do «não haja novidade».

Evidentemente que nenhuma d'estas especies de dedicações pode admittir-se como elemento de segura confiança, por maiores que se affigurem os seus prestimos d'ocasião e por melhor que sirvam a parar o cutello ameaçador da *responsabilidade*, encarado sempre como aterradora espada de Damocles.

E' ao tino e criterio do commando que, em seu beneficio proprio e para melhor fructo da sua missão, compete proceder de modo a evitar que dedicações da natureza das primeiras sejam aquellas com que tenha a *contar* e, da mesma forma, não acalentar a *casta* das segundas, pois são, ainda assim, as mais falsas e illusorias por subsistirem apenas, pela graça dos favores de momento, e d'uma benevolencia que não cria amizades duradoiras, nem reconhecimentos perduraveis.

Mandar com firmeza e energia sim, mas mandar com prudencia e criterio, com vistas largas e seguras, sabendo descernir bem e a *tempo* a natureza das situações e a qualidade dos elementos de que se dispõe, não amoldar, em todas as circumstancias, os casos variadissimos que se apresentam, ás mesmas normas inflexiveis de tal ou qual regulamento que nunca pode dar senão indicações geraes para uma orientação a seguir, cumprindo-o melhor quem souber inspirar-se no seu verdadeiro espirito, que quem apenas procurar n'elle uma significação material de palavras, arrumadas mais ou menos artificiosamente, em castigos peremptorios e seus *paragraphos elucidativos* (!)

Approveitar a *ocasião* em que o commando se deve manifestar e tirar de um *facto*, na apparencia minimo, o grande valor que muitas vezes encerra para augmentar a acção exigente do chefe e fortalecer o seu prestigio, tornando sympathica e paternal a sua missão, são outras tantas condições de *savoir faire* que deve possuir aquelle a quem está commettido o encargo de dirigir tropas, alto ou baixo que seja o grau da sua patente.

Compenetrar-se cada um da missão do commando nos seus devidos termos, dirigindo a sua acção util e efficazmente, é cousa que exige, naturalmente, predicaos e recursos bastante completos, em que muitos não poderão ser perfeitos; é, no entanto, certo, que o esforço e a boa vontade supprem muitas difficiencias quando se substituem a pruridos de energias subitas e resoluções cegas pelo caminho que frequentissimas vezes se suppõe — *cortar a di-reito*.

A theoria de *apertar* é sómente admissivel quando tente obstar á germinação de abusos e faltas, sempre promptas a apparecer quando se revela uma acção dirigente tibia e frouxa, mas nunca se poderá exigir em pretexto systematico da manifestação de *força*, que se affirmará sempre mais duradoira e *convincentemente* quando resultar d'um criterio são e ponderado, com apreciação *serena* dos factos e deliberações justas e equitativas, para obter as quaes o espirito preconcebido do *aperto*, nem sempre fornece o melhor ponto de avaliação.

Tomar uma decisão em que se envolva a expressão da justiça, essencial quando se queira obter uma subordinação em que não

haja pontos e asperezas perigosas, é questão para que se torna necessario munir-se aquelle que a tenha de tomar, de todos os elementos de apreciação que tornem o seu *verdictum* acertado mesmo aos olhos d'aquelles sobre quem elle pése, e já d'aqui se vê que não é com um espirito de *irritabilidade* que se deve entrar na averiguação e resolução, mesmo de insignificantes casos, nem tão pouco, nos podemos convencer que a *irritação* possa constituir uma affirmação de mande.

Do mesmo modo, será sempre mal cabido oppôr-se á tentativa de defeza respeitosa o argumento do *cale-se*, reccorrendo ao qual se poderá suppor ficarem legitima e conscienciosamente defendidas as immunidades do *mando* e os fóros da disciplina.

Do commando ha a exigir a par de uma energia e firmeza constantes na sua acção disciplinadora, uma apreciação serena e reflectida dos factos de que resultem deliberações justas e apropriadas que, ao incidirem sobre os subordinados não levem a estes um espirito surdo de revolta, não menos perigoso pelo facto de se não manifestar de occasião, antes conservando-se latente, prejudicará por mil formas diversas, impossiveis de evitar, a missão do chefe que não chegará a dispor senão de cooperadores violentados.

A sua missão, difficil em todos os casos vae augmentando de ponto, ao passo que vae sendo maior o grau hierarchico pela categoria crescente d'aquelles sobre quem se vae exercendo successivamente a acção dirigente; jogando com elementos cada vez mais superiores, a sua posição se acha tambem mais em foco e o seu proceder objecto de mais cultas attenções.

Melindroso é, n'essas alturas, o commando, se é que elle pretende — como deve — manter um ascendente de estima, confiança e respeito sobre os subordinados e conquistar as dedicações espontaneas d'estes.

Carece de possuir uma illustração sufficiente a honrar o seu posto de chefe, evitando-lhe cahir no peor despenhadeiro do commando — a ignorancia perante os subordinados; deve animal-o um recto espirito de justiça que não exclue um fundo de bondade e rasoavel benevolencia; fazendo uma cultura social notavel para tratar, nos limites de uma extrema correcção, uma corporação distincta de subordinados, desfazendo pequenos antagonismos e melindres susceptiveis, desenvolvendo o espirito de corpo e exaltando a importância da instituição militar perante as classes civis, tornando-a admirada pela lisura do procedimento de todos os seus membros.

Necessita de dispor, finalmente, e acima de tudo, de um accentuado espirito de iniciativa que não torne mesquinhos os seus actos de commando por uma tibieza e meticulosidade em deliberações de nullo valor, dando ampla independencia ás attribuições de cada um, provocando estimulos e incitamentos ao trabalho e não vexatorias fiscalisações determinadas por uma systematica ideia de desconfiança e por um receio, sem razão de ser, do gladio da responsabilidade.

Talhar a cada um a sua missão, promovendo que desenvolva d'entro d'ella, uma iniciativa salutar em que se vão adquirindo habitos de deliberação propria e apreciação segura e immediata de factos diversos, reservando para si a acção dirigente e reguladora que determine o bom funcionamento de todos os serviços sem tutellas odiosas é, por ultimo, a mais excellente qualidade de um chefe.

*

*

*

Para bem se desempenhar da sua difficil e ardua missão convirá que o chefe disponha, por si só de um conjunto brilhante das mais superiores qualidades taes como, prudente criterio, espirito recto e firme, intelligencia culta e illustrada, intenções benevolas e de inteira largueza de vistas?

Certamente que não.

Devendo possuir todas essas qualidades necessita elle de dispôr dos recursos e elementos extranhos em que possa *appoiar* a sua acção e tornal-a util e proveitosa.

Precisa de ter *força* para deliberar com independencia, communicando aos actos dos subordinados um espirito de iniciativa que cria as verdadeiras qualidades militares, e precisa ainda de manejar e dirigir os elementos de que dispõe, consoante as circumstancias de *ocasião* para obter resultados mais aproveitaveis, sem se apegar a formulas estRICTAS de regulamentos.

Poderão os nossos commandos dispôr d'estes elementos de que todos carecem?

Cremos, tambem, que não.

Alguns regulamentos nossos, algumas circulares ainda, teem vestido de tropos de effeito a *iniciativa*, que nos fazem soar ao ouvido como uma bella e harmoniosa palavra simplesmente, porque por outro lado se lhe offerecem (ao commando) mil entraves e difficuldades á sua acção, n'uma centralisação demasiada de poderes e attribuições, n'um absoluto processo de fiscalisações miudas em que impera o regimen da desconfiança.

Os poderes e attribuições dos nossos commandos são ainda mais um reflexo — senão o principal — á incompleta unidade de vistas que tem presidido á nossa organização militar; se por um lado se lhe tem alargado a sua faculdade de acção, por outro se lhe cerceiam os elementos de que careceria para a applicar utilmente.

Assim, recomenda-se-lhe o espirito de iniciativa ao mesmo tempo que se lhe tolhem os minimos movimentos de independencia, resultando d'ahi, não tanto a iniciativa converter-se em obra de nullo effeito, senão escapulir-se, uma vez ou outra, para o lado de energias autoritarias.

Accresce ainda que ao commando se tem adaptado excrescencias que o são por não dispormos de elementos que a ellas possam satisfazer, e que são ainda o aspecto interessante da nossa simpa-

thia pelos *moldes* estranhos, perfectos e justificaveis aliás, mas que são contraproducentes, applicaveis ás nossas evidentes difficencias militares,

Entre ellas a questão sempre melindrosa e bastante discutida das *informações* para a actual, nos termos em que existe actualmente, nos parece carecer o commando de elementos de apreciação que entre nós não pode possuir.

Por multiplas circumstancias, que não cumpre agora tratar, a nossa instrucção militar, limitada a uma reduzida escala, não fornece ensejos de o official revelar a sua *capacidade profissional* que deve constituir o *fundo* da sua folha de informação.

Pelo lado da sua *instrucção pratica*, não é na revista da parada da guarda, nem no commando de uma força para a missa, ao domingo, que se poderá aquilatar dos seus meritos, nem mesmo ainda sequer nos lançamentos das verbas competentes nos registos do conselho.

Pelo que respeita á sua *instrucção theorica*, as theorias e conferencias regimentaes, que nós temos, tão pouco podem fornecer elementos elucidativos ao commando.

Uma e outras d'estas instrucções, convenientemente desenvolvidas, seriam um largo campo de applicação da acção do commando nos mais variados sentidos; esta acção, restricta ainda por este lado, carece de seguros elementos de informação que satisfaçam convenientemente aos quesitos que se lhe exigem.

N'isto, como em muito mais a acção limitada dos commandos, desde os mais baixos aos mais altos, enfraquece tornando quasi nulla a applicação da iniciativa.

Qualquer das coisas, no entanto, é hoje condicção de progresso das organizações militares, a que muito convem, por isso, attender com cuidado.

FERNANDO A. BORGES JUNIOR.

Alferes caç. 1

SARGENTOS E CABOS

E' uma questão momentosa que é necessario resolver, porque sendo os sargentos e cabos os auxiliares dos officiaes, não se comprehende a existencia d'um exercito em que esses valiosos elementos escaceiem, quando não faltam quasi por completo.

Ha regimentos que não teem metade dos sargentos que deviam ter, e regimento ha tambem, e mesmo na capital, em que não chega a haver sequer 1 cabo para duas companhias.

Este estado de coisas não deve e não póde continuar.

A maneira de ter bons quadros inferiores já a temos indicado aqui por varias vezes, mas até hoje ainda não vimos as nossas aspirações satisfeitas, razão esta porque continuamos insistindo no mesmo assumpto.

A circular do Ministerio da Guerra de 12 de dezembro ultimo não resolve o problema quanto aos cabos. E' apenas um paliativo que limita um pouco a repugnancia de ser cabo, repugnancia que se evidenciava em todos os regimentos. Para alcançar bons cabos é necessario recorrer a medidas de maior alcance.

A redução do tempo de serviço de escala para a promoção a cabo pode augmentar a *quantidade* mas com certeza não vae melhorar a *qualidade*.

Se quizermos, pois, conseguir mais alguma cousa do que evitar a relutancia de ser cabo da parte de quasi a totalidade dos soldados, precisamos ir mais longe e recorrer a medidas de natureza menos platonica.

A medida que mais promptamente se deve lançar mão é o augmento de prèt, principalmente para os 1.^{os} cabos, porque esse augmento, por grande que seja, não deve deixar de caber na dotação do ministerio da guerra.

Ha, porém, outras medidas que talvez ainda tenham maior influencia. Para um soldado entrar na guarda fiscal e municipal basta ter apenas 6 mezes de serviço. Ora como um soldado em qualquer d'aquellas corporações fica em melhores condições do que sendo cabo no exercito, é evidente que quasi todos evitam durante esses 6 mezes de serviço tal promoção porque só serviria para os prejudicar nas suas aspirações. Porque não se exige, pois, a condição de ser cabo para poder requerer transferencia para aquellas corporações?

Outro tanto podemos dizer com relação á policia civil e a determinados serviços d'outros ministerios e companhias subsidiadas pelo estado, o que dá margem larga para se poder resolver d'uma maneira radical a falta de cabos.

*

* *

Quanto aos sargentos devemos tambem dizer que emquanto não se lhe garantir, como se faz na Allemanha, uma determinada collocação civil depois de certos annos de bom e effectivo serviço, difficil será ter assegurado um grande numero de readmissões. O exemplo da Allemanha é sobejamente frisante. Todo o sargento bem comportado ao cabo de 12 annos tem certa, sem precisar recorrer a influencias politicas, uma collocação civil. O que é um facto, devido a esta prudente e justa medida é que a Allemanha possui hoje perto de 90:000 sargentos readmittidos.

Os concursos por regimento são tambem uma causa que muito tem contribuido para a deficiencia de sargentos que hoje

existe. Estabeleçam-se os concursos geraes ou por divisão, como tantas vezes temos dito, e vêr-se-ha então como esses logares são disputados, o que irá certamente influir na questão dos cabos, porque uma das aspirações d'estes é serem sargentos.

E' conveniente fazer desaparecer certas medidas que os vexam e que os prejudicam ao mesmo tempo. O auxilio para rancho, isto é, para alimentação, tanto deve ser dado aos arranchados como aos desarranchados. Como principio é a logica que o defende, e basta isso para vêr que deve ser dado em dinheiro áquelles que, por terem familia, não arranchem, e nunca reverter em favor dos arranchados, como hoje succede. Dando aos desarranchados o auxilio em dinheiro em lugar de o fazer reverter a favor do rancho dos que não são tão necessitados, obter-se-hia mesmo uma economia importante, porque se evitariam muitas despesas que hoje se fazem.

Uma outra questão que urge se resolva é a questão dos impedimentos. Devido a elles ha companhias sem sargentos e ha regimentos com menos de metade d'estes graduados.

Se a falta dos cabos se faz sentir, a dos sargentos muito mais, porque são os encarregados da escripturação e os verdadeiros auxiliares dos officiaes. Só quem anda pelos regimentos é que aprecia os excellentes serviços d'um bom sargento.

Esse mal faz-se cessar facilmente. Desde que os impedimentos são necessarios, como de facto o são, crie-se um corpo de *amanuenses militares*, a que já nos temos referido tambem, e está o problema resolvido, com vantagem para o serviço e com vantagem para os sargentos e cabos porque se lhes dá mais uma garantia.

Podemos, pois, concluir que se não ha sargentos e cabos no exercito é porque não se tem feito por isso.

Y.





Escola Pratica de Infanteria ⁽¹⁾

(Continuado do n.º 1 de 1905)

A 600 metros as percentagens obtidas foram : (quadro n.ºs 2 e 7.

Fogo lento.....	% 10,5
» vivo (5 por ¹).....	5,7
» por descargas.....	5,3
» vivo, regulamentar.	4

Manteve-se ainda inalteravel a relação de efficacia das duas especies de fogo vivo.

A 800 metros conservou-se ainda a mesma relação.

Fogo lento.....	10,2
» vivo (5 por ¹).....	8,3
» descargas.....	6,3
» vivo regulamentar..	6,1

Comparando as percentagens alcançadas a 600 e 800 metros no fogo lento, no fogo vivo (5 por¹) e no fogo por descargas, nota-se uma valiosa superioridade nas da primeira especie de fogo sobre as da terceira e, ainda que menor, essa superioridade mantem-se tambem do fogo vivo (5 por¹) para as descargas.

A superioridade nos effeitos do fogo lento em relação ás descargas (ás medias distancias) é de ha muito conhecida e tem sido confirmada pelas experiencias effectuadas na escola em annos successivos. Apesard'isso, continua a manter-se officialmente a preferencia do fogo por descargas, porque, dizem os seus apologistas :

«Sendo limitado o numero de cartuchos transportados pelas

(¹) Conferencia pelo major José C. Ferreira Gil.

praças de fileira e muito difficil o seu reabastecimento durante o combate ás pequenas distancias, convem empregal-os com a maior parcimonia nos primeiros periodos, para que não venham a faltar no momento critico da peleja — a crise final».

Sustentam elles ainda que os factos teem demonstrado que a excitação do combate produz geralmente um notavel exagero do perigo e, portanto, arrasta á inevitavel perda da presença de espirito, que faz a curto espaço degenerar o fogo lento em fogo rapido, não podendo então os graduados manter facilmente a disciplina no fogo e regular o consumo de munições. E tambem, que, muito embora, o fogo por descargas produza materialmente menor effeito, tem uma superioridade moral incontestavel sobre todas as outras especies de fogo, e que no combate real a acção moral sobreleva muito á acção material.

E' minha opinião, que o effeito moral do fogo está na razão directa da sua acção material. Na guerra anglo-boer, viu-se os boers empregarem de preferencia o tiro individual, tão bem dirigido que os soldados inglezes em conseguindo acolher-se ao mais insignificante abrigo só com difficuldade o abandonavam, vendo-se os officiaes na necessidade de lançarem mão de meios energicos para os constrangerem a avançar contra o inimigo; tal era o terror que n'elles produzia o fogo certo dos contrarios.

A 4.^a, 5.^a e 6.^a experiencias visam a colher a demonstração do effeito do tiro colectivo contra alvos figurando a marcha d'uma companhia, em diferentes formações ás distancias de 800, 1000 e 1400 metros.

Figurou-se a 800 metros a marcha da companhia por filas abertas e em uma fileira, a 1000 metros por secções e esquadras de costado a dois, com intervallos de desenvolvimento, e a 1400 metros em linha e por pelotões de costado.

Empregaram-se a 800 metros os fogos: lento, vivo (5 tiros por minuto), vivo regulamentar e por descargas; e a 1000 e 1400 metros: os fogos vivos (5 por'), vivo regulamentar e por descargas.

Analysando os resultados d'estas series de fogos observa-se.

Que a 800 metros a companhia por filas abertas é mais vulneravel que em uma fileira; que a 1000 metros a companhia por esquadras de costado, com intervallo de desenvolvimento, é mais vulneravel do que por secções de costado, tambem com intervallo de desenvolvimento, e que a 1400 metros a companhia em linha é mais vulneravel do que por pelotões de costado.

São taes resultados harmonicos com os encontrados em 1902 e 1903, por exemplo.

Comparando o grau de vulnerabilidade da companhia por secções e esquadras de costado, notou-se, como já disse, que a formação por esquadras de costado era mais vulneravel do que por secções tambem de costado, ora, este resultado é contrario ao que estudos feitos lá fóra accusam, os quaes dão como menos vulneravel a columna de esquadras de costado. Ter-se-hia dado seguramente qualquer circumstancia furtuita, que não é facil determinar, e, por isso, só em futuras experiencias se poderá saber a verdade.

A formação da companhia por secções ou pelotões de costado, preferindo a primeira, já o nosso regulamento tactico manda adoptar quando se atravessa a zona dos fogos da artilheria, parecendo tambem que, com vantagem, poderão muitas vezes, ser empregadas sob a acção da infantaria, emquanto não sobrevier a necessidade de abrir o fogo; e tambem quando aquellas columnas, muito manejaveis em todos os terrenos, são eminentemente proprias para as forças que constituindo tropas de choque ou apoios, tenham de seguir immediatamente a linha de combate.

N'estas minhas considerações não é levado em conta um factor muito digno de ponderação e que, tendo nos combates modernos um grande valor, pode fazer variar bastante, senão alterar por completo, as conclusões sómente deduzidas dos fogos da infantaria. Refiro-me á acção do fogo da artilheria, que, com os aperfeiçoamentos ultimamente introduzidos no seu material, se acha em condições de exercer uma grande influencia no emprego das formações das tropas d'infanteria no combate. A escassez de elementos para apreciar essa influencia, suggere-me a ideia de solicitar das estações superiores a comparencia na escola de uma secção de artilheria montada ou de campanha, por occasião dos exercicios de fogos collectivos a realizar no proximo futuro anno, para, em estudos combinados, se poder exercer comparação conscienciosa e visivel dos effeitos das duas grandes armas, que no combate tanto se hostilizam e apoiam.

Ainda da 5.^a e 6.^a experiencia tiramos elementos para o estudo comparativo dos effeitos dos fogos vivos e por descargas.

As percentagens d'estes fogos a 1:000 metros foram:

	%
Vivo (5 por ¹).....	5,4
Vivo regulamentar.....	3,5
Descargas.....	3,7

e a 1400 metros :

Vivo (5 por ¹).....	4,4
Vivo regulamentar.....	3,8
Descargas.....	3,2

A traducção fiel d'estes resultados é: *que mesmo ás grandes distancias o fogo vivo (5 tiros por minuto) é superior ao fogo por descargas e que o fogo vivo regulamentar e por descargas se equilibram nos seus effeitos.*

Não ha n'este ponto accordo com os resultados colhidos em outros annos, nos quaes de 1000 metros em deante a superioridade coube geralmente ao fogo por descargas.

Na 7.^a experiencia pretendeu-se saber qual a formação mais propria para as fracções que, constituindo o apoio da linha de fogo, marcham na sua proximidade para, em tempo opportuno a fim de lhe levar novas energias, n'ella se incorporem.

100 alvos representavam uma companhia de infantaria em disposição de combate, tendo dois pelotões na linha avançada, á distancia de 850 metros e o 3.º como apoio, no flanco direito a 350 metros d'aquella.

Na primeira serie, o apoio formou de costado, e na 2.ª em ordem extensa. Dois pelotões fizeram fogo contra a linha avançada e um contra o apoio.

Observando os effeitos nos dois casos descortina-se que a media das percentagens obtidas nas 4 especies de fogos empregados é

Na 1.ª formação

Linha de fogo.....	6,1
Apoio.....	25,5

Na 2.ª formação

Linha de fogo.....	4,6
Apoio.....	14,6

Nos dois casos a vulnerabilidade da linha avançada é inferior á do apoio, e nem isso admira apesar mesmo da differença de distancias á origem do tiro, visto que n'aquella os alvos figuravam atiradores deitados, e no apoio, de pé.

Por aquelles resultados somos pois levados á conclusão de que é preferivel para o apoio a formação em ordem extensa. Esta formação é preconizada por Callwell, na sua *Tactica de hoje*, baseada no ensinamento adquirido na guerra do Transvaal.

Experiencia contra a artilheria

Na 8.ª experiencia fez-se fogo contra uma bateria de artilheria, em ordem de combate, 6 peças, 3 carros de munições e o respectivo pessoal, representado por 38 alvos.

Empregou-se o fogo vivo (5 tiros por minuto) e o fogo por descargas.

Vejamos os resultados (Quadro n.º 5).

A 1100 metros

Fogo por descargas.	55/ de fogo—figuras attingidas	4....	1
Fogo vivo.....	46// de fogo—figuras attingidas	3....	1,4

A 1500 metros

Fogo por descargas.	60/ de fogo—figuras attingidas	2....	0,89
Fogo vivo.....	58/ de fogo—figuras attingidas	1....	0,8

São, como é obvio, pouco satisfatorios.

O numero de alvos attingidos foi superior no fogo por descargas.

(Continua).



NO EXTREMO ORIENTE

V

Batalha de Kin-tchéou

(Continuado do n.º 12 — 1904)

Logo que a 4.^a divisão, Ogava, conseguiu, devido á manobra torneante por mar, e com agua até á cintura, sobre o lado Oeste de Nanshan, ameaçar a retaguarda dos russos, o general Stoessel iniciou a sua retirada, a principio sobre Nan-kwan-ling e depois para Nan-sanshi-li-pou, que fica a 8 kilometros do campo de batalha e onde permaneceu toda a noute a guarda da retaguarda, movimento este que foi executado em boa ordem e iniciado ás 7 horas da tarde. Aquella povoação porem, só a 27 é que foi occupada pelos japonezes, o que fizeram sem disparar um tiro porque os moscovitas já se tinham retirado mais para sul, para se irem organizar nos fortes da 1.^a linha de defeza de Porto Arthur, o que permittiu aos japonezes lançarem as suas guardas avançadas uns 20 kilometros para a frente sem que tivessem a vencer qualquer difficuldade das tropas inimigas.

A' medida que os russos se retiravam para Sul, a

1.^a e 3.^a divisões, sob as ordens do príncipe Fushima, iam-lhe seguindo sempre os passos. A 4.^a divisão ficou como reserva em Kin-tchéou e a 5.^a divisão, que pouco antes tinha desembarcado também em Pi-sé-wo, achando já o terreno franco, concentrou-se em Port Adames para proteger a retaguarda do corpo de Oku e para iniciar o avanço para norte.



Os nippons, ficando d'esta forma na posse absoluta de todo o norte da península de Kouang-toung, apoderaram-se, a 27, de Talienvan e, a 30, de Dalny, o que lhe facilitou os abastecimentos e reforços que lhe vinham por mar.

Deixando os russos guarnecendo os fortes da 1.^a linha de defeza de Porto Arthur e os nippons senhores de todo o norte da península, passaremos a indicar as perdas havidas n'esta batalha e fazer algumas considerações críticas para melhor nos illucidarmos da situação de cada um dos partidos.

Segundo um telegramma do general Stoessel, as perdas dos russos foram de 30 officiaes e 800 praças, entre mortos e feridos, tendo deixado no campo de batalha 78 peças, sendo 10 de tiro rapido, que apenas poderam encravar.

Segundo os telegrammas de Tokio, os japonezes tiveram, mortos 51 officiaes e 763 praças, e feridos 100 officiaes e 3.460 praças, o que dá um total de 151 officiaes e 4.173 praças postas de fóra combate. Por informações officiaes da mesma origem, companhias houve da parte dos japonezes que foram quasi anniquiladas. Esta differença de perdas já a deixava antever a propria descripção da batalha, porque, enquanto os russos occupavam uma forte posição excellentemente organizada, os nippons tiveram que se bater a peito descoberto e com agua pela cintura no movimento torneante.

Entremos agora na serie de considerações que o seguimento das operações nos foi suggerindo.

Este 2.º corpo d'exercito, Oku, foi encarregado d'uma dupla missão; reforçar Kuroki no caso de insucesso na passagem do Yalu, para o que a esta altura já se encontrava pairando no mar Amarello; ou desembarcar na península de Liao-tung para separar Porto Arthur do principal exercito russo da Mandchuria e alcançar uma nova base de operações, da qual se podessem auxiliar os esforços tentados pela Coreia. Como Kuroki não precisasse d'este auxilio, Oku seguiu a segunda parte da sua dupla missão, como já vimos.

No momento de desembarque do 2.º corpo d'exercito nippon, os russos tinham em Porto Arthur uma fraca guarnição; apenas dois batalhões de infantaria de fortaleza, um batalhão de engenharia e outro de artilheria e a 7.ª divisão de caçadores. A 1.ª divisão, sob as ordens do general Fock, estava escalonada ao longo da linha ferrea, tendo por missão guarnecer a e estabelecer a ligação até Kaiping com a ala direita de Kouropatkine.

Tendo esta divisão de guarnecer uma linha na extensão de 270 kilometros, não podia de forma alguma,

como de facto assim succedeu, offerecer qualquer resistencia ao desembarque das tropas amarellas de Oku. Kouropatkine, convencido de que d'esta forma corriam um grave risco sem vantagem de resultados uteis, ordenou que toda esta divisão se concentrasse em Kintchéou, ficando sob as ordens de Stoessel, com o fim de reforçar a guarnição de Porto Arthur, diffcultar o investimento d'esta praça e servir ao mesmo tempo como estorvo para os japonezes ou como ameaça de perigo permanente por lhe poderem, d'um momento para o outro, ameaçar a retaguarda. Esta ultima hypothesis não se realisou, mas realiasaram-se as outras d'uma forma tão brilhante que tem sido a admiração do mundo inteiro pela forma bizarra como teem defendido Porto Arthur.

O ataque impetuoso que os iaponezes executaram sobre Nanshan tem duas explicações; uma, a necessidade de evitar um movimento offensivo d'estas forças para o norte, o que se conseguiria desde que os japonezes se apoderassem do isthmo, porque bastariam as canhoneiras para lhes impedir todo e qualquer movimento que tentassem, e outra a necessidade de se apoderarem de Dalny e Talienvan para lhes servirem de bases de abastecimento. Era necessario, pois, forçar a passagem, o que fizeram empregando todos os seus esforços, lançando-se inclusivamente ao mar para executarem um movimento torneante, com o que fizeram relembrar d'esta forma a celebre batalha d'Alma, da campanha da Crimeia.

Ao impeto dos japonezes correspondeu sem duvida a tenacidade dos moscovitas, que se conservaram firmes e inabalaveis dentro das suas trincheiras. Estes, todavia, cometteram um grande erro. Ou porque supposessem a sua posição inexpugnável ou porque não previssem o facto das marés, que permittiam ás tropas de Oku lançarem-se ao mar, ou porque não tivessem tempo, o que é facto é que não organisaram a 2.^a linha da sua posição defensiva, o que podiam ter feito muito bem utilizando a altura de Nan-kwan-ling, que tem 250 metros de altitude e que fica 6.000 metros a slu

de Nanshan que podia perfeitamente ser utilizada para este fim. Se os russos teem ahi resistido novamente, tinham pelo menos demorado as vantagens materiaes que advieram para os japonezes com a posse de Dalny e Talienvan.

Ha quem attribua a victoria dos japonezes á sua artilheria. Não somos da mesma opinião, porque se não é a infantaria de Ogava, que se lança ao mar, os filhos do Sol Nascente não teriam escalado as escostas de Nanshan. E de resto a artilheria japoneza esgotou todas as suas munições sem que a infantaria russa se mostrasse abalada, pois que se manteve sempre no seu posto, apesar de ter sido batida d'enfiada pela artilheria das canhoneiras.

O confronto das baixas é tambem significativo. Se não fosse a liberdade d'acção, que foi afinal a unica causa que deu a victoria aos japonezes e que é sempre na guerra, como em tudo, um factor essencial, a defensiva, sob o ponto de vista das baixas, era bem preferivel á offensiva. Como confronto das vantagens d'uma e outra, esta batalha é modelar.

DAVID RODRIGUES.

Ten. d'infan.^a

A favor da paz

A commissão internacional de paz, da Republica Franceza, decidiu enviar aos governos Russo e Japonez uma petição, com o maior numero possivel de assignaturas, a fim de que um armisticio possa ter lugar para que as duas nações concertem entre si uma paz honrosa.

Ha ideia de estender este generoso pensamento a todos os paizes, para que, seja em breve um facto, aliás,

a conclusão da guerra provocado pelos desejos sinceros de toda a humanidade.

Nada mais generoso, mas também nada mais platonico.

Pois o que motivou a guerra?

Uma lucta de interesses entre o Japão e a Russia.

O Japão sustenta que para a livre e legitima expansão dos seus mais sagrados interesses carece da integridade territorial da Corêa. A Russia sustenta, a despeito mesmo do seu accordo feito com a China, que não pode deixar de ter nas suas mãos a Mandchuria.

A annexação da Mandchuria pela Russia constituiria a perda da independência da Corêa.

E a lucta gigantesca travada no extremo oriente modificou por acaso o estado da questão?

Ainda não, por certo.

Cada paiz sustenta ainda as suas proposições, a despeito mesmo da tomada de Porto-Arthur.

Como fazer a paz?

Qual será o vencido?

Cederá a Russia? Cederá o Japão?

Mas por enquanto o triumpho das armas pertence ao Japão.

Ah! esses generosos sentimentos a favor da paz não passam, não podem passar, por enquanto, de uma aspiração nobre, altruista, mas que ficará apenas n'uma aspiração, se acontecimentos mais graves não vierem determinar uma nova ordem de coisas.

Todavia registamol-a a titulo de curiosidade.

EMPREGO TACTICO DAS METRALHADORAS

A campanha russo-japoneza já nos está fornecendo poderosos elementos para o estudo e emprego d'estas machinas de guerra, que pela primeira vez entram em campanha com uma missão verdadeiramente nova.

Japonezes e russos as teem empregado em todos os

combates. Um commandante russo d'uma das companhias de metralhadoras descreveu no *Rousski Invalid* o papel que a sua companhia desempenhou no combate de Liao-Yang, o que nos vae elucidar sobre o assumpto.

A 29 d'agosto, diz o referido commandante, o commandante da divisão a que estava affecto ordenou-me que occupasse o flanco direito da posição russa. A' esquerda, a 400 passos, ficava a linha ferrea e á sua retaguarda as alturas da posição de Liao-Yang, tendo em frente a aldeia de Maïetoun com duas montanhas, que lhe ficavam a sul, e que estavam occupadas por um regimento de infantaria. Na frente da posição havia um campo de milho cortado com 900 passos de extensão.

A 30 d'agosto, ás 8 da manhã, continua o mesmo commandante, estabeleceu-se o contacto entre as fracções avançadas dos japonezes e um destacamento russo, que defendia o caminho de ferro, sustentado por duas companhias de infantaria. As metralhadoras não puderam entrar em acção porque esse contacto estabeleceu-se a mais de 3:000 passos de distancia. A's 10 da manhã, porém, notou-se que atravez do milho se deslocavam cavallos e, a cêrca de 300 metros, reconheceu que esses movimentos das espigas eram causados por uma bateria que vinha marchando encoberta com o fim manifesto de, visto desconhecer a posição das metralhadoras, romper fogo contra o regimento que occupava as posições a que já nos referimos.

O alvo era excellente para as metralhadoras e, accrescenta o mesmo commandante, era necessario fazer uso d'ellas sem perda de tempo para inutilisar a bateria. N'essa conformidade manda fazer fogo em extensão e profundidade para assim não perder tempo. Immediatamente a bateria tentou obliquar á direita, afim de se occultar com uma porção de milho mais denso, mas, accrescenta, já era tarde, demasiado tarde, porque tudo que se movia cahia debaixo d'uma intensa chuva de balas. A companhia gastou 6:000 cartuchos, mas, accrescenta o mesmo official, este consumo estava

perfeitamente justificado, porque fazendo cessar fogo *minuto e meio* depois d'elle ter começado, nada mais tinha que conseguir, a bateria estava aniquillada.

Os japonezes tentaram depois passar o campo de milho cortado que estava na frente da posição das metralhadoras, mas estas impediram que qualquer movimento se effectuasse n'essa extensão de 900 passos que ellas dominavam.

Durante a noute, porém, ficaram na defeza, e na manhã do dia seguinte viram-se atacadas muito de perto por um pequeno grupo de japonezes, que repelliram.

De tarde, a cêrca de 1:500 metros, viram uns japonezes junto á linha ferrea fazendo signaes com uma bandeira. Ordenando a duas metralhadoras que avançassem um pouco, conseguiram dentrod e pouco tempo, com alças conjugadas, fazer cessar os signaes d'uma maneira definitiva. Ainda n'essa tarde tiveram que fazer fogo novamente contra uma forte columna que pretendeu envolver-lhe o flanco.

Tendo sempre repellido a infantaria japoneza, estes, na tarde de 31 ordenam a uma bateria que a mais de 2:000 metros rompera fogo contra as metralhadoras, que não puderam responder por causa da distancia, e que lhe causou bastantes baixas. A's 9 da noite recebi ordem de retirar, tendo gasto 26:000 cartuchos e tendo 30 por cento dos homens postos fóra de combate.

A missão de que foi encarregada a companhia foi cumprida, porque impediu por aquelle ponto o avanço dos japonezes.

D'estes dados podem tirar-se as seguintes conclusões: 1.º, que as metralhadoras até 1:500 passos são preferiveis ás linhas d'atiradores; 2.º, a artilheria que lhe fique ao alcance é posta fóra de combate; 3.º, uma vez, porém, exposta ao fogo da artilheria, difficilmente lhe póde responder; 4.º, devido ao seu alcance não podem substituir a artilheria.



BIBLIOGRAPHIA

Relatorio geral dos trabalhos effectuados em 1903-1904 no campo entrincheirado de Lisboa, por Antonio Augusto Duval Telles, coronel de engenharia, inspector.

O sr. coronel Duval Telles, um dos ornamentos mais brilhantes da nossa engenharia militar, acaba de publicar, na sua qualidade de inspector do campo entrincheirado de Lisboa, um lucido relatorio dos trabalhos effectuados no anno ultimo.

Por esse relatorio se vê a maneira methodica como os trabalhos teem corrido e o quanto se tem conseguido, que é realmente importante, representando tudo um padrão de gloria para a nossa engenharia militar, á testa da qual se encontra, n'este serviço, o nosso amigo e distincto coronel, sr. Duval Telles, que por esse facto é digno dos mais calorosos elogios.

E um conjunto tão complexo de trabalhos, como são os do nosso campo entrincheirado, mal poderiam progredir se não estivessem a cargo d'um homem do valor do sr. Duval Telles. O paiz tendo no campo entrincheirado um dos melhores elementos de defeza muito deve, pois, a sua ex.^a que tanto tem contribuido para dar a esse conjunto d'obras um valor real e effectivo.

E' de justiça felicitar-mos, pela nossa parte, o sr. Duval Telles pelos bons serviços que tem prestado á causa da defeza nacional e pela publicação do seu lucido relatorio, o que fazemos com sincero prazer.

Serviço de cavallaria em campanha, compilado por Tamagnini, tenente coronel de cavallaria.

Da leitura que fizemos do livro do sr. tenente coronel Tamagnini chegamos á conclusão, que expomos francamente, de que só discordamos do seu titulo. O sr. Tamagnini não fez um livro destinado a servir de guia sómente aos officiaes de cavallaria, como o titulo parece indicar. E' um livro que interessa a todos, porque além de estudar com muita clareza e methodo as partes geraes do serviço de campanha, como são a *organisação dos exercitos, ordens, serviços de segurança, marchas, estacionamento, serviço de saúde etc, etc.*, estuda tambem, com muitos detalhes, *as formações das diferentes armas e seu emprego, bem como as armas de fogo, munições, fogos e o combate* Em *appendice* estuda finalmente a *orientação, avaliação de distancias, organisação d'obstaculos, telegraphia, e convenções internacionaes.*

E', como se vê, um tratado completo que pode a todos servir de guia, e guia que nós recommendamos aos officiaes de todas as armas, apesar do seu illustrado auctor o ter intitulado para servir simplesmente para a cavallaria. E' realmente um bom e util livro.

Ao sr. Tenente Coronel Tamagnini as nossas felicitações e os nossos cordeaes agradecimentos.

Secção do estrangeiro

Russia. — E' curiosa a seguinte narração feita pelo capitão Kharkoff relativa á queda de Porto Arthur:

«Porto Arthur cahiu por estar esgotada de munições e de homens.

Aquelles que ficaram com vida devem ser considerados verdadeiros heroes.

Durante os ultimos 5 dias e 5 noites esses heroes attingiram o limite da resistencia humana.

Nas casa-matas dos fortes os soldados pareciam sombras esmaecidas pela fome, pelo esgotamento e pela tensão nervosa.

Fallava-se-lhes, mas elles não respondiam.

Avançavam para o fogo sem dizerem uma só palavra.

A falta de munições não seria o bastante para fazer capitular a praça. Já ha muito tempo que essa falta era bem sensível. Muitos fortes não tinham com que responder ao fogo do inimigo.

Os russos estavam recolhidos nas casa-matas. Não podiam atirar senão um projectil por cada 200 que atirassem os japonezes.

Quando chegava o combate respondiam com a bayoneta.

Ha mais de tres mezes que não recebiam senão rações reduzidas e estavam tão exaustos que só por verdadeiro milagre é que resistiram tanto tempo.

Hontem, ainda o general Stoessel queria combater. As feridas que recebera no principio do cerco faziam-no soffrer, mas era inabalavel a sua resolução de luctar até ao ultimo homem.

—Nós não podemos combater, diziam os generaes; os nossos soldados estão incapazes de se moverem. Dormem em pé. Não veem a bayoneta que os fere. Nós podemos commandal-os, mas elles não podem executar as nossas ordens.

—Combatei vós mesmos, generaes, replicou Stoessel, cerrando as mãos. Mas não teve outro remedio senão render-se á razão.

Os almirantes Lockinsky e Wiren, os generaes Smirnoff, Fok e muitos outros pediram-lhe mais de uma vez, com a voz cortada pelo commoção, para tomar o partido ha tanto tempo indicado.

Estou certo que sem o general Stoessel, Porto Arthur teria capitulado mais cedo. Mas o general tinha dito ao imperador que não se renderia nunca, e queria cumprir a sua palavra.

A maior perda em Porto Arthur foi a recente morte do general Kondratenko. Os officiaes e os soldados consideravam-no como a mais brilhante estrella que resplandecia no firmamento de Porto Arthur. Quando foi conhecida a sua morte houve um certo desfalecimento em todos.

Kondratenko estava n'uma casa-mata discutindo com 7 officiaes a melhor maneira de oppor uma contra-mina ás minas dos japonezes quando uma granada, rebentando, os matou a todos.

O general Nogi tomou Porto Arthur com a sua artilheria e as suas galerias de minas.

A fuzilaria poucas vezes lhe prestou serviços. Nós soffremos sem treguas o mais violento bombardeamento conhecido na Historia.

De tempos a tempos os japonezes davam o assalto, se elle se mallograva recommençava o canhoneio.

Eu não exaggero dizendo que as grossas boccas de fogo japonezas, que eram as mais frequentemente empregadas, estavam tão juntas que não deixavam muitas vezes espaço entre ellas onde se podesse pôr um pé.

Os japonezes fazem avançar a sua artilheria, desalojam os russos com uma saraivada de granadas e depois occupam a posição.

A impressão geral é que Stoessel propoz aos japonezes para a guarnição de Porto Arthur ficar em liberdade sendo só elle o prisioneiro.

.....
O monte de cota 203 costou-nos 5000 homens. Foi o começo do fim. Os japonezes tinham uma excellente artilheria e dirigiram 400 boccas de fogo contra a nossa posição.

Corpo a corpo os japonezes são inferiores aos russos.

A' bayoneta um russo pode com 4 japonezes. Comtudo os nippons são bons soldados, bravos e valorosos.

Affirmo isto com tanta maior imparcialidade quanto é nulla a minha estima por elles.

A tomada da fortaleza costou-lhes 80:000 homens, havendo quem sustente que foram 100:000 as perdas japonezas em Porto Arthur.

O numero dos mortos não é bem conhecido nem mesmo dos officiaes superiores.

Desde agosto que a lucta foi sempre sem treguas.

Na tomada de Erloung-Chan os japonezes lançaram-se com tal rapidez no forte que 500 russos que estavam n'uma casa-mata não puderam sahir. Tentaram abrir caminho á bayoneta mas desgraçadamente foi baldado o esforço».

.....
Por estas simples notas impressivas se pode calcular o esforço titanico dos dois combatentes n'essa lucta gigantesca em Porto Arthur symthetisada nos dois grandes vultos d'essa guerra — Stoessel e Nogi.

Duas lições devemos tirar d'este cêrco, e é que por mar é quasi impossivel tomar-se uma praça fortificada, e que se em Porto Arthur houvesse fabrica de munições a cidade resistiria *indefinidamente* na opinião do proprio capitão Kharkoff.

Belgica. — Pensa-se n'este momento em reformas militares na Belgica, visto a crise porque a questão militar está alli passando, em face de imposições feitas pelos inimigos da defeza nacional.

Custa a acreditar mas é um facto.

O proprio ministro da guerra já pediu a sua demissão, que aliás, não foi acceita pelo rei Leopoldo.

Os inimigos da defeza nacional pretendem impôr á Belgica um exercito mercenario, o que redundaria não só na falta de soldados nas casernas, mas ainda serem esses poucos voluntarios de má qualidade.

Seria o aniquilamento do exercito.

Tal estado de coisas é grave, porque implica com a questão internacional, tornando a Belgica impotente para poder desempenhar os seus deveres de nação neutra.

N'este ponto agudo da questão intervem a «Belgica Militar» e propõe uma solução intermedia, publicando um projecto de reorganisação militar francamente democratica, mas de natureza a satisfazer ao paiz e ao exercito.

Segundo o parecer da «Belgica Militar» acaba a tiragem do numero á sorte, sendo o serviço obrigatorio e pessoal, mas apenas por 8 annos.

Durante estes 8 annos o serviço será de 13 mezes e meio para as tropas apeadas e de 24 mezes para as tropas montadas.

Estas, findos estes 24 mezes de serviço, não serão chamadas ás manobras, ao passo que as tropas apeadas teem, no 2.º ou no 3.º anno, um periodo de um mez para a instrucção de tiro e manobras, e no 6.º ou 7.º ou 8.º anno um periodo de 15 dias para exercicios de repetição e de manobras de fortaleza.

Calcula-se que com este systema haverá uma incorporação annual de 30.000 homens.

Sem de modo algum desejarmos fazer a critica d'este systema de reorganisação militar, parece que n'aquelle paiz estas ideias da «Belgica Militar» se acham em condições de poderem ser approvadas por os homens politicos de todos os partidos.

Assim, calcula-se que o systema dará um exercito de campanha de 100.190 homens, um exercito de fortaleza de 98.423 homens e uma reserva de alimentação de 25:000 homens.

Permitte-se a faculdade de antecipar a incorporação aos 18 annos, ou retardal-a até aos 23, por motivo de estudos, ou aprendizagem de qualquer carreira, ou por circumstancias de familia.





8.º ANNO

MARÇO DE 1905

N.º 3

REVISTA DE INFANTERIA

A' Revista Militar

Acaba de apparecer o 1.º numero da *Revista Militar* depois que foi enriquecida com novo pessoal de redacção, o que a faz entrar na 2.ª phase da sua existencia.

Temos sempre o maior prazer em registar todos os progressos das publicações periodico-militares, mórmente tratando-se da *Revista Militar* em cuja direcção contamos verdadeiros amigos.

No seu artigo inaugural evoca a *Revista Militar* lidimas recordações do passado, e assenta o seu programma nas generosas aspirações de paz e concordia entre todas as armas do exercito, entrando denodadamente na liça em prol da Patria.

Como tem sido sempre este o ideal da *Revista de Infanteria* é-nos muito grato encontrarmo-nos na mesma communhão de pensamento.

Desejavamos limitar a um dever de cortezia, para com a nossa irmã mais velha, este cumprimento de

saudação pelo apparecimento da nova epocha da *Revista Militar* rejuvenescida com a fusão de outros collegas, que muito sentimos ter visto desaparecer d'esta estrada aonde ha alguns annos nos encontravamos no mesmo labor, com os mesmos propositos nobres e altruistas, e sempre com a mais franca e sincera cor-dealidade e confraternidade.

Mas temos deveres a cumprir para com a arma que representamos na imprensa, embora muito humildemente, e não podemos nem queremos declinar esses deveres, nem falsear a nossa missão.

Nas ultimas paginas da *Revista Militar* vem uma noticia que não pode passar sem o nosso protesto, não só pela forma e maneira como está redigida, como tambem pelas inexactidões que contem.

Queremos a união entre todas as armas, e a sinceridade deste nosso desejo está bem patente em todas as paginas da nossa *Revista*, mas exigimos para nós, infantaria, o mesmo pé de egualdade, a mesma consideração e o mesmo respeito que nós tributamos ás armas nossas irmãs, porque o exercito é todo um, e no campo de batalha, as privações, os trabalhos, os sacrificios e a morte não escolhem nem armas nem serviços.

Depois de a *Revista Militar* ter noticiado que tudo corria bem no tocante ao novo material de artilheria de campanha, facto que ninguem mais do que nós aprecia e applaude, escreve o seguinte, a proposito da nova espingarda de infantaria:

«A commissão de balistica está estudando uma nova bala para a espingarda de infantaria.

Parece que depois de adoptado o typo da arma de que os nossos leitores teem inteiro conhecimento pelo relatorio que esta Revista publica no presente numero, e escolhido igualmente o projectil, a casa constructora apresentou aos officiaes de infantaria commissiõnados para escolherem o typo de espingarda a adoptar no nosso exercito uma outra bala, de forma accentuadamente conica, á qual se attribuem notaveis propriedades balisticas e especialmente uma grande tenção de trajectoria. E' essa bala, ainda não adoptada em exercito algum, que a commissão de balistica está estudando conscienciosamente, para ver se taes propriedades são ou não verdadeiras.

Por esse motivo o fabrico da espingarda para a nossa infantaria está ainda *consideravelmente atrasado*.¹

Restabeleçamos, porém, a verdade dos factos.

A bala de ponta não foi apresentada á commissão de infantaria nem depois de estudado o typo da arma adoptada nem mesmo depois de estudado o cartucho. No proprio relatorio se diz quando foi, o que se pode verificar a paginas 50 da *Revista Militar*.

Se houvesse intenção de ser verdadeiro e não vissemos no laconismo da noticia e suas entrelinhas uma manifesta vontade de ferir a infantaria, lá se teria visto que a bala de ponta foi apresentada em Lisboa em 1903, quando se estudavam differentes modelos de espingardas.

A commissão de infantaria em tudo procedeu tão *conscienciosamente* como tem procedido a de artilheria.

Tudo fez *conscienciosamente* a tempo e horas, e se o cartucho não ficou logo definido não foi por falta de *deligencia* e *consciencia* da commissão, mas pelo facto, como aliás se pode ver a paginas 63 do mesmo relatorio, de não se ter remettido de Lisboa com a urgencia que era para desejar, a nova polvora para o cartucho, o que não pode ser attribuido á conta de culpa da commissão.

E aqui está como a *Revista Militar* não sendo exacta na sua informação fere os melindres da arma de infantaria, e obriga-nos, bem contra a nossa vontade, a lavrarmos aqui o nosso protesto, defendendo a nossa arma, n'este caso representada pela commissão encarregada da escolha da nova espingarda, de uma arguição injusta e que muito nos magoou.

A penna trahi o pensamento da *Revista Militar* que, proclamando a união de todas as armas, vem gratuitamente molestar-nos e ferir-nos no primeiro numero da sua nova epocha, sem ter para isso a menor provocação.

¹ O italico é nosso.

Compreende-se bem que nós conheçamos miudamente tudo o que se passa dentro da nossa casa, e, apesar d'isso, temos conservado uma reserva conveniente, não trazendo para a publicidade factos occorrentes, esperando apenas pelo resultado final para applaudir o que fôr digno de applauso, e censurar o que em nosso criterio fôr digno de censura, mas fazendo sempre justiça a todos e sendo sempre verdadeiros.

Quanto ás propriedades attribuidas á bala de ponta esperamos ter occasião de mostrar n'esta *Revista* que a comissão de infantaria no seu rapido estudo, (de 9 a 23 de julho de 1904) foi tão conscienciosa como foi a comissão de balística, devendo coincidir os dois estudos.

O argumento de que a bala de ponta ainda não está adoptada em nenhum exercito não é argumento.

Emfim, o que é preciso reconhecer é que a comissão de infantaria conseguiu apresentar os modelos definitivos no praso marcado, e formular o caderno de encargos por modo tal que a *Revista Militar* nada tem que dizer a esse respeito.

Por tanto, demonstrado fica que se a comissão de infantaria fez tudo o que lhe competia fazer dentro dos prazos marcados, a ella não cabe, por nenhum modo, a menor responsabilidade de qualquer demora na questão do fabrico da nova arma.

E ficamos hoje por aqui, embora tenhamos mais e muito mais que dizer, aconselhando a *Revista Militar*, apesar de ser a nossa irmã mais velha, a não proseguir no caminho encetado, porque não é bonito depreciar ninguém, nem ferir a dignidade profissional de ninguém, jamais quando as accusações são injustas por serem inexactas.





A reorganização do exercito ultramarino

(Continuado do n.º 1 de 1905)

No nosso ultimo artigo, entre outros erros typographicos, alguns de facil rectificação, vinha a pag. 12, linhas 29: «dar-se-hia aos sorteados uma licença nunca *superior* a quinze dias» em vez de «... nunca *inferior* a quinze dias». Esqueceu tambem accrescentar que não viamos inconveniente em facultar trocas de commissão.

Quanto aos effectivos e á organização das denominadas — *companhias europêas* e *companhias indigenas*, ousamos apresentar á apreciação dos amaveis leitores umas alterações que nos parecem convenientes e até necessarias.

Companhias europêas. Diz o decreto de 14 de novembro de 1901, artigo 92.º que ellas são destinadas a apoiar as forças indigenas e devem ter os seus aquartelamentos nos pontos mais salubres da provincia. Assim deve ser: em locaes muito salubres, mas, accrescentaremos nós, proximos quanto possivel das regiões insubmissas em que haja sempre latente um fermento de rebeldia.

A proximidade do soldado branco conteria mais em respeito as populações e mesmo uma vez revoltadas estas, poderia elle, apoiando ou não irregulares ou tropas indigenas, ser lançado logo desde o inicio sobre o foco da insurreição, isolando-o, suffocando-o antes que esta alastrasse e exigisse maiores esforços. Em 1900 alguns regulos poderosos do commando dos m'chopes do districto militar de Gaza planejaram uma revolta contando com a adhesão dos m'chopes do Zavalla, do districto de Inhambane. O mallogrado tenente Nogueira, commandante militar dos m'chopes, teve noticia das *banjas* em que os chefes se reuniam a preparar a revolta; com alguns soldados de cavallaria cahiu de improviso uma noite sobre a povoação em que se realisava uma banja e prendeu os chefes, fazendo assim abortar um movimento que era para reecer, porque o terreno era coberto e o indigena bravo, numeroso e bem armado. E' sabido como uma acção decisiva e a tempo corta os vãos em taes circumstancias a quaesquer pruridos de revolta; mas para isso é preciso não só fazer vigiar permanen-

temente as tribus mais rebeldes por tropas solidas, mas tambem dar a estas uma grande rapidez d'acção, dotando-as com uma fracção montada que opere desde logo com presteza e percorra rapidamente o paiz e possa mesmo perseguir efficazmente os rebeldes em fuga.

Escusado é encarecer a importancia da infantaria montada e apenas é para lastimar que as companhias europêas não possam, por motivo de economia, ser antes companhias d'infanteria montada. Mas já que isto não pode ser, faça-se ao menos incluir na organização d'uma companhia europêa uma fracção d'infanteria montada. Na formação d'essa fracção, respeitar-se iam absolutamente os requisitos indispensaveis a tal especie de tropas. Seria talvez conveniente que algumas das praças graduadas proviessem da arma de cavallaria, visto a instrucção especial a ministrar aos homens e os cuidados a ter com o gado. O official seria de infantaria visto tal força dever operar como simples infantaria, servindo-se apenas das montadas para seu mais rapido transporte.

Convinha tambem dotar cada companhia com duas metralhadoras, constituindo uma secção.

Além d'isso, como nas suas operações a companhia se verá por vezes obrigada a construir uma ponte, organizar um serviço de gastadores de matto, defender rapidamente uma posição, tornar transitavel um curso de agua, etc., ou, quando em estacionamento, terá necessidade de organizar e melhorar um aquartelamento, de fazer reparações constantes, de improvisar com os recursos locais moveis e utensilios de varia natureza, etc., seria da maior conveniencia constituir na companhia uma secção de sapadores e artifices, provindo os graduados da arma d'engenharia e sendo os soldados profissionaes de carpinteiro, pedreiro, ferreiro, etc., a que se aggregariam como aprendizes e auxiliares alguns indigenas.

Estas actividades especiaes não seriam perdidas, porque muito ha a crear e aperfeiçoar por lá, havendo muitas vezes absoluta carencia de profissionaes habéis para executar trabalhos de inadiavel necessidade.

Isto teria tambem a vantagem de permittir a creação de officinas junto das guarnições onde os homens habilitados com alguma profissão manual podessem distrahir-se no trabalho e mesmo realisar alguns proventos, visto entender-se que os trabalhos manuaes seriam, em geral, retribuidos com um pequeno estipendio. Assim adestrar-se-hiam tambem muitos indigenas em diversas artes manuaes.

O effectivo minimo d'uma companhia europêa seria: 1 capitão, 1 facultativo, tres subalternos (commandando um a infantaria montada, dirigindo outro a secção de sapadores e encarregado do serviço de informações e da topographia): 1 1.º sargento, 4 2.º sargentos, (sendo um de cavallaria para a infantaria montada, e outro, de engenharia, commandando a secção de sapadores); 8 1.º cabos (sendo 2 de cavallaria, para a infantaria montada e 2 de engenharia, da secção de sapadores), 100 soldados pertencendo 20 á

infanteria montada, e alguns, em numero indeterminado, á secção de sapadores e 2 enfermeiros); 2 corneteiros, sendo um da infanteria montada; 2 aprendizes de corneteiros indigenas; 1 ferrador e 1 aprendiz de ferrador indigena. Indigenas auxiliares permanentes—20 para impedidos, fachinas e sapadores; 30 solipedes, sendo 27 para a infanteria montada e 3 para as 3 viaturas Lefebvre que seriam distribuidas permanentemente a cada unidade. Nas regiões muito cobertas ou accidentadas, aggregar-se-hia um certo numero de animaes para transporte a dorso. De resto conviria adestrar os solipedes de infanteria montada a carregar tanto a dorso como a tiro, pois que, marchando toda a companhia, poderia uma parte do pelotão montado ir a pé, transportando os animaes disponiveis um certo numero de carga, sabendo-se que uma muar, por ex., transporta a dorso cerca de 100 kilos, isto é, tanto como 4 negros. Para isso disporia a companhia d'um certo numero de albardas leves e proprias para carga a dorso. Não esqueceria, alem das duas metralhadoras, o material sanitario preciso para organizar uma esquadra de maqueiros e um modesto hospital de sangue.

O *effectivo maximo* seria constituido assim : 1 capitão, 1 facultativo, 6 subalternos, 1 1.º sargento, 12 2.ºs sargentos (2, de engenharia, para os sapadores e 2, de cavallaria, para o pelotão montado); 24 1.ºs cabos (sendo 4, de cavallaria, do pelotão montado e 4, de engenharia, dos sapadores) 220 soldados (30 d'infanteria montada e alguns em numero indeterminado para enfermeiros e para os sapadores); 4 corneteiros, sendo um da infanteria montada; 2 aprendizes de corneteiros indigenas, 1 ferrador e 1 aprendiz indigena. Indigenas auxiliares permanentes—30 e adventicios em numero indeterminado; 46 solipedes (sendo 39 para o pelotão montado e 7 para os officiaes) e mais os precisos para carga a dorso e para as viaturas que em numero indeterminado seriam mandadas aggregar á companhia. Não esqueceriam as 2 metralhadoras.

Aos auxiliares indigenas, recrutados em região afastada, seria ministrada a instrucção militar, formando em caso de necessidade uma secção para serviços de exploração e de vigilancia nocturna, podendo mesmo em combate enfileirar ao lado dos europeus.

Parece-nos que assim ficaria resolvido satisfatoriamente o problema da organização d'uma companhia europêa que em regiões irrequietas do interior precisa ter sempre muita mobilidade, rapidez d'acção e devendo operar sem auxilio extranho contra bandos insurrectos numerosos.

Fallando das *companhias europêas*, admittimos os dois effectivos—maximo e minimo—porque, se por um lado é grande o numero de baixas por doença nas tropas europêas, e são estas muito caras, não se podendo, pois, manter permanentemente grandes effectivos, por outro lado será mais facil a sua elevação ao maximo, incorporando-lhes n'um dado momento graduados e soldados recém-chegados do reino, frescos, já instruidos, facilidade que não ha tratando-se de soldados negros que levam muito tempo a adestrar,

ou dos chefes d'estes, os quaes como já vimos, precisam d'um demorado contacto com elles para os conhecer bem e commandal-os proficientemente.

Seria absolutamente necessario dotar cada unidade (fica já isto dito a respeito tambem das *companhias indigenas*) com o material de sapadores, d'acampamento, sanitario, com as munções, etc., precisos e apropriados para a força estar sempre prompta a marchar, não carecendo de aprovisionar-se á ultima hora, o que traz sempre embaraços e inconvenientes de varia natureza, tolhendo a liberdade e rapidez d'acção.

Companhias indigenas. — Como dissemos já, não é aqui admissivel a dualidade — *effectivo maximo, effectivo minimo*. Comprehende-se bem que não se improvisam soldados negros, nem tão pouco chefes de tropas negras d'um dia para o outro, a não ser que o acontecimento do Cunene nos não tenha servido de lição. A unidade deve estar sempre forte e completamente constituida para entrar immediatamente em fogo, pois não se esquecerá nunca que uma acção rapida e decisiva desmoralisa o adversario e isola-o, não lhe permittindo aggregar aliados.

Achavamos tambem conveniente dotar a companhia indigena com uma secção de sapadores cujas praças graduadas fossem da arma d'engenharia, e com duas metralhadoras servidas por praças europeas.

Cada unidade seria dotada, conforme a facilidade de communicações da região em que servisse com algumas carretas Lefebvre e com animaes de carga a dorso, dispondo dos respectivos aparelhos.

Em operações aggregar-se-hia a cada unidade ou grupo de duas unidades um facultativo, devendo, porém, o preciso material sanitario estar sempre distribuido a cada uma d'ellas. Conviria que duas praças graduadas estivessem habilitadas a servir de enfermeiros mediante a precisa pratica no hospital mais proximo. Tinhamos já dito que os graduados, especialmente os officiaes, deviam durante o seu tirocinio na séde do districto, receber algumas noções theoricas e praticas sobre prophylaxia, diagnostico e tratamento das doenças mais vulgares dos paizes quentes.

Já dissemos que os destacamentos seriam reduzidos; o seu periodo seria calculado de modo que os homens não estivessem separados das unidades mais de trez, o maximo seis mezes, exigindo-se aos commandantes dos destacamentos effectiva responsabilidade pelo estado de instrucção e de disciplina em que as praças regressassem.

O modo de recrutamento seria o mais adequado a cada região, mas recorrer-se-hia de preferencia ás tribus mais robustas e aguerridas e de paizes longinquos, abstendo-se quanto possivel das levadas a cordel feitas nos centros d'algumas povoações europeas, que despejam nas unidades os individuos mais viciosos, indisciplinados, cobardes e pouco resistentes á fadiga e ás privações. Cremos que haveria conveniencia em dividir os soldados indigenas em duas classes : a 1.^a constituida pelos homens mais valentes, dedi-

cados, quanto possível já experimentados no fogo, com alguns annos de serviço e com regular comportamento, formando como que a *velha guarda* da companhia e que merecessem mais confiança n'uma situação critica; a 2.^a classe composta dos outros. Os soldados da 1.^a classe constituiriam uma secção ou um pelotão e serviriam para enquadrar os da 2.^a, para guarnecer uma face mais exposta, para constituir uma reserva ou a guarda da retaguarda n'uma retriada, etc.; dar-se-lhes-hia uma mais esmerada instrução tactica e de tiro, teriam um distinctivo bem visivel e receberiam maior estipendio, além d'outras vantagens. Os 2.^{os} cabos seriam escolhidos d'entre os melhores e mais bem comportados d'estes soldados e que conhecessem bem o portuguez e a lingua da região. Os 1.^{os} cabos satisfariam tambem a essas condições e aos actuaes requisitos da lei.

Damos em seguida o effectivo da companhia, cujo numero de graduados europeus é muito maior que o actual, vista a necessidade de enquadrar fortemente as tropas indigenas e attendendo ao grande desfalque que a doença produz permanentemente nos effectivos europeus:—

1 capitão, 5 subalternos (sendo um director dos sapadores, encarregado das informações e da topographia), 1 1.^o sargento, 9 2.^{os} sargentos (um, d'engenharia, commandante da secção de sapadores), 18 1.^{os} cabos europeus, (dois, d'engenharia para os sapadores), 8 1.^{os} cabos indigenas, 8 2.^{os} cabos indigenas, 180 soldados indigenas (20 para o pelotão de sapadores) 1 contra mestre de corneteiros europeu, 4 corneteiros indigenas, 1 aprendiz indigena.

A. PIMENTEL.

Tenente d'Infanteria.

SITUAÇÃO DESESPERADA

E' verdadeiramente desesperada a situação economica dos officiaes do nosso exercito. O illustre titular da pasta dos negocios da guerra na situação transacta estava tão compenetrado d'esta idea, que no numero dos seus trabalhos destinados a apresentar á sancção do parlamento havia incluido um com o fim d'acudir á tão precaria situação dos officiaes. Desconhecemos o que fosse, nem sequer mesmo conhecemos os moldes em que se cingira; mas era, emfim, um remedio tendente

a debellar o mal e por isso anciosamente esperada a sua execução, pelos interessados, que abençoavam intimamente reconhecidos o nobre ministro, que assim curava dos seus males. Infelizmente, porem, os acasos da politica deram aso a uma mudança de ministerio e com a mutação se foi a dourada esperança havida, que não passou d'uma illusão a mais que se desvaneceu, continuando os officiaes na desesperadora realidade d'um viver miserô.

Com a substituição do ministerio, seria de todo protelada a idea da applicação d'um remedio ao mal existente desde ha tanto tempo já?

Parece que não.

A julgar por algumas ligeiras noticias que teem vindo á luz, parece que o sr. ministro da guerra actual não deixa de partilhar das ideas do seu illustre antecessor, n'este importante assumpto, pelo menos na essencia. Pelo que se tem lido, S. Ex.^a pensa tambem na applicação de um remedio, que será ou não o mesmo que o seu antecessor projectara. Assim seja. A therapeutica de que se use é indifferente, com tanto que a cura se realise e tão rapida e completamente quanto possivel. Mas o soffrimento que o mal occasiona é tão atroz que toda a delonga importa a imposição d'um martyrio insoffrivel. S. Ex.^a empregará bons e vigorosos esforços, para que as medidas que projecta entrem no campo da pratica dentro do menor praso possivel, verdadeiramente possuido da sua urgencia, inteiramente convencido de que o mal não admite dilatações, de que a menor demora exacerba os tormentos porque estão passando os seus officiaes?

A verdade é que os officiaes estão pouco acostumados a vêrem attendidos os seus interesses por mais vias que sejam, logo que a sua solução não dependa exclusivamente do ministro da guerra. Em regra, ha para elles uma excepção tão usual, que difficilmente crêem n'uma boa vontade de se lhes acudir. Para que alguma cousa se consiga, será preciso, alem d'uma boa e vigorosa vontade da parte do titular que sobraçar a pasta da guerra, que as condições d'existencia d'esse

mesmo titular dentro da facção politica a que pertence sejam tão preponderantes, que lhe permitta poder impor a sua vontade de modo a vencer a opposição, que é certo encontrar entre os proprios membros do conselho.

Todos reconhecem a miseria, embora dourada, em que vegeta o official do exercito; todos lastimam a sua sorte; mas limitam-se á lastima e assumindo uns ares piedosos aconselham a resignação, allegando que as circumstancias do thesouro publico não permitem melhorar-lhe os vencimentos.

E' irrisoria esta allegação.

As circumstancias do thesouro, que ninguem póde desconhecer que são realmente embaraçosas, só o são de facto para os officiaes. Para muitos outros funcçionarios, na maioria dos casos, essas circumstancias não constituem um estorvo real para se lhes dar melhores vencimentos, gratificações ou ajudas de custo, como melhor lhe queiram chamar. O ponto é esses funcçionarios não pertencerem ao ministerio da guerra!

E' flagrante a contradicção e revoltante a excepção injusta que assim se pratica! E constantemente, todos os dias, em concorrência nos mesmos serviços!

Com quem escreve estas linhas teem-se dado casos, por exemplo, como estes:

N'uma leva de presos civis que fizemos da capital a uma cidade comarcã alemtejana gastamos tres dias. Foi o nosso subsidio, por consequencia, da importancia de 1\$200 réis. O official de diligencias que acompanhava os presos e regressou no comboio da noute do proprio dia da chegada venceu 3\$000 réis! A despeza que fizemos, tendo o cuidado de procurar a hospedaria mais modesta da terra, e levar de casa um farnel, foi de 3\$700 réis, sem o mais pequeno extraordinario. Assim, d'um serviço que fomos prestar a um ministerio alheio, por conta d'esse ministerio, resultou-nos um prejuizo de 2\$500 réis, alem de perdermos tambem a gratificação do commando da nossa companhia, que accidentalmente estavamos commandando. E ao passo que o ministerio da justiça assim procede para com o

hospede, concede ao seu funcionario proprio a ajuda de custo de 30000 réis, de que não gastaria talvez dez tostões! E' questão para o official invejar a posição de official de diligencias!

Outro caso:

Fômos á Lourinhã n'uma occasião d'eleições e gastamos tambem tres dias n'esse serviço. Recébmós outros 1200 réis, d'esta vez por conta do ministerio do reino. A unica hospedaria que havia na terra exigiu-nos 400 réis por dia. Na mesma terra estava um grupo de policias que comia n'uma taberna, onde comeram tambem os soldados. O graduado d'esses policias, funcionarios do ministerio do reino, de quem eramos hospede, recebia 600 réis diarios, ou sejam 1800 réis nos tres dias!

Ainda valia mais ser cabo de policia do que official do exercito!

O mesmo succede quando vamos policia por conta do ministerio do reino (que aliás tem soldados seus proprios para esse serviço) os arraiaes e as feiras, com a aggravante de sermos explorados pelas hospedarias locais, que nos envolvem na exploração que exercem sempre n'essas occasiões de grande concorrência.

Topamos sempre em tudo e em toda a parte com a mais odiosa das excepções contra nós e é sempre contra nós que inexoravelmente se invoca a razão sedicã das más condições do thesouro!

Se formos a estabelecer o parallelo com outra ordem de funcionarios, a differença então sobe a um ponto extraordinario. Qualquer aspirante dos outros ministerios vence, quando o serviço o obriga a sair de sua casa, gratificações superiores á d'um coronel do exercito! Em geral, a ajuda de custo concedida por direito estabelecido em lei aos funcionarios civis de certa cathegoria, nunca é interior a 10000 réis diarios.

Se se trata de qualquer serviço extraordinario, este é logo, sem a menor reluctancia, largamente gratificado. Para os funcionarios com que se constituíram as commissões de revisão das matrizes foi logo proposta a gratificação extraordinaria de 30000 réis mensaes

aos de menor cathegoria; os presidentes teem 90000 réis!

Quando o serviço do real d'agua estava a cargo d'um corpo militar, podia esse serviço ser feito por individuos com os vencimentos da tabella dos officiaes; mas quando passou a ser desempenhado por entidades civis, o vencimento que se estabeleceu quasi que foi dobrado!

E etc., etc., etc.

Por todas estas razões se comprehende a descrença em que estão os officiaes do exercito sobre a viabilidade das medidas que, como boato, corre por ahi se vão adoptar para remediar as desgraçadas condições da sua vida economica. E avalia-se bem a resistencia que o titular da pasta da guerra, seja elle A ou B, terá de vencer. E se não fôr grande a força de que disponha dentro do partido em que está filiado, não a vencerá, e as cousas irão caminhando no mesmo pé em que estão. Na situação que cahiu, em tão má occasião para nós officiaes, a promessa da melhoria fôra feita pela bocca d'El-Rei; tinha a sancção official, o compromisso fôra tomado por todo o ministerio. Havia, então, bom fundamento para a esperança tão risonha que chegamos a ter; e hoje a unica probabilidade que temos reside sómente n'umas noticias officiosas.

Nunca nos ha-de esquecer o procedimento do chorado Fontes, quando, em tempos bem melhores do que os de hoje, relativamente á questão financeira, como resposta a uma camara municipal que quiz collectar os officiaes ainda por cima d'elles se verem obrigados á renda de casa e respectiva contribuição, lhe tirou da terra o regimento que lá estava de guarnição desde ha longos annos. Hoje, os officiaes pagam todas as contribuições, de toda a natureza; impendem sobre elle com todo o peso ainda as medidas de salvação publica de 91, e é para elles que tem toda a força o argumento do estado das finanças do paiz. Precisamos d'um outro Fontes. E a occasião é boa para seguir o processo adoptado por esse estadista: agitam-se as terras da provincia a quererem todas ellas um regimento; pois pre-

firmam-se aquellas cujas camaras não collectem os officiaes que, por falta de quartel, hajam d'alugar casa. Pode, assim, o sr. ministro da guerra prestar um bom serviço aos seus officiaes, não cedendo a influencias politicas e sim ás necessidades tão instantes d'esses pobres servidores do Estado, sempre tão promptos para todos os sacrificios e sempre pouco generosamente remunerados. Esta medida que lembramos não aproveitará a todos, mas não é isso razão para que se não ponha em pratica. Aproveitar-se-hão d'ella os que podem e naturalmente serão os que estiverem em mais desesperadas condições, porque, entre todos nós, uns estarão piores do que outros.

E Deus se amercie de nós todos !

M. A.



A INSTRUÇÃO POR COMPANHIAS

Verdades velhas

Não sabemos a quem é devida a ideia da instrucção de recrutas por companhias, instrucção, que em theoria, pode merecer os maiores applausos, mas que transportada ao campo da realidade — e nós vivemos de realidade, de factos positivos — e no estado actual dos nossos quadros inferiores, não só não se concebe, mas até faz desanimar.

Com effeito concebe-se que seja o pessoal das companhias aquelle que instrua os seus soldados. E' um

bom principio este. Mas esse pessoal falta e é frequentissimo vêr um unico subalterno instruindo *n'uma só escola* o effectivo completo do contingente de recrutas distribuido a toda a companhia, o que constitue um pessimo precedente que vae contra tudo o que está estabelecido no nosso Regulamento, não indo mesmo ao limite n'elle estabelecido para o effectivo de cada escola.

A causa que prejudica principalmente a instrução por companhias é a falta manifesta de sargentos e cabos, que não existem mais do que no papel, porque em verdade estão absorvidos por esse labyrintico regimen da papellada, que tantas attensões absorvem.

Tanto uns como outros são tirados ás companhias para os empregar como amanuenses da secretaria regimental, amanuenses dos batalhões, em diligencia nos districtos de reserva, quartéis generaes, Collegio Militar, na Escola do Exercito, etc., etc., emfim, em todos esses logares tão numerosos no nosso paiz, em que o sargento e o cabo deixam de ser o que devem ser para se tornar na entidade burocratica — *amanuense*.

D'ahi a rasão porque hoje um dos primeiros prediados apreciaveis n'um sargento é—*ter boa lettra e uma boa orthographia*. E attendendo-se a isso principalmente todos se esquecem de que podem fazer falta na companhia, e ninguem se lembra que se pode perder um auxiliar, muitas vezes valioso, do pobre official de fileira.

Um bom sargento ou cabo é logo cubiçado, agarrado e desaparece na *Torre de Marfim* dos officios, das notas, para passar a ser amanuense, porteiro ou continuo, ou passa a fazer de policia no Collegio Militar. Deixa de ser um cabo ou sargento, passa a ser um burocrata.

E esta fórma de proceder arrasta um inconveniente grande, porque logó que regressa á sua companhia traz já bem esquecida a instrução e deveres concernentes ao posto para que foi destinado, embora traga outros conhecimentos que não lhe são essenciaes.

Quem soffre as consequencias é o official arregi-

mentado, quer pela falta de sargentos e cabos, quer pela falta de habitos militares que perderam n'esses serviços.

Tudo isto vem a proposito de dizer que com a falta de quadros a instrucção por companhias é defeituosa e só com um dispendio excessivo de energia e de boa vontade se consegue alguma cousa, que está longe, muito longe, d'uma instrucção séria, methodica e proficua.

E' pois forçoso, urgente, se queremos ter soldados instruidos mais a serio, substituil-a por instrucção por batalhões com pessoal fixo, pelo menos a principio, em que só o pessoal fixo póde dar a firmeza, a energia nos movimentos, a cohesão, a confiança que deve merecer o soldado.

Como actualmente se procede só poderemos obter recrutas cheios de defeitos, que ainda mais se vão agravar, quando, passado a prompto, o soldado entra no *serviço de guarnição*, que tão atrophizador é quando é desempenhado com frequencia. E se ha soldado que é apto para receber uma instrucção solida é o nosso, como tantas vezes o tem demonstrado e provado á evidencia. Completem-se, pois, os quadros ou ministre-se a instrucção por batalhões, com pessoal fixo, e passaremos a ter excellentes soldados.

EURICO DE SAMPAIO SATURIO PIRES.

Alferes de infantaria.





Ainda a excepção de incompetencia do 1.º conselho de guerra da grande circumscripção militar do sul para o julgamento d'um reservista.

Ainda bem que o Supremo Conselho de Justiça Militar, n'um accordão que nos affirmam achar-se muito bem fundamentado, rejeitou como manifestamente illegal a cerebrina decisão tomada pelo supracitado 1.º conselho de guerra relativamente a haver-se julgado incompetente para conhecer d'um crime militar previsto e punivel pelo artigo 71 do respectivo codigo, praticado pelo reservista Olympio Zorro Raposo contra a pessoa d'um capitão, seu legitimo superior, offendendo-o da forma a mais insolente e audaz, n'um escripto jornalístico firmado pelo referido reservista.

Não era licito esperar o contrario d'um tribunal respeitabilissimo pela alta cathegoria dos seus membros e pelo muito que alli todos tomam a peito a manutenção da disciplina militar, que foi tão rijamente vilipendiada na pessoa d'um official do exercito! Aceitar como doutrina genuina os principios erroneos em que se fundara o tribunal da 1.ª instancia, equivalia a affirmar que os conselhos de guerra eram sómente competentes para conhecer dos crimes militares commettidos pelos licenciados nas reservas *quando fóra do serviço*, mas que o não eram *quando elles estivessem em serviço*, e que quanto aos alistados directamente na 2.ª reserva que com razão se suppõem serem os mais desconhecedores das disposições do regulamento disciplinar e do codigo de justiça militar, os referidos conselhos eram então competentes para conhecer de *todos os crimes de qualquer natureza por elles praticados, quando estivessem em serviço*. Um cumulo de contrasensos!

Supponhamos que por decreto eram chamados total ou parcialmente ao serviço uns e outros.

Se os fundamentos em que o 1.º conselho de guerra se apoiou para se considerar incompetente fossem sanccionados como boa doutrina pelo Supremo Conselho, teriamos que os alistados directamente na 2.ª reserva (os mais ignorantes dos deveres militares) teriam de responder nos conselhos de guerra por todos os crimes de qualquer natureza por elles commettidos, enquanto estivessem em serviço, (artigo 293, n.º 7) e que os licenciados nas reservas (que devem ser os mais conhecedores d'esses deveres) nem pelos

crimes militares commettidos durante a sua permanencia no serviço teriam de responder nos referidos tribunaes! Já se viu contrasenso maior e mais revoltante iniquidade?!...

Foi, porém, unicamente uma questão de principios e sem nos incitar a menor animosidade ou malquerença para com o reservista Zorro Raposo, o que nos impelliu a impugnar os argumentos sobremodo capciosos do illustre advogado sr. dr. Martins de Carvalho, como já tambem em 1899 o fizemos n'um outro artigo jornalístico refutando os argumentos pelo mesmo esclarecido causidico adduzidos no *Seculo*, em prol d'um outro reservista seu constituinte, que na feira de Sacavem commettera tambem um crime militar de insubordinação contra a pessoa d'um seu legitimo superior, o então sr. alferes Quaresma. E depois o illustre advogado já não deduziu a excepção de incompetencia.

Mas o 1.º conselho de guerra, que julgou procedentes os argumentos adduzidos sobre a incompetencia, andou em tudo d'uma forma verdadeiramente infeliz e que nos persuadimos não ter precedentes, visto affirmarem-nos que depois de deduzida pelo illustre advogado a excepção de incompetencia, não se permittiu ao sr. promotor a impugnação, a bem da justiça, dos cerebrinos argumentos produzidos pelo seu adversario. E porque? Porque se interpretou erradamente o artigo 415 do codigo de justiça militar, que diz o seguinte: «Depois das advertencias a que o artigo antecedente se refere, o accusado ou o seu defensor poderão deduzir as excepções que tiverem contra a competencia do conselho de guerra ou tendentes a illidir a accusação as quaes serão lançadas na acta e logo decididas pelo conselho em conferencia...».

E' obvio que não dizendo o citado artigo que taes excepções sejam *logo* lançadas na acta, mas sim que depois de lançadas na acta, serão *logo* decididas pelo conselho em conferencia, o conselho suppoz a palavra *logo* como anteposta a *lançadas*. Ora quando se offerecesse alguma duvida a tal respeito, bastaria reparar-se em que o artigo 415 faz parte integrante da secção 2.ª, que regula o modo de effectuar-se a discussão da causa, e que nunca podia passar pela mente do legislador, que tratando-se d'uma discussão, esta podesse effectuar-se fallando só um d'aquelles que por lei são chamados á controversia. Depois, logo em seguida, temos o artigo 416 preceituando que «em todos os incidentes da discussão da causa, em que fallar o ministerio publico, será ouvido o defensor do accusado, e vice-versa, não podendo qualquer d'elles fallar mais de duas vezes».

Ora persuadimo-nos que ninguem de boa fé contestará que do requerimento da defesa para o conselho de guerra se julgar incompetente surgia um incidente, que nos termos do artigo 416 não podia ser resolvido sem ser previamente ouvido o ministerio publico, que é o fiscal da lei, o patrono da sociedade offendida pelos que delinquem.

Objectou-nos alguem que os requerimentos não têm discussão. Se esta theoria fosse accetavel, amanhã o defensor d'uma causa crime podia requerer logo no começo da audiencia para que as

principaes testemunhas com que o ministerio publico esperava provar o libello accusatorio, não fossem ouvidas por motivos muito extravagantes que a defesa se lembrasse de architectar, e deferiasse o estrambotico requerimento sem o ministerio publico o impugnar! Era um meio simples, embora pouco engenhoso, para todas as causas crimes naufragarem, e os réos serem logo restituídos á liberdade.

Em conclusão: 1.º O sr. promotor do 1.º conselho de guerra não podia por forma alguma ser estorvado de rebater os argumentos de que o sr. dr. Martins de Carvalho na qualidade de advogado do reservista Olympio Zorro Raposo se serviu para deduzir a excepção de incompetencia do conselho para o julgamento. 2.º O conselho de guerra era o unico tribunal competente para tal julgamento, e julgando-se incompetente, errou manifestamente sem pensar nas consequencias desastrosas para a disciplina e nos contrasensos que d'ahi adiviriam, se o Supremo Conselho lhe não applicasse o devido coefficiente de correcção invalidando tão cerebrina decisão. Ainda bem.

11-2-905.

MARINHO DE BARROS.
Coronel

Infanteria montada

(Continuado do n.º 2 de 1905)

Antes de 1899, isto é, antes da campanha transvaliana não havia em Inglaterra corpos de infantaria montada organisados em tempo de paz.

Depois das primeiras tentativas do major Lbutton crearam-se centros de instrucção em Aldershot, Sharncliff e Curragh. Como, porém, n'essas diversas escolas se ministrava uma instrucção que nem sempre era muito harmonica, o governo inglez achou preferivel acabar com os dois ultimos centros e crear uma escola unica em Aldershot, onde se collocou o pessoal e todos os elementos que eram necessarios para ministrar a instrucção que então se tinha em vista.

Para isso a escola de Aldershot foi augmentada com o pessoal permanente de 1 official e 4 sargentos

e com 120 cavallos, *cohs*. Com este pessoal e estes cavallos podia-se ministrar instrucção a uma companhia completa.

Em determinadas epochas do anno organisava-se essa companhia com secções de atiradores de determinados batalhões, cujo pessoal era constituido por 1 subalerno, 2 sargentos e 30 soldados. A nomeação d'este pessoal não era por escala nem arbitraria. Era antes feita por uma escolha entre os bons atiradores, desembaraçados e mais energicos.

A nomeação dos batalhões que deviam destacar esse pessoal para Aldershot tambem não era arbitraria, mas feita de forma a seguir por todos de maneira a todos elles poderem contar com um certo numero de homens que podessem desempenhar os serviços peculiares á infantaria montada.

A duração dos cursos de instrucção era de 6 semanas, o que permittia á escola de Aldershot, com o seu effectivo de 120 cavallos, receber todos os annos 8 series de 4 secções, ou sejam 8 companhias completas, cujo pessoal era recrutado em 32 batalhões.

Em tempo de guerra podia pois a Inglaterra mobilisar 8 companhias de infantaria montada, grupada por 2 ou 4 batalhões. E realmente não se podia mobilisar um maior numero de unidades porque quasi todos os annos era mandado para Aldershot o mesmo pessoal, com excepção do que tinha completado o tempo de serviço.

Em caso de mobilisação as companhias e mesmo os batalhões eram organisados em Aldershot. Para isso logo que fosse dada a ordem de mobilisação, os comandantes dos batalhões organisavam as secções montadas que immediatamente faziam marchar para aquella escola, tendo o cuidado de ter mandado inspecionar todos os soldados com rigor. No caso de falta de pessoal eram chamados os reservistas.

Tanto para a instrucção como em caso de mobilisação os soldados seguiam sempre para Aldershot uniformizados, armados e equipados de infantaria. Os artigos necessarios para a missão que iam desempenhar,

como arreios, esporas, artigos de acampamento, metralhadoras etc., etc. eram alli distribuidos, onde estavam convenientemente guardados em depositos.

Indicada a maneira como até 1899 era organizada e mobilisada a infantaria montada no Reino Unido, passamos a indicar os effectivos de guerra e a forma como se instrua, armava e equipava.

O effectivo de guerra da companhia a quatro secções era de 5 officiaes, 6 sargentos, 130 cabos e soldados, 130 cavallos de sella, 12 cavallos de tracção, 3 viaturas a quatro cavallos. O do batalhão, a 2 companhias e uma secção de metralhadoras, era de 12 officiaes, 15 sargentos, 279 cabos e soldados, 270 cavallos de sella, 40 de tracção, 2 metralhadoras a 2 cavallos e 9 viaturas a 4 cavallos.

Indicamos para melhor comprehensão, com os quadros seguintes, o effectivo da companhia e do batalhão:

Effectivo da companhia

Pessoal montado	Pessoal	Cavallos	
		De sella	De tra. ^o
Major ou capitão commandante da companhia	1	2	
Officiaes subalternos	4	8	
1. ^o sargento	1	1	
Sargento ferrador	1	1	
Sargentos	4	4	
Ferradores	4	4	
Corneteiros	2	2	
Cabos	6	6	
Soldados	97	97	
Conductores de viaturas	6		12
Conductores dos cavallos dos officiaes	5	5	
<i>Pessoal apeado</i>			
Impedidos dos officiaes	5		
Selleiro	1		
Cosinheiros	2		
Conductores	2		
Total	141	130	12

As viaturas eram 1 carro de munições de infantaria, 1 carro de bagagens e 1 um carro de viveres, todos a 4 cavallos.

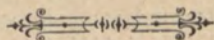
Effectivo do batalhão

Estado maior	Pes-soal	Cavallos	
		De sella	De tra.º
Major, commandante do batalhão.....	1	2	
Sargentos.....	2	2	
Conductores de viaturas.....	2		4
Conductores de cavallos á mão.....	2		
<i>Secção de metralhadoras</i>			
Official subalterno.....	1	2	
Sargento.....	1		
Cabos.....	1		
Soldados.....	6	4	
Conductores de viaturas.....	6		12
Conductores de cavallos á mão.....	2		
<i>Companhias</i>			
1.ª companhia.....	141	130	12
2.ª companhia.....	141	130	12
Total.....	306	270	40

As viaturas são: 1 forja a 4 cavallos, 2 metralhadoras a 2 cavallos com 2 carros de munições de infantaria a 4 cavallos e mais as indicadas já para cada uma das companhias.

(Continúa).

Um Infante.





Escola Pratica de Infantaria ⁽¹⁾

(Conclusão)

Segundo a opinião do general Rhone uma bateria será reduzida ao silencio quando metade do seu pessoal fôr posto fóra do combate. Calculemos pois em quanto tempo os 100 atiradores reduziriam a bateria ao silencio. Para pôrem 19 homens, metade do pessoal, fóra do combate necessitavam empregar 2646 tiros, gastando 4' e 24''.

Aquelle general por logicas deduições, considerando 50 homens o pessoal de uma bateria — em officiaes, sargentos e soldados, dá-nos o seguinte quadro do tempo que é necessario para a reduzir ao silencio.

A 800 metros aproximadamente	2 minutos
A 1200 " "	7 "
A 1500 " "	18' e 45''
A 1800 " "	40'

E' preciso não esquecer que no tiro com a polvora sem fumo os atiradores inimigos terão todas as possibilidades de se poderem approximar d'uma bateria, de procurar abrigos por detraz das sinuosidades do terreno sem serem trahidos pelo fumo da polvora, e facilmente pôr fóra do combate os serventes das peças e o gado.

Experiencias contra a cavallaria

Contra a cavallaria, na 9.^a experiencia, 99 atiradores em ordem unida, fizeram fogo ás distancias de 700 e 450 metros, contra 48 alvos, representando a fileira da frente de 4 pelotões de cavallaria e figurando a carga de um esquadrão.

(1) Conferencia pelo major José C. Ferreira Gil.

Empregando o fogo de repetição, os resultados colhidos, foram:

A 450 metros—alça 400 metros—alvos atingidos 18 homens e 25 cavallos—duração do fogo 40¹¹.

A 700 metros—alça 500 metros—alvos atingidos 16 homens e 20 cavallos—duração do fogo 40¹¹.

Foram nas duas series atingidos mais cavallos do que homens, o que é obvio. A's circumstancias anormaes e á precipitação em que as duas series se executaram, o que deve ainda estar na lembrança de todos, foram devidos tão exiguos resultados.

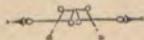
Não entrarei, por isso, em consideração com o calculo do tempo e da velocidade da marcha dos alvos, por não offerecerem os dados a sufficiente confiança. E' convicção de nós todos, attestada pelos factos, que a infantaria nada tem a recear do ataque da cavallaria contanto que conserve a serenidade para executar o fogo de repetição ou por descargas, ou ainda mesmo o fogo vivo e se ache em circumstancias de não poder ser envolvida por ella.

Seja qual fôr a formação do ataque da cavallaria, ficará esta desorganizada e impotente para poder levar a carga a fundo, desde que a infantaria, mesmo inferior em numero, execute durante 1 minuto um fogo rapido e certo.

Da ligeira critica que ahi deixo esbuçada deduz-se, o que é intuitivo, a utilidade do ensino, a necessidade de cultivar a instrução do tiro. Soldados experimentados na pratica do fogo, officiaes educados na sua intelligente regulação, eis as verdadeiras e unicas condições da sua efficacia, as quaes reclamam por ventura a sufficiente preparação por aturados trabalhos nas carreiras.

Seria conveniente que os mappas demonstrativos dos effeitos dos fogos que tão imperfeitamente expuz tivessem a maior publicidade nos corpos da nossa arma, por constituirem elementos verdadeiros e seguros, colhidos na pratica, para estudo dos officiaes que não poderam concorrer á escola, por proporcionarem, principalmente aos que nos regimentos teem por dever dirigir a instrução dos officiaes, dados e indicações seguras e positivas sobre os effeitos dos fogos em relação a varias formações e ao terreno, o que os auxiliará no estudo e critica das varias questões tacticas; e finalmente, por constituirem a prova provada de que n'esta escola se trabalha e muito, com racional e util orientação, no aperfeiçoamento da instrução dos officiaes.

Terminando permittam-me que lhes agradeça penhorados a benevola attenção que me prestaram.





O capitão de infantaria Pereira Batalha ¹

(Continuação da pag. n.º 29)

III

E devido em grande parte á sua persistente e solida collaboração, o Instituto poude inaugurar essa ordem de estudos que, se não attingiu ainda a estatura a que tem indiscutivel jus, foi porque o ministro da marinha, n'essa epoca, não correspondeu á espectativa de quem deseja vêr aproveitadas iniciativas verdadeiramente patrioticas...

Entretanto, eu estabelecera energica cruzada a favor do primeiro subsidio. Triumphando a ideia no parlamento, depois de enormes cancelas, veio a ser estrangulada no Conselho Superior de Instrucção Publica, n'umas circumstancias que pouco nobilitam o auctor do attentado. Era indispensavel reagir, protestar, mas com serenidade e altivez. Incumbi Pereira Batalha de lavrar o documento que, em nome do Instituto, seria apresentado ao Governo. O documento sahiu-lhe das mãos, doutrinario e calmo, e, com um curto additamento, destinado a dar-lhe mais vida e a tocar mais intensamente a epiderme do feroz carrasco, foi entregue ao nobre estadista que então geria a pasta dos negocios do reino. A granada explodiu e os estilhaços feriram profundamente o inimigo; mas a pretensão só resuscitou quando a apresentei, hirta e fria, no

¹ Discurso proferido em sessão solemne do Real Instituto de Lisboa, pelo sr. Antonio Cabreira, cavalleiro da Legião de Honra.

Paço das Necessidades. Entretanto, para caminhar e seguir o seu destino, tinha de se paramentar nas secretarias; e, sem que eu o soubesse, os atavios burocraticos ameaçaram suffocal-a novamente, n'uma impertinencia irritante.

Suppondo tudo quasi resolvido, parti para Hespanha, aproveitando as ferias grandes, e deixei a substituir-me um secretariado de que Pereira Batalha era a verdadeira alma. Ao regressar, passado um mez, encontrei-o pessimista ácerca do estado da questão. Mas as nuvens que pareciam assombrar aquelle rosto aberto e sympathico, transformaram-se, por encanto, em jorros de luz quando, horas depois, me deu a feliz nova, na festiva assembleia, que o seu affectuoso coração de amigo preparara para me receber solemnemente. Que delicadezas tinha aquelle espirito! Que emotividades lhe povoavam a nobreza de character!

IV

Foi Pereira Batalha quem sustentou que o grande Mousinho d'Albuquerque fosse recolhido n'um dos esplendurosos monumentos destinados a perpetuar, em rendilhados de pedra, as maiores epopeias nacionaes. Chegou mesmo a alvitrar que aquelle heroe fosse trasladado para junto dos nobilissimos principes de Aviz, a cuja estirpe moralmente pertencia, concordando depois em que o glorioso morto ficasse nos Jeronymos.

E' notavel pelo patriotismo, pela riqueza dos conceitos e pelo brilho da forma a petição que o illustrado official leu em sessão solemne do Instituto, realisada em 1902, para depois ser entregue ao Governo com o fim proposto.

Não era porem essa a primeira peça oratoria de Pereira Batalha, que o Instituto applaudia. Já na sessão de abertura de 1899-1900, o fecundo escriptor encantou o auditorio com uma oração de *Sapientia*, intitulada «Fé, Patria e Sciencia.» E' esse trabalho uma bella revelação de conhecimentos scientificos e historicos, superiormente concatenados, e de pujantes aptidões litterarias, que con-

quistou os mais entusiasticos encomios de todos que o puderam saborear, avolumando-se ainda mais a grande corrente de admiração que havia pelo talento de Pereira Batalha.

Ainda em 1902, o grande amigo d'esta casa collaborou efficazmente na organização do curso de musica, que n'esse tempo chegou a dispôr de uma das melhores orquestras e do primeiro orpheon de Lisboa, e do curso de educação militar, de que foi entusiastico propugnador, pois comprehendia nitidamente as importantissimas vantagens que d'elle adviriam para a defeza nacional.

Quando um dia me deu a desagradavel noticia de que ia partir para a Africa, senti um sincero rebate de dôr, porquanto ia perder, embora por dois annos, um dos meus mais queridos e prestantes companheiros. A sua falta havia de fazer-se sentir duramente porque o dignissimo official possuia aptidões que raramente se encontram reunidas n'um só homem.

A sua dedicação ao Instituto era tão grande que, ainda na vespera da viagem, á noite, esteve inspeccionando com o maximo detalhe diversos livros de contas, desejoso de concluir um relatorio administrativo que eu lhe pedira, em tempos, quando podia transmittir a incumbencia a outro afim de gosar, junto da familia, as ultimas horas de conforto e de paz!

Ao embarque accudiram muitos socios, professores e alumnos do Instituto, alem de tantas outras pessoas que assim lhe queriam testemunhar significativo affecto, sem poderem suppôr que aquella despedida era a derradeira!...

Lá estava elle á frente dos seus soldados, na indifference que a disciplina impõe... Só quando dezenas de peitos disputaram a amarga satisfação de se apertarem contra aquelle peito leal; só quando tantos braços se enlaçaram aos seus, onde brilhava já o posto de accesso, que depois se cobriu de gloria, é que Pereira Batalha se perturbou um pouco... Mas a ideia de que ia servir a Patria com o sangue, como já a servira com o talento, reanimou-o, e lá foi... para sempre, n'essa tarde, para nós memoravel, de 29 de junho de 1902!...

V

Pereira Batalha ficou separado do Instituto por muitos centos de leguas, mas o seu espirito permaneceu em intimo contacto com os nossos pela mais sincera e entusiastica communhão de sentimentos e de ideias. E, como pretendesse concretisar a dedicação que continuava a votar a esta collectividade, lançou, em Loanda, as bases de uma succursal, certamente destinada a ser das mais valiosas que se teem emprehendido.

Todos os mezes eu lhe relatava os factos occorridos desde a ultima carta. Todos os mezes, tambem, eu recebia a resposta circumstanciada e critica a esses factos. A sua palavra fluente e confortavel, persuasiva e sincera, era a luz que se espargia pelo fructo das nossas conquistas, era o balsamo que dulcificava quaesquer revezes. Se alcançavamos nova colheita de louros; se os bandidos que nos odeiam perpetravam mais um acto de criminosa audacia ou de revoltante cobardia, aquelle cerebro, tão fulgido, aquelle coração, tão amoravel, jorravam no papel a saudação commovente ou o castigo fulminante. De benção ou de anathema, de louvor ou de censura, a missiva era sempre grande pela justiça, bella pelo sentimento, logica pela verdade.

N'um momento em que, pelas minhas zurzaduras, a canalha uivou mais alto, nas praças e na imprensa, e, semanas depois, realisei a conferencia «Espirito e materia», Pereira Batalha temeu que a oportunidade da these reflectisse a consciencia do insuccesso da porfiada lucta, em que apenas visâmos a civilisação do paiz. E por isso terminou assim a sua opinião ácerca d'esse trabalho: «...porque, ao saborear essa harmonia de phrases, de logica e de metaphysica com que proclamas a independencia do Espirito e te abraças aos seus attributos de Razão, Justiça, Liberdade, Verdade e Amor, eu apercebi a imagem de um general vencido, que, rendendo campo ao inimigo, retira amparado á sua querida bandeira...»

Tão pessimista visão não correspondeu, porém, á realidade dos factos porque eu continuei a combater, sem treguas, os miseraveis e selvaticos seres que ousam atra-

vessar-se no caminho da missão redemptora do Instituto com as zagaiaes envenenadas pela baba dos mais vis sentimentos humanos! Assim o comprehendeu felizmente depois o devotado paladino da nossa causa quando, a proposito dos triumphos que pessoalmente alcancei e dos sempre notaveis resultados lectivos, no final do anno, triumphos e resultados de que dei conta no documento que li na sessão de abertura de 1903-1904, me escrevia, jubiloso e recobrando novos alentos: «Felicito-te pelo relatorio e seu brilhante effeito; mais te felicito pelos progressos do Instituto que tão bem e a todo o transe defendes.»

VI

Pereira Batalha nasceu em Extremoz, a 24 de Setembro de 1869, recebendo no baptismo o nome de Alfredo. Assentou praça em 1887. Tirou o curso de infantaria, sendo promovido a alferes em 1890, a tenente em 1896 e a capitão em 1902. Esteve em caçadores 1 e 2 e em infantaria 1, 2, 7 e 10.

Diplomou-se pelo Curso Superior de Lettras, habilitação que raros officiaes da sua arma teem possuido.

Foi regente de estudos no Real Collegio Militar e adjunto da 1.^a repartição do Ministerio da Guerra, servindo ainda no quartel general da 1.^a divisão e na direcção dos telegraphos militares.

Recebeu sempre honrosos elogios pela fôrma porque se houve nos regimentos e nas commissões.

Passando ao exercito ultramarino, exerceu, tambem distinctamente, o commando da companhia europeia de infantaria de Angola. Tomou parte importantissima na guerra do Bailundo, praticando rasgos de verdadeiro heroismo nos combates de Soque, Caiobe, Galanga e Queve. Como premio dos seus brilhantes feitos, foi louvado no Boletim da Provincia e condecorado com a medalha de prata de valor militar, sendo-lhe a farda ainda esmaltada pelo habito de Aviz e pela medalha de prata da Rainha D. Amelia.

(Continúa).



Secção do estrangeiro

Allemanha. — Uma ordem imperial acaba de determinar importantes simplificações nos regulamentos de manobra e de tiro da infantaria allemã.

O imperador confia que as modificações que ordenou não alterarão a ordem e a correcção nas manobras, bem como o rendimento nos exercicios de tiro não soffrerá nenhuma depreciação.

Procura-se na Allemanha dar á instrucção da infantaria uma feição nitidamente pratica, não se perdendo tempo com cousas inúteis, mormente agora que o tempo de serviço nas fileiras é reduzido.

Assim, determinou o imperador que no regulamento de manobras se façam as seguintes modificações:

- a) Acabar-se com alinhamentos na retaguarda;
- b) Supprimir-se a mudança de frente e de direcção na passagem da marcha para a execução do fogo;
- c) Banir-se as formaturas em quadrado;
- d) Supprimir-se a columna dobrada e simplificar-se as evoluções de batalhão;
- e) Augmento de distancias das companhias na columna profunda.

Quanto ao regulamento de tiro que soffra as seguintes alterações:

- a) Limitar ao alcance de 400 metros o tiro de escola.
- b) Limitar o direito que os superiores tinham de poderem, quando presentes á instrucção de tiro, juntar exercicios particulares ao tiro de escola;
- c) Diminuir os exercicios de tiro individual de combate augmentando o tiro de grupo;
- d) Finalmente, modificar a execução dos tiros de prova em terreno variado na presença dos commandantes de regimento ou de generaes.

*

O general Rohne, tratando da artilheria de montanha, que ainda ha pouco tempo era completamente desconhecida na Alle-

manha, constata que as duas baterias de artilheria de montanha que, em 1900, acompanharam o corpo expedicionario á China, se comportaram bem.

As tropas do sudoeste africano allemão teem já uma bateria de artilheria de montanha e recentemente foi enviada outra bateria para a parte meridional da colonia, aonde o terreno offerece um aspecto particularmente montanhoso.

O general Rohne diz que esta *nova arma* merece um certo interesse.

Nova para a Allemanha, velha para nós, que ha muito a temos nas unidades activas do nosso exercito, e que tantos serviços nos teem prestado nas campanhas colonias.

Noruega. — O orçamento do ministerio da guerra para o anno economico corrente, isto é, de 1904-1905 é de 11.675.000 coroas, ou sejam perto de 3.250 contos de réis do nosso dinheiro, visto cada coroa corresponder a 280 réis, pouco mais ou menos.

Deve porém notar-se que o exercito da Noruega compõe-se apenas de 20 batalhões de infantaria, 2 companhias de cyclistas, 12 companhias de tropas locais, para guarnição da parte mais septentrional do paiz, 9 baterias de campanha, 2 de montanha, 8 esquadrões de cavallaria, 5 companhias de engenharia e 3 companhias do trem.

E ainda ha quem diga que o nosso exercito está caro !

Pois façam a comparação.

Perdas dos Russos e dos Japonezes em Porto Arthur

O general Stoessol tinha na praça, quando se apertou o cêreo, 35.000 homens, assim distribuidos : 470 officiaes e 28.265 soldados de infantaria, 101 officiaes e 5.216 soldados de artilheria. Quando a praça se rendeu ficaram prisioneiros dos japonezes 351 officiaes e 10.985 soldados de infantaria, 94 officiaes e 3.684 soldados de artilheria.

Resulta d'aqui que os officiaes de infantaria tiveram uma perda de 24,9 %, os de artilheria 4,65 %, as praças de infantaria 60,3 % e as de artilheria 28,9 %.

D'estes numeros, que são officiaes, conclue-se a importancia do papel que a infantaria desempenhou na defesa de Porto Arthur, sendo a percentagem da sua mortandade muito superior á da artilheria.

*

Da parte dos japonezes já não podemos apresentar numeros officiaes, porque taes numeros nunca appareceram.

O que é certo é que não se andará longe da verdade calculando entre mortos, feridos e doentes 60 a 70.000 homens postos fora do combate, o que corresponde a 100 % do effectivo do general Nogi.

E' pelo menos este o calculo que o jornal allemão *Militoer*

Wochenblatt faz a este respeito, devendo accentuarmos a circumstancia de ser este o jornal da Europa mais bem informado nas cousas da guerra russo-japoneza.

O mesmo jornal diz que se por um lado devemos admirar a resistencia tenaz da defeza, por outro devemos tambem prestar o culto da nossa homenagem de admiração á disciplina e inabalavel bravura das tropas japonezas, e á energia de seus chefes, que não recearam exigir sempre, sem tregua, novos sacrificios aos seus bravos regimentos.

Inglaterra. — Foi posto em pratica na Grã-Bretanha uma nova divisão militar do paiz.

O Reino Unido será dividido em 8 commandos independentes, que poderemos chamar commandos de corpos do exercito, incluindo o commando em chefe da cidade de Londres, que constituirá uma circumscripção militar.

Os restantes 7 commandos serão distribuidos pelas regiões seguintes :

- 1.º — Commando de Aldershot (quartel general em Aldershot).
- 2.º — Commando do Sul (quartel general em Tidiworth).
- 3.º — Commando de Leste (quartel general em Londres),
- 4.º — Commando Irlandez (quartel general em Dublin).
- 5.º — Commando Escossez (quartel general em Edimbourg).
- 6.º — Commando do Norte (quartel general em York).
- 7.º — Commando de Galles e do Centro (quartel general em

Chester).

Em cada circumscripção um official general assumirá o commando em chefe, velando pela disciplina, manutenção das tropas, e pela instrução dos officiaes e execução dos planos de manobras e operações de campanha.

Os commandos da defesa das costas de Plymouth e Portsmouth, ficarão a cargo de majores generaes, e das restantes costas de coroneis.

A partir de 15 de agosto do corrente anno todos estes commandos deverão remetter para o Ministerio da Guerra (War Office) relatorios circumstanciados das vantagens ou desvantagens encontradas n'esta nova distribuição das circumscripções militares.

Japão. — Informações que reputamos fidedignas constataam uma larga applicação de metralhadoras feita pelos japonezes no cerco de Porto Arthur.

Cada companhia de infantaria em 1.ª linha dispunha de duas metralhadoras que prestaram os mais assignalados serviços aos assaltantes, em diferentes circumstancias, mormente para repellar retornos offensivos.





8.º ANNO

ABRIL DE 1905

N.º 4

REVISTA DE INFANTERIA

Armamento de infantaria

Conservámos-nos sempre n'uma reserva conveniente, nunca alludindo sequer a este assumpto, em quanto os trabalhos da commissão de infantaria encarregada de estudar e propor o melhor modelo de espingarda para o nosso exercito constituiam segredo do Ministerio da Guerra.

Só o sr. Ministro da Guerra podia ser juiz da oportunidade ou não oportunidade de trazer para publico todos os documentos referentes a esta muito importante questão.

Respeitámos, como nos cumpria, essa prerogativa do sr. Ministro, e ainda hoje conservariamos o mesmo silencio se o relatorio da commissão não tivesse sido já publicado.

E este silencio era bem contra nossa vontade porque ha, infelizmente, no nosso meio indigena uma pecha bem censuravel e bem digna de ser estigmatizada por toda a consciencia honesta, e que vem a ser a maledicencia, com todo o seu cortejo de consequencias calumniosas, procurando denegrir reputações, ferir a dignidade profissional e até a honra de caracteres impollutos e immaculados.

E' triste esta miseravel condição da natureza humana, mas é uma realidade.

Pela nossa parte, desprezando absolutamente as vozes calumniosas que em surdina e insidiosamente procuram macular a pureza das intenções da commissão de infantaria, a consciencia do seu trabalho digno de respeito e de applauso, vamos hoje dizer de nossa justiça.

Começaremos pelos materiaes escolhidos para o fabrico da nova espingarda destinada ao nosso exercito.

Apresentaram-se á commissão, em Berlim, tres qualidades de aço para canos, que designaremos por *A* (Böhler), *B* (Bismarckhüte) e *C* (Krup-Marcotty).

Estes aços foram submettidos a differentes provas physicas em duas machinas differentes, e á analyse chimica respectiva.

O resultado d'estas experiencias foi o seguinte :

	Physicas medias			Chimicas							
	Carga de ruptura por mm ²	Limite de tenacidade por mm ²	Alongamento %	C	M n	S i	W	C u	N i	S	P h
A	84,8	68,6	15,9	0,49	0,28	0,31	1,44	0,02	0,03	0,03	0,02
B	92,3	59,0	15,4	0,72	0,63	0,40	-	0,04	0,05	0,02	0,02
C	96,9	79,1	13,8	0,55	0,45	0,67	-	0,06	0,07	0,06	0,03

Posteriormente foram estes materiaes submettidos a longas e conscienciosas provas, das quaes se tirou a seguinte conclusão:— todos os aços eram bons, sendo porem *A* mais resistente ao gastamento, *B* o segundo na escala descendente e *C* o terceiro.

Fizeram-se depois novas experiencias entre *A* e *C* mas em condições differentes das primeiras, que confirmaram a menor resistencia ao gastamento do aço *C*, mantendo-se ambos em eguaes condições de justeza de tiro.

Sendo eguaes as condições de justeza de tiro até aos 10:000 tiros, numero que espingarda alguma fará em condições normaes de serviço, vê-se quão pequena era a differença no gastamento que nada influa na justeza.

No fim de 10:000 tiros reconheceu-se que o cano *C* tinha 49^{mm} a mais de gastamento longitudinal do que o cano *A*, mas de um centimillimetro de profundidade. Ou mais claramente, um calibre de 6^{mm},51 percorria 480^{mm} na alma do cano *C* e 431 na do cano *A*.

Nas experiencias de resistencia viu-se como todos os canos rebentaram nas pontas, não se conseguindo fazer rebentar o cano *C* no terço posterior, apesar de se lhe ter introduzido 4 balas além da do cartucho.

Repetida a experiencia com o mesmo numero de balas, mas com o cartucho completamente cheio de polvora, conseguiu-se inutilisar a coronha e caixa da culatra mas não rebentar o cano.

Em face das experiencias a commissão approvou o aço Böhler pela sua maior resistencia ao gastamento.

Pelas razões que se podem vêr nos documentos 1, 2, 3 e 4 juntos ao relatorio, a fabrica de canos *A* não acceitou as condições que a commissão por unanimidade exigiu, e que eram 85 k, limite minimo de ruptura, 62 k de tenacidade, e 12 % de alongamento, além das qualidades chimicas representadas em media no quadro já referido.

A fabrica alludida acceitava os 85 k para limite minimo de ruptura e os 12 % de alongamento, mas não acceitava os 62 k de limite minimo de tenacidade, mantendo sómente 60 k, e como quantidades chimicas máximas as seguintes:

C	Mn	Si	Cu	S	Ph	W
0,70	0,65	0,45	0,11	0,035	0,042	2,1

allegando que eram estas as condições porque fornecia os aços para o exercito allemão.

N'esta occasião a fabrica de armas apresentava a proposta do aço C nas seguintes condições: 87 k para limite minimo de ruptura, 62 k de tenacidade, 12 % de alongamento e como quantidades chimicas maximas:

C	Mn	Si	Cu	S	Ph	Ni
0,50	0,67	0,45	0,06	0,06	0,03	0,07

Em face d'estes factos, a commissão optando pelo aço C outra cousa não fez senão defender, como lhe cumpria, mas com muito zelo e muita competencia, os interesses valiosissimos que o paiz lhe confiou na escolha do material para o fabrico do nosso armamento.

Todavia, para melhor esclarecer este assumpto, fazamos ainda uma simples deducção:

Prescripções para o material do cano das espingardas allemãs

	Physicas minimas			Chimicas							
	Carga de ruptura por mm ²	Limite de tenacidade por mm ²	Alongamento %	C	M n	Si	C u	S	P h	W	Ni
A	85	60	12	0,70	0,65	0,45	0,11	0,035	0,042	2,1	
B	87	60	12	0,73	0,65	0,43	0,011	0,033	0,028		
C	87	60	12	0,73	0,65	0,43	0,06	0,033	0,028		

O exercito allemão fornece-se de todos estes materiaes igualmente, isto é, na proporção de $\frac{1}{3}$ por cada aço.

E' pois facil de concluir que reputa eguaes ou muito proxivamente eguaes os aços A, B e C.

Ora, se o aço C proposto dá quantidades physicas superiores ao C allemão, e a analyse chimica mostra que é superior ao aço hespanhol (o qual é por sua vez superior ao allemão) deduz-se immediatamente que o aço C proposto é melhor do que o aço C allemão e por conseguinte do que o B e o A. Logo, a commissão não devia fazer outra cousa que não fosse o que fez.

* * *

Comparemos agora o aço A que se experimentára com o que depois se propunha em seu lugar:

A proposto	A experi- mentado	Materiaes	Qualidades physicas			Qualidades chimicas							Observações		
			Ruptura por mm ²	Tenacidade por mm ²	Alongamen- to %	C	Mn	Si	Cu	S	Ph	W		Ni	
85			84,8			0,49									
60			68,6			0,28									
12,0			15,9			0,31									
0,70						0,02									
0,65						0,03									
0,45						0,02									
0,11						0,03									
0,035						0,02									
0,042						0,02									
2,1						1,44									
-						0,03									
Minimas physicas e maximas chimicas						Medias									

Immediatamente se reconhece que acceitava uma resistencia á ruptura superior á encontrada, diminuindo porém a tenacidade consideravelmente.

Pelo confronto das analyses se vê que facilmente se consegue aquelle resultado.

O accrescimo de manganez é de 0,37!

Sabe-se que a 0,001 de manganez corresponde um augmento de cerca de 2^{kg.} 4 de resistencia á ruptura

por mm^2 , contanto que a dosagem do manganéz não seja muito elevada. Porisso facil é por esta fórmula já, garantir aquelle numero com o augmento de manganéz.

A media de tenacidade encontrada foi de $68\text{kg} \cdot 6$ por mm^2 e a que se propunha era descida de $8\text{kg} \cdot 6$. Sabe-se que a difficuldade principal no fabrico de aços para este effeito é a obtenção de uma elevada tenacidade *sem que se augmente perigosamente* a fragilidade. A obtenção de um aço muito tenaz mas ao mesmo tempo muito fragil, isto é, com limites de tenacidade e ruptura muito proximos e com alongamento insignificante ou quasi nullo, é facillima com doseamentos superiores de alguns dos componentes da liga.

E a commissão exigia apenas $62\text{kg} \cdot 0$ por mm^2 para limite minimo de tenacidade, o que estava bem dentro da media encontrada; e tal numero não foi acceite, propondo a fabrica apenas $60\text{kg} \cdot 0$ porque o augmento na dosagem de alguns elementos abaixava a tenacidade. E assim o entende a propria fabrica que no documento n.º 4 adjunto ao relatorio diz: «Les valeurs phisiques surtout la *ténacité* de $62\text{kg} \cdot 0$ comme limite minimale nous imposent de telles *difficultés techniques*... etc.

Vejamós porém pelas differenças das analyses em que se tornaria o aço proposto em confronto com o experimentado.

Ao proposto falta por completo o nickel; tem porém a mais do que o experimentado:

C	Mn	Si	Cu	S	Ph	W
0,21	0,37	0,14	0,09	0,005	0,022	0,67

Recordemos resumidamente a acção dos diversos elementos sobre as propriedades dos aços, devendo attender-se que os aços para canos devem ser tenazes, resistentes e tão pouco frageis quanto possivel.

A' medida que o carbone augmenta, a *tenacidade* diminue rapidamente, desapparecendo completamente quando o aço contem 1 %.

A *dureza* cresce com a proporção de carbone, o qual augmenta a resistencia á tracção, diminue a ma-

leabilidade, *accresce a fragilidade*. Esta segue uma marcha ascendente á medida que a proporção do carbone de tempera se torne mais consideravel, não acontecendo o mesmo á resistencia á tracção que attinge breve o seu maximo abaixando-se rapidamente em seguida.

Reiser, director da fabrica de aços de Böhler, grifa no seu livro *Trempe de l'acier*: «à mesure que la teneur en carbone diminue, la mauvaise influence des substances nuisibles se fait moins sentir, et la bonne influence des éléments utiles est plus efficace.

E, como se vê, o augmento em carbone era de 0,21, o sufficiente para, mesmo na classificação, deixar de ser *meio duro* para se chamar *duro*; e os elementos prejudiciaes sobem tambem.

O manganéz cuja influencia já notámos, exerce ao mesmo tempo uma acção compensadora dos inconvenientes do silicio e tambem do enxofre desde que não seja em excesso, e ao mesmo tempo que augmenta a resistencia como já dissemos, diminue a tenacidade.

Os aços que contém manganéz e enxofre em proporções diversas comportam-se muito differentemente, tornando-se menos maleaveis a quente á proporção que o primeiro diminue augmentando o segundo, chegando a cahir em pedaços ao martelál-os a quente.

O silicio ao mesmo tempo que com a sua presença dá compacidade ás barras, augmentando a resistencia cêrca de 10 vezes mais fracamente do que o carbone, chega porém a tornar o metal muito fragil, pois a 4,3 % o limite de tenacidade é muito proximo do de resistencia á ruptura.

O cobre augmentado de 0,09, augmenta a tenacidade; mas tem inconvenientes analogos aos do enxofre, sobretudo na maleabilidade a frio. Dizem ainda os metallurgistas que com o cobre a fragilidade augmenta ao mesmo tempo que a resistencia diminue, e que se deve temer da presença do cobre no aço que deve resistir a choques.

O enxofre era augmentado de 0,005; e a sua acção sobre os aços é pessima sob o ponto de vista da maleabilidade, a quente sobretudo.

O phosphoro é augmentado de 0,022 o. que, para mostrar quanto é excessivo especialmente com um aço tão carburado, basta transcrever d'um bem conhecido metallurgista, o seguinte:

«Dizem ainda que o ferro phosphoroso é tanto mais fragil a frio quanto mais carbone combinado e sobretudo de tempera contem; e como no ferro e no aço a quantidade de carbone de tempera varia no mesmo sentido que a do carbone total, o phosphoro altera tanto mais a qualidade do metal quanto elle é mais carburado.

Os productos maleaveis devem pois conter menos phosphoro se elles são carburados; *uma decima millesima* de phosphoro exerce uma influencia sensivel sobre o *aço muito carburado* emquanto que *duas millesimas* (isto é, 20 vezes mais) produzindo um effeito indubitavel sobre as propriedades d'um ferro pouco carburado não o impedem entretanto de ser utilisavel para os usos communs.»

E o augmento é de 0,022!

O phosphoro torna o ferro fragil *a frio* sendo a sua influencia tanto mais sensivel quanto o metal é mais carburado, torna-se a sua acção mais sentida no aço, e tanto mais, quanto mais carbone contiver; e por consequencia para que o aço possa conservar algum valor elle deve conter tanto menos phosphoro quanto mais carburado fôr. No emtanto, no aço proposto o carbone subia de 0,21 e ao mesmo tempo o phosphoro de 0,022, tendo nós mostrado já a influencia que em aços carburados tem 0,001 de phosphoro.

Quando a proporção de phosphoro passe d'um certo numero vê-se diminuir a resistencia á flexão mesmo sob uma carga applicada progressivamente; e assim considera-se este metalloide como um dos inimigos mais a temer do ferro e aço, quando estes metaes devem supportar choques e cargas como nos rails, folhas de caldeiras, etc., muito principalmente canos de espingardas, peças de artilheria, etc.

Quanto ao tungstène sabe-se que com elle se preparam os aços a que se quer communicar uma grande dureza, e dureza superior á que se póde obter com o carbone sómente. Comtudo a influencia do tungstène sobre as propriedades do aço é tal que «empregado em

pequena dose augmenta a resistencia; em forte dose diminue-a; em todos os casos porém elle traz a fragilidade, e no aço proposto o augmento era de 0,67.

O nickel que entrava na liga com a proporção de 0,03, desaparece por completo no aço proposto.

Ora o nickel augmenta a dureza; e a resistencia augmenta á medida que a sua proporção se eleva, tornando-se 3 vezes maior do que a do metal sem nickel, quando a dosagem attinge 16 0/0; ao mesmo tempo a fragilidade augmenta, *mas menos rapidamente* que quando o acrescimo de resistencia é provocado por uma forte quantidade de carbone.

Por esta razão o aço com nickel convem para as peças a que se exige uma grande tenacidade.

Por esta ligeira referencia á influencia dos componentes da liga sobre as suas propriedades se vê que o seu augmento em todos do proposto são prejudiciaes em maior ou menor gráu, sobretudo nas maiores dosagens de carbone, phosphoros e tungstène (como se menciona no relatorio já) que, augmentando a dureza ou a resistencia ao gastamento acarretaram em elevado gráu a fragilidade, defeito de primeira grandeza em aços destinados a canos de espingardas.

Com uns limites tão elevados como os propostos, recahir-se-hia certamente muitas vezes em um aço bastante fragil, como necessariamente o é com a constituição indicada na proposta.

E' preciso porem que do que se expõe se não deduza que o aço proposto é mau. Não; é um aço bom, mais duro ainda e consequentemente mais resistente ao gastamento, do que o experimentado; mas pelo augmento que soffre nos componentes, bem *mais fragil* do que este.

Pela inspecção da tabella que acompanha o relatorio onde se veem 12 analyses de aços A, só uma, a 7.^a, se approxima da analyse do que se havia experimentado, sendo todas as outras indicativas de aços mais frageis.

Isto mesmo viu a commissão com a ruptura que se provocou no cano com a composição do experimentado, e como se vê no relatorio: com uma bala a 0,08

da boca, o cano apenas se dilatou de $2^{\text{mm}},9$ junto a ella e com duas balas dilatou-se a $4^{\text{mm}},2$ fendendo n'um comprimento de $28^{\text{mm}},6$ por $3^{\text{mm}},2$ de largo.

Em outros canos, (dous) do mesmo aço e do fornecido ao exercito allemão, isto é, dentro da composição proposta, viu-se um cano com grande dilatação e fenda e outro dilatado tendo projectado um estilhaço elliptico; e como se sabe as pressões internas são bem inferiores com o calibre $7,9$ (allemão), que com o de $6,5$, (nosso), e estamos por isso bem seguros que se o exercito allemão fosse armado com calibre de $6,5$, exigiria outra composição que não a que actualmente exige para o seu calibre de $7,9$.

Estas diferentes formas da ruptura bem attestam a variabilidade do metal segundo a constituição chimica, que era comtudo dentro dos limites porque pôde ser fornecido ao exercito allemão e egual ao que se nos propunha; mais frageis porem do que o experimentado que, como se vê da tabella citada, só muito excepcionalmente pôde sahir do fabrico corrente, como ainda se demonstra pela recusa da fabrica de canos em fornecer material em taes condições.

O governo allemão fornece-se dos 3 aços para canos de espingarda nas condições que já indicamos, considerando-os, pois, eguaes ou muito proximamente eguaes, sendo a differença, se a ha, tão pequena, que não lhe merece importancia.

Para os canos das metralhadoras adopta porem *exclusivamente* o aço A, com tungstène, ignorando nós as condições phisicas e chimicas a que deve satisfazer, não nos repugnando porem que sejam as que garantam um aço *duro*, pondo em 1.^o logar a dureza e em 2.^o a fragilidade. Perguntar-se-ha agora: porque se attende nos canos de espingarda á dureza e tenacidade e muito especialmente a tornal-o o menos fragil possível, e na metralhadora não se attende tanto a esta ultima qualidade?

A razão é simples. A espingarda é destinada a dar alguns milhares de tiros, depois do que o seu cano fica incapaz; e quando esses milhares de tiros sejam

feitos, ou as espingardas estão antiquadas e serão substituídas por outro modelo, ou se o não estiverem, adaptam-se-lhe novos canos, como fazem os grandes e até pequenos paizes, como a Allemanha e o Chili, pois as outras partes da arma devem estar ainda em muito bom estado.

Attende-se bastante á fragilidade, pois sabe-se o effeito moral terrível que produz um rebentamento d'um cano seguido de desastres pessoaes, o que nas carreiras de tiro algumas vezes se tem observado. E se nas carreiras a impressão é grande, n'um combate não será menor. Assim a fragilidade é uma condição a que se deve attender ainda que com prejuizo da dureza.

Nas metralhadoras automaticas esta propriedade está para nós em ultimo logar, e por a seguinte razão: que o cano da metralhadora *nunca* pode rebentar!

A metralhadora destinada a dar centenaes de tiros por minuto, algumas vezes se vê na necessidade de, como já se viu tanto na guerra hispano-americana como agora na russo-japoneza, fazer muitos milhares de tiros com pequenissimos intervallos. Não só isto como a grande velocidade de tiro são factores enormes para o gastamento do cano. E assim não obstante a facilidade da substituição d'um cano deve attender-se especialmente á sua dureza *passiva*.

E' provavel que ainda estes canos sejam substituídos pelos de aço de molybdene, de titanio ou de vanadio, quando a sua industria se desenvolvá e encontre boa renumeração; entretanto o governo allemão vae empregando para os canos das metralhadoras exclusivamente o aço de tungstène que, como já disemos, é mais duro do que o que contem somente o carbone. E assim garantindo bastantes milhares de tiros, pouco attende á sua fragilidade, pois que o cano das metralhadoras não rebenta *nunca*!

Cremos não ser necessario alargarmo-nos mais para bem demonstrar que a commissão de infantaria tratou conscienciosamente o assumpto e resolveu como devia, pronunciando-se por um material que conhecia e não querendo aceitar outro que se lhe offerecia, que não

havia sido experimentado, mas que era, phisicamente e chimicamente inferior ao que adoptou, como ainda se vê pelo quadro seguinte:

Aços propostos

Materiaes	Qualidades physicas mininas			Analyse chimica (maximos)							
	Ruptura	Tenacidade	Alongamento	C	M n	S i	C u	S	P h	W	N i
A	85	60	12 ⁰ / ₀	0,70	0,65	0,45	0,11	0,035	0,042	2,4	
C	87	62	12	0,55	0,67	0,45	0,06	0,06	0,03		0,07

Diremos ainda que o aço A é de textura granulosa e que o C é de nervo devido em grande parte á forma differente do fabrico pois o 1.^o é martellado e temperado e o 2.^o laminado.

Pode haver e haverá quem tenha outra opinião, mas tal não nos admira pois que do aço A fornece-se n'um terço a Allemanha e forneceram-se a Austria, Suissa, Hollanda, Noruega, Roumania e Bulgaria. Com o C fornece-se n'um terço a Allemanha; vae fornecer-se Portugal e forneceram-se a Republica Argentina, Brazil, Chili, Dinamarca, Mexico, Suecia, Servia, Hespanha e Transwaal.

A Hespanha que já fabrica o seu armamento de infantaria comprou o privilegio para a fabricação do material Krupp-Marcotty e ainda com respeito a divergencias de opiniões veja-se que a Suecia tem Krupp-Marcotty e a Noruega tem Böhler e sabe-se que estes dois paizes são confederados!

Pela nossa parte não podemos deixar de applaudir a comissão pelo seu consciencioso trabalho e pela sua dedicação, procurando para o fabrico da nossa espingarda o melhor material que pôde encontrar.



SOLDOS E GRATIFICAÇÕES

XII

E' esta uma questão momentosa que é necessario não abandonar. Apesar de termos sido os unicos que temos tratado este assumpto com toda a independencia, não desanimaremos e não deixaremos por esse facto de seguir a linha de conducta que tracámos. E' por um ideal que pugnamos, e ideal que satisfazendo ás exigencias dos exercitos modernos, corresponde á satisfação d'uma das mais imperiosas necessidades da vida. E' isso quanto nos basta para evidenciar a razão que nos assiste e a força que não nos deixa esmorecer.

E' de justiça, porém, dizer-se que a corrente da opinião é tão forte que n'estes ultimos tempos já temos visto a imprensa diaria occupar-se d'esta mesma questão. Afóra isso, é o assumpto obrigatorio de todas as conversações, como, alias, é bem sabido e notorio.

Os exercitos são os espelhos das nações. Se esta affirmacão é verdadeira, como de resto parece ser, havemos de concordar que a nação que tem os officiaes do seu exercito n'uma situação economicamente igual á de qualquer operario ou artista, pois que não ganha mais o official, offerece ao mundo uma imagem bem triste da sua realidade. Por outro lado, se os exercitos valem o que valem os seus officiaes, affirmacão que tambem ninguem contesta, é forçoso reconhecer-se que a nação que obriga os seus officiaes a leccionarem, a fazerem escripturações em casas commerciaes, a dedicarem-se, em summa, a misteres estranhos ao

seu para poderem viver e sustentar as suas famílias, não tem o direito de lhe exigir dedicações nem de lhe impôr sacrificios, porque o altruismo tem limites. Mas se os officiaes são a pedra de toque d'um exercito e se aquellas condições são indispensaveis, imprescindiveis, é necessario que a nação dê aos officiaes os elementos necessarios para poderem viver desafogadamente e se dedicarem ao mister que abraçam. Do contrario morrerão elles e arrastarão na sua queda a causa que defendem.

A vida encarece dia a dia e no nosso paiz d'uma forma assustadora. Para attingir, pois, aquelle ideal, é necessario ir modificando as condições economicas dos officiaes de forma a seguir uma marcha parallella ao encarecimento da vida. Não succedendo assim, o *deficit* é evidente e o desequilibrio é fatal, mas desequilibrio que não affecta sómente a vida do official, mas principalmente o complexo machinismo a que pertence, porque é uma peça essencial. E é esta a razão principal que impõe aos dirigentes a restricta obrigação de regularem esses assumptos de forma a que o desequilibrio se não dê. O ministro da guerra que resolver este assumpto, mostrará, pois, um perfeito conhecimento da machina que dirige e uma nitida comprehensão do elevado cargo que desempenha.

E isto é tanto assim quanto é certo ser a norma seguida pelas demais nações da Europa, á excepção de Portugal e Hespanha. Senão vejamos. A França ainda não ha 3 annos que elevou o soldo dos tenentes e capitães. A Allemanha ainda o anno passado augmentou os soldos dos tenentes-coroneis de infantaria. A Italia, se não tem augmentado os soldos, tomou medidas de character economico que muito hão-de fatalmente beneficiar a vida do official. Na Inglaterra, apesar dos officiaes terem vencimentos bastante elevados e de contarem de mais a mais com o *El Dorado* da India e Egypto, o jornal londrino *Broad Arrow* tem tratado este assumpto por varias vezes, assumpto que tambem já foi levado ao parlamento. O ex-secretario do *War Office*, sir Brodrick, chegou mesmo a tomar algumas disposições n'este sentido. A Russia, apesar de ter augmentado ha cêrca de 3 annos os soldos d'uma forma bem sensivel, ainda no principio do anno passado augmentou as verbas para *alimentação* dos officiaes e seus *alojamentos*. N'este paiz os officiaes são alojados por conta do estado e para aquelles a quem não podia ser dado alojamento, passou-se a augmentar a indemnisação de renda de casas em cêrca de 300 *rublos* a mais. A Suecia, n'uma lei publicada tambem o anno passado, augmentou as verbas de *soldo*, de *exercicio* e de *renda de casa*. Um capitão, por exemplo, passou a receber 4:100 *francos* de soldo, 2:190 de gratificação e 750 de renda de casas ou sejam 7:040 *francos*. A Bulgaria, em outubro de 1903, promulgou tambem uma nova lei de vencimentos, pela qual um capitão tem um soldo de 4:800 *francos* e, quando em marcha, alem da gratificação, tem direito a uma indemnisação kilometrica, não de 15 ou 35 réis, como entre nós, mas de 2,80 *francos*.

Vê-se, pois, que esta questão é tão seria e importante que não tem sido descurada pelas nações que pretendem ter os seus exercitos de fôrma a bem se desempenharem da missão que lhe incumbe.

A propria Hespanha, que, com as derrotas de Cuba e Fillippinas, tem atravessado uma crise bem difficil, não tem descurado tambem este assumpto. Se nada tem conseguido é porque a politica niveladora, que aquella nação tem sido obrigada a seguir, e as crises frequentes que se teem dado, a isso se teem opposto. Apesar de tudo, um Marquez senador apresentou ha 2 annos um projecto de lei n'esse sentido e outro tanto fez o general Liñares o anno passado como ministro da guerra. Estas tentativas, por motivos politicos, foram todas frustadas. Apesar de tudo o actual titular da pasta da guerra, o general Martitegui, de combinação com o seu collega da fazenda, tem feito, e já foi até discutido em conselho de ministros, um projecto de lei em que supprime todos os impostos que são lançados aos officiaes e augmenta ao mesmo tempo os soldos. Não se conhece qual seja esse augmento porque ainda esse projecto constitue segredo de gabinete. As intenções do ministro parecem ser firmes e inabalaveis. *La Correspondencia Militar*, jornal madrileno, não acredita apesar de tudo que esse projecto se chegue a converter em realidade, porque o *superavit* que o presidente do conselho pretende alcançar e o qual já fez cahir o general Liñares, a isso se opporá. Succeda o que succeder, porém, o que é um facto é que em Hespanha, apesar de todas as difficuldades porque tem passado n'estes ultimos annos e das dissidencias politicas que se teem succedido, se empregam altos esforços para acompanhar as demais nações da Europa.

E' agora tempo de voltarmos as nossas attentões para nós mesmos. A este respeito já por mais d'uma vez temos mostrado o nosso modo de vêr, que hoje vamos repetir e concretisar. O augmento de soldo deve ser feito conjuntamente com a suppressão dos impostos e addicionaes, pois que é o processo que mais apreciado é no exercito. Esta norma é mesmo a seguida pelo actual ministro da guerra hespanhol. A suppressão dos impostos sem augmento de soldos é uma media que não corresponde ás exigencias da vida. Mas supprimir os impostos para mais tarde augmentar os soldos, se é uma medida que tem o contra de não deixar o exercito satisfeito, tem mais contra si o facto de difficultar a execução, como tambem em artigos anteriores já deixamos vêr, porque a opposição encontrará então um argumento de fôrça e bem desfavoravel ao augmento de soldos que depois se projecte no facto de já se ter dado aos officiaes uma regalia.

Por esta razão somos de opinião que se deve fazer tudo ao mesmo tempo, pois que o ministro que o tentar, seja A, seja B, encontrará sensivelmente tantas difficuldades na approvação de um projecto completo como n'um projecto parcial. E até talvez encontre mais difficuldades na approvação d'um projecto parcial, porque, não satisfazendo nem as necessidades nem as aspirações

do exercito, mal poderá contar com o seu apoio moral, de sorte que ficará só em campo. E' este o nosso modo de vêr.

E de resto este problema é de solução muito facil. Afigura-se-nos mesmo que depende de um pouco de boa vontade. Senão vejamos.

A supressão do imposto de rendimento representa para os maiores, tenentes-coroneis e coroneis, um augmento nos seus soldos respectivamente de 4\$584, 6\$566 e 7\$350 réis. Como estas verbas já são bastante importantes, certamente representam só por si um augmento de vencimentos já attendivel. E de mais, apesar do major não estar bem pago, já tem, comtudo, o sufficiente para poder ter uma vida decente e muito principalmente se não soffrer o imposto de rendimento. Um major regrado não precisa humilhar-se para manter limpo o brilho dos seus galões. E outro tanto diremos do tenente-coronel e do coronel.

Para os capitães, tenentes e alferes já não podemos dizer o mesmo, não só porque a simples supressão do imposto de rendimento não representa para elles um augmento sensivel, mas tambem porque é exactamente nos postos de tenente e capitão que geralmente se constitue familia. E' mesmo no posto de capitão que em regra apparece por completo a constituição da familia e a educação dos filhos com todos os seus encargos. E', pois, necessario augmentar os soldos dos tenentes e capitães para elles poderem viver com a decencia e nobreza que o seu cargo exige.

Esse augmento de soldo, porém, nunca deve ser inferior a 10\$000 réis mensaes. Tudo que fôr inferior a isso deixa os officiaes nas mesmas circumstancias precarias em que hoje se encontram. Já dissemos que não é difficil conseguir verba para isso. Vamos agora proval-o, mostrando a insignificancia da verba que para isso é necessaria. Em todas as armas e serviços do exercito ha 1:425 capitães e tenentes. Augmentando a todos elles os seus magros soldos com 10\$000 réis, apparece o encargo de 171 contos, que, entre 7:000, são a verdadeira gota d'agua no Oceano. Mas se o orçamento do ministerio da guerra está de tal fórma apertado que não possa dar para tal *largueza*, o que não se comprehende á simples vista, é extremamente facil obter economias, sem que comtudo se prejudiquem serviços, que sommadas produzam aquella verba. Podiamos mesmo indicar aqui algumas, o que talvez ainda depois tenhamos de fazer. Se, comtudo, as economias que se possam fazer não cheguem, não nos parece que seja de todo impossivel arrancar ao parlamento a approvação de mais alguns contos de réis, que aliaz se justificam muito facilmente.

Se os tenentes estão necessitados, os alferes tambem não teem os elementos necessarios para supportarem uma vida decente. Para estes ha mesmo uma necessidade moral, que depois se vae reflectir em todos os postos, que é o facto de não haver nada mais desmoralizador, mais deprimente e desconsolador do que deixar os bancos das escolas, onde tudo são illusões e esperanças, e ir desempenhar um mister em que logo no inicio se de-

para com um monstro bastante parecido com o da miseria. Mas embora se junte á verba dos 171 contos a necessaria para augmentar o soldo dos alferes, encontrar-se-ha uma verba ainda inferior a 200 contos, que tambem não passa da gota d'agua a que já nos referimos.

Como se vê, pois, não é uma questão insolúvel. A nós assim se nos afigura.

DAVID RODRIGUES.

Ten. d'Infanteria.

CARREIRAS DE TIRO

Ideia geral sobre o estabelecimento
d'uma carreira de tiro para armas portateis de guerra
nas proximidades do Porto

(Continuado do n.º 9 — 1904)

2.ª PARTE

CAPITULO II

1.ª Secção

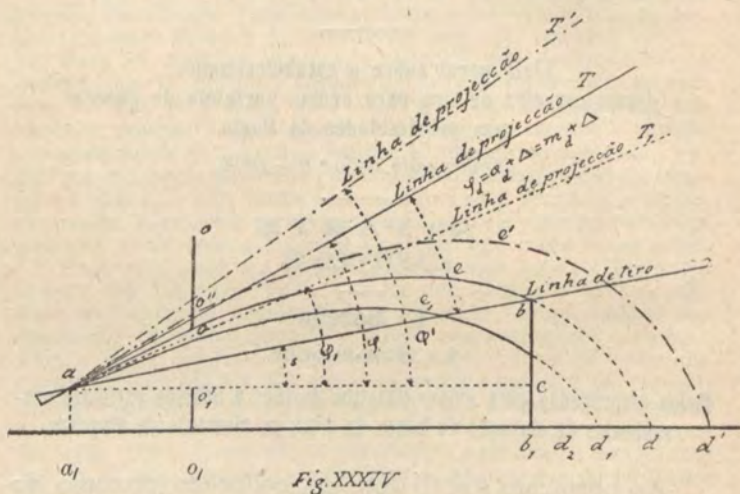
1.ª Sub-secção

Meios empregados para evitar sinistros devidos a desvios verticaes provenientes da elevação da bocca da arma no momento de disparar

Ao obstaculo oo' ⁽¹⁾ (fig. 34), collocado proximo do atirador, resistente á penetração dos projecteis e destinado a detel-os quando provenientes de tiros feitos com angulos de projecção $\varphi', \varphi'', \varphi''', \dots >> \varphi$, denominaremos — *pára-balas* —. Ao obstaculo bb' , collocado na extremidade posterior da carreira, onde fica o ponto b acima do qual não devem passar projecteis provenientes de $\varphi', \varphi'', \dots >> \varphi$ ou $\alpha', \alpha'', \dots >> \alpha$ que iriam ferir pon-

(1) A egualdade da fig. 34 $\varphi_d = c_d + \Delta = m_d + \Delta$, deve lêr-se $\varphi_d = a_d + \Delta = m_d + \Delta$.

tos $d, d', \dots$, se não fossem detidos pelo *pára-balas*, o que aconteceria com o projectil que seguisse a trajetória $\widehat{ae'd'}$ correspondente a φ' , e que também deve ser resistente á penetração a fim de desenfiar o terreno nos pontos $d, d_2, \dots$, entre elle e aquelles pontos, o que se daria com o projectil que seguisse a trajetória $\widehat{ae'd_1}$ correspondente a φ_1 , e outras provenientes de $\varphi_2, \varphi_3, \dots \ll \varphi$ ou $\alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, \dots \ll \alpha$, até certo limite, como veremos na 2.^a sub-seccção, e que póde ser ou um alvo, ou



muro, ou uma elevação do terreno, denominaremos—*espaldão*—. Empregando um alvo resistente, ou um muro, ou ainda terras que se agglomeram para constituir uma elevação b, b , denominar-se-ha—*espaldão artificial*—; sendo constituido por uma elevação já existente no proprio terreno, denominar-se-ha—*espaldão natural*.

Conhecida a distancia $a b$, ou $a_1 b_1$ ou $a c$ do atirador ao espaldão b, b_1 , suppondo a arma bem construida, regulada e afinada, e conhecendo a altura do ponto b para determinarmos o valor do angulo de sitio

s, acharemos o valor do angulo de projecção φ para obter a trajectoria $\widehat{aeb}$ cujo projectil vá bater o ponto b (desprezando os erros que estudámos nos preliminares de tiro pelas razões ahi apresentadas) pelas formulas geraes

$$\varphi = \varphi_d \pm s$$

$$\varphi = \varphi_D \pm s$$

ou

$$\alpha = \alpha_d \pm s$$

$$\alpha = \alpha_D \pm s$$

e sendo φ_d , φ_D , e α_d , α_D , respectivamente os angulos de projecção e de tiro com que se fariam os tiros ás distancias ac ou ab , collocando a linha de mira horizontal, para bater o ponto b se estivesse no *horisonte*, teremos

$$\alpha_d = m_d$$

$$\alpha_D = m_D$$

e sendo tambem

$$\varphi = \alpha \pm \Delta$$

$$\varphi_d = \alpha_d \pm \Delta$$

$$\varphi_D = \alpha_D \pm \Delta$$

teremos

$$\varphi = m_d \pm \Delta \pm s$$

$$\varphi = m_D \pm \Delta \pm s$$

e

$$\alpha = m_d \pm s$$

$$\alpha = m_D \pm s$$

Vimos tambem nos preliminares de tiro, nas regras que apresentámos para se effectuar o tiro inclinado, que, apesar de atirarmos realmente com o angulo de projecção φ ou de tiro α para que a trajectoria correspondente passe por b ; comtudo, a formula geral, devida ao principio da rigidez da trajectoria, nos facilitava o tiro n'este caso, pois nos basta graduar a alça para

a distancia ab ou ac e elevar a boca da arma d'um angulo s até que a linha de mira passe pelo ponto b , apontando a este ponto com o angulo de mira m_a ou m_D como se estivesse no horisonte.

Conhecido o valor de φ para obter a trajectoria $\widehat{aeb}$ cujo projectil bata o ponto b , determinaremos a altura a que deve ficar o ponto o do para-balas, ou achando a *ordenada* oo' , ou a *altura de queda* ou o *abaixamento da trajectoria* oo' , para a distancia ao' que separa o atirador do pára-balas.

Pelas razões atraz expostas, continuaremos a fazer estas considerações referidas ao angulo de tiro α , e a suppôr que α e m são respectivamente os angulos de tiro e de mira correspondentes á trajectoria $\widehat{aeb}$ que passa pelo ponto b á distancia d do atirador.

Obtida assim a altura do ponto o do pára-balas, correspondente a uma trajectoria $\widehat{aeb}$ proveniente de

$$\alpha = m + s$$

cujo projectil percutiria o ponto b , todos os projecteis provenientes de trajectorias produzidas por

$$\alpha', \alpha'', \alpha''' \dots > \alpha$$

seriam fletidos pelo pára-balas $o o'$, e nenhum outro passaria acima do ponto b do espaldão, se a carreira de tiro só fosse destinada a atirar á distancia d e sobre um alvo cuja altura nos desse sempre o mesmo angulo de sitio s , ou a distancias diversas $d_1, d_2, \dots$ e sobre alvos de alturas variaveis, contanto que se desse a seguinte condição:

$$\alpha = \begin{pmatrix} m \pm s \\ m_1 \pm s' \\ m_2 \pm s'' \\ \dots \\ \dots \end{pmatrix} = \text{constante}$$

Sendo, porém, as carreiras destinadas a atirar sobre alvos collocados a diversas distancias e de alturas tambem variaveis, ou da mesma altura, mas que, collocados a distancias maiores ou menores do atirador, nos dão angulos de sitio $s_1, s_2, s_3, \dots << s$ ou $s', s'', s''' \dots >> s$, de modo que possamos ter

$$\alpha = \left\{ \begin{array}{c} m \pm s \\ m_1 \pm s' \\ \dots \dots \dots \\ m' \pm s_1 \\ m'' \pm s_2 \\ \dots \dots \dots \end{array} \right\} = \text{variavel}$$

vejamos se a altura do ponto o do *pára-balas*, determinada pela condição de

$$\alpha = m + s$$

satisfará em todos os outros casos.

(*Continua*).

FRANCISCO LOPES
Cap. d'inf.





A bala e a bayoneta

Devemos reconhecer que tem sido grande a impressão produzida na Europa pelas noticias vindas do theatro da guerra russo-japoneza, no to-

cante ao exaggerado emprego da bayoneta que os dois belligerantes teem feito.

Não ha memoria, depois da guerra da Crimeia e da guerra da Italia de 1859, de outra guerra onde fosse tão frequente e, por vezes, tão decisivo o emprego da bayoneta.

Em contra-posição á doutrina allemã, que quanto a nós continua a ser a verdadeira, temos visto o papel que a bayoneta tem desempenhado no extremo-orient, tanto do lado dos russos como do lado dos japonezes.

A doutrina russa, sustentada pelo illustre e sabio general Dragomiroff, preconisava o emprego da bayoneta como elemento capital e até decisivo na guerra.

Esta theoria mereceu a impugnação, e a nosso ver ainda hoje a merece, de quantos consagram á instrucção do tiro um desvellado cuidado.

Todos os exaggeros são condemnaveis, mas afigu- ra-se-nos a nós muito peor o exaggero da confiança cega na bayoneta do que o outro — o da confiança na bala.

Todavia, a confiança na bayoneta tem sido muito

maior da parte dos russos, que a usam armada logo no começo da acção, do que da parte dos japonezes, tendo-se dado até o facto de, no contra-ataque de 24 de julho em Dachitchao, não terem armado a bayoneta a tempo, o que produziu uma grande confusão com notavel inferioridade para os japonezes.

Num jornal sueco a proposito deste assumpto lê-se a seguinte proposição:

«Theoricamente pareceria judicioso que a infantaria no momento em que o adversario avança ao ataque se quedasse tranquilla na sua posição fazendo uso das suas armas com um fogo certo e mortifero. Mas a experiencia mostra que quando o assaltante se aproxima a uma distancia variando entre 150 e 75 passos o fogo do defensor fica completamente inefficaz».

Para o fogo da defesa ficar inefficaz ás pequenas distancias é mister que da parte desses defensores haja uma completa e radical perturbação, que só pode ser explicada pelo medo e pela falta de disciplina.

Tropas disciplinadas e valorosas, que supportaram o ataque desde o seu começo, familiarisadas com o sibilar das balas e com os estragos que ellas vão produzindo nas suas fileiras, não podem nem devem perder a cabeça com a marcha do inimigo ao assalto.

Se o fazem é que não são tropas com sangue frio, não teem as qualidades stoicas dos verdadeiros combatentes, são tropas de inferior qualidade.

Essa experiencia a que allude o jornal sueco não deve ser trazida para o campo das discussões como experiencia modelar.

Em 1894, na lingua de Coolella, um punhado de soldados portuguezes supportou o arranco indomito de mais de 20 mil pretos, entre os quaes havia mais de 2.000 espingardas Martini-Henry, das quaes a maioria eram novas em folha.

Diante desse famoso quadrado, de 500 combatentes apenas, as manguas vatuas cahiam fulminadas por um fogo *certo e mortifero*, morrendo á distancia de 30 passos do quadrado.

O que seria d'esse punhado de soldados se o seu

fogo fosse *inefficaç ás curtas distancias*, e, se perdendo o sangue frio e a coragem, tentasse repellir os assaltos frequentes do inimigo com a bayoneta?

O resultado seria o aniquillamento e a morte.

Precisamos distinguir.

Quando uma tropa consegue vencer todas as difficuldades que a defesa oppoe ao seu avanço e aproximar-se a uma distancia tão curta que lhe permita o assalto num só lanço, esta tropa ou soffrerá um grande revez pelo fogo sereno e bem ajustado da defeza, ou então será uma tropa victoriosa.

Nunca serão as bayonetas dos defensores que poderão tomar o passo a uma massa que carrega ao assalto, iniciando esse movimento a distancias que variem entre 150 e 75 passos.

E' claro que um contra-ataque vigoroso com tropas frescas, num flanco da posição, está naturalmente indicado, e esse movimento poderá mudar a fase da questão. Mas sustentar que a melhor forma de repellar um ataque em massa é contra-carregando com as tenues e esparsas forças da linha de defeza, parece-nos ser theoria e conselho bem funesto.

Falla a experiencia, diz o jornal sueco *Afton Bladet*, mas é uma experiencia que não nos deve servir de guia nem de modelo.

E tanto isto é assim que o referido jornal concorda que quando ha sangue frio e habilidade no tiro se consegue coisas como os boers conseguiram, com applauso do mundo militar, na guerra recente do Transvaal.

Logo, o que importa é educar e adestrar o exercito e a nação no tiro, para que no momento em que a sua acção seja necessaria encontre o paiz serios e valiosos elementos de defeza.

E' evidente que não sendo os russos nem os japo-nezes bons atiradores, não podem possuir as qualidades que caracterisam uma boa infantaria, e neste caso o tiro individual é quasi que em pura perda.

Para obviar a este grave inconveniente da sua inhabilidade recorrem aquelles dois exercitos ao uso de alças combinadas, procurando bater zonas.

Evidentemente este systema, unico de que podem lançar mão com exito, o que na verdade tem acontecido, acarreta um dispendio de munições enorme, o que vem diffcultar ainda mais o problema da guerra.

Mas o que tal systema não pode é servir de argumento a favor da bayoneta, e muito menos ainda servir de prova á inefficacia do tiro ás curtas distancias.

Tal heresia deve ser repellida por todos aquelles que encaram com sciencia e consciencia estas questões militares.

As experiencias da guerra que se está travando no extremo-orient e que tanta impressão produziu no *Afton Bladet*, só nos deve servir para com o maior esforço e o mais dedicado interesse nos consagrar-mos á pratica e estudo do tiro.

Todo o trabalho, todo o esforço, todo o sacrificio que o paiz faça para desenvolver o tiro nacional é serviço do mais alto valor prestado á defeza do paiz, e, portanto, é o maior auxilio prestado ao exercito.

E quando os nossos soldados, numa posição de defeza, virem o inimigo correr ao assalto, continuem o seu fogo certo e justo, que com elle mil vezes mais damno causarão do que cahindo a fundo num contra ataque que não seja apoiado com tropas frescas e preparadas de antemão para esse fim.

Esse fogo da ultima hora, embora não possa ser considerado como um fogo decisivo, tal seja a impetuosidade do assalto e o numero de tropas frescas a carregar, será porem mais mortifero e mais util á defeza do que qualquer tentativa de resposta com a bayoneta, que pouco ou nada conseguirá, ao passo que as baixas no assaltante serão enormes sendo o fogo serenamente dirigido.

A.



Infanteria montada

(Continuado do n.º 3 de 1905)

Indicada a forma como era recrutada e mobilizada a infantaria montada na Inglaterra antes de 1899, bem como os seus effectivos de guerra, vamos agora indicar a maneira como era instruida, armada e equipada.

A instrucção da companhia formada pelas secções dos diversos batalhões era ministrada a cada uma das secções, sob a direcção do pessoal permanente da escola, pelo seu respectivo chefe, isto é, pelo official subalterno que as acompanhava. Cada uma d'estas secções era ainda dividida em grupos de 4 homens, tendo sempre o cuidado de não misturar os soldados d'um batalhão com os de qualquer outro.

Como os soldados que constituíam as secções não só estavam promptos da instrucção mas eram até escolhidos d'entre os bons atiradores, a instrucção a pé era, por isso muito limitada, como se pode, aliaz, vêr pela enumeração dos titulos do programma da instrucção que se ministrava, que são, como indica o proprio regulamento de 1899, os seguintes :

1.º revistas e instrucção a pé ; 2.º instrucção a cavallo sem armas (conducção dos cavallos á mão, escola de secção e companhia) ; 3.º instrucção a cavallo, com arma ; 4.º formações contra a cavallaria ; 5.º re-

vistas em ordem de marcha; 6.º installação de bivaques; 7.º exercicios de marcha; 8.º serviço de segurança em marcha e estação e serviço de reconhecimento, que são executados segundo themes apropriados e d'antemão preparados; 9.º operações tacticas em terreno variado com as outras armas; 10.º tiro de combate, por secções.

O serviço de cavallariça é feito com muita frequência e vigilância. E' regulado de hora a hora e com grande minucia de maneira a que todos ficassem conhecendo bem os cuidados que se devem dispensar aos cavallos, serviço este que era feito sob a vigilancia dos chefes de secção.

A instrucção a cavallo é pouco cuidada, de forma que em 3 ou 4 dias todos devem saber conduzir os seus cavallos e formar por secções, e ao cabo d'uma semana todos devem tambem estar aptos a montar a cavallo com armas e poderem manobrar por companhias. Logo que os soldados sabiam montar, segurar as redeas e apeiar eram logo tirados do picadeiro e levados para o campo, procurando todas as occasiões que lhe podessem evidenciar os principios da equitação e conducção dos cavallos. O principal fim que se tinha em vista era dar-lhe confiança e segurança.

Logo que sabiam montar o cavallo eram immediatamente exercitados por secção e por companhia, sem armas a principio, depois com armas, em intervallos abertos, semi-abertos e cerrados. A infantaria montada manobrava e ainda manobra, pois que o regulamento ainda é o mesmo, sempre em uma fileira, havendo 0^m,90 entre os cavallos quando os intervallos são abertos, 0^m,45 quando são semi-abertos e 0^m,15 quando são cerrados.

O fim que geralmente se tinha em vista era chegar a executar as marchas, para o que se exercitavam os soldados de forma a chegar progressivamente á velocidade normal de 6 milhas, 9.600 metros por hora, com um alto horario de 5 minutos. De 2 em 2 horas este alto horaria passava a ser de meia hora.

Para a execução das grandes marchas forçadas o regulamento prescreve as indicações seguintes:

1. ^a hora.	Passo.....	5	} 30 minutos 6 kilom. ^{os}
	Trote.....	10	
	Passo.....	5	
	Trote.....	10	
	Alto, para descanso e exame das ferra- duras.....	5	} 30 minutos 3, k 600
	Marcha.....	10	
	Trote.....	15	
2. ^a hora.	Passo.....	10	} 30 minutos 3, k 600
	Trote.....	5	
	Alto.....	5	
	Marcha.....	10	
	Trote.....	10	} 30 minutos 6 kilom. ^{os}
	Passo.....	5	
	Trote.....	15	

Depois d'esta 2.^a hora ha o descanso de meia hora para os cavallos comerem a ração. Depois de cada alto horario de 5 minutos, os soldados marcham a pé, guiando os cavallos á mão, durante 10 minutos, conforme no quadro vae indicado com a designação de *marcha*, afim de se dar um maior descanso aos cavallos sem comtudo se perder tempo.

Segundo declara o proprio regulamento, com a observancia d'essas prescripções poder-se ha executar marchas forçados de 60 a 80 kilometros sem inconvenientes nem para os soldados nem para os cavallos.

A instrucção de tiro é tambem muito cuidada. Alem do tiro individual, executam-se fogos collectivos de combate, que são executados por secções em terrenos variados. A mudança d'umas posições para as outras é feita a galope.

As formações e processos de manobra da infantaria montada são os mesmos que os de infantaria.

Indicados os topicos principaes da sua instrucção, com excepção da instrucção tactica a que depois nos referiremos, passaremos a indicar a forma de a equipar e armar. O uniforme, armamento e equipamento do infante montado é o mesmo que usa no seu regimento, com as seguintes differenças:

- a) A calça é substituida pelo calção e polaina.
- b) A cartucheira é substituida por uma bandoleira.
- c) Os sapatos são guarnecidos de esporas.
- d) Os soldados não transportam ferramenta portatil.

O proprio soldado transporta sobre si todo o armamento, arma e sabre, bem como todos os artigos de equipamento, com excepção da marmita, pensos, tenda, um par de sapatos e as rações de reserva, que são suspensos ao selim.

As metralhadoras de que faz uso a infantaria montada, como de resto toda a infantaria, é a Maxim, empregando o mesmo cartucho da arma que o soldado transporta. Cada soldado vae municiado de 230 cartuchos, transportando 100 comsigo, e as metralhadoras com 21.000. Tanto os soldados como os cavallos são fornecidos com dia e meio de viveres frescos e de reserva.



Tendo dado uma ideia geral sobre a fórma como no proprio Reino Unido se organisava a infantaria montada e quaes os elementos de que se podia dispôr até 1899, passaremos agora a indicar quaes os elementos que até essa data contava nas suas vastas colonias.

Na India, a insurreição da Birmania, mostrou a necessidade de ter sempre n'esta provincia algumas forças de infantaria montada. Não se chegaram, porém, a crear unidades especiaes, apenas se organisou um certo numero de companhias formadas por um processo identico ao que se seguia na metropole, isto é, forma-

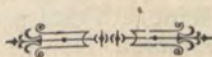
das com quadros d'instrucção e de secções tiradas dos batalhões que ali faziam guarnição. Estas companhias assim organisadas sem que tivessem qualquer character permanente, estavam, porém, sempre dotadas com o numero necessario de cavallos para d'um momento para o outro poderem entrar em campanha.

No Natal já não succedia outro tanto, pois que existia a infantaria montada regular com character de permanencia. O numero de companhias d'instrucção era de 7, o que representava um terço do effectivo, visto haver n'esta colonia, antes de 1899, apenas 3 batalhões de infantaria regular, ou sejam 24 companhias. A justificação d'um tão grande numero de companhias montadas reside no facto dos inglezes contarem n'aquella região com um inimigo que tambem se lhe apresentaria montado, como eram os boers. Esta razão era de tal fórma attendida que toda a mais infantaria era obrigada a saber montar, embora só contassem com 872 cavallos para as 7 companhias. Uma outra razão que tambem era attendida era a existencia do selvagem, que tambem contavam como inimigo provavel e sobre o qual o cavallo exerce sempre grande effeito.

No Egypto existia apenas uma companhia montada que tinha como pessoal permanente 2 officiaes, 8 sargentos e 3 soldados e que contava com 120 cavallos. Este pessoal ministrava instrucção ao pessoal que era tirado dos batalhões que ali faziam guarnição, segundo um processo identico ao seguido na metropole.

(*Continúa*).

UM INFANTE





Secção do estrangeiro

Aliemanha. — No presente anno serão chamados 200.196 reservistas para tomarem parte em diferentes periodos de instrução.

Além do augmento dos terceiros batalhões, nos regimentos que teem de assistir ás manobras e que ainda teem 2 batalhões activos apenas, sendo poucos os batalhões que os allemães teem n'estas condições, porque quasi toda a sua infantaria está organizada em regimentos a 5 batalhões, organisar-se-ha mais 13 regimentos de reserva em pé de guerra; 12 grupos de artilheria de campanha; e um certo numero de companhias, ainda não indicado, de sapadores, tambem no effectivo de guerra.

Serão tambem chamados os telegraphistas de reserva para executarem exercicios de telegraphia de fortaleza em Koenigsberg, Thorn, Dantzig Posen, Cologne, Mayence, Strasbourg e Metz.

*
* *
*

O coronel Gaedke affirmou no jornal allemão *Berliner Tageblatt*, que os factos recentemente passados no theatro da guerra russo-japoneza teem demonstrado, por uma forma irrefutavel, que nas guerras modernas é absolutamente superfluo ter uma cavallaria consideravel.

Gaedke diz que os japonezes não tendo mais do que 69 esquadroes, ou sejam 8.500 cavalleiros, teem comtudo obtido grandes successos militares sobre os russos que teem á sua disposição uma poderosa cavallaria, bem superior tambem em qualidade á cavallaria japoneza.

Ha quem julgue que os cossacos não representam uma verdadeira cavallaria, não podendo ser comparaveis a uma cavallaria regular.

O coronel Gaedke sustenta que isto é completamente exacto.

Os cossacos constituem, com effeito, uma cavallaria perfeitamente organizada e muito bem preparada para os ataques em massa.

De modo que, conclue o citado official, em vista dos factos occorridos no extremo oriente, fica provado de um modo sufficiente que a importancia da cavallaria tem diminuido.

Suecia. — O plano de estudos da Escola superior de guerra foi modificado pelo decreto de 17 de dezembro findo.

Ficou assim constituido:

6 a 7 horas por semana para o estudo da historia militar e estrategia;

5 a 6 para a tactica, serviço do estado-maior e administração;

4 para o armamento, architectura militar e geographia;

3 para as mathematicas e geodesia;

4 para linguas estrangeiros (francez, allemão e russo).

Além d'isto haverá exercicios praticos de tactica, topographia e fortificação.

A fortificação da campanha merecerá um cuidado especial, porque a esse estudo se liga grande importancia.

Austria. — Em Vienna de Austria produziu grande emoção a noticia de ter o ministro da guerra italiano pedido ao Parlamento um credito de 200 milhões de francos para fortificar a fronteira dos Alpes contra a Austria.

O que é certo é que ha algum tempo a esta parte, e não obstante os desmentidos officiaes, as relações entre a Italia e a Austria tem sido pouco cordeaes.

Oxalá que se affastem os perigos.

Japão. — No dia 19 do mez findo, mais de 30 mil pessoas se reuniram no parque de Hibiya, em Tokio, para celebrarem a victoria de Mukden.

Os membros do actual gabinete, antigos homens de estado, grande numero de officiaes de terra e mar, e muitos membros da Dieta estavam presentes n'essa occasião.

O governador da cidade leu um telegramma de felicitações enviado ao marechal Oyama em nome da municipalidade.

Os ministros da guerra e da marinha fallaram á multidão.

O entusiasmo foi indescriptivel.

A arma de infantaria

Já depois de impressa a nossa *Revista* recebemos d'um grupo de officiaes a petição que juntamos e que perfilhamos por completo. Tudo quanto ahi se advoga tem sido mais ou menos tratado na *Revista de Infantaria* por diversos officiaes. O que segue não é mais do que a summula das pretensões que tem sido indicadas, mas precisamos insistir sempre nas nossas pretensões e por isso no proximo numero desenvolveremos novamente o que ahi se apresenta á ponderação do publico.

(Nota da redacção).

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

E' um dever de lealdade expôr no momento presente, com toda a franqueza e sinceridade, pois que só d'esta fórma é que bem se podem elucidar os poderes constituidos, quaes as medidas que a arma de infantaria desejaria vêr postas em pratica. E' com este fim que nós nos dirigimoc a V. Ex.^a

N'estes ultimos tempos a arma de infantaria não tem sido attendida nas suas pretensões. E' tempo de se lhe fazer justiça e de a salvar da situação precaria e desfavoravel em que se encontra em relação ás outras armas. Não estabeleceremos, todavia, confrontos com ninguem; pediremos simplesmente aquillo a que nos achamos com direito.

Passemos, pois, a entrar na enumeração e rapida justificação dos desejos da nossa arma:

1.^a—*Melhoria de vencimentos e sua equiparação com os das outras armas.*

A necessidade impreterivel, inadiavel e que não se pôde fazer demorar por mais tempo, é sem duvida alguma a melhoria de vencimentos. Essa necessidade está demonstrada e ninguem o ignora. Para o fazer, certa-

mente não ha occasião mais propicia do que a actual, segundo se infere do *discurso da corôa*.

Mas a arma de infantaria não deseja que essa melhoria seja dada por diuturnidade, seja ella qual fôr. O que a arma deseja é uma incidencia real e directa sobre os vencimentos mensaes. Tudo o mais são palliativos que não resolvem o problema economico do official, tão aggravado pela carestia da vida e pelas despesas de representação.

E mesmo sobre este assumpto devemos dizer que visto haver para as outras armas equiparação nas suas promoções em relação á de infantaria, é de toda a justiça que os vencimentos d'esta sejam proporcionalmente equiparados aos das outras armas suas irmãs.

Para nós pedimos a seguinte tabella:

POSTOS	Soldo	Gratificação
Coronel	80\$000	30\$000
Tenente-coronel	70\$000	25\$000
Major	60\$000	20\$000
Capitão	50\$000	15\$000
Tenente	40\$000	10\$000
Alferes	30\$000	5\$000

2.^a — *Organisação dos quadros da infantaria em harmonia com os principios organicos e em relação com os das outras armas.*

E' sobejamente conhecido que ou os quadros da infantaria ou os das outras armas não estão nas proporções que indicam os principios organicos. Na composição dos exercitos a infantaria entra na proporção de 70 a 75 %. Applicando esse principio fundamental aos quadros actuaes, encontramos uma grande differença

a desfavor da infantaria, como se vê do quadro seguinte:

POSTOS	Quadros que devia haver na infantaria em relação aos das outras armas	Diferença em desfavor da infantaria
Coroneis... ..	65,8	16,8
Tenentes coroneis..	65,8	16,8
Majores.....	99,4	13,4
Capitães.....	378,7	53,7
Subalternos.....	735,7	81,7

Se os quadros das outras armas estão exagerados, não quereremos a sua reducção, mas pedimos se colloquem os de infantaria no mesmo pé d'egualdade. Quem pede isto não pede mais do que justiça, porque todos envergam a mesma farda e todos são destinados ao mesmo fim. E' justiça que se pede e nada mais.

3.^a—*Os commandantes dos districtos de recrutamento e reserva devem ser coroneis, e capitães os ajudantes dos corpos de infantaria e batalhões de caçadores.*

E' obvia a necessidade d'esta medida. Se assim se tivesse procedido, além dos serviços terem sido melhorados, já o quadro que deixamos exposto não accusaria differenças tão sensiveis. Colloquem-se coroneis nos districtos de recrutamento, augmente-se o quadro d'estes, que é bem necessario, e passem as funcções de ajudante de regimento a ser desempenhadas por capitães, como aliás se faz nas outras armas, embora se respeitem os direitos adquiridos pelos ajudantes actuaes, e desapareçam por completo aquellas differenças e ficará a infantaria na mesma proporção em que se encontram as outras armas. Se a infantaria não tivesse sido desfavorecida tal facto não se chegaria a dar.

4.^a—*Augmento do quadro do generalato, entrando a infantaria na proporção que lhe compete e suppresão das vagas fluctuantes.*

A este respeito não é necessario recorrer a numeros porque ninguem ignora que, devido ás vagas fluctuantes, ha já bastantes annos que a infantaria quasi nem tem tido os generaes necessarios para metade da sua mobilisação. O que se tem feito é um contrasenso de tal natureza que está fóra de toda a critica.

5.^a—*Remodelação da lei de serviço no ultramar.*

Nenhuma arma tem tantos direitos de pedir a remodelação d'essa lei como a infantaria, porque é principalmente sobre ella que incidem as exigencias do seu serviço, que tantas perturbações tem trazido na escala dos officiaes. Dêem-se regalias a quem desempenha certos serviços, mas não se castigue quem cumpre dignamente com os deveres que lhe são impostos.

6.^a—*Reorganisação dos quadros inferiores da infantaria.*

Ninguem ignora que não existem quadros inferiores em numero sufficiente e todos sabem que sem esses auxiliares não póde haver uma boa infantaria. Não somos egoistas; queremos que aos officiaes se lhes faça justiça, mas tambem queremos que se colloque a infantaria em condições de bem se desempenhar da sua importante missão.

7.^a—*Organisação dos effectivos nos corpos de infantaria.*

O mesmo sentimento altruista nos leva a pedir a promulgação de leis salutaes a este respeito. Os officiaes de infantaria nunca deixaram de bem cumprir com os seus deveres, mas para o cabal desempenho da sua nobre missão reconhecem que é necessario attender aos effectivos.

Os officiaes de infantaria pedem justiça para si e pedem ao mesmo tempo que se colloque a arma em condições de poder mostrar que é e sabe ser a *arma principal do exercito*.

(*Um grupo de officiaes*).



8.º ANNO

MAIO DE 1905

N.º 5

REVISTA DE INFANTERIA

Armamento para a infantaria

Os factos vão demonstrando que essa serie de boatos diffamatorios contra a infantaria e especialmente contra os membros que constituiram a commissão para a escolha e fabrico da nova arma são destituídos de todo o fundamento.

N'essa serie de boatos, que não sabemos d'onde sahiram nem tentamos sequer saber-o, chegou-se a affirmar que a commissão tinha escolhido para os canos o peor dos aços que lhe tinham sido apresentados. Essa falsidade ficou bem evidenciada no nosso ultimo numero.

A replica que demos á *Revista Militar*, que chegou, com muita magua nossa, a tornar-se echo do que por ahi se dizia á bocca pequena, foi agora confirmada pela exposição que o sr. ministro da guerra fez no Parlamento para a justificação da proposta de lei relativa

á regularisação dos pagamentos do material de guerra (Vide D. do G. de 12 de abril). N'essa exposição se vê que se houve demoras no fabrico a culpa não pôde recahir na infantaria, como aquelle nosso collega pretendeu insinuar.

Hoje precisamos destruir mais um outro boato calumnioso. Havemos de restabelecer a inteira e completa verdade dos factos para que ámanhã não se possa dizer que a infantaria é incompetente para tratar dos assumptos que lhe pertencem.

Na insania de procurar collocar mal a infantaria, chegou a dizer-se que a commissão nem tinha feito sequer caderno d'encargos pelo qual se regularisasse o fabrico, inspecção e recepção do material. Para que sobre este assumpto não possa haver duvidas, ahi segue transcripto na propria lingua em que tem de ser executado.

Esses boatos chegaram até a suscitar duvidas sobre o valor d'este documento, como se deprehende até pela exposição a que já nos referimos. E ainda bem que assim succedeu, porque sendo analysado por officiaes de alta competencia e completa imparcialidade, reconheceram que nos garantia uma *boa arma fabricada com bom material*. E por estas razões e com o fim de restabelecer a verdade que nós o transcrevemos na integra com verdadeiro prazer.

Ainda mais.

A commissão de infantaria que chegou a ser accusada de ter tido condescendencias condemnaveis para com a fabrica, foi, pelo contrario, tão exigente com ella que ultimamente esta declarou que não podia fornecer os aços conforme as percentagens que eram exigidas aos componentes do aço para os canos.

De tudo isto se conclue que a commissão de infantaria procedeu em harmonia com a sciencia e em conformidade com os interesses do exercito, sabendo honrar a nossa arma, não podendo ser nunca attingida por nenhuma d'essas mesquinhas intrigas que a maldade forja na sombra e no escuro.

CAHIER DES CHARGES

POUR LA RÉCEPTION DES FUSILS PORTUGAIS

Modèle 1904

ARTICLE I

La réception des 100:000 fusils par la Commission de Réception Royale Portugaise se fera dans la manufacture d'armes à Berlin (Martinikenfelde) selon l'article 3.^{me} du contract signé entre le Haut Gouvernement Royal Portugais d'une part, et la Deutsche Waffen-und Munitions fabriken, Berlin, de l'autre.

ARTICLE II

La fabrique procurera à la Commission tout le matériel de revision, dont elle aura besoin, ainsi que les appartements nécessaires selon l'article 5.^{me} de l'annexe du Contrat.

ARTICLE III

La commission se réserve le droit d'examiner chaque fois qu'elle le jugera nécessaire, tous les appareils et outils, employés pour le controle des différentes pièces du fusil, pour se convaincre, que leurs dimensions et tolérances correspondent aux tables de dimensions et de tolérances, établies en commun accord entre la Commission et la fabrique.

ARTICLE IV

La Commission fera les travaux de révision selon l'article II du susdit annexe du contrat de manière à ce qu'elle contrôle par moyen des calibres et des rapporteurs toutes les pièces, qui doivent répondre aux dites tables de dimensions et des tolérances en controlant en même temps ces pièces quant aux défauts de matériel et aux autres défauts visibles.

De même la commission controlera, si les travaux de fraise et de lien des pièces, ainsi que leur polissage sont bien exécutés, sans avoir enlevé trop de métal à la fois, si les arêtes ont été chanfrainées comme celles du fusil-modèle et si la soudure a été bien faite et avec le matériel approprié.

Les pièces du fusil ne devront pas montrer de porosités, fentes, fractures, parties brûlées ou d'autres défauts nuisibles, et les bois point de pailles se détachant facilement. Le bois de noyer sera sec et exempt de noeuds nuisibles (des noeuds dans la poignée ne seront aucunement admis) et les fibres du bois devront aller à peu près dans le sens longitudinal.

Toutes ces pièces de fusil, que la fabrique présentera journellement à la Commission, seront rendues à la fabrique controlées au

plus tard le lendemain, les pièces acceptées ayant été marquées du poinçon de la Commission, si celle-ci le juge nécessaire.

Les pièces refusées qui sont réparables, seront rendues à la fabrique pour ce but; par contre les pièces définitivement rebutées peuvent être gardées sous clef par la Commission jusqu'à la fin de la livraison de toutes les armes.

Les pièces, dont la qualité est douteuse, avant de les rebuter définitivement, seront soumises à une dernière révision qu'aura lieu à la fin de chaque semaine sous l'assistance d'un représentant de la fabrique, pour constater quelles pièces sont acceptables, réparables ou définitivement à rebuter.

ARTICLE V

Les ressorts, après avoir été examinés par la Commission à l'égard de leurs bonnes conditions et dimensions seront soumis à un effort de tension d'une durée de 24 heures dans les appareils spéciaux. Ce effort de tension ne serait pas inférieur à celui, que les ressorts auront à soutenir pendant le fonctionnement dans l'arme; la Commission rebutera tous les ressorts cassés ou déformés pendant cette expérience, ainsi que ceux, qui ne seront retournés dans leur position normale, déterminée par les calibres et les tables de dimensions.

ARTICLE VI

La griffe de l'extracteur devra résister, sans déformation à un effort de traction de 200 kilogrammes et la queue à deux efforts de tension, sans déformation aucune, dont l'une pour desalocker le pied de l'extracteur de son entaille et l'autre pour faire recueillir la bosse dans son logement dans la tête mobile.

ARTICLE VII

La baguette sera soumise à un effort de tension, qui doit donner une flèche de 16^{mm} pour une distance des deux points d'appui de 363^{mm} sans qu'elle se casse ou garde une flèche permanent.

ARTICLE VIII

La hausse des fusils sera graduée pour une charge de poudre qui sera indiquée par la Commission selon les ordres qui à ce sujet elle recevra de son gouvernement.

ARTICLE IX

La trempe de pièces, qui auront à éprouver cette opération, devra se faire sous les meilleurs conditions. Ce travail pourra être contrôlé par les membres de la Commission.

ARTICLE X

Vérification expérimentale des canons et des mécanismes des fusils après le montage des systèmes. Après le montage du système ont tirera 2 coups par système avec des cartouches chargés de... gr. de poudre allemand, que devront donner une pression de

gas de 4:000 atmosphères. Cette pression de gas sera constatée au moyen de cylindres de la «Centralstelle für wissenschaftliche-technische Untersuchungen, Neubabelsberg», et pourra être contrôlée chaque fois à l'arrivée d'une nouvelle quantité de poudre à la fabrique.

Après cela on vérifiera le canon, ainsi que le mécanisme du système par les mêmes calibres avec lesquels ils avaient été contrôlés avant l'épreuve, et doivent ils alors répondre comme avant à ces calibres.

ARTICLE XI

La Commission soumettra les fusils après leur montage à un dernier examen, pour se convaincre, que les pièces portent les marques, mises dans les revisions précédents, ainsi que les pièces nommées ci dessous sont numérotées selon les prescriptions, et que le montage est bien fait et selon le fusil-modèle.

Numérotage

Les pièces suivants du fusil seront numérotées avec le numéro correspondant du fusil :

Canon;
Boîte de culasse;
Verron;
Sous-garde;
Bois.

ARTICLE XII

Épreuves de justesse :

1) Tous les fusils seront éprouvés dans le tir au but à la fabrique, en faisant avec chaque fusil un groupement de 5 coups à une distance de 50 mètres. Ce groupement doit se trouver dans un rectangle de 8 cm. de hauteur et de 4 cm. de largeur, mais la dispersion en hauteur ne devra surpasser en tout 6 cm. La position du rectangle de la cible au dessus du point visé serait fixée après la détermination de la graduation de la hausse.

2) Les fusils, qui dans cette épreuve ne satisfont pas aux conditions sus-mentionnées, seront réctifiés ou réparés par la fabrique jusqu'à ce qu'ils remplissent les conditions. On les soumettra après chaque nouvelle rectification de nouveau à la même épreuve de tir.

L'officier chargé de la surveillance du tir aura le droit, si l'on constate par les premiers coups tirés, que le fusil en question ne suffit pas aux conditions du tir, d'arrêter la continuation du tir avec ce fusil, pour empêcher une dissipation inutile de munitions, et on rendra alors ce fusil à la fabrique pour qu'elle le rectifie ou le répare.

Si un seul coup se trouve hors du rectangle par faute du tireur, l'officier a le droit, sans rendre le fusil à la fabrique, de faire un coup de plus, pour certifier, si le fusil réponde aux conditions.

3) En outre, si la Commission le juge nécessaire, on vérifiera ainsi la justesse de 4 % des fusils à 3:000^m et celle de 1 % à 500^m.

Ce tir se fera chaque fois pour les fusils reçus dans le même mois à la fabrique et à la place de tir de Königswusterhausen.

Pour cette épreuve on fixera les fusils dans le chevalet de pointage et on visera à l'aide du telescope.

4) Ce justesse des fusils aux distances indiqués sous n.º 3 doit répondre, proportionnellement aux plus grandes distances, aux conditions mentionnées sous n.º 1, en y tenant compte de l'influence de la température, du vent, etc.

Les fusils, qui pendant cette épreuve ne satisferont pas aux conditions, seront de nouveau soumis au même tir, pour constater si les fautes proviennent de l'arme ou si d'autres circonstances en sont la cause. Dans le premier cas on rendra le fusil à la fabrique pour qu'elle la rectifie, jusqu'à ce qu'il remplisse les conditions, les stipulations de n.º 2 — second et troisième alinéa — y valent aussi.

ARTICLE XIII

Les fusils et les bayonnettes correspondants seront engraisés et emballés au fur et à mesure de leur réception; puis on scellera les caisses avec le timbre de la Commission, pour pouvoir les expédier de suite. Ce travail se fera par les ouvriers de la fabrique sur la surveillance de la Commission.

ARTICLE XIV

Matériaux employés pour la fabrication des fusils

Les barres pour la fabrication des canons seront reçues par lot de 1:000 barres.

1) La Commission choisit de chaque lot 6 barres, dont 3 pour la constatation des qualités physiques. Cette épreuve se fera dans la Fabrique des Deutsche Waffen und Munitionsfabriken sur la machine à déchirer. Cependant la Commission se réserve le droit de faire contrôler en cas de doute, ces résultats à la «Centralstelle, Neubabelsberg», en employant pour cette épreuve les pièces restantes des 3 barres sus-mentionnées.

2) Dans cette épreuve physique le limite de tenacité doit être au moins 62 kg. par mmq., le limite de rupture au moins 87 kg. par mmq., tandis que l'allongement ne devra pas être inférieur à 12 %.

3) Si la Commission le jugera nécessaire, elle soumettra la limaille des barres, employées aux épreuves mécaniques, à une examen chimique à la «Centralstelle, Neubabelsberg», la fabrique Deutsche Waffen und Munitionsfabriken n'ayant pas de laboratoire chimique. On fera cet examen chimique avec le mélange de la limaille de toutes 3 barres.

4) Les résultats chimiques, obtenus dans cette épreuve, devront répondre aux résultats suivants :

Carbone au plus.....	0,55
Si	0,45
Mn	0,67
Cu.....	0,06

Ni.	0,07
Ph.	0,03
S.	0,06

5) Des trois barres mentionnées dans cet article on construira des canons et on fera avec chacun 2 coups avec des cartouches d'une charge de poudre Nobel, répondant à une pression de gaz de 5:000 atmosphères, mesurée avec des cylindres de la «Centralstelle, Neubabelsberg». Cette charge pourra être contrôlée à l'arrivée de chaque nouvelle quantité de poudre à la fabrique.

6) Si seulement une des 3 barres mentionnées sous les n.º 2 à 4 de cet article ne suffirait pas aux conditions quant à ces qualités physiques, on répètera cette épreuve physique avec une quantité de 1 $\frac{1}{2}$ des barres du même lot.

Si dans cette deuxième épreuve une seule barre ne suffit pas aux conditions physiques, alors on rebutera tout le lot. De même le lot serait rébuté au cas que dans le premier examen chimique les conditions stipulées sous n.º 4 ne seront pas remplies. Également on rebutera tout le lot au cas que après l'épreuve au tir, mentionnée sous n.º 5 de cet article, une dilatation de 0,05^{mm} se présenterait dans les dimensions de la chambre ou de l'âme du canon.

7) Les barres rebutées définitivement peuvent être tenues sous clef par la Commission jusqu'à la fin de la livraison.

8) Les matériaux destinés aux autres pièces de fusil, doivent répondre aux qualités, garantissant leur bon fonctionnement et conservation. La Commission pourra quand elle jugera nécessaire faire examiner des matériaux à la fabrique, ainsi qu'à la «Centralstelle Neubabelsberg», pour contrôler les qualités physiques et chimiques spécifiés dans l'annexe I de ce cahier de charges.

L'annexe II contient une spécification des matériaux, qui doivent être employés dans la fabrication des différents pièces de fusil.

ARTICLE XV

Faute de l'installation spéciale nécessaire, la rampe supérieure droite de la boîte de culasse pour le tenon droit du verrou dans les deux fusils modèles n.º 5 et n.º 8, envoyés dernièrement à Lisbonne, n'est pas encore identique à celle du fusil — modèle présenté dans son temps à Lisbonne. Les 100:000 fusils à livrer selon le contrat devront cependant porter cette modification, qui à pour but, à ce que la force pour tourner complètement le verrou jusqu'à l'armé, ne surpasse jamais 6 kg.

ARTICLE XVI

Selon l'accord entre la Commission et le Deutsche Waffen und Munitionsfabriken, les sabres-bayonnettes doivent être livrés avec une lame de 3 centimètres plus longue, que des bayonnettes-modèles, envoyées comme échantillon à Lisbonne.

La réception des bayonnettes se fera par la Commission selon les conditions du Cahier des Charges pour bayonnette ci joint (annexe III).

ARTICLE XVII

Un règlement spécial de reception contiendra tous les détails pour l'exécution des stipulations du présent cahier de charges, au quel on ajoutera la table de dimensions et de tolérances, poids des ressorts ainsi que les tableaux et dispositions se rapportant aux marques des différents pièces du fusil, tout en accord avec la fabrique.

ANNEXE I

Table des qualités physiques et chimiques des différents sortes d'acier et de fer, employées dans la fabrication des fusils et aux quelles les matériaux doivent à peu près suffir

Qualités physiques	Limite de tenacité	Limite de rupture	Allongement
1.) Fer à grain fin	20	40	20
2.) Acier de lingot	25	50	15
3.) Acier de lingot spécial	25	50	15
4.) Acier fondu	35	65	10

Qualités chimiques	Titre le plus haut permis:					
	C	Cu	S	Mn	Si	Ph
1.) Fer à grain fin	0,12 à 0,20	0,36	0,08	0,60	0,30	0,15
2.) Acier de lingot	0,40	0,36	0,08	0,90	0,30	0,15
3.) Acier de lingot spécial ..	0,40	0,36	0,08	0,90	0,30	0,15
4.) Acier fondu	0,70	0,36	0,08	0,70	0,45	0,15

ANNEXE II

Nombre	Dénomination des pièces	Matériaux
1	Canon	Acier spécial.
2	Bague du guidon	Acier de lingot pauvre en carbone.
3	Vis de la bague du guidon . . .	Fer à grain fin.
4	Guidon	Acier à ressort.
5	Pied de l'hausse	Acier de lingot pauvre en carbone.
6	Vis du pied de l'hausse	Fer à grain fin.
7	Ressort du pied de l'hausse . .	Acier à ressort.
8	Montant de l'hausse	Acier de lingot pauvre en carbone.
9	Curseur	Acier de lingot pauvre en carbone.
10	Arrêt du curseur	Acier à ressort.
11	Ressort de l'arrêt du curseur .	" " "
12	Boîte de culasse	Acier de lingot pauvre en carbone.
13	Arrêt du verrou	Acier à ressort.
14	Ressort d'arretoir	" " "
15	Ejecteurs	Toile d'acier à ressort.
16	Vis d'arretoir	Acier de lingot pauvre en carbone.
17	Détente	Acier de lingot pauvre en carbone.
18	Corps de détente	Acier à ressort.
19	Goupilles de détente	Fil d'acier fondu étiré.
20	Ressort de détente	" " " "
21	Verrou	Acier de lingot spécial.
22	Percuteur	Acier à ressort.
23	Ressort du percuteur	Fil d'acier fondu.
24	Noix	Acier de lingot spécial.
25	Surété	" " " "
26	Tête mobile	" " " "
27	Extracteur	Acier à ressort.
28	Sous-garde	Acier de lingot pauvre en carbone.
29	Arretoir du fond de sous-garde	Acier de lingot pauvre en carbone.
30	Ressort d'arretoir du fond de sous-garde	Fil d'acier fondu.
31	Goupille d'arretoir du fond de sous-garde	Fil d'acier étiré.

Nombre	Dénominations des pièces	Matériaux
32	Fond de sous-garde	Acier de lingot pauvre en carbone.
33	Goupille par le fond de sous-garde.....	Fil d'acier étiré.
34	Transporteur.....	Acier de lingot pauvre en carbone.
35	Réssort du transporteur	Tôle d'acier à ressort.
36	Vis d'entretoire.....	Fer à grain fin.
37	Entretoire de sous-garde	» » » »
38	Vis de sous-garde	» » » »
39	Bois	Bois de noyer.
40	Garde-main	» » »
41	Arrêtoir de la bayonnette.....	Acier de lingot pauvre en carbone.
42	Embouchoir	Acier de lingot pauvre en carbone.
43	Réssort d'embouchoir	Acier à ressort.
44	Grénadière	Acier de lingot pauvre en carbone.
45	Vis du battant de grénadière.	Fer à grain fin.
46	Goupille du battant de grénadière	Fil d'acier étiré.
47	Ressort de grénadière.....	Acier à ressort.
48	Embase du battant de crone.	Acier de lingot pauvre en carbone.
49	Battant de crone	Fer à grain fin.
50	Goupille d'embase du battant	Fil d'acier étiré.
51	Plaqué de couche.....	Acier de lingot pauvre en carbone.
52	Vis à bois.....	Fer à grain fin.
53	Baguette.....	Acier à ressort étiré.
54	Ecroû pour la vis de baguette	Acier de lingot pauvre en carbone.

ANNEXE III

**Cahier des charges pour la réception des bayonettes
pour les fusils portugais modèle 1904**

1) La bayonette doit correspondre exactement aux bayonettes modèles envoyé à Lisbonne, mais la lame ainsi que le fourreau doivent être de 3 cm. de plus long qu'aux modèles envoyés à Lisbonne.

2) La réception des bayonettes finies se fera par la Commission selon son choix dans la fabrique des Deutsche Waffen und Munitionsfabriken, à Berlin, ou dans les ateliers des fabricants de bayonettes.

3) Les matériaux employés pour la fabrication des bayonettes et fourreaux, ainsi que leurs pièces peuvent être examinés par la Commission dans les ateliers des fabricants de bayonettes pour se convaincre qu'ils remplissent les conditions mentionnées ci-dessous. Tout le matériel sera rebuté, qui a des fractures, fentes, taches et autres défauts nuisibles à la solidité. Les matériaux qui seront employés, doivent être absolument de propre qualité.

4) Les calibres et rapporteurs et autres outils à vérifier seront soumis à l'examen de la Commission, pour constater que leurs dimensions et tolérances correspondent à celles indiquées dans les tables de dimensions et tolérances, établies en commun accord entre la Commission et la fabrique.

5) La Commission a le droit d'étendre son inspection et approbation à toutes les pièces qui seront en fabrication, pour se convaincre que le matériel ne contient pas des défauts, et que les pièces sont bien exécutées. Par cette raison, les membres de la Commission ainsi que leurs contrôleurs, auront le droit de surveiller la marche des travaux et l'entrée libre à tous les ateliers de la manufacture dans laquelle les pièces des bayonettes et fourreaux seront faites.

6) Le fourreau proprement dit doit être étiré d'une pièce. À la bouche il y aura la cuvette du fourreau que permettra l'entrée juste de la lame.

7) Comme base pour l'examen et la réception des bayonettes servent les tables de fabrication, ainsi que les tolérances et la bayonette échantillon qui sera présentée par la fabrique à la Commission pour le but de la sceller.

8) Les lames des bayonettes seront soumises à une épreuve de résistance, qui se fera en donnant 2 coups de plat de chaque côté, 2 ou tranchant et 2 du dos sur une planche de bois ou de plomb. Les dits coups ne doivent pas donner lieu à aucune flexion ou entaille restante.

Puis on fera fléchir la lame sur un arc de bois ou de plomb d'une extension égale à la longueur de la lame et qui aura une flèche de 1,2 cm. sans que la lame perde sa réctitude par suite de cette épreuve.

Les lames qui ne regagnent pas leur réctitude, par leur pro-

pre élasticité, seront rendus à la fabrique pour les tremper une autre fois, et si, après avoir été trempées de nouveau elles ne satisfont pas aux conditions de l'épreuve, elles seront définitivement rebutées.

9) Les montures doivent être faites de noyer, et seront examinés si elles sont bien seches et exempts de noeuds nuisibles, de fentes et de failles se détachant facilement.

10) La Commission attachera valeur à ce que les roudelles, rivet et ressorts soient bien exécutés, les ressorts seront soumis pendant 24 heures à une épreuve de pression dont la norme sera déterminée d'accord entre la Commission et la fabrique, tous les ressorts étant rebutés, qui après de temps se rompent ou perdent leur forme, soit entièrement, soit en partie.

11) On examinera, si les fourreau sont bien polis et sans sondures, excepté le stopéral qui sert à fixer la bayonette à la courroie, qui sera sondé au fourreau.

12) La Commission examinera si la lame des bayonettes finies avec la poigné croisière et est bien exécuté et polie, si la poigne croisière va bien sur la bouche du fourreau, et si les montures sont bien exécutées et propres.

Enfin, on examinera si la lame avec la poignée croisière ainsi que le fourreau sont de la même forme et des mêmes dimensions, qu'à la bayonette scellée, en prenant en considération les tables de fabrication.

13) La Commission fera marquer les bayonettes qu'elle a trouvée bonnes et reçues, et ces dernières seront numérotés par la fabrique des mêmes chiffres que les fusils pour les quels elles sont destinées, après avoir reconnu qu'elles se mettent bien dans ceux-ci.

NO EXTREMO ORIENTE

VI

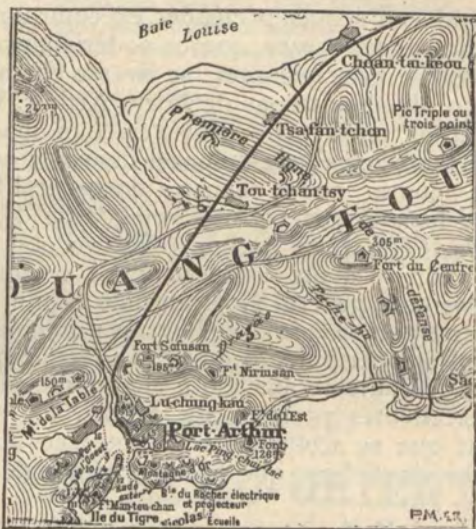
Operações preliminares do cerco de Porto Arthur

Logo que os japonezes se apoderaram de Nanshan, isto é, logo que passaram o isthmo de Kin-tchéou e puzeram pé na península de Kouang-toung, Porto Arthur começou a ser virtualmente cercado. Como já dissemos, a posse de Nanshan envolvia para os japonezes a posse de Dalny ou Talienvan. Por este facto o general Stoessel, que foi o encarregado por Kouropatkine da

defeza da península de Porto Arthur, difficilmente encontrará desculpa no facto de não ter reforçado o general Fock na defeza do isthmo. Um regimento a mais de infantaria com algumas baterias teria sido o sufficiente para evitar o movimento torneante que os japonezes fizeram mesmo pelo mar e que lhe abriu as portas da península, e, portanto, o caminho para Porto Arthur. Devido a isso teve logo que abandonar Dalny, que passou a ser uma excellente base de operações dos japonezes, e iniciou a sua marcha em retirada sobre a cidade sem sequer pretender executar um contra ataque sobre os japonezes, que os poderia lançar outra vez no isthmo, principalmente se tivesse chamado em seu reforço algumas tropas de Porto Arthur. E os resultados eram tanto mais provaveis e a inacção de Stoessel é tanto mais indesculpavel quanto é certo que não devia ignorar que a offensiva do general Stockelberg já se fazia sentir sobre a retaguarda do 3.º corpo japonéz, Oku. Esta mesma offensiva obrigou este general a voltar a sua attenção para o norte, deixando sómente o general Nogi fazendo frente a Stoessel. Mas este parece que apenas estava dominado pela defeza de Porto Arthur e o que é um facto é que, apesar de ser fracamente atacado e apesar mesmo de ter sempre excellentes posições de defeza, foi retirando sempre até que se acolheu sob a protecção dos fortes da 1.ª linha da defeza, que ficam a menos de 10 kilometros.

O general Fock, porem, nos dias 3 e 4 de julho, com o apoio d'um cruzador, executou um contra-ataque sobre a ala esquerda japoneza. Os resultados collidos não compensaram, comtudo, o esforço empregado, porque dentro em breve teve que se recolher tambem nos fortes avançados da defeza. Estes fortes avançados tinham sido de antemão construidos e occupavam uma serie d'alturas que correm d'este a oeste. A ala direita apoiava-se nas alturas que correm ao longo da margem norte do rio Taché-ho, distando apenas uns 5 kilometros dos fortes principaes que por leste defendem a cidade. Os fortes centraes, que formavam

o prolongamento, estavam construídos nas montanhas do Lobo, ligando com os fortes do oeste, construídos sobre as montanhas Verdes e que completavam a defesa avançada de toda a península. As suas frentes estavam guarnecidas com fios de ferro e uma grande quantidade de minas. A frente formada por estes fortes era de 14 kilometros e o effectivo que Fock tinha para defender a passagem dos japonezes era de 12:000 homens. Apesar d'este pequeno effectivo o general



Fock, como a distancia aos fortes principaes era relativamente pequena, podia contar com artilheria ligeira que era tirada da fortaleza, servindo-lhe mesmo de reserva as tropas que defendiam esses fortes. Podia empregar, pois, todos esses homens n'uma defesa activa, como de facto fez. A vantagem principal d'esta linha de defesa era evitar que a artilheria pezada dos atacantes pudesse de longe damnificar os fortes principaes, evitando d'esta forma um bombardeamento efficaç sobre a praça, cidade e caes.

O valor defensivo d'esta linha não residia verdadeiramente na resistencia e apoio que os fortes poderiam offerecer. Com o valor defensivo que lhe dava o terreno, muito accidentado e perfeitamente dominado pelos fortes, foi o bastante para os japonezes não tentarem sequer uma batalha campal, que redundaria n'um desastre e que custaria muitas vidas. Por isso optaram pela guerra de cerco. Para uma guerra d'esta natureza o ponto de partida era a collocação da artilheria pezada que desse a superioridade do fogo, a qual os japonezes collocaram em pontos que primeiramente tiveram que fortificar. Depois de iniciado o duello das artilherias, as posições de infantaria eram occupadas de noute, onde a infantaria amarella se fortificava com o auxilio da escuridão.

Os japonezes, depois do general Oku ter quebrado os impulsos da offensiva que o general Stockelberg tinha iniciado pelo norte, podiam dispor de 5 divisões de infantaria com uma artilheria de campanha de 160 peças e d'um parque de 80 obuses de grosso calibre, que tinham desembarcado em Dalny. Os primeiros ataques foram executados a 26, 27 e 28 de junho contra os fortes das montanhas Verdes. Durante esses 3 dias a lucta foi ininterrupta, quer de dia, quer de noute, os japonezes tiveram que resistir a alguns contra-ataques parciaes e um e outros ao fogo concentrico que por vezes era feito pelas artilherias adversas, que era notavelmente favorecido pelos accidentes do terreno. Depois de uma lucta tenaz, heroica mesmo, em que era necessario vencer o terreno, o fogo e as proprias defensas accessorias, os japonezes conseguiram expulsar Fock das montanhas Verdes e obrigaram-no a refugiar-se nos fortes da montanha do Lobo, d'onde, por um processo identico e cheio das mesmas difficuldades foi expulsado pelos nippons a 3o do mesmo mez, tendo soffrido 1.400 baixas. N'esta lucta ininterrupta de 5 dias, os japonezes tiveram cerca de 5.000 soldados e 150 officiaes fóra de combate.

A posse completa das montanhas do Lobo e o proseguimento das operações até poderem os japonezes

atacar a posição principal, foi uma operação delicada em que houve de parte a parte verdadeiros rasgos de heroísmo e immensos actos de heroicidade. Os russos disputavam o terreno palmo a palmo e só n'esta altura é que mostraram alguma reluctancia em se recolherem dentro da praça. Se essa reluctancia se tivesse evidenciado mais longe, em Nanshan, talvez o investimento da praça fosse bem mais demorado. O que é verdade é que essa reluctancia, que obrigou os russos a defender o terreno com extraordinario affinco, fez com que os japonezes, para poderem avançar e mesmo para se poderem sustentar nas posições conquistadas, tivessem de as guarnecer com saccos d'areia. E mesmo assim só ao cabo de 8 dias, dia 8 d'agosto, é que se deu um combate geral, em que a infantaria japoneza teve de combater umas 15 horas consecutivas para no fim ser repellida por um energico contra-ataque que executou a infantaria moscovita. Mas as forças estavam exaustas e a intervenção energica e violenta da artilheria amarella fez com que os russos retirassem por completo sobre a praça, abandonando mesmo todas as posições que durante esse contra-ataque tinham reconquistado aos japonezes.

No dia 9 a artilheria japoneza de grosso calibre, segundo as indicações que lhe eram fornecidas por um balão captivo, entra em acção. A infantaria russa apesar de combater de dia e mesmo de noite com o auxilio dos projectores, é repellida pelos nippons, apoderando-se das alturas oeste e sul e do forte avançado de Takuchan, e conseguindo tambem occupar as posições junto ao rio Lunho, estabelecem-se a cerca de um kilometro das obras principaes da defesa. Para leste, a infantaria japoneza apoderando-se da margem direita do Taché, approxima-se a uns 2.000 metros da praça e d'esta forma tinha Nogi toda a sua infantaria occupando as posições que lhe deviam servir de base a todas as operações do cerco.



As propostas da Guerra

O logar que occupamos no meio da imprensa militar lança-nos na imperiosa obrigação, obrigação que aliaz não declinamos, de nos tornarmos interpretes do pensar e sentir da arma de infantaria, e apresentarmos a nossa opinião sobre as propostas que ultimamente foram lidas na camara dos senhores deputados.

Não discutiremos nem a necessidade nem a oportunidade d'algumas d'essas propostas por envolver assumpto de natureza mais ou menos politica, caminho em que não desejamos enveredar. O nosso fim é tão sómente apreciar-as no tocante ao que diz respeito á nossa arma. Nada diremos tambem com relação aos beneficios que se pretendem dar á arma de artilheria com o alargamento de quadros. Diremos no entanto que sendo-nos muito agradavel vêr beneficiar os nossos irmãos, não o seria menos se a infantaria fôsse attendida de identica fórma. Desejamos o progresso de todos, mas não desejamos ficar esquecidos.

E posto isto vamos entrar no assumpto unicamente com o fim de elucidarmos a questão.

Quanto aos vencimentos promettidos applaudimos o projecto da remodelação dos subsidios. Diremos não obstante que apesar de ainda não corresponderem completamente ás exigencias do momento representam em todo o caso um passo agigantado. Muito applaudimos tambem o alargamento do limite d'idade para os sar-

gentos. Além de ser justo é um benefício que se presta a esta classe de fieis e bons auxiliares.

Já não podemos dizer o mesmo com relação aos vencimentos por diuturnidade. E por trez razões pecam elles, que são: uma por exigirem a alteração da fórmula de promoção dos aspirantes e alferes, muito prejudicial, por os alferes poderem estar 6 annos n'este posto; outra porque o periodo é demasiado longo, e a terceira, finalmente, porque o alferes que chegasse a ter a *infelicidade* de receber esse *beneficio* seria prejudicado na promoção a tenente, o que quer dizer que é necessario ter um prejuizo para depois receber um beneficio, que se converteria mais tarde outra vez em prejuizo. Discordamos, portanto, com essa doutrina.

O beneficio que se pretende dar aos tenentes de infantaria não deve ser discutido porque nunca o chegarão a receber. E se tal succeder é caso para lastimar não só a sorte dos tenentes, mas tambem a de toda a arma.

Quanto a vencimentos, por mais d'uma vez se tem indicado n'esta *Revista* a fórmula de resolver o problema. Vencimentos por diuturnidade, geralmente não correspondem ás necessidades a não ser que os periodos sejam muito curtos, como se faz em França, por exemplo, em que o vencimento é augmentado de trez em trez annos. Se a infantaria estivesse bem paga, isto é, se tivesse os elementos necessarios para viver com o desafoço que é requerido, era justo um augmento de vencimentos, embora pequeno, á medida que os annos de serviço no mesmo posto augmentassem. Mas no estado actual a unica coisa que corresponde ás exigencias, exigencias que oficialmente se reconhecem no relatorio do orçamento geral do estado, em que se diz que o preço da vida tem *mais do que duplicado senão triplicado* n'estes ultimos tempos, a unica coisa que corresponde ás exigencias do momento, iamos dizendo, é o augmento de soldo em cifra que não deve ser inferior a 10,000 réis para subalternos e capitães. E' o principio que temos defendido e é, quer-nos parecer, o modo de pensar e sentir geral.

Na lei de promoção projectada, além de discordarmos com a extincção da promoção a alferes e tenente por diuturnidade, não podemos também deixar de discordar em absoluto com a implantação dos princípios da *base 17*, porque isso representa para a infantaria um prejuizo de tal natureza que equivale a dizer que durante cerca de 10 annos, pelo menos, não poderá ter general algum pelas *vagas fluctuantes*.

A lei dos *quintos*, hoje em vigor, apresenta um perigo identico com a aceleração na promoção a coronel que dá a determinados tenentes coroneis das outras armas, que, para effeitos de promoção ao generalato pelas *vagas fluctuantes*, ficavam á direita dos da infantaria. E' necessario dizer-se, porém, que esse inconveniente desaparecia no dia em que se completassem os quadros exigidos pela organização em vigor, e se elevasse o numero de generaes da arma de 7 a 12, como era necessario, o que só poderia ser feito em detrimento das *vagas fluctuantes*. Desapparecendo essas *vagas*, desapareceria immediatamente não só o prejuizo que a lei dos *quintos* podia causar á infantaria, mas até a podia beneficiar desde que se lhe alargasse o quadro no generalato de 7 a 12. Se não se fez podia um dia fazer-se, porque nada se oppunha a isso.

Outro tanto já não succede com o resurgimento da doutrina da *base 17*, porque pretendendo ella compensar os officiaes atrasados com a aceleração da promoção ao generalato pelas *vagas fluctuantes*, quer dizer que estas *vagas*, que teem sido sempre um logro para a nossa arma, jámais poderão desapparecer. E lembramos isso aos nossos camaradas porque precisamos empregar todos os esforços admissiveis para que essas *vagas* desapareçam por completo.

Mas se a lei dos *quintos* era prejudicial á infantaria emquanto não se extinguissem as *vagas fluctuantes*, a applicação da *base 17* é então muito peor, não só por envolver um prejuizo muito maior, mas também porque impede a extincção d'aquellas *vagas*. Quanto aos inconvenientes d'esta ultima parte é escusado insistir mais e apenas lembraremos que desde que ellas existem, a

infanteria tem estado sempre no *minimo*. Quanto á primeira parte vamos provar o que asseveramos.

Quando se applicou a *lei dos quintos*, o tenente coronel de infanteria mais antigo, e portanto o primeiro a ser prejudicado com a promoção dos 16 tenentes coroneis das outras armas, foi o sr. Frederico Tavares Garcia, hoje coronel. Caso não se extinguissem as vagas fluctuantes, o prejuizo que soffria era pois de 16.

Pela lista que juntamos, organisada segundo a lei agora projectada, vê-se que, além de fazer desaparecer todas as esperanças da eliminação das vagas fluctuantes, porque são da essência da lei, não só se torna para o mesmo coronel aquelle prejuizo effectivo, mas que até chega a ser aggravado com mais 12 coroneis e mesmo tenentes coroneis que são os indicados na lista com a designação (*e*), o que quer dizer que aquelle official é prejudicado em 28 logares na escala.

Mas tomemos mais exemplos. O sr. coronel Francisco Rodrigues da Silva, que é o primeiro coronel promovido depois de 7 de setembro de 1899, periodo da restricção, e que não soffria preterição alguma, passa agora a ser preterido em 15 logares na escala.

O sr. coronel Antonio A. Sousa Bessa, que não era preterido pela lei dos *quintos*, apesar de ser na sua primeira applicação o coronel mais moderno da infantaria, passa agora a ser preterido não só pelos coroneis (*d*), que pela lei dos quintos tinham sómente preterido o coronel (*c*), mas até pelos coroneis (*e*) que lhe ficam á direita, apesar de terem sido promovidos a este posto muito depois, soffrendo d'esta fôrma um prejuizo de 19 logares.

Só por estes exemplos se vê quão nefasta é para a infantaria a lei de promoções.

Quanto á reorganisação do exercito, não havendo motivos imperiosos que a exijam, porque não os ha, diremos somente que muito lastimaremos a sorte de tantos camaradas que teem de mudar de situação e de terra, e do desgosto que causa em todo o exercito estes trabalhos, transtornos e prejuizos inuteis.

Coronel J. A. Teixeira de Sequeira (d)....	Art.	Coronel Domingos J. Carreira (d).....	Cav.
» S. Chaves Aguiar (d).....	»	» Antonio M. M. Pinto Sarmento (e)	Inf.
» Zeferino N. G. Brandão (d).....	»	» Mathews L. P. Lacueva.....	»
» F. M. Antunes do Valle (d).....	»	» Bernardo A. Brito Abreu.....	»
» A. C. de Moraes Carvalho (d).....	Cav.	» A. Magno Campos Junior.....	»
» Luiz F. de Castro (f).....	Eng.	» José S. M. P. de Vasconcellos....	»
» Jacintho Parreira.....	»	» Alexandre E. P. Rocha Vasconcel.*	»
» J. C. Tudella Côte Real (d).....	»	» J. A. Mascarenhas Bastos.....	»
» J. Mathias Nunes (d).....	Art.	» A. P. Costa Bello.....	»
» J. Benjamin Pinto (d).....	»	» J. Fernandes Costa Junior (e)....	Art.
» Abilio A. S. Rosado (d).....	»	» A. L. Teixeira Machado.....	Inf.
» Leandro A. R. Pedreira (d).....	»	» J. Silvestre d'Andrade (e).....	Art.
» Joaquim A. S. Rosado (d).....	»	» Silvano A. Lopes.....	Inf.
» Mariano J. da S. Prezado.....	Cav.	» Antonio A. Sousa Bessa (b).....	»
» J. C. Bom de Souza (d).....	»	Ten. cor. A. A. Falcão Rodrigues (e)....	Art.
» C. P. de Freitas Azevedo (e).....	Art.	» A. José d'Araújo (e).....	»
» J. M. Silva Macedo (d).....	Cav.	Coronel A. P. Tovar de Lemos (e).....	Eng.
» Francisco Rodrigues da Silva (a)...	Inf.	» A. M. M. Gouveia Prego (e).....	»
» Carlos R. du Bocage (d).....	Eng.	Ten. cor. N. B. Brito Taborda (e).....	»
» J. J. Pereira Dias (d).....	»	» J. A. Pereira de Valle (e).....	»
» B. P. Mousinho d'Albuquerque (e).	»	» J. Lucio Lobo (e).....	»
» Ayres A. Pereira Dias.....	Inf.	Coronel Frederico Tavares Garcia (c)...	Inf.
» J. Baptista Cruzeiro Seixas.....	»		

(a) Foi o primeiro coronel de infantaria promovido a este posto depois de 7-9-1899.

(b) Foi o ultimo coronel d'infanteria promovido antes da applicação da lei dos quintos.

(c) Foi o tenente coronel de infantaria mais antigo que foi preterido pela lei dos quintos.

(d) Coroneis que pela lei dos quintos preteriram o coronel (c).

(e) Coroneis e tenentes coroneis que alem dos indicados em (d) passam pela nova lei a preterir o coronel (c).

(f) Unico official que não preteriu o coronel (a).

Por todas estas razões e por outras ainda que não desejamos explanar, porque não queremos trazer para este debate a menor nota irritante, affirmamos aos poderes constituídos que o voto da arma de infantaria é contrario a essas propostas da guerra que tanto prejudicam o exercito.

E d'esta fórma fica expendida a nossa opinião a respeito do valor das medidas projectadas.



AS METRALHADORAS NOS DIFFERENTES EXERCITOS

N'estes ultimos annos as metralhadoras teem sido adquiridas por quasi todas as nações que teem os seus exercitos organisados e constituídos. Embora o modo do emprego seguido por umas e outras seja bastante differente, o fim que hoje se pretende alcançar com ellas é que é sempre o mesmo.

Desacreditadas na campanha franco-allema, onde não deram resultado porque foram empregadas como artilheria, apparecem agora de novo sob um aspecto completamente differente. Tanto as condições, como o modo do emprego e resultados que se procuram alcançar são totalmente diversos. E é precisamente n'essa diversidade que reside o valor que teem.

Apezar do insuccesso de 1870, os inglezes, sempre sobre uma forma especial, continuaram a empregar as metralhadoras nas suas numerosas campanhas coloniaes. Os resultados colhidos acordaram os allemães, que voltando novamente as suas attentões para esta arma, tambem sob um ponto de vista diverso d'aquelle, encontraram-lhe grandes vantagens. Pode-se mesmo dizer que foram os allemães os iniciadores das modernas ideias que hoje predominam a este respeito.

Afim de orientarmos os leitores da *Revista de Infantaria*, a respeito da evolução e largo emprego que estão tendo, vamos

indicar a maneira como teem sido organisadas e destribuidas as metralhadoras não só na Allemanha, mas tambem na Russia, Suissa, Inglaterra, França, Austria, Dinamarca, Japão, Estados Unidos e Mexico para depois estudarmos as regras principaes que regulam o seu emprego tactico, para o que nos basearemos nos respectivos regulamentos, o que se nos afigura constituir por certo lição proveitosa.

Allemanha. Foi, como já dissemos, esta nação a que primeiramente deu ás metralhadoras um emprego mais pratico. A primeira vez que ellas appareceram foi nas manobras de 1899, em que se empregaram 3 companhias, pertencendo 1 á guarda imperial, outra ao 1.º corpo e mais uma outra ao 14.º corpo d'exercito. Cada uma d'estas companhias, affecta aos batalhões de caçadores, era constituida por 4 metralhadoras Maxim, transportada cada uma d'ellas por uma viatura tirada por 2 cavallos.

Nas manobras imperiaes de 1900 vemos apparecer mais dois grupos de 4 peças, affectos á cavallaria. Em 1901 criam-se mais cinco grupos, affectos aos batalhões de caçadores (1.º, 2.º, 4.º, 6.º e 10.º batalhões da guarda). Foi a primeira vez que se deu ás tropas que os constituíam um uniforme especial, o qual ainda hoje está em vigor.

Em 1902 crearam-se mais 8 destacamentos e hoje acham-se organisados e constituídos em todo o imperio allemão 16 destacamentos a 6 metralhadoras Maxim cada um, estando todos affectos a batalhões de caçadores ou de infantaria para effeitos de instrucção e administração. Os officiaes e serventes são tirados da infantaria, onde estes são instruidos como os demais soldados até á escola de companhia.

Cada destacamento em tempo de paz consta do seguinte pessoal; 4 officiaes, 87 soldados e cabos, 18 cavallos de sella, 36 cavallos de tracção, 6 metralhadoras, 2 carros de munições, um carro de material e 1 metralhadora de reserva, o que em tempo de guerra se eleva a 120 soldados e cabos, 80 cavallos, 9 carros de munições e 4 viaturas de trem regimental.

A metralhadora, que emprega o mesmo cartucho da infantaria, está collocada n'um trenó que assenta sobre um reparo, ligando-se este ao carro de munições. Pode-se empregar com o trenó sobre o reparo, mas como regra geral emprega-se com o trenó desligado.

Cada metralhadora é servida por 1 apontador e 4 serventes, armados com carabina e bayoneta. Os conductores estão armados com espada e pistola automatica.

Cada destacamento conduz 87:000 cartuchos, dispostos em fitas de 250 cada uma.

O fogo é executado tiro a tiro, como na infantaria, ou por series de 25 tiros ou em tiro continuo, podendo este ser executado sobre um ponto fixo, ou percorrendo uma faxa horisontal, ou vertical, ou obliqua. Quando tratarmos do emprego tactico teremos então occasião de desenvolver este assumpto.

As tropas coloniaes tambem estão dotadas com metralha-

doras. Na actual campanha contra os *herrerros* os allemães teem tirado excellentes resultados com ellas. Alguns relatorios de commandantes de columnas chegam mesmo a affirmar que com esta arma se obtem melhor effeito, tanto material como moral, do que com a artilheria.

Russia. E' esta uma das nações que empregou grandes esforços para dar ás metralhadoras uma applicação pratica, chegando-se a effectuar numerosas experiencias com os modelos Gardner, Bratte Whitvey, etc. Aparecendo então a Maxim, o problema tornou-se viavel e já na campanha da China figuraram algumas.

Em 1900 foram creadas logo 8 companhias de metralhadoras, dotadas com a Maxim, de tres linhas, isto é, com a mesma disposição da arma russa distribuida á infantaria. Estas oito companhias foram affectas ao 1.º, 2.º e 3.º corpos d'exercito da Siberia e ao corpo de desembarque.

Algumas d'estas companhias foram mesmo empregados na campanha da China, chegando mesmo a desempenhar um importante papel no combate de Tien-Tsin.

Estas companhias são assim compostas :

Pessoal ; 1 capitão commandante, 2 tenentes chefes de secção, 7 sargentos e 50 soldados.

Animal ; 22 cavallos.

Material ; 4 Maxim, transportadas em armões com 1.350 cartuchos collocadas em fitas, 4 viaturas de munições com 4.500 cartuchos e 6 viaturas de trem regimental.

Mais recentemente, em 1901, foi ordenada, a titulo de ensaio a organização de mais 2 companhias affectas a divisões de infantaria da Europa. A composição d'estas companhias só será tornada definitiva depois das experiencias, isto é, passados 3 annos. Que nos conste, ainda não foi alterada, o que naturalmente succederá só depois da campanha actual.

A sua composição é a seguinte em pé de paz :

Pessoal ; 4 officiaes, 10 sargentos, 60 cabos e soldados.

Animal ; 20 cavallos.

Material : 8 metralhadoras Maxim e 8 carros de munições.

Pé de guerra ;

Pessoal ; 5 officiaes, 11 sargentos e 87 soldados e cabos.

Animal ; 36 cavallos ;

Material ; 8 metralhadoras, 8 carros de munições e 6 viaturas de trem.

De então para cá teem sido organisadas muitas outras companhias, cujo numero se ignora. Pelo regulamento publicado em 1904, o qual deixa antever a intenção de dotar todas as divisões de infantaria com uma companhia e por uma encomenda de 230 metralhadoras Maxim que a Russia fez em 1903, é facil de deprender, comtudo, que o numero total deve ser muito elevado.

N'este paiz tambem se tem experimentado as metralhadoras na cavallaria. O regimento n.º 2, de Daghestan, está dotado com uma secção de 2 metralhadoras. Em dezembro ultimo foram tambem organisadas mais 6 secções de metralhadoras para distribuir por alguns regimentos montados enviados para a Mandchuria e cujos resultados ainda se ignoram.

Segundo informações de origem russa sobre o emprego tactico das metralhadoras, produzem um effeito poderoso e decisivo mesmo a 1:500 metros, especialmente contra a cavallaria, contra a infantaria e contra alvos em movimento.

A.



INSTRUCCÃO MILITAR

De minimis non curat pretor. — Eis uma phrase que define bem os esforços perdidos e descontraídos da nossa orientação militar em que predomina uma fascinação estranha por grandezas e superioridades, deixando ao abandono serviços que, na apparencia e isoladamente, se affiguram de somenos importancia mas que, em seu conjuncto, são a base verdadeira sobre que deve assentar o complicado organismo do exercito.

Caminhamos, manifestamente, por trilho errado, pairando obstinadamente por altas regiões onde se sentem bem e comprazem os talentos, entrevendo de taes eminencias e atravez de suas locubrações e grandiosas concepções a cubiçada gloria que lhes não permite olhar com importancia para mais modestos trabalhos, sem os quaes, todavia, nunca se poderão lograr resultados proficuos.

Dominados por uma tal fascinação que muitas vezes não é mais do que premeditado intuito de adquirir facil renome, mettemo-nos a copiar servilmente do estrangeiro o que elle tem de bom e de perfeito, tratando, acto continuo e sem mais considerações, de applicar o que assim colhemos, ás nossas instituições militares, sem

querermos ver que, attentas as condições do meio e as circumstancias precarias do nosso exercito, onde faltam os recursos de mais elementar necessidade, soffrendo taes medidas, por esta forma, uma adaptação impropria, não são os seus resultados beneficos antes se tornam contraproducentes, originando, mesmo muitas vezes, serios prejuizos e obstaculos ao progresso e desenvolvimento da instituição militar.

A razão é que procedendo assim não seguimos o methodo racional não tratando de levantar o nosso edificio militar sobre seguros alicerces, mas amparando o conjuncto dos bellos ornatos, com que tanto nos comprazemos, a ligeiras fasquias que não asseguram a conveniente solidez, exigindo os successivos rebocos que dia a dia estamos vendo deitar-se-lhe.

De accordo que pela variedade dos engenheiros e sustabilidade d'aquelles que dirigem a obra, seja, aos mesmos, gratissimo apresentar desde logo, aos olhos da multidão, bellas columnas e arcarias sumptuosas porque se entra assim facilmente no caminho da consagração, n'estes tempos omminosos em que as vidas são curtas e é menos commodo, por conseguinte, o trabalho demorado e presistencia de detalhes obscuros mas mais proficuos.

Errado pensar é, no entanto, esse, pois não se entra, ainda assim, com extrema facilidade para o templo da Fama e as inclemencias do tempo batendo asperamente as fragilidades do edificio, bem cedo mostrarão que aquelles que pelo seu esforço e trabalho bem orientado poderiam ganhar o logar de architectos, serão olhados apenas como maus cabouqueiros.

Errada orientação, pois.

Perdem-se completamente as energias dispendidas no estudo de questões cuja importancia se não contesta, mas que só podem ter verdadeiro cabimento quando possam assentar sobre bases que nós não vemos lançadas, nem visos sequer de que para ellas se pretenda olhar com verdadeira attenção.

Complicado como é o machinismo militar, requerendo uma harmonia completa em todas as suas partes para que o todo funcione bem, é obvio que, para que trahalhem as suas peças principais, se cuide de collocar as pequenas nos seus devidos logares pois do empeno ou falta de uma d'estas, por mais insignificante que pareça, pode resultar o desarranjo.

D'outra forma, será o seu rendimento nullo e perdidos se acharão os sacrificios de toda a ordem com que suppomos alimental-o para um trabalho productivo.

Montemos o machinismo com methodo e harmonia, racionalmente, assentando primeiramente no indispensavel para irmos depois aperfeiçoando successivamente o que nos fôr permittido, pois assim alguma compensação poderemos obter das despesas avultadas que com elle fazemos.

Que nós não entrámos ainda em a verdadeira orientação é opinião assente e geral em que insistimos, porem, para que uma voz mais, desautorizada embora, se ajunte ao côro d'aquelles que seguindo dia a dia o funcionamento do systema nos seus primeiros

detalhes, de perto podem verificar as imperfeições que a pratica lhes offerece.

Não nos furtamos mesmo, uma vez mais, a pedir que se olhe com verdadeira attenção para um estado de coisas que se aggrava dia a dia e mercê do qual os estímulos vão tombando assustadoramente para a descrença e para o desanimo onde se requeriam energias vitaes e productivas.

Olhemos para a *instrucção militar* cada vez mais imperficial e incompleta á medida que as suas exigencias teem augmentado, corroida pela *reducção do tempo* de serviço, *insufficiencia* dos quadros e *difficiente* preparação dos que existem, avolumado tudo isso pelos processos absorventes de uma *administração* esterilizadora.

*
*
*

Entre os projectos de lei annunciados no Discurso da Corôa pela pasta da guerra, appareceu-nos um tendente a modificar a actual lei de recrutamento. Para desejar seria que em taes condições se olhasse com a necessaria attenção para o *tempo* de serviço que tem vindo sendo reduzido a um minimo não attingindo, cremos, que em exercito algum e que é, a nosso ver, a causa primordial do estado tristissimo em que se encontra a instrucção nos corpos, pois é d'ahi que advem a reducção dos effectivos, a desorganisação dos quadros e a instrucção desenvolvida e aperfeiçoada dos mesmos, incluindo aqui a instrucção pratica do official, que tal como se encontra nada é nem nada vale.

Olhemos com verdadeiro espirito observador para o que passa hoje nos corpos, em materia de instrucção dos contingentes recebidos annualmente, e dos quadros, e vejamos se não é profundamente desanimador o espectáculo que se nos apresenta.

Contingentes rudes, em que rarissimo apparece um elemento aproveitavel, pela bem conhecida aversão que mesmo as classes cultas, mostram pelo serviço militar, e que a lei de recrutamento parece proteger e apadrinhar com uma passagem rapida pelas fileiras que apenas lhe permite receber uma instrucção superficial, elementarissima, de que resultam tropas incomparavelmente inferiores ao miliciano que tenha tido uma conveniente educação preparatoria na vida civil como acontece na Suissa, cujo exemplo é citado como digno de imitação por muita auctoridade conspiciua.

Só quem anda pelos corpos, lidando de perto com gente de tal fórma *instruida*, é que póde avaliar o verdadeiro valor de tropas em taes condições e saber, por consequencia, o que ha esperar d'ellas em momento critico em que a ellas tenha de se recorrer.

Os licenceamentos successivos reduzem hoje a instrucção do soldado ao minimo de 3 ou 4 mezes, e esses mesmos, em que condições!

Onde existe um nucleo de quadros que possa satisfazer ás deficiencias provenientes de tão exagerada reducção do tempo de

serviço e aos diminutos effectivos dos corpos que obrigam o recruta bisonho, alheio completamente á vida militar, a entrar no desempenho de serviço da companhia, originando por vezes situações irrisórias e, em todos os casos, um recurso forçado á benevolência impedindo, assim, a applicação rigorosa de regulamentos confeccionados em obediencia a systemas perfectos e a um approximamento da disciplina que, sem os meios convenientes, se não pode exercer em toda a largueza da sua acção?

E' profundamente desanimador o que a tal respeito se vê, e tem-no reconhecido todos os que baixam os olhos para questões de tão somenos importancia.

E' perante tudo isto que as melhores boas vontades e dedicação vão sossobrando mais ou menos lenta e successivamente, mas em todo o caso caminhando para um fim dissolvente onde requebram todos os enthusiasmos e onde se detem o amor ao trabalho e acaba o valor e o merito, á falta de estímulos e compensações.

Com tal falta de elementos, o que póde ser a instrução do official?

Como se desenvolvem e applicam os conhecimentos theoricos que elle aprendeu nas escolas, como se aproveitam os seus meritos e faculdades?

Que encontra elle nos corpos que corresponda ao ideal com que lhe nobilitaram a sua missão *educadora*, alta, alevantada, patriótica?

Nem queremos desenvolver uma analyse em tal sentido; é sufficiente que digamos—*nada*.

O que se lhe attribue e exige é até, por vezes, bem pouco consentaneo com a importancia incontestavel da sua missão. Como provas de aptidão e merito mesquinhos e materiaes, trabalhos de amanuense.

Por cima de tudo uma situação economica difficil, com mil difficuldades para se manter dignamente a honra da sua posição, em deprimente confronto, todavia, com as classes civis onde não pode disputar a occupação do logar que lhe seria requerido.

Hoje, por isso, foge cada um para onde possa conquistar outras garantias e compensações, pelas commissões de toda a especie, estranhos ao serviço militar, dedicando-se á leccionação e mesmo até ao commercio, privando assim o seu cargo de uma boa parte da sua actividade.

Não é este, evidentemente, dos casos de somenos importancia que ha tratar quem quizer levantar as nossas instituições militares á altura que os interesses do paiz, imperiosamente exigem.

Estando estas considerações no animo de todos, algum espirito superior nos poderá accusar de roçarem ellas pelos dominios da banalidade; não obstante, insistimos n'ellas porque nos convencemos que urge prover a questão do *tempo* de serviço, á organização dos quadros, dando a estes compensações que ora não tem. E' por aqui que se deve começar se quizermos produzir obra proficua.

Aos que andam guindados aos dominios das altas concepções

não podemos dizer também que, n'estas circumstancias em que nos achamos, vão elles com azas de Icaro, que o sol da realidade prestes vae derretendo a cada momenlo.

FERNANDO AUGUSTO BORGES JUNIOR

Alferes de Caçadores 1.



Serviço de dois annos

Foi entre nós implatado o serviço de dois annos sem que se tomasse medida alguma tendente a attenuar os defeitos que lhe são inherentes, nem mesmo sem que se tomassem disposições que representassem beneficios de qualquer natureza. Implantous se ás cegas sem que se pretendesse colher d'ahi alguma vantagem ou beneficio real e sem que se procurasse evitar-lhe os inconvenientes. As consequências são já hoje bem evidentes, evidentiísimas mesmo. Mas não é intuito nosso entrar na analyse d'essas consequências, mesmo porque isso é desnecessario por serem evidentes. O nosso proposito é indicar apenas, como ensinamento, o que se fez na Allemanha, porque talvez o ensinamento ainda nos possa aproveitar.

Em fins de novembro do anno passado publicou-se n'aquella nação um projecto de lei cujas disposições se devem pôr em vigor no dia 1.º de abril do anno corrente. Segundo essas disposições estabelece-se agora definitivamente o serviço activo de 2 annos, apesar de já existir desde 1893. A esta lei submettem-se todas as armas e serviços á excepção da cavallaria e artilheria a cavallo. Estabelece-se mais uma disposição nova de que em caso de necessidade os individuos a quem corresponda o licenciamiento podem reter-se nas fileiras por mais tempo.

O effectivo de paz, comprehendidos sómente os soldados do 1.º e 2.º anno, que até agora era de 495:500 homens, deve ser elevado progressivamente, segundo a nova lei, de modo que no decurso do anno economico de 1909 seja de 505:839 homens, o que representa um augmento total de 10:339 homens. N'estes nu-

meros, como nos anteriores, não estão comprehendidos os officiaes, sargentos e voluntarios de 1 anno.

Segundo o ultimo orçamento o exercito allemão contava 24:354 officiaes e 81:079 sargentos. Juntando estes numeros ao effectivo de soldados encontramos um effectivo total, em tempo de paz, de 600:923 homens, sem contar com os voluntarios de 1 anno. Para de futuro, como o augmento de 10:339 soldados exige um augmento de mais uns 500 officiaes e uns 1:500 sargentos, vemos que o effectivo total passará a ser de 620:000 homens.

E' pois esta a primeira vantagem que o governo allemão tirou da implantação do serviço de 2 annos, vantagem esta que se vae reflectir em todas as armas e serviços como vamos ver. Para encorporar aquelles homens a infantaria de 625 batalhões passará a ter 633, isto é, foi augmentada com 8 batalhões, e da mesma forma a cavallaria será augmentada com 28 esquadrões, a artilheria a pé com 2 batalhões, os sapadores com 3 batalhões, as tropas de communicações com 2 batalhões. A artilheria de campanha e o trem não tiveram augmento algum.

Para dar maior incremento á instrucção, que é a unica forma de attenuar os inconvenientes da lei, e satisfazer a todos os encargos que acarreta esse augmento de effectivos, o governo allemão augmentou o orçamento de forma que se distribuem entre 1905 e 1910 como segue: 1:454.288 marcos para augmento de cavallos para a artilheria montada, 2:542.072 marcos para melhorar os vencimentos dos sargentos, 2:272.837 marcos para augmentar as munições de armas portateis, 3:543.587 marcos para campos de tiro, 8:548.743 marcos para instrucção das reservas etc. etc. O augmento total é de 73:913.116 marcos sendo 11:795.646 como despesa permanente e 62:117.470 marcos como despesa para fazer d'uma só vez.

Esta forma de proceder contrasta sobremaneira com aquella orque nós procedemos. O confronto é, infelizmente, bem frizante. E' porém ainda tempo de se lhe valer e para isso bastará augmentar os effectivos, provocar as readmissões de sargentos e cabos e augmentar algumas verbas d'instrucção para podermos dizer como o faz o preambulo da lei allemã—não se exige que o nosso exercito seja superior ao de qualquer nação que se apresente como contraria, mas exige-se que se encontre em egual altura — e sem se attender pelo menos áquellas tres condições este fim não se alcançará.

Y.



BIBLIOGRAPHIA

Considerações sobre a provincia de Cabo Verde, por
Antonio Alfredo Barjona de Freitas, tenente coronel de es-
tado maior.

O nosso presado amigo e illustrado tenente coronel, sr. Barjona de Freitas, ex-governador de Cabo Verde, reuniu n'um folheto uma serie de communicacões que fez á Sociedade de Geographia, que são uma das muitas manifestações da alta competencia que o caracteriza. Da sua leitura se deprehende o espirito lucido que presidiu á sua contextura e o profundo saber alliado a um raro senso pratico, com que aquelle nosso distincto amigo tratou as diversas questões economicas e de administração que lhe estiveram confiadas durante pouco mais d'um anno.

D'uma fórma rapida, mas clara, elucidativa e concludente, nos põe ao facto do commercio, navegação, viação, fontes de producção, productos industriaes e agricolas que mais interessam a provincia. Acompanhando o seu trabalho com dados estatisticos curiosos, indica aquelle distincto official quanto fez e se póde fazer ainda em favor d'aquelle archipelago, o que quer dizer que muito é para lastimar que a sua gerencia fosse de tão poucos mezes.

O sr. Barjona de Freitas foi um governador que governou, um governador que, com altos conhecimentos e rara tenacidade, se dedicou ao estudo de todos os ramos d'administração, que tratou d'uma fórma proficientissima.

A este nosso querido amigo enviamos, pois, as nossas felicitações pela maneira distincta como se desempenhou do seu elevado cargo e pela fórma brilhante com que redigiu as suas communicacões, que são bem dignas de serem lidas por todos aquelles que se interessam pelo estudo das questões coloniaes.

Secção do estrangeiro

Allemanha.— No mez findo, de 6 a 18, houve, na escola de tiro de infantaria, um primeiro curso de informação para officiaes superiores.

Este curso foi seguido por 1 coronel, 9 tenentes-coroneis e 22 majores de infantaria; 3 majores do corpo de estado-maior, 2 majores de engenharia, 1 major de infantaria de marinha e um capitão tenente de marinha.

*
* *

Ficou resolvida a criação de 3 regimentos de cavallaria, aproveitando-se alguns esquadrões já creados mas não arregimentados, que ainda existem na Allemanha.

O primeiro regimento foi creado em Posen no dia 1 de abril; o segundo será constituído em 2 de outubro, em Langensalza e o terceiro no mesmo dia em Colmar.

Não obstante ainda ficam muitos esquadrões disponiveis, com que mais tarde, por certo, se constiurão novos regimentos.

França.—As evoluções e escolas de tiro no campo de Mailly começaram este anno, no fim do mez de abril.

De 12 a 30 de abril uma bateria do regimento n.º 39 de artilheria de Toul preparou o campo.

A primeira serie de exercicios começou no fim de abril e abrange até 21 do corrente mez, sob a direcção do general commandante da artilheria do 20.º corpo de exercito (Nancy): 20.ª brigada de artilheria (18 baterias).

A segunda serie abrange de 21 do corrente mez a 12 de junho, sob a direcção do general commandante da artilheria do 4.º corpo do exercito (Mans): 4.ª brigada de artilheria (23 baterias), e a artilheria da 2.ª divisão de cavallaria independente (Luneville), 2 baterias.

De 13 a 28 de junho, a 7.ª divisão de infantaria (Paris), 6 baterias montadas da 4.ª brigada de artilheria (Mans), 1 regimento de cavallaria da 4.ª brigada (Alençon) e uma companhia de engenharia de Versailles.

A terceira serie sob a direcção do general commandante da artilheria do 1.º corpo do exercito (Lille) abrange:

De 28 de junho a 23 de julho, 1.ª brigada de artilheria (Douai) 23 baterias.

De 20 de julho a 5 de agosto, artilheria da 1.ª divisão de cavallaria independente (Paris) 2 baterias.

A quarta serie, sob a direcção do general commandante do 6.º corpo do exercito (Chalons-sur-Marne) abrange:

De 23 de julho a 15 de agosto, 6.ª brigada de artilheria, 26 baterias.

De 23 de julho a 6 de agosto, a artilheria da 5.ª divisão de cavallaria independente (Camp de Chalons) 2 baterias.

Turquia.—O governo turco acaba de encommendar á Fabrica Krupp, na Allemanha, 62 baterias de campanha, 23 baterias de montanha, 3 de obuzes e 3 de posição.

Todas estas baterias são a 6 peças.

Além das munições correspondentes a estas boccas de fogo encommendou tambem munições para as peças de 10,5, que em 1897 os turcos tomaram aos gregos.



8.º ANNO

JUNHO DE 1905

N.º 6

REVISTA DE INFANTERIA

A ARMA DE INFANTERIA

As suas pretensões

II

Pugnar pelos interesses e progressos da arma de infantaria é o mesmo que pugnar pelos interesses em geral de todo o exercito, não só porque é ella a arma *principal do exercito*, mas tambem porque a orientação moderna está sendo a equiparação das outras armas com a *rainha das batalhas*. Não ha pois egoismo nas nossas pretensões, porque ao lado dos interesses particulares que se pedem e advogam ha o beneficio geral que redunde em proveito da classe inteira e em beneficio das instituições militares. Ha, de mais a mais, aspirações legitimas que, quer sejam originadas pelo espirito de justiça e equidade, que em tudo deve existir, para haver harmonia no conjunto, quer sejam motivadas pelas exigencias crescentes impostas pela vida moderna e pelo progresso das sciencias militares, precisam ser satisfeitas para se poder corresponder ao fim que se procura.

Por estas duas ordens de considerações se deve concluir que não é o egoismo cego que nos leva a ad-

vogar os interesses da infantaria, mas antes pelo contrario o desejo de sermos util á collectividade e ao paiz, porque a sorte d'este muito depende do valor das suas instituições militares. Advogar, pois, os interesses da infantaria chega mesmo a ser um dever patriotico. Mas se este dever nos impõe a nós a restricta obrigação de fazermos ver aos poderes constituídos as necessidades e as aspirações da infantaria, esse mesmo dever patriotico impõe a estes a obrigação, não menos restricta, de as satisfazer. A obrigação da imprensa militar consiste em fornecer elementos de estudo com que todos se possam instruir, e em apresentar á ponderação dos poderes publicos as medidas que é necessario promulgar para que todos os serviços possam correr sem entraves e sem vacilações nem desmorecimentos. E' esta a nossa missão e é esta a missão que temos procurado cumprir.

Ora, se ha no nosso exercito alguma arma que precisa fazer valer os seus direitos é positivamente a infantaria, não só porque é a arma principal do exercito e porque a ella estam equiparadas as outras nas suas promoções, mas tambem porque devido a desleixos e incurias, cuja analyse não vem agora para o caso, é de todas aquellas a que se encontra n'uma situação tão desfavoravel, tão desprotegida e tão abandonada que chega a ser verdadeiramente precaria. Precaria é o termo, e só pode deixar de o empregar quem não fôr franco nem sincero. Nós empregamol'o porque desejamos franca e sinceramente illucidar os poderes constituídos de tal forma que não possa haver duvidas a este respeito. E mesmo só assim é que podemos cumprir a nossa missão.

*

*

*

De todas as medidas a que se impõe em primeiro lugar é, sem receio de contestação, a melhoria de vencimentos. N'este mesmo lugar se tem vindo advogando, ha já bastante tempo, a necessidade de se remediar

esse mal. Estivemos muito tempo sós em campo, sem nada conseguirmos, mas por fim tivemos a satisfação de ver que os poderes constituídos passavam a olhar para este assumpto. Este facto constitue para nós um titulo de vaidade, com que muito nos honramos, porque vemos que os nossos argumentos encontraram o echo que desejavamos, o que significa que eram sinceros e verdadeiros.

A este respeito não se pode voltar para traz. O ministro da guerra que o fizesse alem de não corresponder a um clamor, que é geral e unisono, embora disciplinado e ordeiro, compromettia a palavra d'El-Rei, que já chegou pela Sua propria bocca a fazer-nos essa promessa. E palavra de Rei não volta atraz. E' bem conhecido o interesse que El-Rei D. Carlos devota ao seu exercito, e bem conhecida é a firmeza do seu nobre character. Se Sua Magestade assim procedeu, é porque deseja attender a essa imperiosa e urgente necessidade do exercito, principalmente da infantaria, e neste caso o ministro deve secundar os desejos do nosso Augusto Monarcha. E não dizemos isto a titulo de conselho, porque não somos conselheiros, mas porque se nos afigura ser uma conclusão logica a tirar dos factos que se teem passado.

Para a grande maioria dos individuos ha um minimo de proventos que precisam para manterem uma vida decente. Esse minimo não o teem sequer os officiaes de infantaria, porque os seus vencimentos ficam muito abaixo. A verdade d'esta asserção não precisa ser demonstrada. Todos a conhecem, ninguém a ignora. E', porem, ella de tal forma imperiosa e evidente que já está mesmo reconhecida officialmente, seja no discurso da corôa, seja em varios discursos d'alguns parlamentares, seja mesmo no relatorio do orçamento geral do estado, em que se diz que a vida tem treplicado n'estes 20 annos. Abstrahindo dos factos communs que todos conhecemos, só pedimos que se ponha em confronto esta affirmacção com a data da promulgacção dos vencimentos actuaes, e ver-se-ha que á medida que a carestia da vida treplica, os vencimentos, em vez de sof-

frerem augmentos proporcionaes teem, pelo contrario, soffrido até algumas reduções.

Perante um procedimento tão fóra da marcha natural das coisas é forçoso reconhecer que tem havido da parte dos officiaes uma resignação verdadeiramente evangelica. As doutrinas de Christo teem por certo encontrado um soberbo acolhimento no coração de todos os militares, porque ao mesmo tempo que as outras classes se reúnem para fazer valer, não diremos os seus direitos, porque na grande maioria dos casos procuram só impôr os seus interesses, a classe militar, em contraposição, tem-se mantido resignada, não tem levantado um protesto, não tem lançado um queixume e apenas se tem apresentado sempre como o verdadeiro elemento de ordem que é. E' um facto que nos honra a todos nós, e com que muito nos orgulhamos, mas tudo no mundo tem limites, e é tempo agora de se fazer justiça ao exercito, e de o premiar pelo seu procedimento correcto e bem cheio de soffrimentos e abundante em resignação. E' tempo de se fazer essa justiça, e tanto mais que já está promettida.

Mas a forma de se fazer essa justiça é tambem um ponto para considerar. Como os officiaes de infantaria, principalmente subalternos e capitães, teem um vencimento que está muito abaixo do *minimo* necessario o que é uma verdade que precisamos bem accentuar, a unica forma de se lhe fazer a justiça devida por tantos titulos, consiste no augmento de soldos, porque só assim é que todos poderão ficar não só compensados mas tambem com os elementos necesarios ás exigencias da vida. Os vencimentos por diuturnidade não attingem todos os officiaes da mesma classe, e se os attingem é d'uma forma irregular e que, portanto, não é justa. Se o tenente ou capitão antigo não tem os elementos necesarios á vida, o tenente ou capitão moderno está nas mesmas condições. Se o Estado nos pagasse de forma a todos podermos supportar uma vida decente, sem recorrer a outros meios estranhos, então seria justo e mesmo logico que os officiaes mais antigos fossem compensados, por qualquer forma, do tempo de serviço no

mesmo posto. Mas, no estado actual das coisas todos são necessitados, todos precisam e a todos é necessario accudir e valer, o que não pode ser feito com vencimentos por diuturnidade.

O pensar geral da infantaria é positivamente este, e, podemos até garantir aos poderes constituídos que é esta a aspiração de toda a arma. E', porém, forçoso reconhecer-se que algumas opiniões em contrario temos visto expender. Os que assim teem procedido certamente se baseiam no criterio de que *tudo o que venha é lucro*, mas nós, assim como a grande maioria da arma, divergimos por completo d'essa opinião, porque vencimentos por diuturnidade, a não ser que os periodos sejam muito curtos, não passam de palliativos que deixam na mesma miseria a grande maioria dos officiaes. A questão dos soldos deve ser resolvida por uma só vez. Pretender resolvel'a por vezes, alem de não satisfazer as aspirações e as necessidades geraes, terá o contra de levantar varias difficuldades por parte do elemento civil. Nós estamos convencidos que tão difficil será fazer passar no parlamento uma medida radical e completa como um mero palliativo. Discursos d'alguns parlamentares assim o veem confirmar.

Perfilhando a tabella que nos foi enviada por um *grupo de officiaes*, novamente a reproduzimos e a apresentamos á ponderação de Sua Ex.^a o Ministro da Guerra.

POSTOS	Soldo	Gratificação
Coronel	80\$000	30\$000
Tenente-coronel	70\$000	25\$000
Major	60\$000	20\$000
Capitão	50\$000	15\$000
Tenente	40\$000	10\$000
Alferes	35\$000	5\$000

Com esta tabella os alferes ainda não ficam bem compensados, como se pode vêr no artigo que mais adeante segue, porque sendo o posto que marca a entrada na vida do officialato, exige grandes despezas iniciaes a que é necessario attender. Com o pequeno augmento, porem, que essa tabella indica e caso se lhe respeite a promoção por diuturnidade, já o tempo de serviço n'esse posto se pode supportar sem exigencias de maior.

Outro aspecto ha ainda a considerar. A tendencia moderna, como já dissemos, consiste em equiparar a promoção das outras armas á infanteria. A *base 17* e a *lei dos quintos* não assentam n'outro principio. Ora desde que se accelera a promoção a tenente nas outras armas para os equiparar com a infanteria, essa propria equiparação não é outra cousa do que uma compensação pela maior duração dos seus cursos. Se este principio é justo e se essa compensação se dá, não ha nada que justifique uma grande differença de soldos, porque compensar com a equiparação e compensar com vencimentos são duas compensações que não se coadunam com o espirito de justiça. Já houve até na Europa, um illustre e sabio general, Lewal, que sustentou que eram os officiaes de infanteria que deviam ter melhor soldo porque, em campanha, eram elles os que soffriam um maior numero de baixas. A infanteria, *la chair á canon*, é, sem duvida, a arma que em campanha soffre maior numero de baixas. As percentagens da mortalidade regulam pelos seguintes numeros:

Infanteria.....	70 a 80 %
Cavallaria	10 a 15 %
Artilheria	7 a 10 %
Engenharia	4 a 8 %

A guerra russo-japoneza já nos offerece tambem alguns elementos sobre o assumpto. No cerco de Porto Arthur, onde, segundo parece, os officiaes de artilheria

deveriam ter tido grandes baixas, as precentagens são assim indicadas da parte dos russos:

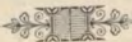
Officiaes de infantaria..	24,90/0.	Praças de infantaria..	60,30/0
Officiaes de artilheria..	4,650/0.	Praças de artilheria..	29,90/0

Ahi fica, pois, modernizado, o argumento do general Lewal.

Não se julgue, contudo, que nós pedimos se reduza os vencimentos dos officiaes das outras armas para os augmentar á infantaria, nem tão pouco que se eguallem os vencimentos como queria Lewal. O que nós desejamos simplesmente é que os nossos vencimentos sejam equiparados proporcionalmente aos das outras armas, para a infantaria não ficar em desfavor. E' tambem um principio de justiça que ninguem contestará.

Por isso recommendamos aos poderes constituídos a tabella que perfilhamos como nossa e que nos foi suggerida por *um grupo de officiaes*, tabella que até certo ponto vem melhorar uma situação tão precaria que, julgamos impossivel poder continuar sem grave desprestigio para as instituições militares.

Dissemos que perfilhavamos e desenvolveríamos as pretensões da nossa arma apresentadas por um grupo de officiaes. A primeira pretensão ahi fica perfilhada e desenvolvida. As outras sel'o-hão á medida que o espaço o permittir, na certeza, porem, de que não abandonaremos estes assumptos que representam, sem contestação, aspirações legitimas da nossa arma.





AS METRALHADORAS NOS DIFFERENTES EXERCITOS

(Continuado do n.º 5 -- 1905)

Inglaterra.—Apesar do insuccesso das metralhadoras, devido mais ao mau emprego que d'ellas se fez em 1870-71 do que ás suas qualidades como arma de guerra, esta nação continuou sempre a empregal'as, principalmente nas tropas coloniaes. Este emprego, contudo, foi bastante irregular e não o descreveremos pois.

Em 1890, porém, o commandante em chefe do exercito deu ordens e instrucções precisas para que a instrucção com esta arma se generalisasse na infantaria e cavallaria. Segundo essas ordens a nova instrucção devia ser principalmente ministrada aos soldados que fossem artifices ou aos que fossem atiradores de 1.^a classe.

Esta instrucção generalisada por toda a infantaria e cavallaria não deu resultados praticos. Mas ao mesmo tempo que assim se procedia nos corpos de tropa, na escola de Aldershot fizeram-se novas experiencias e então se reconheceu a necessidade de ter unidades especiaes de metralhadoras e em 1892 se crearam as primeiras secções a 2 peças, affectas ás brigadas de infantaria. Mais tarde este processo foi mais generalisado, dotando-se com secções de metralhadoras todos os batalhões de infantaria montada, e as brigadas de cavallaria.

As secções pertencentes ás brigadas de infantaria, que em tempo de paz estão affectas a um dos batalhões da mesma brigada, são, em tempo de guerra, constituídas da seguinte forma :

Pessoal ; 1 tenente, 1 sargento, 2 cabos e 9 soldados.

Animal ; 6 cavallos ou muare.

Material ; 2 metralhadoras Maxim (tirada cada uma por 1 cavallo conduzido á mão), 1 carro de munições, 1 viatura de trem.

Municiamento ; 21:200 cartuchos, sendo 8:000 conduzidos em cada um dos armões e 13:200 no carro de munições.

As secções pertencentes aos batalhões de infantaria montada são assim constituídas :

Pessoal ; 1 tenente, 2 sargentos ou cabos e 15 soldados.

Animal ; 21 cavallos.

Material ; 2 metralhadoras Maxim, 2 carros de munições e um carro de trem.

Municiamento ; 42:200 cartuchos, sendo 7:000 transportados nos dois armões e 35:200 nos carros de munições.

As metralhadoras são transportadas em reparos tirados por 2 cavallos, indo o conductor montado n'um d'elles. Dois serventes vão nos armões e outros dois vão a cavallo.

A's brigadas de cavallaria (a 3 regimentos e 2 companhias de infantaria montada) são affectas 2 secções de metralhadoras com a mesma composição das dos batalhões de infantaria montada, defferindo no municiamen-
to que é apenas de 34:100 cartuchos. Estas 2 secções estão affectas, uma directamente aos regimentos da brigada, e a outra ás 2 companhias de infantaria montada.

Alem d'isso cada batalhão de infantaria regular e de milicia dispõem de uma metralhadora. Os regimen-

tos da Yeormanry, dispoem, como os batalhões de infantaria montada, de 1 secção de 2 metralhadoras.

Esta organização das metralhadoras não é, comtudo, fixa e invariavel. Os inglezes fazem sempre as suas organizações conforme as necessidades e exigencias de momento. Assim, na ultima campanha do Egypto, cujo effectivo constava de 6 brigadas de infantaria, 5 esquadões, 8 companhias de méharistas e 46 peças, dispunham de 20 metralhadoras, além das 14 que tinham sido tiradas das canhoneiras.

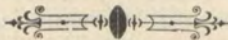
O primeiro contingente enviado para o Transvaal dispunha de 10 secções de metralhadoras. A 3.^a divisão, enviada depois, dispunha de 4 secções e a 6.^a 7.^a e 8.^a divisões, enviadas mais tarde, iam reforçadas, cada uma, com 8 secções de sorte que em 1900 tinham os inglezes no Transvaal 144 metralhadoras para um effectivo de 200:000 homens.

As tropas coloniaes estão também armadas com metralhadoras, mas distribuidas d'uma forma muito irregular que não vale a pena mencionar.

Em confronto com o que se faz na Allemanha e mesmo na Russia vê-se que o modo de distribuição é muito differente. Os allemães concentram-nas para uma acção de conjuncto; os inglezes distribuem-nas para as aproveitar como simples reforço. Os fins e, portanto, os meios d'emprego são differentes. O que resta saber é qual dos processos é mais pratico e proveitoso, o que mais tarde procuraremos estudar.

(Continúa).

A.





Situação desesperada

Ha uns poucos d'annos já que os officiaes do exercito se torcem com as dores que resultam d'um viver cheio de difficuldades, e que não é mais do que a consequencia forçada de lhes exigirem uma representação incompativel com os recursos que lhes dá quem faz a exigência. Como ha casos que podem mais do que as leis, a tal representação vae soffrendo bastante no seu brilho, por actos publicos bem manifestos que, se não conspurcam a honra das dragonas de official, não deixam comtudo de lhe empanar o dourado e, sobretudo, o prestigio de que ellas não podem prescindir. Nos «carros do povo» tremelusem galões de officiaes de promiscuidade com os soldados, e a enegrecerem com o pó de carvão que para elles cae dos descarregadores das barças carvoeiras, que a par se assentam, ou a macularem-se de verdete pelo contacto com as sugidades salinas dos trages das peixeiras, sempre promptas a cavallarem-se sobre o proximo, porque nunca lhes chega o espaço para a fartura das roupas que trazem em compita com as das suas rijas carnes; o estado de bastantes uniformes que por ahí se vê pelas ruas, não sujos, mais cossados pelo uso da escova, não é tambem de natureza a concorrer para o prestigio das dragonas; nas casas d'espectaculo raros officiaes, só privilegiados da fortuna que lhes sorriu em algum dote paterno, occupam os logares que lhes são proprios, e se quem os

conhece correr os olhos pela geral não deixará de descobrir algum, que envergando um modesto facto de doze mil reis, veio até ali, fiando-se na obscuridade do trajo, tomar um pouco de allivio ao labor do seu espirito, macerado pelo estudo a que é obrigado, mas mais macerado ainda pelo desgosto da sua pouca invejavel situação, que tem de disfarçar sob a modestia d'um trage de marçano, para poder tambem partilhar, uma vez na vida, d'um pouco do goso, que é dado usufruir aos outros mortaes livre e desassombradamente.

Por estas exterioridades pôde bem avaliar-se o que irá pela vida intima. Os que se dedicam aos estudos das causas da tuberculose, não deixarão de encontrar ahi, se ahi forem, basta materia para analyse, e se a «Assistencia» ahi interviesse encontraria largo campo para beneficios.

E não obstante as negruras de um tal viver, os officiaes arrastavam-se resignados, lamentando-se, sim, mas libando todo o fel com o sorriso nos labios: resignados, não obstante verem todos os dias que a outros funcionarios publicos, a quem se não exige apresentação equivalente á sua, nem maiores responsabilidades ou riscos, se dá mais importante vencimento, e se lh'o augmenta mesmo quando vencem já mais do que a grande maioria dos officiaes! Resignados, não obstante verem todos os dias que por outros ministerios se criam logares que nada mais são do que benesses, para alimentação de luxos e de folgança! Resignados, apesar de verem que o rigor de economia é só para elles, officiaes, e outros desgraçados em identicas condições, e que essa economia é para reverter em proveito de quem já tem a abundancia.

Arrastavam-se assim os officiaes, quando S. M. El-Rei disse em côrtes, no seu discurso d'abertura — que ia ser melhorada a situação dos officiaes.

Tendes observado algumas vezes, nos olhos d'um esfaimado, o que n'elle se passa á vista de um caldo, que lhe dêem para mitigar o seu atroz soffrimento? Pois as promessas de El-Rei produziram nos officiaes um effeito semelhante.

Imaginal agora o que poderá sentir o esfaimado se, depois de lhe haverdes offerecido e mostrado o caldo, quando elle soffrego e n'uma ancia indizivel vae já a deitar as mãos tremulas á tigella, a arremessaes ao chão e soltaes uma gargalhada de escarneo á dor do misero. Pois foi o que os officiaes sentiram, depois de conhecerem as propostas apresentadas ao parlamento, a desempenhar a palavra d'El-Rei.

Por essas propostas não se melhora a situação dos officiaes do exercito; saca-se um augmento a alguns dos que menos vencem e que breve o teriam pela legislação em vigor; e vão-se accrescer as difficuldades d'uma boa parte com as deslocações que uma reprovada reforma do exercito vae originar. E como se isto fosse pouco, projectam-se alterações nos uniformes e até n'um jornal que costuma dizer da justiça do actual governo — o Diario de Noticias — se advogou já a conveniencia da mudança de côr da fazenda que hoje se emprega!!

Que triste ironia da sorte!

Quem tem passado toda a sua vida pelas regiões palacinas, na pujança do viver folgado que offerecem as riquezas e o poder, não pode fazer uma ideia verdadeiramente real da miseria, embora dourada, que lavra entre tantos de cujos destinos se dispõe, e que muitas vezes com uma simples pennada se amargura mais e tanto que póde levar até ao desespero. E' mau e até muito perigoso cerrar os ouvidos para não ouvir a voz da afflicção, quando é a dôr o unico movel que nos faz arrancar este queixume.

M. A.

ORGANISAÇÃO MILITAR COLONIAL

Ha quasi tres annos que está em execução o decreto de 14 de novembro de 1901 que organisou as forças ultramarinas, e, com franqueza, achamos extranhavel que se não tenham reunido os elementos, expendidos na imprensa, que aconselham a fórmula de se modificar aquelle diploma, o mais mal pensado que conhecemos em todo o nosso organismo militar.

Mas o esforço tem que ser maximo, por isso entendemos de-ver offerecer o nosso humilde concurso, sem competencia é ver-dade, mas com o bom intuito de ser alguma coisa util, dizendo o que temos visto e observado por cá.

Pensavamos assim quando deparamos com uma portaria pu-blicada no B. U. que encarrega os governadores das provincias ultramarinas de propôr as modificações que julguem dever ser introduzidas na actual organização militar colonial.

Afigura-se-nos que a tarefa commettida aos mesmos gover-nadores é assaz complexa, pois que do decreto de 14 de novem-bro de 1901 pouco poderá aproveitar-se. Mas é nossa opinião que melhor cá se attenderá o assumpto, porque sempre é trabalhar no proprio terreno aonde se vem observando diariamente os effeitos de tal decreto, do que no Terreiro do Paço, por quem conheça o assumpto muito superficialmente.

Da actual organização aproveitar-se-ha, se bem que devida-mente modificada segundo os conselhos da experiencia, a parte que se refere ao recrutamento dos officiaes, visto que se não pôde recorrer ao voluntariado, dada a pobreza do nosso thesouro (quando se pensa em melhorar o exercito, quer seja das colonias ou da metropole, o thesouro é sempre pobre, temos notado) e qualquer outra disposição de interesse secundario, mas pouco será.

O voluntariado seria o processo mais consentaneo com uma boa organização militar colonial, mas como não pode adoptar-se, tem que se recorrer aos *voluntarios-obrigados*, que outra coisa não são os individuos que acceitam o posto de acesso, simples-mente por um bem justificado amor proprio e respeito pelos sa-crificios que fizeram para alcançar o logar que occupam na respec-tiva escala, o que aliás é posto de parte por muitos, porque jul-gam — e talvez tenham razão — que não é paga sufficiente o su-bir na escala tres ou quatro logares, para tanto sacrificio. De que isto é assim prova-o o insignificante numero de offerecimentos, que em cada anno vem successivamente diminuindo.

Nem os sargentos, cujo futuro se lhes pode apresentar duvi-doso de um momento para o outro, se offerecem em grande nu-mero, pois os offerecidos para o corrente anno são muito poucos relativamente, quasi todos modernissimos e outros nem em con-dições estão de ser promovidos pois não teem quatro annos de serviço no actual posto, e a lei exige-lhes quatro annos do servi-ço de escala, para a promoção. E, no fim de contas, não é preci-so entrar em profunda analyse para concluirmos que os sargen-tos teem razão. Todos sabem que as aspirações de um official proveniente da classe dos sargentos se limitam, em regra, em obter a reforma em major, visto que passam metade do tempo da sua carreira em sargento. Muitos poderiam obter o posto de de major na effectividade; mas, embora novos, relativamente, chegam lá cansados; outros não vão a exame com receio de re-provação que lhes pode ser motivada por... terem um sargento á esquerda. — Não precisam, pois, vir á Africa para alcançar os

galões de alferes, visto que na metropole segue a promoção com toda a regularidade e até um tanto accelerada por effeito das constantes sahidas para as colonias; quando muito encontrariam o termo da sua carreira um ou dois annos mais cêdo, mas isto, evidentemente, não compensa as miserias, os sacrificios, e até desgostos de toda a ordem que se veem cá passar. Só ha um caso em que o sargento precisa acceitar a promoção ao posto de alferes para o ultramar: é quando o limite de idade lhe não permitta alcançá-lo na metropole, mas a verdade é que nem mesmo d'estes se têm offerecido muitos, e os que se offerecem não tarda que desistam.

E' evidente, pois, que é necessario attender á situação precaria sob todos os pontos de vista, em que se encontram os actuaes alferes em serviço nas colonias. Logo que algumas modificações introduzidas na actual organização a tornem mais equitativa, e que a situação geral dos mesmos officiaes seja aliviada, porque precisa sel-o, como procuraremos demonstrar quando depois de fazermos a apreciação generica, nos referimos aos pontos sobre os quaes desejamos fazer convergir as atenções de quem está incumbido de propor as modificações indispensaveis, então terá desaparecido a relutancia que hoje se nota, estamos certos d'isso.

—Pelo que respeita a praças de pret não deixou o decreto de lhes estabelecer algumas vantagens; mas a questão dos sargentos parece-nos que deverá ser melhor estudada. Os 2.^{os} sargentos que veem da metropole não conhecem o seu papel, pois são quasi analphabetos, e são inaptos para o serviço de escripturação, seu principal mister, porque a maior parte não sabe escrever. Não será facil resolver o assumpto visto que na metropole tambem se não obtem actualmente sargentos rasoaveis; mas em todo o caso, a seu tempo apresentaremos um alvitre que se nos afigura tendente a melhorar a situação cá e lá.

Os soldados europeus entendemos que melhor seria supprimil-os por completo se tanto for possivel, pois apenas servem para embaraçar a acção do commando, pelas doenças continuas, quasi. Quando extraordinariamente, tenham de vir ás colonias, para caso de maior monta, devem retirar em seguida para não serem disimados, visto que não possuem a sobriedade indispensavel para lutar com um clima ingrato.

Até dos cabos nós desejaríamos prescindir, mas, com fraqueza, não achamos isso facil, e por isso entendemos que se lhes deve dar mais algumas vantagens, como melhor gratificação, melhor auxilio para rancho para os destacados, (isto devia tambem ser feito aos sargentos) e consignar-lhes alguns logares publicos, compatíveis com a sua instrucção, para os que recolherem ao reino e hajam tido regular comportamento.

—O soldado indigena é o soldado para a guerra colonial, desde que seja bem instruido e disciplinado. Manobrando com elle ha quasi tres annos, em campanha e no quartel conhece-mol-o bem. Ao indigena nada falta para ser um bom soldado lo-

go que se instrua, que se eduque, que se proceda sempre com elle com a maxima justiça, e se lhe dê a tempo e horas — o que nem sempre acontece — aquillo a que tem direito.

*

A maneira como foi determinado o numero de unidades, a sua constituição e distribuição, prova, só por si quasi, que a organização militar do ultramar foi um documento elaborado de afo-gadilho — como quem vae no encalço da gloria, que por fim se escapuliu — senão vejamos: Para Moçambique determinaram-se dez companhias indigenas e duas europeas e a breve trecho eram augmentadas duas aquellas e diminuida uma a estas; o corpo de policia desapareceu por se reconhecer que não satisfazia ao fim a que se destinava. Foi alem disso alterada a distribuição das mesmas unidades.

Na Guiné, mal não acabava de ser posto em execução o decreto de 14 de novembro de 1901 e já o respectivo governador propunha outra organização militar para a sua provincia. Em Timor já desapareceu a companhia mixta que lhe estava designada. Em Angola não se sabe aonde é o quartel de tres companhias indigenas. Tambem ainda senão organisaram, se não estamos enganados, uns pelotões de dragões que ficaram a *criar*.

Isto para uma organização que se dizia a ultima palavra, é extranhavel deveras.

Sobre bandas de musica achamos que valeria a pena fallar; mas como os prejudicados — que os deve haver, cremos — se não queixam, tambem nós não.

Depois das considerações que vimos de fazer, embora superficialmente, ter-se-ha concludo que a actual organização militar colonial é um documento muitissimo mal elaborado, cheio de defeitos e lacunas, e que sobre tudo é condemnavel por não ter respeitado os sagrados principios da justiça e da equidade. Em futuros artigos nos referiremos aos pontos que nos merecem especial attenção e indicaremos o remedio que se nos afigura efficaz para attenuar, pelo menos, o mal que deriva de taes disposições.

Procuraremos ser imparciaes á falta de merito na exposição, visto que nem sequer esperamos usufruir as vantagens que, com certeza, hão-de advir das modificações que se fizerem ao decreto de 14 de novembro de 1901.

Africa, março de 1905.

F. S.



Soldos e gratificações

Sob esta epigraphe tem o sr. tenente David Rodrigues, n'uma serie de artigos publicados n'esta *Revista*, demonsrtado a necessidade inadiavel do augmento de soldo aos officiaes, augmento esse que, pelas informações da imprensa periodica, nos parece ter já o benefico apoio de S. Ex.^a o ministro.

E' caso para consolação. Só esta esperanza nos desopprime momentaneamente o peito dos pesadellos que nos esmagam. E' assim como que um raio de sol a despertar-nos de um sôno que nos causava angustias.

Realmente, nenhuma vida mais difficil que a nossa. Nenhuma! Bastará um raciocinio simples, apoiado na logica dos factos e certificado pela evidencia dos numeros, para encher de luz a nossa affirmação.

As leis de 1872 e 1887, que ainda regulam os vencimentos hodiernos, só por muita incuria ou por systhematica má-vontade podem estar de pé. Os actos governamentaes para ahi tem deixado ao abandono, n'um esquecimento imperdoavel, aquelles rachiticos arbustos á sombra dos quaes tanta gente se estiola. E se algumas vezes d'elles se têm lembrado, é só para lhes cortar ainda algumas tenras hastes que vão talvez ornar a botoeira florida d'outros mais felizes.

Ponhamos na bocca dos algarismos a demonstração das asserções. E' para que o mundo que nos vê de fóra não diga que affirmamos gratuitamente difficuldades

que não existem, e que ambicionamos benesses graúdas para viver á farta.

Realmente, aquelle que nos vê de rôsto erguido, por essas ruas fóra, a pompear galas vistosas nas fardas cheias de botões dourados a espalharem luz quando o sol lhes bate, difficilmente se lembrará de que *nem tudo que luz é oiro*.

A vida do official, modernamente, ainda mais difficil se tornou desde que o actual Regulamento da Escola Pratica de Infantaria cerceou d'um golpe os 400 réis de subsidio aos aspirantes em tirocinio para o posto immediato, dando-lhes um vencimento unico de 800 réis diarios á semelhança do decreto de 20 de Agosto de 1896. De direito ou não, representava isto uma injustiça, por isso que ainda o curso do anno anterior os havia recebido por lhe serem julgados necessarios.

E já d'aqui se parte pela carreira do futuro fora, com a cruz da miseria ás costas, n'uma caminhada longa que chega a desanimar os corações mais fortes.

O estado não exige, pelas suas leis, como condição indispensavel para a subida ao officialato, a posse de meios de fortuna. E como não exige, dá-se o caso estúpido de se achar, entre os concorrentes, um minimo de 80 % desprovido d'esses meios. N'estas condições e, pela exiguidade dos vencimentos, a sahida da Escola do Exercito representa a queda immediata na ruina sem esperança de desafoço breve.

O aspirante a official, para se fardar, lança mão ávida aos 40\$000 réis de adeantamento que o Estado lhe faculta e entra na Cooperativa Militar á procura de salvação. D'aquelles 40\$000 réis são-lhe logo arrancados uns 23\$000 réis, pouco mais ou menos, da carta de curso que, por quaesquer motivos não tenha sido paga com os descontos soffridos na Escola do Exercito, recebendo portanto, uma quantia approximada de 17\$000 réis, que se reduz immmediataente a 7\$000 réis apenas se penetra no escriptorio da Cooperativa Militar, onde lhe sorri um credito de 70\$000 réis pagavel em 24 prestações.

Ora, todo o official tem, pelo menos, necessidade de

todos os artigos do uniforme, que não lhe custam menos de 150.000 réis ou seja o dobro da quantia que tem ao seu dispôr.

Quer dizer:—o aspirante a official não póde fardar-se completamente apenas é promovido; tem de comprar ainda artigos de necessidade absoluta á custa das suas economias; o estado paga-lhe 800 réis por dia, que se reduzem a 400 réis por exigencias de alimentação na Escola Pratica d'Infanteria; nos 12.000 réis restantes soffrem descontos mensaes de 6.000 réis para a Cooperativa e adiantamento; e, finalmente, é com 6.000 réis mensaes que o aspirante terá de occorrer ás suas necessidades immediatas, taes como lavagens de roupa e concertos de calçado e outros, ainda obrigado pela lei á compra dos artigos que deve possuir, seja como fôr, custe o que custar.

Isto é, rigorosamente, a distribuição dos pães feita por Jesus e que nos é ensinada pela historia santa!... Mas o official, que não é positivamente um Deus, depois de se vêr fardado, mira-se no espelho da sua consciencia e repara n'estas lettras tragicas — *deve*. E, se deve, preciso será pagal-o. Pela sua promoção a alferes ficou com direito a novo adiantamento que pagará durante um anno em prestações mensaes de 5.000 réis. Mas essa promoção, se lhe augmentou 11.000 mensaes ao vencimento, tirou-lhe tambem mais 3.000 réis mensaes para patente, mais 1.000 réis para Monte-pio e mais 700 e tanto para diversas coisas que o recibo diz e que todos sabem.

Isto é:—nos primeiros seis mezes de vida como alferes, com encargos de Cooperativa, o official soffre descontos n'uma importancia approximada de 12.700 réis, recebendo liquida quantia inferior a 23.000 réis ou esta quando muito. E é com esta somma que o official tem de viver honesta e decentemente, pagando um minimo de 18.000 réis n'uma casa de hospedes frequentada por toda a gente de morada errante, com obrigação de não mostrar miserias no lustro dos collarinhos e na conservação do vesturio!...

Um empregado do commercio e mesmo geralmente

um funcionario do estado vence quasi sempre duas vezes mais do que um alferes, sem que tenha maiores responsabilidades nem uma vida mais dispendiosa nem uma posição social mais elevada. São de mais a mais independentes e livres, livres no pensamento e livres nas acções. Podem fallar de rôsto erguido e manifestarem-se como entenderem, emquanto o militar nem essa liberdade tem, porque é um agrilhado de tal forma á vida que escolheu que até é censurado se procurar suavisar a vida fóra do mister que abraça. Se por quaesquer circumstancias fosse obrigado a demittir-se, apesar das habilitações litterarias que possui, cahiria ao outro dia em maior desgraça. Apesar de não ter com que viver decentemente, tem de se calar. Mas diz-se que o estado não tem recursos para valer a essa situação. E' esta uma desculpa que não se comprehende, porque em quasi todas as remodelações que se teem feito ultimamente nos outros ministerios, nós vemos sempre o pessoal contemplado com melhorias de vencimentos ou gratificações. Se o estado, pois, está arruinado, não o parece.

Será o exercito que o arruina? Talvez; mas os vencimentos não subiram desde 1887 nem os effectivos augmentaram desde essa data. E até as compras de armamento todos sabem que nem são feitas á custa do estado. Não é, pois, o exercito o culpado de tanto mal, se mal algum existe.

Vae, porem, já longo o nosso artigo e mais fastidioso se tornaria se sobre o assumpto bordassemos todas as considerações requeridas pelo caso. A nossa situação fica definida e a nossa razão está mais do que justificada. Urge um remedio prompto e efficaz que nos salve d'esta angustia.

Até nos envergonhamos de o pedir assim. Officiaes do exercito, n'um paiz de tão gloriosas tradições, obrigados pela necessidade a mostrar perante a multidão o rôsto descarnado da miseria em que se acham!

Alem dos vencimentos serem poucos ha ainda infelizmente algumas disposições nas leis que os diminuem.

O artigo 9 do regulamento para abono dos subsídios de marcha, de 1893, ainda em vigor é uma d'essas disposições. E, a nosso vêr, um artigo absurdo por que não se comprehende que pelo facto do official em diligencia recolher ao quartel no mesmo dia, muitas vezes á noite, tendo sahido de manhã, não tenha direito a subsidio. Pois não fará despezas como se tivesse recolhido no dia seguinte? Até n'estas disposições a lei é contra nós. E hoje ficamos por aqui.

A. LEITE DE MAGALHÃES

Alfêres d'infanteria n.º 6



Infanteria montada

(Continuado do n.º 4 — 1905)

Em todas as campanhas coloniaes que até hoje se teem realisado, foi a anglo-boer aquella em que a infanteria montada foi empregada em mais larga escala. No fim da campanha, perto do quinto do effectivo que os inglezes tinham no sul da Africa era constituido por infanteria montada. A cavallaria chegou mesmo a ser em parte transformada, substituindo-se o sabre e a lança pela carabina.

As forças que a constituíam eram provenientes :
a) *infanteria montada regular*; b) *forças auxiliares da metropole*; c) *corpos montados das colonias*.

Passemos, pois, a indicar a organização de cada um dos contingentes tirados d'aquellas tres povências.

a) *Infanteria montada regular*.—As companhias organisadas nas tropas da *infanteria montada regular* foram-no pela fórma como já anteriormente ficou dito, isto é, com os homens dos batalhões de infantaria ou reservistas que tivessem seguido o curso especial de Aldershot.

Foi este o processo que se seguiu a principio, mas como não se pudessem organizar effectivos sufficientes para fazer face ás exigencias da campanha, que se estava apresentando cada vez mais cheia de difficuldades, recorreu-se a todos os soldados de infantaria que apresentassem certa aptidão para este serviço.

Além d'isso, quando rebentou a guerra, meados d'outubro de 1899, dispunham os inglezes nas colonias sul-africanas dos seguintes contingentes :

1.º—De 7 companhias com os effectivos que já ficaram indicados e que estavam de guarnição no Natal e Colonia do Cabo.

2.º—De 3 companhias que da metropole tinham sido enviadas antes do rompimento das hostilidades.

3.º—De mais 4 companhias organisadas mesmo nas colonias com os recursos proprios, prefazendo um total de 14.

No decurso da campanha foram enviados para o theatro das operações e á medida que as difficuldades iam surgindo, as seguintes unidades :

1.º—Um corpo expedicionario de 2 batalhões de infantaria montada a 4 companhias e 2 secções de metralhadoras. Este contingente foi organizado em Aldershot, ficando os batalhões affectos a brigadas de cavallaria. O effectivo de cada um d'estes batalhões era de 23 officiaes e 568 praças de pret. Apenas trans-

portaram os caixões de munições e uma viatura para agua. O animal e mais material foi organizado na Colonia do Cabo.

2.^o—A 6.^a divisão de infantaria foi enviada para o Transvaal, reforçada com 6 companhias de infantaria montada, tendo cada uma um effectivo medio de 4 officiaes, 133 praças e 115 cavallos.

3.^o—A 4.^a brigada de cavallaria foi reforçada com 1 batalhão de infantaria montada e 1 secção de metralhadoras. Uma das companhias d'este batalhão foi organizada em Malta.

4.^o—A 8.^a divisão de infantaria foi apenas reforçada com uma companhia de infantaria montada.

Além d'estas unidades, que iam directamente affectas ás unidades indicadas, muitas outras foram enviadas de Inglaterra, Malta, Egypto e India, durante o decurso da campanha, sendo organisadas na Birmania 3 companhias com um effectivo medio de 5 officiaes, 110 praças e 115 *poneys* e em Malta mais uma companhia com 5 officiaes e 136 praças.

Só em 1901 foram enviadas *quarenta e seis* companhias da fórma que segue:

Metropole—Com um effectivo medio de 5 officiaes e 136 praças foram enviadas: em janeiro, 4 companhias; em fevereiro, outras 4; em março, 7; em abril, 5; em maio, 7; em junho, 1; em julho, agosto e setembro, 3, uma em cada mez; em outubro, 2; e em novembro, 4.

Malta—Em janeiro foram enviadas 4 companhias e em dezembro mais 3.

Egypto—Foram enviadas duas companhias em janeiro.

Em 1902 ainda foram enviadas mais sete companhias, sendo 6 organisadas em Inglaterra e uma em Malta.

No decurso da campanha, mesmo no theatro das operações, foram organisadas mais *trinta e quatro* companhias, que foram constituídas com elementos de todas as armas.

Recapitulando, vemos que no fim da campanha dispunha a Inglaterra de 119 companhias regulares de infantaria montada, cuja proveniencia era a que segue indicada:

Guarnição das colonias sul-africanas	11
Unidades organisadas com as formações de campanha	17
Unidades não affectas, enviadas de Inglaterra e colonias	57
Unidades organisadas no theatro das operações	34

b) Forças auxiliares da metropole.—Além d'aquellas unidades recrutadas na infantaria regular, organisaram os inglezes muitas outras companhias com a milicia, yeomanry e voluntarios, como passamos a expôr.

Milicia.—Com a milicia apenas foi organisada uma companhia.

Yeomanry.—E' constituida por um voluntariado muito especial. E' uma especie de cavallaria voluntaria, recrutada principalmente na classe agricola entre os individuos com pratica de montar. O estado sómente os arma; o uniforme, equipamento e remonta são feitos á custa dos *yomen*.

Foi devido a esta especie de voluntariado gratuito que a Inglaterra pôde augmentar os effectivos fornecidos pela metropole.

Eram conhecidas pela designação generica de *Imperial yeomanry*—e eram constituídas por companhias com organização e effectivos em tudo identicos aos da infantaria montada regular.

O effectivo total está calculado em 35:000 homens, organisados em 176 companhias.

Voluntarios—Os voluntarios da cidade de Londres (City Imperial Volunteers) constituiram 2 batalhões de infantaria montada a 2 companhias e uma secção de metralhadoras.

O *lord* Lock organisou por iniciativa propria uma companhia de infantaria montada e outro tanto fez *lord* Lovat, que organisou um batalhão de duas companhias.

c) Corpos montados coloniaes.—Ao mesmo tempo

que de Inglaterra eram enviadas as tropas regulares e esses contingentes irregulares a que acabámos de nos referir, nas colonias mesmo do sul da Africa, não se procedia com menos actividade. Todas as tropas que nas discripções das batalhas travadas se veem figurar com a designação de *Scouts, Guides, Light Horse, Mounted Rifles* e *Carabineers*, foram organisadas mesmo no theatro das operações.

Assim, no Natal organisaram-se 9 esquadrões; na colonia do Cabo 3 regimentos, 1 esquadrão e 31 destacamentos.

As outras colonias forneceram tambem effectivos importantes de infantaria montada. Do Canadá foram enviados, primeiramente 2 batalhões, um corpo voluntario organizado por *lord Strathcona* e o 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º batalhões com um effectivo cada um de 25 officiaes e 483 praças, prefazendo o total de 4:000 homens.

Da Australia foram enviados nove contingentes, todos constituidos por infantaria montada e perfazendo um total de 13:000 homens.

A Nova Zelandia forneceu 10 contingentes, todos exclusivamente de infantaria montada, prefazendo um total de 6:000 homens.

A India apenas forneceu um corpo de infantaria montada organizado pelo coronel Lumsden.

De Ceylão foi enviada apenas uma companhia organizada por voluntarios.

Resumindo temos que durante a campanha a Inglaterra reuniu no Transvaal os seguintes effectivos de infantaria montada:

Exercito regular (119 companhias).....	16:500	homens
Forças auxiliares da metropole (118 companhias)	22:000	"
Contingentes coloniaes sul africanos.....	16:500	"
Contingentes das outras colonias.....	15:500	"
Effectivo total	70:500	

(Continua)

Um Infante.



O capitão de infantaria Pereira Batalha ¹

(Conclusão)

VI

Apesar de franzino, resistiu ás fadigas e ás provações das marchas e das luctas. Apesar de educado principalmente no estudo e na contemplação das sublimes verdades philosophicas, excedeu, na campanha, muitos dos que só vivem para o officio das armas.

O espirito militar não lhe admittia obstaculos; a gloria das Quinas fascinava-o atravez dos perigos, e por isso manifestava ao lado do talento fecundo a mais nobre e singular bravura.

Disciplinador e intrepido, mantinha em esplendida ordem as forças que dirigia, e, á frente d'ellas, avançava entusiasticamente para o inimigo, por mais pavoroso e cruel que este surgisse.

E, nos momentos em que o estrondo e a fumarada dos

¹ Discurso proferido em sessão solemne do Real Instituto de Lisboa, pelo sr. Antonio Cabreira, cavalleiro da Legião de Honra.

combates pareciam arrebatá-lhe a vida, elle antepunha a todas as emoções de esposo e de pae os impulsos da consciencia do official, escravo dos sagrados deveres da sua honra intangivel. E então a sua espada, banhada pelo sol das victorias, era o symbolo da mais augusta energia; e o seu peito, onde transbordaram tantas delicadezas effectivas, era o arcabouço de um coração, prompto a morrer pelo triumpho de Portugal!

Tendo terminado o tempo de serviço em Africa, e de uma fórma altamente honrosa, em vez de regressar a Lisboa, aprestou-se para outra campanha de maior vulto. E lá marchou para o Lubango, na qualidade de sub-chefe do estado maior da columna que foi rechaçada pelos cuamatás. Tendo o organismo depauperado e não lhe permitindo o serviço de operações defender-se convenientemente da differença de altitudes, ali, em 27 de junho ultimo, succumbiu o illustre capitão, cheio de Fé nas Armas Portuguezas, para cujo triumpho brillantemente concorrerá, e que, após a sua morte, soffreram desastrosa derrota.

Pereira Batalha foi grande na Guerra como o havia sido na Paz.

VII

E que dramaticos não teriam sido os ultimos momentos? Elle, tão longe de todos que amava e que lhe prodigalisariam insubstituiveis carinhos; elle, que já podia ir a caminho do querido e anhelado lar, onde a sua demora era contada dia a dia, minuto a minuto, segundo a segundo; elle, em plena floração da vida e a meio de uma carreira invejavel; elle, com a consciencia de ter gloriosamente saldado todos os solemnes compromissos que o seu brio militar espontaneamente contrahira, elle, que esperava regressar no fim de tres mezes afim de retemperar o depauperado organismo e saciar infinitas saudades, havia de soffrer profundamente no transe fatal, que foi perfeitamente lucido!

Todos os factos mais solemnes da sua vida, todos os affectos mais sentidos da sua alma certamente se lhe agi-

gantaram na imaginação e na sentimentalidade, n'um paroxismo de chamma immensa prestes a extinguir-se!

Morte cruel e estúpida, monstro de insondáveis entranhas, porque foste mais uma vez iniqua e desapiedada? Tu que te debruças sinistramente sobre o berço onde existem thesouros de encantos, sobre o thalamo onde repousam a virtude e o talento; tu que incendeias a choupana e o palacio, que tombas os comboios, afundas os navios, para saciar essa sêde infernal, que é a voragem de vidas, não tinhas ahí qualquer dos muitos sicarios que disfructam a opulencia e a impunidade, apesar de roubarem fazendas e apunhalarem reputações? Não podias escolher um, entre tantos, dos parasitas que escandalosamente sugam a sociedade? Não devias antes preferir um d'esses desgraçados para quem a existencia é uma tremenda e interminavel serie de infortunios?

Maldita e hedionda rainha das guerras, dos naufragios e dos desastres; diluvio de amargura que afogas todas as esperanças; braza horrivel que crestas todas as aspirações; vendaval medonho que derrubas todas as architecturas de felicidade, porque deixas tantas vezes triumphar a infamia, chegar a porto seguro a injustiça e sahir incolumne a perfidia, e agora absorveste quem tinha direito a subir mais alto e destruiste, pelo fogo da afflicção, e pela brutalidade do inesperado, um lar que era templo de Amor?...

A infeliz esposa, louca de dôr pela fulminante nova, exclamou ao recebê-la:

—Foi uma crueldade de Deus!...

Se a Infinita Misericordia fôsse compativel com as paixões que só resultam das misérias e das contingencias humanas, eu replicaria:

—Não foi uma crueldade, foi um egoismo de Deus!

E, com effeito, Pereira Batalha porque constituia um excepcional conjuncto de virtudes, chocava violentamente a logica dos factos sociaes. Tanta bondade e nobreza, tanta abnegação e civismo, não eram dignos de permanecer entre a inveja e a ignominia, entre o descaro e a insolencia que campeiam e imperam no Mundo!

O involucro carnal baixou á terra e ahí, horrido e

transformando, será totalmente sorvido, segundo as leis immutaveis da materia. Mas, a alma, livre e pura, immortal e immaculada, obedeceu apenas á suprema affinidade e recebe a esta hora os effluvios dulcissimos da Justiça e da Belleza eternas !

E, se assim é, porque o chorâmos ?

Porque se desfolham as alegrias desabrochadas ao sol da esperanza de o tornar a vêr; porque a sua ausencia perpetua produz amarissimas dôres...

Entretanto, as nossas lagrimas, perolas da saudade, reflectem a imagem querida, e as nossas consciencias, em sagrado cantico, erguem culto á sua gloria no Ceu...!

Secção do estrangeiro

Allemanha.— O effectivo orçamental do exercito allemão em tempo de paz irá successivamente augmentando de modo que em 1909 será de 504:665 soldados, soldados de 1.^a classe e cabos, e em 1910 de 505:839 praças da mesma especie.

Para este effectivo contribue a Prussia e os Estados subordinados á sua administração militar, com 392:979; a Baviera com 35:424; a Saxonia com 37:711; e o Wurttemburgo com 19:725.

Os sargentos não entram n'este numero e as suas vagas não podem ser preenchidas por soldados.

Este effectivo será distribuido por :

633 batalhões de infantaria;

510 esquadrões de cavallaria;

574 baterias de artilheria de campanha :

40 batalhões de artilheria de posição ;

29 batalhões de engenharia;

12 batalhões de tropas de exploração de caminhos de ferro;

23 batalhões de trem.

*

*

*

Foram recentemente mandadas fazer experiencia, em alguns batalhões, de um novo uniforme de campanha de côr cinzenta.

A farda do soldado é em fórma de blusa, tendo uma gola baixa.

Durante estas experiencias estudar-se-ha o grau de visibilidade dos botões de metal branco, usados no exercito allemão.

Os officiaes usarão tambem blusas do mesmo panno do que os soldados.

Era tempo de entre nós se olhar para este assumpto — uniforme de campanha — e sobre tudo para o calçado das tropas. Podemos affirmar que o nosso soldado é, sem duvida, o que tem peor calçado na Europa.

*

* *

O general commandante do 14.º corpo de exercito chegou inesperadamente a Mulhouse, na noite de 15 para 16 do mez findo.

A's 4 horas da manhã todas as tropas de infantaria estavam reunidas no Campo de Marte, nas margens do Doller..

O general fallou ás tropas depois de passar uma revista minuciosa.

Produziu grande impressão em Mulhouse essa allocução pelo tom belicoso com que foi pronunciada.

Transcreve-se aqui duas passagens d'esse discurso :

«Nunca vos esqueceis, camaradas, como ainda ha pouco o dizia o nosso respeitavel Imperador Guilherme II, que a disciplina, a obediencia e a dedicação pela Patria conjunctamente com o affecto pelo nosso soberano, constituem as principaes qualidades do soldado.

Estas qualidades vos são hoje mais necessarias do que nunca porque de um momento para outro podereis ser chamados a deixar as vossa guarnições para acorrerdes ao campo de batalha.

N'esse dia, pensareis então na velha patria Allemã e fareis como vossos paes em 1870, cumprindo o vosso dever de bons allemães e fieis subditos de S. M. Guilherme II !

Italia. — Todas as divisões que não tomam parte nas grandes manobras de outomno terão manobras de campanha desde o 1.º até ao dia 15 de agosto.

Nas grandes manobras tomam parte o 10.º corpo de exercito, constituido por duas divisões, e o 3.º por trez, das quaes uma é constituida pela milicia movel.

A acção deve passar-se nas cercanias de Bénévante. A direcção geral das manobras terá o seu quartel general em Caserta. Affirma-se que o rei Victor Manuel assistirá ás manobras.

*

* *

Um novo regulamento de manobras respeitante á infantaria italiana acaba de ser publicado com o caracter de provisório.

Vae ser ensaiado no corrente anno nas grandes manobras, e,

em face das observações que os generaes directores das manobras fizerem, assim se transformará esse regulamento provisório em regulamento definitivo.

Austria.—No principio d'este mez deve realisar-se ao norte da Bohemia uma viagem do estado-maior, dirigida pelo chefe do estado-maior, o general von Beck.

O ponto de concentração é Teplitz.

N'esta viagem tomarão parte 5 officiaes generaes e 37 officiaes.

*
* *

Foi creada em Traiskirchen uma nova escola de cadetes de artilheria.

Para o anno lectivo de 1905-1906 serão admittidos n'esta nova escola 80 alumnos.

*
* *

Segundo informa o *Grazer Tagesposte*, brevemente vão começar experiencias com *cosinhas rolantes de campanha* analogas ás do exercito russo, e que segundo a opinião geral, teem produzido optimos resultados na Mandchuria.

Diz-se que se se puder chegar a estabelecer um typo de cosinhas conveniente, já nas manobras do outomno do presente anno se farão experiencias em grande escala.

Estas cosinhas permitem a confecção do rancho durante a marcha, de modo que a alimentação quente que deve ser fornecida ás tropas far-se-ha sempre a tempo e horas, ou n'um grande alto, ou ao chegar ao terminus da marcha.

Theoricamente não ha nada mais util. Este invento vem até certo ponto facilitar um dos mais complicados problemas da vida de campanha — a alimentação das tropas.

Porem na pratica não se sabe bem que resultados apparecerão.

Temos pouca confiança nas noticias que nos chegam da Mandchuria, e é por isso que as experiencias realisadas agora na Austria terão um grande interesse, porque foram completa luz sobre o caso.

Inglaterra.—A esquadra ingleza do Extremo-Oriente acaba de operar a sua concentração em Hong-Kong.

Compõe-se de 23 navios de guerra, comprehendendo n'este numero 7 couraçados.

Foi officialmente notificado que o mar que cerca as ilhas dos Pescadores está defendido com minas submarinas.

De Portsmouth partiram para os mares da China os couraçados *Canopus* e *Barfleur*.

Diz-se que a esquadra franceza está concentrada nas costas do Annam.

Russia.—Pensa-se seriamente n'este paiz em substituir o armamento dos officiaes de infantaria.

A experiencia da guerra actual tem demonstrado, como já demonstrou aos inglezes a guerra do Transvaal, que a espada e o resolver do official tem pouca importancia e pouco valor, podendo, como se sabe, ser apenas utilisavel no combate corpo a corpo ou a pequenissimas distancias, ficando o official desarmado no combate a grandes distancias.

Pensa-se em distribuir aos officiaes de infantaria uma carabina e um sabre bayoneta, e diz-se que esta modificação é reclamada por grande numero de officiaes.

*

* *

Hoje mais do que nunca cresce o numero dos apostolos ferreventes da guerra até á victoria da esquadra do almirante Rodgestvensky.

O imperador está absolutamente decidido a continuar a guerra até ao momento em que a situação da Russia seja definitivamente estabelecida no Extremo-Oriente.

Tudo depende do mar. Se o combate naval, que se espera a cada momento, entre Togo e Rodgestvensky, for favoravel aos russos breve mandará a face da questão na Mandchuria, mas se pelo contrario for favoravel aos japonezes, então melhor será a Russia desistir das suas pretensões no Extremo-Oriente.

Por enquanto as probabilidades pendem mais para o Japão do que para a Russia, não obstante toda a Europa ter reconhecido que o almirante Rodgestvensky tem executado um movimento audacioso com uma energia e prudencia admiraveis.

Porque a verdade é que aquelles que riram e troçaram com acerba ironia a inhabilidade da esquadra russa, em Porto-Arthur, e o desastrado incidente de Hull, são forçados a reconhecer que a direcção dada ás coisas pelo almirante Rodgestvensky é de tal forma ponderada e conveniente que já ninguem ri nem troça da esquadra do Baltico.

O resto dependerá do azar dos combates.

E se não houver combate? E se os japonezes poderem immobilisar a esquadra russa destruindo-lhe os carvoeiros?

Algumas surpresas podem ainda apparecer por este lado.





8.º ANNO

JULHO DE 1905

N.º 7

REVISTA DE INFANTERIA

A arma de infantaria

As suas pretensões

III

No numero anterior da nossa *Revista* ficou bem patente a necessidade que ha em augmentar os soldos, bem como a justiça que se faz á arma de infantaria com a realisação d'esse unanime desejo.

Apezar de hoje voltarmos a nossa attenção para outro assumpto, diremos, não obstante, que a nossa arma não deseja augmento de vencimentos por diuturnidade, como alguém pretendeu fazer acreditar. O que a nossa arma deseja é um augmento real e directo sobre os soldos, e podemos até garantir aos poderes publicos que a tabella de vencimentos publicada no ultimo numero da nossa *Revista* satisfaz perfeitamente ás justas e legitimas aspirações da nossa arma.

Já aqui se mostrou que durante os ultimos cinco annos todas as nações da Europa teem melhorado a situação dos seus officiaes, com excepção da Hespanha e Portugal. Ora, na nação visinha, segundo tudo faz prever, as aspirações dos officiaes hespanhoes, princi-

palmente as dos pertencentes á *la valerosa*, que lá como cá são também os menos protegidos, vão ser attendidas pelo parlamento, que em breve vae abrir. Pelo menos teem a certeza de que o general Martitegni ou consegue satisfazer essa aspiração dos officiaes que dirige ou depõe nas mãos do rei a pasta da guerra que actualmente está sobraçando com notavel criterio. Se o ministro hespanhol conseguir o que deseja, ficarão sómente os officiaes do exercito portuguez desfavorecidos em relação aos seus confrades das demais nações.

Nós continuamos, pois, dizendo que é tempo de se fazer justiça á infantaria e com todo o respeito chamamos a attenção dos poderes constituidos para a tabella que já publicámos e que hoje não repetimos para não nos tornarmos fastidiosos.

As questões militares evidentemente teem andado abandonadas. Uma analyse conscienciosa e imparcial leva-nos também a concluir que nem sempre o espirito da equidade e da justiça tem presidido a todos os assumptos. Como entre nós não ha a mesma unidade d'origem, as diversas questões, principalmente as que interessam directamente os officiaes, teem sido tratadas por aspectos diversos e prismas differentes, o que tem originado manifestas desigualdades. Nada teriamos a dizer sobre este assumpto se essas differenças não tivessem causado uma vasta serie de perturbações, desalentos e desanimos, que tão prejudicialmente se podem fazer sentir nos interesses mais sagrados da collectividade a que todos nós pertencemos.

A organização dos quadros e a sua distribuição, bem como o systema de promoção ao generalato, são provas evidentes do que acabamos de dizer. Sobre esses assumptos tem-se procedido do tal fôrma que tudo está desharmonico, porque ao passo que umas armas são largamente compensadas, outras ha, como a infantaria, que estão n'uma inferioridade deprimente. E só d'esta fôrma se pôde comprehender que a infantaria ha muitos annos não tenha tido sequer os generaes necessarios para commandar as brigadas que lhe são peculiares, quando é certo que n'outras armas existe um numero

de generaes que muito excede os pedidos pelas exigencias dos seus serviços. Como, pois, se póde dar um facto de tal fórma anómalo? Evidentemente porque o espirito de justiça e de equidade não tem sempre bafejado estas questões da nossa organização militar.

Ainda podíamos, porem, admittir que esses favores existissem se não fossem dados com manifesto prejuizo da *rainha das batalhas*. Como o quadro do generalato é constante, para umas armas estarem no *maximo* é necessario que a infantaria esteja no *minimo*.

Mas não é só no quadro do generalato que essa desproporção ou esse desfavor, como lhe queiram chamar, existe. Nos quadros dos outros postos as differenças são identicas, como se póde vêr com toda a evidencia pelo seguinte quadro:

POSTOS	Quadros que deviam haver na infantaria em relação aos das outras armas	Quadros que ha actualmente na infantaria	Differença em desfavor da infantaria
Coroneis.....	65,8	49	16,8
Ten. Coroneis...	65,8	49	16,8
Majores.....	99,4	86	13,4
Capitães.. ..	378,7	324	53,7
Subalternos....	735,7	654	81,7

Estas differenças são provenientes da desproporcionabilidade que existe entre os quadros das diferentes armas. Se cada uma d'ellas entrasse na proporção indicada pelos principios que regulam a organização e constituição dos exercitos, já essas desigualdades não podiam existir. Mas não tem assim succedido, porque para accellarar a promoção a alguns não bastam somente os beneficios que lhes concedem as leis de promoções, que teem sido grandes, é necessario tambem alargar-lhe os quadros, que são as duas razões primordiaes que tantas desigualdades teem originado e que representam outras tantas injustiças.

A relação que entre os capitães e subalternos das differentes armas para os seus officiaes superiores é outra causa que vae aggravar aquellas duas e pela qual se vê egualmente que a infantaria está desprotegida, como se vê pelo quadro que segue:

Postos entre os quaes se calcula a percentagem	ARMAS			
	Eng.	Art.	Cav.	Inf.
Officiaes superiores para capitães e subalternos.....	34 0/0	18 0/0	21 0/0	18 0/0

Por este quadro se pôde concluir que para a nossa arma estar na proporção das outras devia ter, em relação á engenharia 333 officiaes superiores, em relação á artilheria 175, em relação á cavallaria 213 e em relação ao estado maior 390, quando é certo que a totalidade dos seus officiaes superiores fica muito aquem da indicada por esses numeros. Póde-se, pois, dizer afoutamente, sem receio de ser contestado, que a infantaria está, quanto á organização e constituição dos seus quadros, manifestamente desfavorecida. Estando por consequencia contra os interesses da nossa arma a organização dos quadros e as leis de promoções, não podia deixar de estar a infantaria no *minimo*, como sempre tem succedido, o que quer dizer que o desfavor tem sido constante.

Nós nada teriamos que dizer sobre este assumpto, repetimos, se o beneficio que se dá ás outras armas não fosse concedido á custa da infantaria. Desde que todas teem os mesmos direitos não se pôde beneficiar uns com o prejuizo d'outros. Essa fórmula de proceder é a negação de toda a justiça e é por isso que a nós nos assiste o direito e o dever de pedir que se modifique uma tal fórmula de proceder. E quer-nos parecer mesmo que outro tanto deverão fazer todos aquelles que pugnem pelos interesses da collectividade em geral, porque sendo o exercito uma machina complexa, não poderá func-

cionar com regularidade e precisão desde que não haja verdadeira concordancia entre cada uma d'essas peças. A infantaria sabe que é desprotegida, a infantaria não ignora que os beneficios que são dados as outras armas são concedidos á sua custa, e o conhecimento d'isso mesmo traz, como é evidente, uma serie de desanimos e desalentos que muito a prejudicam a si e que bem mal fazem aos interesses da collectividade em geral, que evidentemente segue a resultante imposta pela maneira como todas as armas se desempenham dos seus serviços.

Apezar d'esses desalentos, devemos dizel-o, porque é extremamente honroso para todos, a arma de infantaria é a que mais tem progredido nos ultimos tempos, como o temos ouvido confessar a personalidades de toda a confiança e competencia. Mas para bem da arma e do exercito é tempo de se pôr cobro a todas essas injustiças para evitar que o mal alastre e se torne geral. E' por isso que nós dizemos que ao nosso lado, visto nos assistir a justiça, devem estar todos aquelles que pugnam pelos interesses da collectividade em geral, que sem sombra de duvida são bem superiores aos interesses mesquinhos de armas ou de individualidades. Nós não queremos o prejuizo de ninguém; nós pedimos simplesmente se faça justiça á nossa arma, se lhe dê o que de direito lhe pertence. E procedendo d'esta fórma estamos convictos que prestamos um bom serviço ao exercito.

Agora que sabemos que esta aspiração da arma é legitima, precisamos indicar a fórma de a tornar realisavel. E' um dever que assiste a quem faz uma exposição ou formula um pedido. E' pois isso que vamos fazer para que ninguem possa julgar que não conhecemos o que pedimos ou que pedimos ao acaso e sem um rigoroso conhecimento de causa.

E' sem duvida bem facil indicar a forma de satisfazer essa aspiração da nossa arma, porque ella fica logo satisfeita desde que não se altere a organização actualmente em vigor e se completem os quadros. Desde que se proceda d'esta forma, as differenças que hoje exis-

tem em desfavor da infantaria desaparecem immediatamente em alguns dos postos. As diferenças que ainda fiquem existindo podem também desaparecer desde que se tomem algumas medidas complementares.

Os districtos de recrutamento e reserva, por exemplo, não teem o pessoal sufficiente para satisfazer cabalmente ao fim a que são destinados. O pessoal d'esses districtos precisa fatalmente ser augmentado e mesmo os serviços que lhe são inherentes precisam ser totalmente remodelados. Os districtos, conforme estão organizados, não passam de meros depositos burocratas onde apenas o pessoal está registado, quando é certo que tanto nos serviços de recrutamento como nos de reserva ha muito que fazer para que se tornem effectivos. Mas tudo isso que é imperioso fazer-se não pode ser levado a cabo nem com a organização actual, nem simplesmente com o pessoal que hoje teem. O serviço de reservas entre nós tem estado perfeitamente abandonado. Sobre este assumpto podíamos até fazer considerações que preferimos callar, porque o abandono tem sido quasi que condemnavel.

Tudo, porém, se pôde montar em termos desde que se reorganisem esses serviços e se dê aos districtos uma maior lotação de pessoal. Quanto á reorganização que se deve pôr em pratica não a indicaremos agora por não vir a proposito; mas quanto ao pessoal devemos dizer que não será exaggerado se fôr constituido por 1 coronel, 1 tenente-coronel, 2 capitães e 2 tenentes. Com este pessoal o coronel estaria sempre á testa do seu districto para dirigir os differentes serviços; o tenente-coronel seria destinado ás inspecções e instrucção dos reservistas; um dos capitães e um dos tenentes seriam destinados a auxiliar o tenente-coronel; e o outro capitão e o outro tenente teriam a seu cargo respectivamente o serviço burocrata do recrutamento e das reservas.

Para completar, tornar effectiva e dar unidade e orientação a estes serviços seria também muito conveniente a creação d'uma direcção geral que concentraria todos os elementos dispersos e onde as estações supe-

riores poderiam encontrar promptamente todos os esclarecimentos de que carecessem.

Os batalhões de caçadores precisam ter 2 majores, um para desempenhar os serviços que nos corpos de infantaria pertencem aos tenentes-coroneis e outro para os serviços que lhe são proprios.

Os ajudantes dos regimentos de infantaria e batalhões de caçadores devem ser capitães. Além de varias razões que é desnecessario indicar ha a natureza do seu serviço que os obriga a privar mais com os officiaes superiores e capitães do que com os proprios subalternos. Com esta medida o serviço é melhorado e a disciplina nada terá a perder. Sobre este assumpto apresentamos á ponderação dos poderes publicos o seguinte projecto de lei:

Considerando que de ha muito se faz sentir a conveniencia de serem desempenhadas as funcções de ajudante nos regimentos de infantaria e batalhões de caçadores por capitães;

Considerando que pelo decreto de 24 de dezembro de 1901 ficou sem effeito o preceituado no art. 184 do decreto de 7 de setembro de 1899;

Considerando que o disposto no § 1.º do art. 12 do decreto de 24 de dezembro de 1901 não se oppõe a que as funcções de ajudante nos regimentos de infantaria e batalhões de caçadores sejam desempenhadas por capitães; e

Considerando que identicas funcções são desempenhadas nas outras armas por capitães; hei por bem decretar que as funcções de ajudante nos regimentos de infantaria e batalhões de caçadores passem a ser desempenhadas por capitães da mesma arma.

Conservando, pois, a organização presentemente em vigor, completando os quadros, remodelando os serviços de recrutamento e reserva, dando aos batalhões de caçadores 2 majores e passando as funcções de ajudante a ser desempenhadas por capitães, os quadros de infantaria passarão a ser os seguintes:

Coroneis		Tenentes-coroneis	
Estado maior	10	Estado maior	10
Regimentos d'infanteria..	27	Regimentos d'infanteria..	27
D. R. e Reserva	27	Batalhões de caçadores ..	6
Guardas municipaes	1	D. R. e Reserva	27
Somma.....	65	Guardas municipaes	2
		Somma.....	72
Majores		Capitães	
Estado maior	10	Estado maior	24
Regimentos d'infanteria..	78	Ajudantes regim. de inf. ^a ..	27
Batalhões de caçadores ..	12	» batalhões caç.	6
Somma.....	100	Companhias.....	250
		D. R. e Reserva	54
		Guardas municipaes	10
		Somma.....	391

Os numeros indicados para o estado maior e guardas municipaes são os que presentemente estão estabelecidos.

Confrontando estes numeros com os que são necessarios para que a proporcionalidade da infantaria com as outras armas se estabeleça, conclue-se que é muito facil fazer justiça á nossa arma e compensal-a d'esta fórma do atrazo de promoções em que se encontra.

ORGANISAÇÃO MILITAR COLONIAL

No nosso artigo anterior apreciámos, na generalidade, o decreto de 14 de novembro de 1901, como um diploma cujo estudo não obriga grande despesa intellectual da parte dos collaboradores. E se o julgamos condemnavel por mal elaborado, esta circumstancia encontra-se sobremodo aggravada por se não terem respeitado os sagrados principios da equidade.

Dissemos nós que, como pouca cousa a aproveitar da actual organização militar colonial terá que figurar o que diz respeito ao recrutamento dos officiaes, por não ser facil apellar para outro processo, como conviria. Todavia é a parte referente a officiaes que mais attentões deve merecer, por ser a que mais salientemente, como é natural, tem evidenciado os enormes defeitos d'aquelle diploma.

O nosso distincto camarada, o sr. A. Pimentel, que conhece muito bem o ultramar, escreveu no n.º 1 d'esta Revista respeitante a janeiro, o seguinte: — «Apontam-se muitos officiaes das levas anteriores que foram collocados em situações e regiões privilegiadas e ninguém abriga duvidas acêrca da cegueira d'uma sorte que atira um individuo para regiões inhospitas onde tudo é preciso crear, improvisar, longe de todo o recurso, sempre á mercê das intrigas d'um branco ou das zagaiaes de um negro, e que brinda outros com a benesse choruda da accumulacão d'uma companhia de guerra com bom commando, capitania ou outra commissão ordinaria de tal jaez». — De facto, se a organização militar colonial foi sempre mal vista, não ha duvida que as más impressões veem augmentando, o que se prova pela maxima diminuição dos offerecimentos.

E' porque vindo todos subordinados á mesma lei, uns encontram boas accumulacões, outros permanecem em regiões e situações privilegiadas, e ainda outros passam uma vida de acaso em regiões inhospitas, entregues a todas as contingencias, sem recursos, e onde tudo é preciso crear, sem que se pensasse em estabelecer quaesquer compensacões para taes differenças de fortuna.

Uma das disposições que mais se afastam dos verdadeiros principios da justiça é a que se refere ao tempo de serviço que os officiaes são obrigados a prestar no ultramar. Crêmos que o inventor do famoso decreto de 1901 nos não explicaria facilmente a razão porque aos alferes e maiores exigem quatro annos, e dois a todos os outros officiaes.

Nada ha que verdadeiramente justifique nem essas differenças nem mesmo a longa permanencia de 4 annos em regiões africanas. Sobre este assumpto é sabido por todos que o tempo passado em Africa nunca deve exceder a 2 annos seguidos. Legislar o contrario é prescrever a ruina da saude dos nomeados.

Se, porem, um periodo de 4 annos ainda se pode comprehender para os maiores, em virtude da situação relativamente privilegiada que occupam, para os postos subalternos já não succede outro tanto.

Sendo o serviço de destacamentos feito exclusivamente por subalternos é evidente que é a estes que acontece serem atirados para as regiões inhospitas aonde tudo é preciso crear, improvisar, longe de todo o recurso, sempre á mercê das intrigas d'um branco ou da zagaia d'um negro. Pois não será isto? E' o que tem experimentado quem escreve estas linhas.

Não tem o pobre do alferes um momento de socego. Mal chega á companhia aonde suppunha que ia ter algum descanso e tratar-se das febres mal curadas, mandam-no marchar, muitas vezes sem tempo de se prevenir com o indispensavel para essa nova viagem. Na companhia escriptura os registos da secretaria e do conselho, e muitas vezes tem que fazer serviços que deviam ser desempenhados por sargentos, porque estes não existem ou não são aptos. No commando militar, se desempenha es-

to cargo, encontra-se o pobre alferes cheio de responsabilidades de toda a ordem, em contingencias varias, desempenhando serviços que nunca lhe podiam competir e pelos quaes não recebe qualquer renumeração, sem lhe deixarem iniciativa sufficiente para bem cumprir a sua missão. Quem tem desempenhado estes cargos, aparentemente de pequena importancia, sabe bem as difficuldades com que se lucta, e onde um acto menos refletido põe em risco a reputação de um official, até então reconhecido como escrupuloso no cumprimento dos seus deveres. Temos visto d'isto algumas vezes.

Admittamos por hypothese que o legislador entendeu que a lei era extraordinariamente favoravel aos alferes pelo facto de, sendo sargentos, terem sido promovidos a officiaes quando ainda estavam muito longe de attingir tal graduação na metropole. Nós temos difficuldade em admittir que em tal se pensasse, mas vá á hypothese. Não será paga mais do que sufficiente os extraordinarios sacrificios feitos pelos mesmos officiaes, para tal suposto beneficio, que, de certo, só terá attingido alguns? Crêmos que sim.

Em nosso modo de ver dois annos é tempo mais do que sufficiente para bem servir o paiz e para ter direito a qualquer beneficio futuro que por ventura se chegue a receber, porque é bem sabido que o subalterno de infantaria, seja proveniente de que classe for, é exactamente aquelle que é lançado para o interior onde lucta com falta de tudo.

—Outra disposição que não deverá ter agradado muito, é a que respeita a vencimentos. Este augmento de 50 % aqui, 30 % ali e acolá, não se baseia na experiencia. Dera 50 % em Lourenço Marques e S. Thomé aonde o europeu encontra todos os recursos, e não se lembraram que metade dos officiaes estão internados em pontos aonde o genero europeu chega por um preço exorbitante, havendo falta do indispensavel. E' certo que se deve attender ás condições das localidades para calcular a retribuição a dar aos officiaes; mas é precisamente por isso que nós entendemos que o assumpto não foi devidamente estudado.

Não conhecemos S. Thomé, mas parece-nos que o europeu não viverá ali com mais difficuldades do que na Zambezia, principalmente no districto de Tete, admittindo que estavam em paridade de vencimentos. Todos sabemos que, na maioria dos casos, o que faz a vida cara em Africa é o genero europeu que se importa, e aonde elle chega mais sobrecarregado com transportes, claro que é ali que é mais caro. Logo, S. Thomé deve por este lado ser favorecido.

Pelo que respeita a Lourenço Marques, lá estivemos, e, com franqueza, nada vimos que justifique o favor especial que gosam os officiaes ali em serviço em comparação com outros bem peor collocados e que ganham menos. E' certo que factores varios contribuem para a carestia da vida em Lourenço Marques, mas os officiaes estão ali um tanto ou quanto ao abrigo de taes contingencias. Quando lá estivemos havia na Ponta Vermelha, uma *Mess* da qual faziam parte uns dez ou doze camaradas que de-

sempenhavam varias commissões de serviço. Serviam-se dos generos arrematados em favoraveis condições, e do que podiam, tinham agua e creados de graça, e uma casa de jantar, como talvez lá não haja segunda, em África, aonde não faltavam os aprestos necessarios para a manipulação das differentes iguarias, e para uma mesa decente. Por esta forma e com uma administração zelosa, raras vezes a verba diaria attingia mil reis, que só era sobrecarregada com o vinho, para os que o bebiam.

Apesar d'este beneficio não se pode dizer que os vencimentos sejam exagerados, antes mesmo pelo contrario. Não é mesmo a isso que nos queremos referir, pois que apenas temos em vista dizer que pelo facto dos officiaes precisarem d'esse beneficio de 50 % em certas localidades, como Lourenço Marques, os que vão para outros pontos do interior tambem precisam de identico beneficio, porque se não são obrigados a certas despesas teem a lutar com as inclemencias do interior onde os generos europeus chegam por um preço exorbitante. Alem pois do mau clima, da falta de confortos, do isolamento e da nostalgia tem o official destacado no interior a lutar com uma vida muito mais cara se quizer alimentar-se como geralmente se alimentam os officiaes que estão no littoral. E' pois justo dar áquelles pelo menos um vencimento igual ao d'estes.

Tambem não é o uniforme que subrecarrega a economia do official em Lourenço Marques, porque uza o mesmo que os mais uzam do interior, e não nos parece que o official possa deixar de andar decentemente vestido, tanto no interior como no littoral, porque precisa impor-se, não só aos seus subordinados, como aos indigenas da região aonde exerce auctoridade.

Parece-nos ter dito o sufficiente para provar que nenhuma razão ha para que aos officiaes em serviço no interior não sejam dados os beneficios e vantagens que são dadas aos demais.

E', pois, nossa opinião que em paridade com o districto de Lourenço Marques deve ser collocado o de Tete, e o de Huila com o da Lunda, pelo que respeita a vencimentos. Deve alem d'isto, attender-se á situação especial dos officiaes e praças destacadas nos postos militares, de forma que lhe sejam fornecidos os generos pelo deposito de viveres de que trata o artigo 133.º do decreto de 14 de novembro de 1901, que deve ser definitivamente estabelecido, sem augmento de transporte, o que pode muito bem acontecer se a organização do taes depositos for devidamente estudada. Aos commandantes militares que permanecem na fronteira, como alguns ha em Moçambique, deve dar-se qualquer gratificação especial, que pode ser o subsidio de residencia permanente, visto que os referidos commandantes estão constantemente fazendo despesas extraordinarias com visitas de estrangeiros, ou com a retribuição de offerecimentos, o que presentemente não pôde fazer sem comprometter muito a sua economia, e de forma que sejam mantidos o brio e a dignidade do official do exercito portuguez.

Tratando ainda de vencimentos devemos fazer notar a diffe-

rença de subvenção dada aos alferes e tenentes. Em todos os tempos os subalternos d'infanteria e cavallaria tiveram subsidios e gratificações eguaes; só o legislador de 1901 se lembrou de differenciar na subvenção aos que veem servir no ultramar, nos termos do decreto de 14 de novembro. E' certo porem que, sendo as funcções perfeitamente eguaes, a gratificação deve ser tambem igual. E' isto mesmo que se deduz do que se acha legislado sobre o assumpto, e só em 1901 o não comprehenderam assim. De modo que, devido a tal differença, ficaram os pobres alferes reduzidos, a maior parte, a 41\$000 réis de soldo porque quasi todos teem familia a quem tiveram de deixar pensão, o que chega a ser irrisorio.

Parece-nos ter demonstrado — nós pelo menos estamos d'isso convencido — que houve falta de attenção e de carinho para com os alferes. E, comtudo, é o que faz maiores sacrificios, exige-se-lhes o dobro do tempo de permanencia no ultramar, em relação aos outros officiaes, e paga-se-lhe menos. Mal se comprehende isto.

—Aos poderes constituídos, pedimos que attentem nos pontos que deixamos tratados, embora sem competencia, mas inspirados por um sentimento de justiça e de verdade. Cuide o governo em que, na reorganisação que vae fazer-se, sejam respeitados os principios da equidade de que tanto se afasta o decreto de 1901, e terá prestado em importantissimo serviço á causa colonial, decretando uma acceitavel organisação militar, base do systema colonizador.

Africa, abril de 1905.

F. S.





NO EXTREMO ORIENTE

VII

Cerco de Porto Arthur

Como já vimos, a 9 d'agosto o bravo general Nogi, tendo-se apoderado das alturas Oeste e Sul e do forte avançado de Takuchan, ficou com a sua infantaria apenas a 2:000 metros da praça, occupando as posições que lhe deviam servir de base para o início d'um cerco em regra. E outra não podia ser a sua resolução, porque a experiencia dos combates anteriores lhe tinha mostrado que os russos não deixariam que a praça fosse tomada d'assalto.

Da parte de Stoessel tambem não podia haver duvidas na orientação a seguir porque as circumstancias, já bem criticas, em que o tinha lançado Nogi lhe diziam que precisava defender os fortes mais proximos da linha ferrea e os que ficavam sobre a crista do Dragão, porque tomados elles ficava dominada a cidade e o porto, e, portanto, a esquadra. Era pois sobre esses pontos que Stoessel tinha que fazer convergir as suas principaes atenções e primeiros cuidados. O erro que commetteu em Nanshan, não mandando reforçar o general Fock, ia agora a começar a ser expiado.

Os pontos d'ataques estavam pois definidos e tanto mais que ficavam no caminho seguido pelos japonezes que viessem por Dalny em reforço de Nogi. A 9 d'agosto este general nippon dispunha para o cerco que

ia iniciar de 60:000 homens, com um parque de 50 morteiros de 28^{cm}, de 30 obuses de 12 e de 12 canhões de marinha de grosso calibre.

Antes de proseguirmos na descripção chronologica e um pouco summaria das differentes operações do cerco, seja-nos licito passar um golpe de vista pelo terreno para darmos uma ideia geral da forma como esta cidade se encontrava defendida.

A sul da cidade, na montanha d'Ouro, fazendo face á bahia do Tigre, com uma frente de 5 kilometros, elevam-se as fortificações que defendem a entrada do porto e que, no inicio da campanha actual, com os seus canhões collocados a 100 e 180^m acima do nivel do mar, mantiveram afastada a esquadra japoneza sempre a uma distancia superior a 6 kilometros, no que muito foram auxiliadas pelas fortificações da bahia do Tigre.

Da parte de terra a cidade é circundada por uma serie de alturas, formando um perfeito arco de circulo, sobre as quaes se construíram as obras fortificadas, umas com o typo de fortificação permanente e outras com o typo de fortificação provisoria. A propria configuração do terreno separa estas obras em dois grupos ou sectores distinctos, o grupo nordeste e o grupo noroeste, sectores estes que são separados pelo leito do rio Lunho. A garganta por onde este rio corre é da mais alta importancia para a defeza terrestre de Porto Arthur, não só porque é ella que dá melhor accesso, mas tambem porque é por ella que segue o caminho de ferro e todas as estradas da peninsula de Kavan-tung e a canalisação d'aguas que alimenta a cidade. Para a sua defeza o general Kouropatkine, na visita que fez a Porto Arthur em 1903, como ministro da guerra, ordenou que mais ao norte se levantasse um forte, a que se deu depois o seu nome, mas que na occasião do cerco ainda não estava concluido. Alem d'este forte pretendeu-se defender a garganta do Lunho com baterias que se construíram na montanha da Caille.

O sector nordeste é constituido por todos os fortes que foram levantados no monte Dragão, guarneecendo

E posto isto passemos a entrar na rapida enumeração das operações do cerco de Porto Arthur. Desde o dia 10 d'agosto em diante, epocha em que a praça já estava toda ella investida do lado de terra, começou o bombardiamento, sendo atacados com maior intensidade os fortes da crista do Dragão, taes como Sungschuschan, Erlungshan e Kikiwanchan, que eram atacados com o alcance 2:000 metros.

Os japonezes para se aproximarem mais da praça tiveram então de iniciar os seus trabalhos de sapa. Para isso, linhas de atiradores, acompanhados por sapadores de engenharia e infantaria, aproveitando a escuridão da noite, iam occupando as posições em que as parallellas deviam ser construidas. Se estas forças eram surprehendidas pelas sentinellas moscovitas ou descobertas pelos projectores da praça, a linha d'atiradores tomava posição e defendia-se até que os sapadores tivessem aberto as parallellas de forma a poderem-lhe servir de abrigo. Se o ataque continuava, retiravam então para as trincheiras abertas e d'ahi faziam face a qualquer contra-ataque dos russos. No entretanto, os trabalhadores não interrompiam o seu trabalho, que muito difficultado era pela natureza rochosa do terreno. D'esta forma conseguiram os nippons obter excellentes posições para a sua infantaria. Para estabelecer communicações com as posições da retagurda abriram-se fossos cobertos, que eram traçados em zig-zag, procedendo d'esta forma em harmonia com os preceitos dos côrcos em regra.

Os russos corresponderam á infantigavel tenacidade dos japonezes com uma valentia galharda. Os tempos ainda não muito distantes de Sebastopol e Plewna tiveram um refluxo radioso na cidade que é senhora e rainha do mar amarello. Recordando as tradições que essas epochas lhes deixaram, os soldados de Stœssel, procedendo como seus paes e avós, lançaram mão da sua arma e á bayoneta, mesmo pela callada da noite, procuraram repellar os assaltantes. E quando a bayoneta era inefficaz, recorreram então a contra-trabalhos que levaram por vezes, russos e japonezes, a estarem

apenas separados pelos parapeitos das obras que abriam onde então a bayoneta dava o golpe decisivo. E d'esta forma, tendo de aguentar uma lucta terrivel e titanica em que a tenacidade d'uns correspondia perfeitamente á bravura dos outros, se passaram os primeiros dias do investimento da praça.

Esta lucta estava, porem, generalisada em todos os fortes dos sectores nordeste e noroeste. Aos japonezes restava-lhe sómente forçar a entrada do valle do Lunho, que tinha por principal defeza, embora incompleta, o forte avançado de Kouropatkine.

Para isso, a 10 d'agosto, lançaram sobre elle nada menos de tres divisões, que tiveram de executar uma lucta constante e ininterrupta durante tres dias, porque ao mesmo tempo que se atacava aquelle forte foi tambem necessario investir os fortes Autschan, a oeste do Lunho e Sungschuschan, a éste do mesmo valle. A 20, o forte avançado foi forçado, mas os russos, do forte Stseschan e das baterias do monte da Caille, lançaram sobre o forte perdido uma tal quantidade de projecteis que os nippons foram obrigados a abandonar as posições conquistadas. Lançando então as suas reservas n'um energico contra-ataque, os japonezes foram repellidos sem que côm tudo os moscovitas podessem ficar de posse do forte, que ficou abandonado, tornando se assim um pomo de discordia de que ninguem se podia assenhoriar até que por fim os russos o arrazaram com a sua artilheria. A reconquista do forte avançado Kouropatkine é um dos factos mais notaveis de todo o cêrco.

O mez de setembro foi passado na lucta de toupeiras que em toda a frente, norte e noroeste, se executava em cada paralella que se abria e onde certamente ficaram esquecidos innumerados actos de abnegação e heroismo que se deviam ter dado de parte a parte. A 20, porém, deste mesmo mez, nota-se um impulso geral em toda a linha, que durou tres dias, que deu aos japonezes a posse das ruinas do forte Kouropatkine e que lhes permittiu aproximarem-se a 500 metros dos fortes da frente norte. Tendo, todavia, reconhecido

os japonezes pela dura experiencia que tantas vidas lhes roubava, que não os podiam levar d'assalto, novamente iniciaram os seus trabalhos de sapa, que em luctas terriveis, se prolongaram até os fins d'outubro.

Apesar da indecisão da lucta, os effeitos nefastos do cerco começavam já a sentir-se na praça. Com a posse do forte Kouropatkine os japonezes puderam cortar a canalisação d'agua que alimentava a cidade. Os projecteis tinham já destruido alguns armazens de viveres e começavam a inquietar os navios que permaneciam na bahia. Abrigos onde as tropas de reserva podessem descançar já não havia. A fome começava a sentir-se e a peste, causada pelos cadaveres insepultos, passou a ser uma causa de terror geral.

Nos fins d'outubro, quando Stoessel, já cheio de honrarias concedidas pelo Imperador, começa a sentir falta d'homens e recursos, os japonezes, livres e senhores de excellentes bases de reabastecimento, recebem novos reforços e augmentam o seu parque de sitio. A 27 d'este mez começa o bombardeamento dos fortes Kikwan e Erlung, lançando sobre elles toda a artilheria collocada na montanha do Lobo, nas alturas de Takuschan e na collina Tokenscha, e, ao mesmo tempo, com a artilheria de campanha procuram destruir as defensas accessorias, com que estavam defendidos os differentes fortes e obras circumvisinhas. Esta lucta de artilheria, que lançou sobre os fortes uma verdadeira avalanche de projecteis, foi prolongada até ao dia 3o. A' 1 hora da tarde, depois d'uma descarga geral, tudo se calla e o ecoar magestoso d'essa artilheria poderosa deixa de ser repetido pelas ravinas mais distantes. A esse silencio corresponde então um espectáculo novo. Dos fossos mais avançados começam a surgir cabeças discretas e dentro em breve se veem os seus parapeitos cobertos de densas linhas de atiradores. Era a vez da infantaria, que começava agora a iniciar um assalto geral. Formando-se em 7 columnas d'assalto, com uma frente de 2:000 metros, a infantaria amarella, sem hesitações e aproveitando cuidadosamente os acciden-

tes do terreno, trepa as encostas e marcha resoluta sobre as posições russas.

Os moscovitas, sahindo então dos seus abrigos, guarneceram os parapeitos e mostram que não tinham ficado abalados com o terrível fogo da artilheria amarella, rompendo promptamente contra as sete columnas assaltantes um fogo por descargas deveras intenso, mettendo também em acção as suas metralhadoras e os *shrapnels* das suas peças de campanha. Apesar de tudo a columna esquerda japoneza consegue apoderar-se das obras visinhas do forte de Kikwan, onde se travou uma energica lucta á arma branca, que durou meia hora, e que os obrigou a abandonar as posições conquistadas e a retrocer á sua posição primitiva. Em Erlungschan os japonezes duas vezes se lançaram ao assalto e duas vezes foram repellidos. As mais columnas, que tiveram sorte identica, tiveram que se aproveitar da escuridão da noite para poderem chegar a salvo ás posições d'onde tinham sahido.

Depois d'este insuccesso, os japonezes gastaram mais um mez na preparação d'um novo assalto, que se effectuou a 26 de novembro e que durou muitos dias em que a lucta foi ininterrupta, acabando por serem repellidos pelos russos. D'esta vez, porem, mais alguma cousa lucraram, porque ainda conseguiram estabelecer-se a 10 e 20 metros das obras dos fortes de Sunsgschuschan e Kikwanschan.

Com esta lucta persistente e cheia de tenacidade conseguiram os japonezes que Stoessel fizesse convergir as suas principaes attensões sobre a defeza norte e nordeste da praça, onde collocou as suas principaes reservas em detrimento da defesa do sector oeste. Este facto permittiu que uma parte da columna, fazendo um largo movimento para oeste, se podesse apoderar, a 30 de novembro, com relativa facilidade da celebre *collina de 203* metros, que fica a oeste e um pouco a sul do forte Etzeschan, como se vê do mappa que juntamos.

A posse d'esta collina foi o verdadeiro corollario dos assaltos tentados no sector éste, que serviram para

mostrar a tenacidade d'uns, a bravura d'outros e a perspicacia de Nogi. Com a sua posse os nippons estavam senhores da praça, porque d'ella se dominava todo o interior da cidade e seu porto. Stoessel só tarde reconheceu o seu erro, porque só passadas 10 horas é que poudé executar um contra ataque, que foi repellido em toda a linha, facto este que se repetiu com eguaes resultados nos dias subsequentes.

Na posse d'essa collina, promptamente trataram os japonezes de se fortificarem. A 3 de dezembro tinham já montada uma bateria de grosso calibre que foi logo utilizada contra os navios russos que permaneciam no



porto e que os russos tiveram de inutilisar e abandonar, ficando d'esta forma aniquilada sem gloria nem proveito toda a sua esquadra do Oriente. A expiação do erro de Stoessel começou logo por se evidenciar d'uma forma esmagadora. Agora o que lhe restava era a inexcédível bravura dos seus soldados, á custa da qual ainda podia defender os fortes que lhe faltava perder.

A derrocada passou então a ser geral. As baterias da collina de 203 metros não tendo desde 10 de dezembro nada mais que fazer sobre o mar, passaram a atacar pela retaguarda os fortes da defesa exterior,

obrigando os russos a abandonar quasi todas as obras mais avançadas e a recolherem se, como reducto final, no forte Itzeschan. E enquanto estas baterias cruzavam o seu fogo com as exteriores, uma outra columna consegue separar as obras de Liao-ti-schau do corpo da praça.

Os fortes de Kikwan e Erlungshan tiveram sorte identica, tendo a 20 de dezembro uma granada japoneza causado a morte do general Kondratenko, que parece ter sido a alma de todo o cêrco, deixando Stoessel apenas como uma figura decorativa.

Nos ultimos dias de dezembro os fortes do sector nordeste que ainda restavam em poder dos russos iam sendo conquistados ou abandonados, retirando as guarnições para os fortes da antiga cidade, onde se defendiam heroicamente.

No dia 1.º de janeiro o general Stoessel, apesar de ter ainda um effectivo de 12:000 homens e munições de guerra e de bocca para resistir mais alguns dias, tendo ouvido o conselho de guerra, pede a capitulação e d'esta forma, depois de ter commettido o erro de não reforçar Nanshan e de ter deixado abandonada a collina 203 entrega-se nas mãos do inimigo e não obstante a grande maioria dos seus officiaes ter repellido a liberdade condicional, elle acceita-a e recolhe á Europa a gosar os conforto da familia.

D. R.





Officiaes de reserva

Verdades velhas

O augmento de effectivos que soffrem os exercitos modernos quando passam do pé de paz para o pé de guerra, justifica a existencia d'essa classe de officiaes, que serve de epigraphe ao nosso modesto artigo.

Em Portugal, como no estrangeiro, elles existem e não é nosso fim vir discutir aqui se realmente, dado o caso de mobilisação total do nosso exercito, se tornaria preciso chamar ao serviço das fileiras mais esses q's subalternos, que tantos são os chamados *officiaes de reserva* da nossa arma.

Não discutimos se existem, porque realmente é necessaria a sua existencia, ou se existem porque se tenha tido unicamente em vista dar o galão dourado com o intuito de *favorecer* alguém, com o que nada temos...

O nosso fim, o nosso modestissimo fim, é bem outro: o de perguntar aos nossos camaradas o seguinte:

— «Os *officiaes de reserva* existem? Como as coisas estão, isto é, dado o grau de instrucção que possuem e o tirocinio que teem nos corpos, para que servem, que confiança podem inspirar esses q's reservistas, aos quaes, na sua esmagadora maioria, só por irrisão se pôde dar o nome de officiaes, por falta de competencia profissional, por falta de pratica, por falta de conhecimentos technicos? Para que servem os *officiaes de reserva* conforme hoje se encontram?

Dissemos esmagadora maioria, e assim é realmente...

Existem, é certo, honrosas excepções, que por simples devoção, veem fazer o serviço de fileira, mas — santo Deus! — a par d'estas excepções (*gotas d'agua na immensidade do Oceano...*), quantos e quantos só são *officiaes de reserva* para se livrar, no caso d'um chamamento das reservas, do serviço de praça de pret, mais arduo, mais rude... ou então (está provadissimo que, excepção feita ao pavão, o homem é o ser mais vaidoso da criação...) para envergar o uniforme nas horas vagas do seu emprego, n'um

domingo de musica, n'um bello dia de sol, ás 5 da tarde na rua do Ouro. .

Quantos e quantos!...

Bem sabemos que estamos n'uma epocha de positivismo que tem por lemma cada um orientar a sua vida conforme as suas melhores conveniencias.

Pois muito embora: seja lemma, seja o que fôr, o que é inadmissivel é que existam duas palavras que se chamam *Direito e Regalia*, sem que resulte d'ellas, como corollario, essa outra menos commoda — *Dever*!

Existam e é conveniente que existam os chamados *officiaes de reserva*, mas desde que estamos em periodo de desigualdade de obrigações, favoreçam-se aquelles que pela sua educação, pela sua posição, pela sua instrucção e dedicação possam ser *officiaes* no caso anormal d'um augmento de effectivos, mas favoreçam-se os que sejam *officiaes* na verdadeira acepção da palavra, mas que sejam *officiaes* com um saber profissional tal, que um dia se lhes possa confiar com segurança a unidade inherente á sua graduação.

Ora nada d'isto nós temos na maioria dos nossos *officiaes de reserva*, embora a culpa não seja verdadeiramente d'elles...

A que serviço é obrigado o *official de reserva*?

Depois do seu *exame* de ingresso, a não ser nos periodos de tirocinio para o posto immediato ou em uma convocação das reservas, quando chamados extraordinariamente pelo Ministerio da Guerra, em mais caso algum póde o official de reserva ser chamado ao serviço de fileira!

Póde vir por devoção, por obrigação nunca!

E lá está a logica infallivel dos numeros a demonstral-o: até 31 de dezembro de 1903, dos 95 *officiaes de reserva* da arma de infantaria, só 7 d'elles são tenentes, isto é, só 7 são obrigados por lei ao tal periodo de tirocinio...

Querem prova mais flagrante da verdade das nossas asserções?

Obrigue-se o official de reserva a tomar conta das responsabilidades que o *galão* representa; obriguem-no a um certo periodo de permanencia na Escola Pratica e nos regimentos de reserva, quando da incorporação das segundas reservas — e as coisas mudarão a olhos vistos.

Perder-se-ha em *quantidade*, diminuirá a concorrência? Que importa? O que se perde em quantidade ganhar-se-ha em qualidade: ou tenhamos *officiaes* de reserva como os devemos ter ou acabe-se com essa classe!

E a despeito da nossa nenhuma competencia, sempre nos permittiremos apresentar o alvitre, que segue — com a certeza absoluta que desde já temos e sempre tivemos, de que somos...
vox clamantis in deserto!

Na Suissa, que nós podemos tomar para typo do que seja uma alta comprehensão do que é ter *officiaes de reserva* — que constituem pela sua especial organização militar, a quasi totali-

dade dos seus quadros — na Suíça pratica-se d'um modo extremamente racional na questão da promoção dos officiaes aos diferentes postos, sustentando as chamadas *Escolas Centraes*, para officiaes de todas as armas, escolas estas que poem o official ao par dos progressos das sciencias militares, das innovações dos regulamentos e lhes ministram a instrucção, os conhecimentos precisos para desempenhar cabalmente as funcções do posto a que deseja ser promovido, sendo tambem sob informação favoravel d'essas escolas que é promovido.

Ora o que na Suíça é desempenhado por essas escolas póde sê-lo no nosso paiz e na nossa arma pela Escola Pratica d'Infanteria, no que se refere a instrucção e promoção d'officiaes de reserva.

Pois não tirocinam ahi os aspirantes a official antes da sua promoção a alferes?

Muito bem: tambem em Mafra os officiaes de reserva deveriam permanecer em periodos: antes da sua promoção a official e depois annualmente, por turnos, condição esta necessaria para a promoção ao posto immediato.

Assim habilitado o official de reserva, estava á altura para instruir as tropas da 2.^a reserva, durante o chamamento annual, para o que estaria a seu cargo, como é justo que esteja, essa instrucção e não ao dos officiaes do activo, como actualmente se procede.

Praticar-se-hia do modo seguinte na aquisição e instrucção dos *officiaes de reserva*:

Acabariam os exames de admissão nos corpos, porque — e isto está no espirito de todos os nossos camaradas — são insufficientes.

Em vez d'isto o candidato seria obrigado á permanencia na Escola Pratica durante o tempo que fosse reputado preciso para a sua preparação e para se aquilatar do grau da sua aptidão para o posto de official.

Para regularidade de instrucção estabelecer-se-hia um certo praso durante o qual o candidato poderia requerer, praso este estabelecido de modo que elle podesse começar o seu tirocinio quando a abertura dos trabalhos da Escola Pratica.

Mediante boa informação da Escola, o pretendente a *official de reserva* seria obrigado a servir como instructor das praças da 2.^a reserva durante o mez d'agosto, e só no fim e mediante tambem boa informação do commandante da unidade organizada pelo seu regimento de reserva, seria então promovido a alferes.

A nós parece-nos que este systema substituiria vantajosamente o do exame.

Depois da sua promoção, além do serviço obrigatorio na unidade organizada pelo seu regimento de reserva durante o mez d'agosto, o alferes ou tenente de reserva seria tambem obrigado a permanecer na Escola Pratica, durante um periodo de 2 mezes, onde tomaria parte nos exercicios feitos na Escola. Esta permanencia póderia ser durante os mezes de junho e julho, por ser

n'aquelles em que a instrucção é mais intensa em Mafra. Seria isto, como se vê, um verdadeiro *curso para capitães de reserva*, o só também sob boa informação da Escola poderia o subalerno de reserva ser promovido a capitão.

Promovido a capitão o *official de reserva*, também além do serviço durante o mez de incorporação no seu regimento de reserva, seria obrigado a um periodo de 30 dias na Escola Pratica, tomando parte e assistindo aos trabalhos da Escola.

Claro está que os periodos annuaes não seriam para todos os officiaes simultaneamente mas sim por turnos, cuja composição numerica seria formada em harmonia com o numero de officiaes de reserva existentes nos differentes postos.

Dir-me-hão que isto é exigir muito para *officiaes de reserva*. Não nos parece e diremos unicamente que ou os tenhamos como devemos ter ou então supprima-se esta classe — por inutil. Deem-se-lhe vantagens maiores, como é justo, mas exija-se-lhe o que se lhe deve exigir, como é necessario.

Esta é a dura verdade, exposta sem pruridos de litteratura, chãmente e tão claramente quanto nos permitem os nossos fracos recursos.

Para terminar diremos mais que nada nos move contra os *officiaes de reserva*, classe que desejariamos vêr instruida e apta para o cabal desempenho da sua missão.

Mas também com a maior franqueza o declaramos: assim como agora — salvas honrosas e raras excepções — inspira-nos tanta confiança como os officiaes d'esses batalhões carnavalescos que vimos exhibir pelo Carnaval e que a doçura, a fraqueza dos nossos costumes ainda consente.

Nada temos contra os officiaes de reserva!

O que atraz fica dito é unicamente inspirado pela ideia de dizer a verdade — nua e crua, muito embora — mas a verdade!

E é por isso que, ainda inspirados pela Verdade, nós tornamos a repetir:

Como agora, terão a bravura, a energia, a intrepidez — como eu quero crêr — mas falta-lhes o conhecimento do *métier*, a competencia, o saber, a pratica, que é muito, que é immenso, que é quasi tudo!

A sciencia militar, a pratica da sciencia militar só se adquire na fileira, e o fim para que foram creados os *officiaes de reserva* exigem essa pratica, essa permanencia periodica junto dos homens que amanhã, n'uma hora de perigo, elles serão chamados a dirigir!

Lisboa — Março de 1905.

EURICO DE SAMPAIO SATURIO PIRES.
Alferees d'infanteria.



A theoria da marcha

Em todos os exercicios se procura hoje dar á marcha uma execução que se aproxime o mais possivel da tendencia racional.

Tanto os regulamentos gymnasticos como tacticos indicam os principios d'uma marcha racional, isto é, natural e pratica.

Não deixa de ser interessante, certamente, reunir e coordenar esses principios afim de se procurar o verdadeiro typo do passo militar.

A determinação d'um typo normal parece-nos importante, porque é frequente vêr entre os instructores de recrutas confundir o vigor e energia do passo com os movimentos bruscos, e a cadencia com a precisão, d'onde resulta uma serie de andamentos anormaes que prejudicam a elegancia da marcha, chegando até a serem penosas sem que se alcance o automatismo.

Sendo certo que uma das instrucções mais importantes do soldado de infantaria é a marcha, é evidente que é sobre ella que nós devemos fazer convergir uma boa parte das nossas attensões. Sendo, porem, certo que o soldado quando é alistado já sabe andar, é tambem evidente que as attensões que sobre esta instrucção se lancem devem ter em vista a *trenagem*. E' fóra de duvida que é pela *trenagem* que o soldado pode adquirir a força e resistencia que lhe permittirão executar longas marchas que lhe sejam exigidas. Desde que é isso que se pretende parece ser desnecessario estudar o machinismo da marcha, a forma de a executar. Não é, porem, bem assim.

E' evidente que antes da incorporação todos se sabem mover e deslocar e alguns podem até, devido a condições de vida ou a generos de *sport* a que se tenham dedicado, ser considerados excellentes andarilhos. Isso, comtudo, não é o bastante, nem é o que se pretende, porque não será a marcha que todos devem executar. A marcha debaixo de forma tem umas outras exigencias que não tem a marcha executada em liberdade.

A essas exigencias só se pode attender por uma tre-nagem muito regulada e methodica, tendo-se sempre em vista a coordenação e harmonia dos movimentos individuaes até se obter uma marcha rythmica e cadenciada, que é a verdadeira forma da marcha militar.

O major do exercito francez Raoul diz no seu livro — *comment on marche* —, que o passo de cada um varia não sómente segundo a sua conformação, vigor e educação physica, mas tambem segundo a sua profissão e condição social. O montanhez não anda como o homem dos campos e este não anda tambem como o homem da cidade. E mesmo entre estes as maneiras de andar são diferentes, segundo a profissão que se exerce.

E' pois facil de comprehender que a uniformidade d'esses movimentos tão differentes de que necessita a associação — o exercito — não se obterá se cada um não fôr, gradualmente e sem esforço, modificando o seu andamento até se obter uma forma de marcha media que possa ser executada por todos.

Pode-se, pois, concluir que, sob este ponto de vista, não ha nada que ensinar aos recrutas, mas que ha, pelo contrario, muito a modificar.

*

*

*

E', portanto, necessario estabelecer um andamento, um passo typo que seja apropriado ás exigencias da infantaria. Esse typo pode se fixar segundo tres dados; comprimento do passo, cadencia e mecanismo. E' conveniente, comtudo, observar uma certa relação entre estes tres dados, em que cada um é função dos dois outros.

Esta relação não é invariavel e rigorosamente deduzi-

da d'uma formula rigida. E' mesmo susceptivel de certas variações, muito especialmente com relação aos dois primeiros dados, cujo producto arithmetico dá a velocidade e pelo qual se vê facilmente que sendo conhecido um d'elles, a velocidade variará na razão directa das variações do outro, e que, por consequencia, se poderá obter uma mesma velocidade com diversas combinações do comprimento e da cadencia do passo, desde que estas variações fiquem comprehendidas entre certos limites.

O mecanismo é o movimento convenientemente regulado do corpo e dos membros, o jogo racional das articulações e dos musculos. E' funcção, dentro de certos limites, do comprimento e da cadencia do passo, dependendo principalmedte da conformação humana.

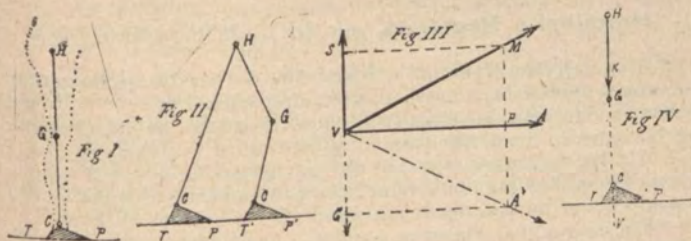
Com relação ao comprimento e cadencia do passo, parece haver duvidas se os numeros regulamentares serão os mais apropriados e os que melhor se harmonisam com a estatura e vigor medio do soldado da nossa infantaria. Esses numeros, porem, são normaes. Na marcha, quer em estrada, exercicio ou parada, ha muitas occasiões em que o andamento se accelera ou retarda.

Quanto ao retardamento é facil de vêr que se pode obter até ao extremo limite de «marcar passo», sem alterar a cadencia, porque desde que esta se retarde, com difficuldade se poderá executar o passo normal sem fátigar. Ao contrario, se se pretender realisar uma marcha mais rapida que a normal, é certo que o limite maximo será attingido mais depressa de que a acceleração da cadencia, até que comprimento e cadencia cheguem a ficar accelerados.

E d'aqui podemos concluir que o retardamento do andamento da marcha normal se pode obter pela redução da amplitude do passo, e a acceleração se pode obter tambem, a principio, pelo alongamento do passo e depois por uma cadencia mais rapida.

Como está prescripto em principio que as variações de andamento sejam reguladas pelas fracções que marcham na frente, é de toda a conveniencia estabelecer um rithmo de marcha invariavel, para d'esta forma manter a boa ordem e cohesão.

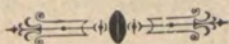
Sem pretendermos expor aqui a physiologia completa da marcha, não nos demoraremos a fazer descripções anatomicas dos órgãos da locomoção, o que se pode encontrar em numerosas obras especiaes. Conhecendo ou dando por conhecido o motor humano, quanto á sua disposição e força, nós procuraremos simplesmente a melhor maneira de regular e utilizar os movimentos em vista da acção mecanica a produzir para realizar o emprego ao mesmo tempo mais simples e mais directo e, portanto, o mais economico das forças disponiveis.



Para simplificar faremos os nossos raciocinios sobre uma figura schematica da perna humana. A cocha H G (fig. I) e a perna G C serão representadas simplesmente pelas linhas rectas que ligam as articulações, H do femur, G do joelho e C do calcanhar. C T P representará o pé, que começaremos por considerar como um triangulo que não se deformará, não entrando por emquanto em linha de conta com as suas diversas articulações.

(Continua)

G.





BIBLIOGRAPHIA

Hannibal e Napoleão, pelo *Dr. J. M. Pereira de Lima*.

O novo livro «Hannibal e Napoleão» do illustre parlamentar e notavel publicista, o nosso querido amigo dr. Pereira de Lima, é sem duvida uma das mais eruditas e vernaculas publicações que moderuamente tem enriquecido a litteratura nacional.

A falta de espaço, com que tão amargamente luctamos sempre n'esta nossa Revista, tem impedido que cumprissemos mais cedo o grato dever de agradecer a amavel offerta que nos foi feita.

Em linguagem classica, seguindo os modernos principios da critica da Historia, o sr. Pereira de Lima revela n'este seu notabilissimo livro toda a pujança do seu formoso talento posto ao serviço de um trabalho herculeo de investigação e assimilação, aproximando e confrontando duas epochas notaveis da Historia, e apresentando-nos em cada uma d'ellas bastantes ensinamentos que poderemos considerar ineditos.

E' um livro escripto para militares.

E' o estudo comparativo de dois grandes cabos de guerra; o Carthaginez, apontado pela Historia como a figura mais grandiosa da antiguidade, e o Corsego, cuja vida militar encheu um seculo e assombrou o mundo moderno.

E' um livro militar que deve a um tempo honrar as bibliothecas dos nossos regimentos e as nossas modestas estantes, agarrados ás quaes sentimos este deleitoso prazer do estudo nas horas vagas das nossas funções officiaes.

«Barca, diz o auctor, attrahiu a si a adhesão e o auxilio dos povos italicos, derrotou successivas insignias consulares, confundiu todos, pela rapidez dos seus movimentos envolventes, pela incisão precisa da sua tactica, pelas maravilhas da sua estrategia. O mesmo se deu com Napoleão, levantando a Italia contra a dominação dos Habsburgs, tomando aos exercitos derrotados centenas de aguias austriacas, repetindo as qualidades geniaes do Barca, e fazendo tremer os alicerces do grande imperio apostolico como Hannibal fizera abalar as portas de Roma, só por d'ellas se aproximar com os seus guerreiros »

A descripção da batalha de Waterloo é talvez a maior maravilha d'este grande livro, aonde aos primores de uma linguagem castiça e sciutillante de colorido vem juntar-se a verdade historica escriptulosamente investigada, apagando erros, prehenchendo lacunas, desfazendo lendas que por tantos modos differentes viciaram descripções anteriores, algumas das quaes eram consideradas como impecaveis.

Sentimos muito sinceramente que a estreiteza do espaço não nos permitta fazer uma larga referencia e sobre tudo o trazer para aqui largas transcripções do livro do sr. Pereira de Lima, porque em verdade nos pesa no coração termos que abafar em nós mesmo a ineffavel impressão que nos produziu leitura ao mesmo tempo tão instructiva como desleitosa, pela forma encantadora que o auctor deu ao seu livro, sem abandonar o sabor classico, que tanto convem áquelles que cultivam as lettras patrias com amor e com sinceridade.

E' um livro modelar.

E pesa-nos ainda mais que nos falte competencia e engenho para podermos apresentar em simples e singelas linhas uma apreciação que podesse corresponder ao valor da obra e á alta consideração e amizade em que temos o seu auctor.

Reiterando os nossos cordeaes agradecimentos chamamos a attenção dos nossos camaradas para «Hannibal e Napoleão.»

Secção do estrangeiro

Suissa — O tiro continua a interessar vivamente os suissos, tendo-se notado em 1904 um progresso sensivel.

O governo federal forneceu ás sociedades de tiro 22.105:000 cartuchos.

O programma do tiro obrigatorio n'estas sociedades foi cumprido por 142:704 homens.

Austria — Acabam de ser publicadas n'este paiz as «modificações ao equipamento de infantaria e caçadores.»

Estas modificações tiveram em vista apenas aligeirar o soldado de infantaria sem contudo diminuir a dotação individual do cartuchame.

O soldado austriaco que transportava consigo 4 dias de viveres, fica agora transportando os viveres do dia e mais dois dias de reserva, menos o assucar, o café, o sal e os legumes, que serão transportados nos carros respectivos.

O peso total do equipamento e armamento do soldado austriaco, incluindo uma ração de pão, tabaco, 120 cartuchos, utensílios de cosinha, etc. etc. é de 27 k. 289, ou seja menos 1,^k 500 do que era antes das modificações introduzidas.

Bulgaria — Acabam de chegar ao porto de Varna 3 torpedeiros que a Bulgaria encomendou no anno passado á industria franceza.

Estes barcos foram desmontados e enviados pela via terrestre, porque a Turquia tinha prohibido a passagem de torpedeiros bulgaros pelo estreito dos Dardanellos.

Alguns instructores francezes já chegaram a Varna para porrem os marinheiros bulgaros ao corrente da manobra d'estes barcos.

A nascente esquadra bulgara compõe-se apenas de um pequeno cruzador couraçado *Nadejda* (Esperança) um navio escola e 3 torpedeiros.

França — Uma ordem ministerial determina que nas manobras de outono do corrente anno se façam experiencias das cosinhas rolantes destinadas a confeccionar o rancho e o café em marcha ou durante o combate.

Cada cosinha deve poder fornecer diariamente 300 litros de caldo e 60 litros de café simultaneamente.

As viaturas devem ser bastantes solidas para poderem seguir sempre as columnas, não devendo ter um peso superior a 500 kilogrammas.

O numero de cosinhas rolantes, cujas experiencias foram auctorisadas, é muito limitado.

Estabeleceu-se uma especie de concurso na industria particular acceitando-se modelos differentes para estas experiencias.

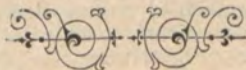
* * *

O ministro da guerra, baseando-se nos recentes acontecimentos da guerra russo-japoneza, recommendou, com particular interesse, as marchas e os exercicios de noite.

O general Brugère acaba de pedir ao ministro para completar esta instrncção authorisando o uzo e emprego de projectores electricos.

Os combates de noite na guerra do futuro terão uma importancia muito maior do que se suppõe á primeira vista.

Chamamos a attenção dos nossos camaradas para a urgente necessidade de se iniciar entre nós os exercicios de noite.





GENERAL

Lencastre e Menezes



8.º ANNO

AGOSTO DE 1905

N.º 8

REVISTA DE INFANTERIA

GENERAL LENCASTRE E MENEZES

Quando este numero da nossa *Revista* começar a circular já não é Director Geral dos Serviços de Infantaria o illustre general de divisão, Ex.^{mo} Sr. João Eduardo Sotto Maior de Lencastre e Menezes.

E eis a razão, eis o motivo porque, com o maior desinteresse e a mais sincera espontaneidade, vimos aqui prestar a tão distincto general as homenagens a que tem direito o seu character immaculado e os seus altos serviços á patria e á arma de infantaria.

S. Ex.^a, que teve a fortuna de chegar ao limite de idade que a lei estabelece, felizmente, cheio de saude e de vigor, sabe bem que ao deixar o serviço activo do exercito toda a arma de infantaria o acompanha com a mais viva saudade e o mais profundo reconhecimento pelo muito que a soube honrar e engrandecer.

E' uma legitima homenagem esta, conquistada pelo trabalho constante em favor do exercito, durante esses longos 55 annos de serviço, que muito singellamente desejamos prestar.

A sua intelligencia superior, a nobreza do seu character, as maneiras fidalgas do seu trato delicado e attractivo, e sobre tudo o grande espirito de justiça que pairou sempre em todos os seus actos, tornaram sympathica e querida a figura do illustre general que hoje

deixa o serviço activo abençoado por toda a arma de infantaria.

E estas palavras, inspiradas por um sentimento de justiça, constituem apenas o echo do sentir geral da arma que muito se honrou em o ter por chefe.

E, se em todas as occasiões, ainda as mais criticas, da sua longa carreira militar, S. Ex.^a soube sempre insuflar no espirito dos seus subordinados o fogo sagrado do amor ao exercito, á patria e ao rei, corresponder com inteira lealdade e brio ás exigencias do seu posto de serviço e de confiança, mostrando sempre grande actividade e grande zelo no cumprimento do dever militar, captando e ligando ao seu coração aquelles que commandava, o exercito não pode esquecer nunca a sabia direcção que soube imprimir aos serviços da arma de infantaria, a ponto de ter conseguido um raro desenvolvimento do tiro em Portugal, desenvolvimento até aqui nunca attingido nem sequer sonhado.

A ideia generosa da criação da Direcção Geral dos Serviços de Infantaria, que muito concorreu para a elevação moral da nossa arma, collocando-a no lugar onde ella de direito deve estar, não podia encontrar braço mais vigoroso, intelligencia mais robusta e coração mais apaixonado para a pôr em execução, deixando após um rasto de luz, que tanto nos desvanece.

A escolha da nova espingarda em fabrico na Allemanha, o estudo das metralhadoras, a criação do museu de infantaria, a construcção de muitas carreiras de tiro, o desenvolvimento do tiro nacional, emfim, a moderna orientação dada á Escola Pratica da arma, mereceram ao illustre general attenções especiaes, tendo tido a gloria de vêr coroado de exito todos os seus abençoados esforços.

Não é uma biographia o que desejamos escrever. Estas nossas palavras, tão simples, tão desataviadas, mas tão sentidas, procuram exprimir apenas, n'este adeus de despedida, a nossa gratidão pelos serviços prestados á arma, e a nossa saudade pelo chefe que pôz ao serviço da causa da infantaria toda a sua alma, toda a sua dedicação.



A arma de infantaria

As suas pretensões

IV

Temos demonstrado, e posto em evidencia ao mesmo tempo, a serie d'injustiças de que a arma *principal do exercito* tem sido victima n'estes ultimos tempos. Tem sido sem duvida uma arma completamente desprotegida, quando é certo que as demais teem sido sempre beneficiadas em relação á *rainha das batalhas*, que tem apenas servido de termo de comparação, cujo ponto de referencia tem sido variavel. E d'essa variabilidade resulta sempre um prejuizo manifesto para os nossos camaradas, porque os officiaes das outras armas que são beneficiadas ficam não só com uma promoção accellerada, mas vão até preterir, devido ás celebres vagas fluctuantes, os seus camaradas de infantaria na promoção ao generalato.

Ao par d'estas injustiças, que são flagrantes, e da falta de promoções, que é evidente, temos ainda que contar com a magreza dos vencimentos. Sobre este assumpto temos já mostrado que o official de infantaria do nosso exercito é o mais mal pago de todos os exercitos europeus, porque além dos vencimentos serem menores, o estado não lhes fornece vantagem alguma material, nem até moral, que lhe suavise a vida, como succede em todos os demais exercitos. Juntem-se estas

desfavoráveis circumstancias ao duplo facto da carestia da vida, que tem triplicado, segundo foi declarado no relatório do orçamento geral do estado apresentado na ultima sessão legislativa, e á data, devéras antiquada, da promulgação dos vencimentos que hoje se percebem, que contam mais d'um quarto de seculo, e concluir-se-ha que o official de infantaria só por muita disciplina e por um notavel espirito economico é que se póde manter sem quebra de dignidade.

Todos hoje conhecem o estado precario em que se encontra o official de infantaria e a prova é que por mais d'uma vez se tem promettido no discurso da corôa attender á sua situação. Succede, porém, que essas promessas, apesar de terem sido feitas pelo primeiro magistrado do paiz, não teem sido cumpridas. O desfavor tem sido tão grande e o pouco cuidado com que se tem curado dos interesses da nossa arma tem sido tão manifesto que, apesar da promessa ser solemne, nem assim tem sido cumprida. Esta circumstancia, que é bem conhecida, tem lançado em todos nós um tal espirito de desconfiança, desconsolo e mal estar que é urgente pôr-lhe termo.

Nós agora não pretendemos mostrar a necessidade de se attender á situação economica do official, porque essa necessidade está mais do que demonstrada. O que agora nós temos em vista é unica e simplesmente, note-se bem, aconselhar, seja-nos permittida a immodestia, os poderes publicos a que empreguem todos os seus esforços para que as esperanças dos nossos camaradas não sejam mais uma vez ludibriadas.

A essas fallazes esperanças surge agora mais uma promessa, que tanto tem sido annunciada pela imprensa diaria. Segundo informa essa mesma imprensa, o sr. ministro da guerra apresentou em conselho de ministros uma proposta de lei tendente a melhorar a situação economica do official. Este facto, como aliás é bem natural, tem feito surgir novas e radiosas esperanças. Os nossos desejos, porém, e desejos bem ardentes e sinceros, são que essa esperança se converta em realidade. Se isso succeder, o que não pômos em duvida, apesar

dos desenganos passados, póde Sua Ex.^a o ministro da guerra contar com o nosso amplo e rasgado apoio.

D'este logar não fazemos politica. A *Revista de Infanteria* pugna sómente pelos interesses da arma e do exercito e applaudirá, como já tem applaudido, todas as medidas que satisfaçam a esta nossa aspiração e desejo, porque da mesma fórma que applaudiu o sr. conselheiro Pimentel Pinto, e ao qual ha de ser eternamente grata, por ter creado a Direcção Geral de Infanteria, por ter dotado a nossa arma com 72 metralhadoras e com 100:000 espingardas, por ter encarregado o estudo e escolha das metralhadoras unicamente a officiaes de infanteria e por ter ordenado o estudo para a escolha e a fiscalisação do fabrico das espingardas tambem sómente a officiaes da nossa arma, factos estes virgens nos annaes da infanteria portugueza, e que tanto nos prendem a nossa gratidão quanto nos desvanecem de admiração por esse notavel homem de Estado, de identica fórma applaudiremos o sr. conselheiro Sebastião Telles se Sua Ex.^a melhorar os vencimentos e puzer os quadros da nossa arma na mesma proporção em que se encontram os das outras armas nossas irmãs. Tudo isso representam beneficios e medidas de justiça e equidade, que agradeceremos e applaudiremos sempre, sejam ellas promulgadas na gerencia d'um ministerio regenerador ou progressista. N'este logar não se trata de politica nem de homens; aqui a unica coisa que defendemos, applaudimos e pedimos são medidas que venham beneficiar, material e moralmente a nossa arma e o exercito. Quem nos accusar do contrario pratica uma grande injustiça, porque os factos ahi ficam apontados com a eloquencia sufficiente. Pode, pois, o sr. ministro da guerra contar com o nosso apoio, porque apesar de ser bem fraco, terá ao menos o merecimento de ser sincero e de não visar a qualquer outra recompensa.

A questão dos vencimentos foi levantada pela *Revista de Infanteria* ha mais de 3 annos. Estivemos muito tempo sós em campo, mas embora nos achassemos sem o apoio de ninguem, porque tem sido a unica publicação

que tem tratado o assumpto, nós, impulsionados pelo espirito de justiça que nos assitia, fomos seguindo o nosso caminho e hoje temos o prazer de declarar que a questão está de tal forma posta que não é possível recuar. Mas não se julgue que dizemos isto para nos vangloriarmos. Não é esse o nosso fim; a unica coisa que temos em vista com esta declaração é mostrar a imparcialidade e independencia com que de ha 3 annos para cá temos tratado o assumpto. Reconhecemos sempre que era necessario e urgente acudir sem delongas a uma situação que alem de ser desesperada podia comprometter seriamente o bom nome e até o valor da collectividade a que todos nós pertencemos. As delongas teem, todavia, sido maiores do que os nossos desejos, mas a culpa não tem sido nossa e até talvez não seja facil saber a quem pertença. Mas o passado já não tem remedio e bem andarà o sr. ministro da guerra se acudir a uma situação que não supporta mais delongas.

Custa a crêr que entre nós não tenha havido força para resolver a questão dos vencimentos quando é certo que de todas as nações da Europa só Portugal é que, sob este ponto de vista, se encontra atrasado, como já n'esta Revista ⁽¹⁾ se mostrou. E esse facto é tanto mais para estranhar quanto é certo que a questão não exige grandes encargos. A tabella seguinte, que nós pedimos para a infantaria e com a qual toda a arma fica satisfeita

POSTOS	Soldo	Gratificação
Coronel	80\$000	30\$000
Tenente-coronel	70\$000	25\$000
Major	60\$000	20\$000
Capitão	50\$000	15\$000
Tenente	40\$000	10\$000
Alferes	35\$000	5\$000

(1) N.º 4 do presente anno.

não acarreta, apesar da nossa arma ser a mais numerosa do exercito, uma despesa superior a 100 contos, verba que, comparada com os 7:000 contos do orçamento do ministerio da guerra ou então com os 56:000 contos da receita geral do estado, é evidentemente insignificante. Applicando solução identica ás outras armas vê-se que a questão dos soldos se pôde resolver com menos de 150 contos. Haja quem se dê ao cuidado de fazer esses calculos, aliás bem simples, e chegará á mesma conclusão a que nós chegámos.

Perante esta cifra, que sem duvida alguma é insignificante, é forçoso reconhecer que se se não tem feito a justiça devida é porque não tem havido vontade, porque não sendo a questão do dinheiro que levante difficuldades, como certamente não é, não vemos outra razão que possa justificar um procedimento d'ostracismo d'esta natureza.

Mas o que muito nos custa a todos nós, militares, é sabermos que só no ministerio da guerra se não tem attendido ás necessidades materiaes dos seus funcçionarios, quando todos sabem que nos outros ministerios o procedimento tem sido bem diverso, o que representa mais uma razão que muito vem aggravar o descontentamento que tem lavrado em todos os officiaes. E não nos obriguem a apresentar factos para comprovar esta asserção, porque então o sudario seria completo e só serviria para augmentar a desagradavel tensão d'espírito em que todos temos vivido.

Fugindo, pois, a comparações, que por natureza são sempre irritantes, embora concludentes, somos levados a deprehender que não é pela insignificante verba de 150 contos que se tem deixado de attender ás justas e legitimas aspirações dos officiaes do exercito.

Se essa é, porém, a razão, devemos então accrescentar que o caminho a seguir é precisamente aquelle que seguem as demais nações. Todos os estados da Europa gastam com os seus exercitos, em relação ás receitas geraes, muito mais do que nós, como se vê pelas percentagens que passamos a indicar:

Allemanha	28,5 0/0
França	10,5 »
Belgica	12,1 »
Suissa	27,4 »
Hespanha	18 »
Portugal	11,6 »

Mas se esses numeros são significativos em relação ás receitas geraes dos estados, em relação á capitação obtemos tambem cifras não menos concludentes. Se não, veja-se:

	Francos	Réis
Allemanha	14,875	2\$975
França	17,9	3\$580
Belgica ..	8,1	1\$620
Suissa	8,3	1\$666
Hespanha	9,2	1\$800
Portugal		1\$202

Estes numeros mostram sem duvida alguma que, quer se estabeleça a relação das despesas dos ministerios da guerra com as receitas geraes dos estados ou com a sua população, é Portugal a nação que relativamente menos gasta com o seu exercito.

Ora, se o actual orçamento do ministerio da guerra não dá margem para fazer justiça aos officiaes e pôl-os em condições de poderem viver decentemente e sem sacrificios, porque bem basta o sacrificio da propria vida que lhe é pedido, peça-se então ao parlamento um orçamento que tenha os recursos sufficientes, como teem os das demais nações, para montar os serviços, como é necessario, e para pagar aos officiaes condignamente, como é de justiça. Não nos appareça pois alguem a argumentar com a mesquinha verba de 150 contos.

Já vimos que de todas as nações da Europa é Portugal a que menos gasta com o seu exercito. Mas não

admira que assim succeda porque desde ha 12 annos para cá é tambem a nação que menos tem augmentado o orçamento do seu ministerio da guerra, o que fatalmente nos leva a tirar a conclusão logica que é, por consequencia, aquelle que menos apto está para a guerra, porque sem dinheiro todos sabem que não pode haver exercito. Sem esse elemento essencial não pode haver progresso e sem progresso não se pode acompanhar a evolução natural das coisas, e, portanto, o nosso exercito, perante a eloquencia das cifras, não pode corresponder a missão que lhe incumbe. Se estiver é por milagre, mas como na epocha presente já se não acredita em milagres, hade ser difficil fazer acreditar que o nosso exercito se possa desempenhar bem da sua missão.

O mappa que juntamente publicamos é por si só bem evidente. Lançando a vista sobre elle se vê immediatamente que nos 6 annos decorridos de 1892 a 1898 todos os orçamentos foram augmentados, excepto o nosso e o da Grecia. Mas esta nação nos 6 annos seguintes soube desligar-se da nossa comparação, que n'este caso, devemos dizer, embora muito nos custe, não a honrava muito, e conseguiu, não obstante ter o *controle* estrangeiro a administrar-lhe as finanças, augmentar o orçamento em 1:800 contos. Este facto, visto ter as finanças apertadas pelo tentaculo estrangeiro, é devido á lição mestra que lhe foi applicada na guerra greco-turca, que a fez acordar d'esse somno lethargico que estava dormindo em companhia dos portuguezes. Não cuidou a tempo e horas do seu exercito, soffreu uma derrota tremenda, e, para evitar segunda, passou então a curar das suas instituições militares. O exemplo da nossa companheira em questões orçamentologicas do ministerio da guerra ahí fica bem patente, e visto nós termos sido mais bafejados pela Divina Providencia é conveniente não confiarmos na Virgem para não soffrermos identicas consequencias. Acordar é emquanto é tempo, porque depois da derrota já se acorda muito tarde.

**Orçamentos dos ministerios da guerra das differentes nações da Europa
relativos aos annos de 1892, 1898 e 1904, e augmentos que teem tido**

PAIZES	1892		1898		1904	
	Orçamentos dos ministerios da guerra	Orçamentos dos ministerios da guerra	Orçamentos dos ministerios da guerra	Augmentos que soffreram em relação ao de 1892	Orçamentos dos ministerios da guerra	Augmentos que soffreram em relação ao de 1892
Belgica	9.400:000\$000	11.000:000\$000	1.600:000\$000	1.600:000\$000	11.160:000\$000	1.760:000\$000
Dinamarca.	2.000:000\$000	2.000:000\$000	0	0	2.200:000\$000	200:000\$000
França	129.000:000\$000	130.000:000\$000	1.000:000\$000	1.000:000\$000	135.000:000\$000	6.000:000\$000
Grecia	3.300:000\$000	3.000:000\$000	—	—	5.100:000\$000	1.800:000\$000
Hespanha	28.000:000\$000	29.000:000\$000	1.000:000\$000	1.000:000\$000	29.000:000\$000	1.000:000\$000
Hollanda	4.000:000\$000	4.400:000\$000	400:000\$000	400:000\$000	5.400:000\$000	1.400:000\$000
Inglaterra	77.600:000\$000	78.000:000\$000	1.400:000\$000	1.400:000\$000	166.000:000\$000	88.400:000\$000
Japão	12.000:000\$000	29.000:000\$000	17.000:000\$000	17.000:000\$000	38.000:000\$000	26.000:000\$000
Portugal	5.703:000\$000	5.612:382\$000	—	—	6.411:218\$000	708:177\$000
Roumania	7.700:000\$000	9.000:000\$000	1.200:000\$000	1.200:000\$000	8.000:000\$000	300:000\$000
Servia	2.200:000\$000	3.100:000\$000	900:000\$000	900:000\$000	4.400:000\$000	2.200:000\$000
Suecia e Noruega.	4.000:000\$000	5.200:000\$000	1.200:000\$000	1.200:000\$000	8.400:000\$000	4.400:000\$000
Suissa	4.300:000\$000	4.800:000\$000	500:000\$000	500:000\$000	5.700:000\$000	1.400:000\$000

A Inglaterra, salvo as devidas proporções, offerece-nos um exemplo semelhante, o que nos auctorisa a tirar a mesma conclusão. Antes da campanha anglo-boer o orçamento do seu *War Office* não accusa progressos dignos de registo. O resultado foi ter de lutar durante 2 annos com innumeraveis difficuldades para vencer e subjugar os seus rivaes. Foi então para o espirito pratico inglez, que até ali não era digno d'esse nome em questões militares, que comprehendeu, como a Grecia, que precisava acudir ao seu exercito. Esta nação então comprehendeu essa necessidade d'uma forma completa, porque sendo o orçamento, antes da campanha, de 78:000 contos, passou a ser depois d'ella de 166:000 contos, isto é, ainda fez mais do que duplical'o, porque o augmentou com 88:000 contos.

Ahi fica, pois, o monstro da guerra a apontar com o seu dedo o imperioso dever patriotico que incumbe a todos os estadistas de, na paz, dotarem os exercitos das suas nações com os elementos necessarios.

Mais um exemplo de natureza identica podemos ainda apontar. Não ha hoje no mundo inteiro pessoa alguma que não admire o bravo e guerreiro povo japonéz, admiração que é filha dos triumphos incessantes que tem alcançado na guerra actual. Pois bem, esses triumphos podem ser attribuidos a todas as causas, mas uma que não pode ficar esquecida é a de terem dotado o seu exercito com todos os elementos indispensaveis. Nos 6 primeiros annos, o seu orçamento que em 1892 era apenas de 12:000 contos, foi augmentado com 17:000 contos, passando em 1898 a ser de 29:000 contos. Mas estes numeros ainda não são tudo, porque indicam apenas as receitas ordinarias. As extraordinarias foram ainda augmentadas mais largamente, pois que só as de 1899 foram de 31:484 contos, isto é, maiores do que a propria receita ordinaria. Em 1904, o orçamento ordinario de 1892 foi augmentado com 26:000 contos. Com estes augmentos progressivos, cuja razão é assombrosa, o Japão soube dotar em tempo de paz o seu exercito com os elementos necessarios, e devido a isso soube colher louros triumphantes que lhe salvaram a patria e

que lh'a engrandeceram até. Ahi fica pois o outro monstro para mostrar que não deve ser necessario soffrer uma derrota para cuidar das instituições militares e que bem pôe em evidencia a veracidade do aphorismo latino — *si vis pacem, para bellum*.

N'estes ultimos 12 annos, emquanto o orçamento do nosso ministerio da guerra se apresenta estacionario, todos os demais accusam augmentos sensiveis. O do Japão, como já vimos, triplicou; o da Inglaterra, Suecia, Noruega e Servia, e estas ultimas bem nos podem servir de confronto, duplicaram; o da Hollanda, Belgica e Suissa, tambem nações que bem nos podem servir de termo de comparação, augmentaram egualmente d'uma forma bem accentuada.

Ha uma nação que nos merece uma referencia especial, que é a Hespanha. Esta nação visinha, apesar dos infortunios que a teem perseguido nos ultimos tempos, ainda apresenta um augmento de 1:000 contos. Podendo, apesar de tudo, considerar-se nossa compaheira na indifferença pelas coisas militares, devemos dizer que está em via de nos fazer como a Grecia, isto é, de accordar, seguir o seu caminho e deixar-nos esperguçados, contemplando, como n'um sonho suave, os progressos dos outros. Teve tambem as suas derrotas, que sentiu bem duramente. Foram, porem, tão grandes que não lhe deixaram margem para poder valer ás suas instituições militares. Teve, comtudo, a habilidade de acudir á sua situação economica e financeira om os seus orçamentos de concentração e o que é verdade é que hoje conta com um *superavit* superior a 300 milhões de pesetas. Esta circumstancia já lhe deu margem para o ministro Villaverde apresentar este anno o seu orçamento de reconstituição, no qual a verba do ministerio da guerra passava a ser augmentada com 15 milhões de pesetas, ou sejam 3:000 contos. Este orçamento não foi todavia approvado porque meras divergencias politicas fizeram cahir o ministerio. Em todo o caso já o general Weyler, actual ministro da guerra, declarou que exigia para o orçamento do seu ministerio os 15 milhões de pesetas com que o general Martitegui, seu

antecessor, o augmentara. E d'esta forma, enquanto os mais caminham e progridem, só nós, portuguezes, ficamos dormindo o somno dos indifferentes, discutindo acaloradamente reorganisações d'um exercito que não existe.

Não appareça, pois, alguém que nos diga que não : a mesquinha de 140 contos para melhorar a situação dos officiaes, nem verba sufficiente para montar os diversos serviços, porque então nós responder-lhe-hemos que o que tem faltado é apenas patriotismo.



Emprego do fogo no combate

As diversas informações relativas ao desastre do Cunene, publicadas pela imprensa, e que parecem não se affastar muito da verdade, são concordes em referir como um dos factores importantes da derrota, o mau emprego que se fez do tiro, a falta de observancia dos preceitos que lhe são essenciaes, para se conseguir tirar da arma e do municiamento o partido ou vantagens que se podem alcançar.

O simples facto de applicar mal o fogo é sufficiente para explicar uma tremenda derrota, porquanto, em regra, o inimigo não se vence sem ser destruido pela acção do fogo, e tal effeito só se alcança com o tiro bem applicado.

Para se vencer, ou pelo menos ser derrotado sem que a honra e o brilho profissional desmereçam, não

basta que o soldado se apresente em frente do inimigo com 150 cartuchos nas bolsas, e os officiaes com a cabeça atulhada de conhecimentos, embora talvez extranhos e nocivos á guerra que se vae fazer.

E' preciso que a exhuberancia e o enthusiasmo não prejudique a calma e o sangue frio, e que as noções essenciaes a cada situação se encontrem opportunamente na intelligencia, com a devida simplicidade e nitidez. Está provado que se pode ser muito illustrado mas não possuir boa instrucção profissional. As tendencias e as condições para se fazer uma illustração geral em detrimento da instrucção profissional, acentuam-se cada vez mais, e por isso convem apontar o facto, e fazer distinguir a differença enorme, que ha entre illustração geral, e saber profissional. E' preciso tambem notar que a mesma instrucção profissional deve ser equilibrada, harmonica, e não se circumscrever apenas a um ou outro ramo.

Segundo as informações acima alludidas, alguns pelotões fizeram fogo desordenado, imprudente, mais intenso do que convinha, e que as dimensões do alvo não justificavam. Outros pelotões procederam com disciplina, ordem, executando descargas, mas estas tambem não eram justificadas pela dimensão do alvo, nem pela situação do combate, devidamente interpretada. A intensidade exagerada do fogo atemorizava o inimigo; mas escondendo-se os pretos na floresta, deitados de traz das arvores e outros abrigos, as ballas iam perder-se pelo espaço.

Parece estar tambem provado que se tinha como bom principio tactico atemorisar os pretos com um tiro-teio constante, para que se conservassem affastados, e se não approximassem muito das nossas forças.

Uma das informações dos jornaes refere mesmo que o commandante das forças costumava dizer aos pelotões, que sempre era bom fazer de quando em quando uma descarginha, para o matto, embora se não visse o inimigo. Na guerra africana o fogo sobre as florestas admite-se como auxiliar do reconhecimento; porém o abuso ou mau uso do principio, deve ter-se como

nocivo. O objectivo da guerra não é metter medo ao inimigo, acordal-o nas florestas e palhotas. Para se vencer é preciso destruir o adversario. Causar-lhe apenas alguns sustos, é pura inutilidade, phantasia militar, revestida de innocencia infantil.

Desde que o progresso do armamento entrou a fundo no augmento da velocidade do tiro, o esgotamento das munições durante o combate apresentou-se logo como uma hypothese muito natural e perigosa. Com effeito, o facto do esgotamento das munições vae sendo frequente na guerra contemporanea. Deu-se em varios combates na guerra de 1870, na anglo-boer e na actual russo-japoneza.

Estando provado que o reabastecimento das munições durante o combate, é em regra, impossivel, o recurso que principalmente se deve applicar contra o mal do esgotamento é fazer uma acurada instrução de tiro, tanto entre os soldados como entre os quadros.

Da parte dos soldados é preciso que elles executem o tiro com pericia. Ser habil na execução do tiro é um ponto fundamental e essencial ao soldado, mas esta condição, apesar de ser já muito importante, é difficil de alcançar, está ainda muito longe ser sufficiente para resolver todas as necessidades relativas ao tiro de combate.

A' pericia no tiro é ainda preciso juntar o consumo prudente e calculado, a apreciação dos alvos, suas distancias, dimensões, e efficacia do tiro.

Quanto aos quadros, esses devem saber avaliar as circumstancias e necessidades das situações com relação ao tiro, conhecer a fundo os principios do bom emprego dos fogos, e possuir bastante energia para imporem aos soldados, de modo effectivo, a sua vontade durante o combate.

A imperiosa necessidade de obstar ao esgotamento, e de tirar da arma actual o devido partido, tem trazido para a tecnologia militar uma serie de expressões referentes ao tiro, que é preciso conhecer e cumprir inteiramente, sob pena de futuras e perigosas desillusões. O desastre do Cunene não passa de uma pequena amos-

tra, um breve levantar da ponta do véo, que nos poderá encobrir maiores acontecimentos, se persistirmos no nosso feitio, que se contenta apenas de noções superficiaes. E' preciso que nos acostumemos ao estudo e reflexão mais profundas, e á execução séria e persistente.

Entre as expressões que a tecnologia moderna tem introduzido, com o intuito de illucidar as questões tacticas do tiro, poderemos mencionar: iniciativa do atirador, disciplina do fogo, economia, direcção, iniciativa dos quadros subalternos, etc.

A economia dos cartuchos e a disciplina do fogo foram os primeiros pontos que o tiro rapido, ou de carregamento pela culatra, tornou necessarios, mas durante muito tempo suppôz-se que a sua solução garantia inteiramente, logo que ao soldado se coarctasse com rigor qualquer iniciativa e liberdade no consumo dos cartuchos.

O consumo das munições era regulado pelos quadros, que deviam sempre fazer largo uso das descargas. O fogo individual lento era feito por series de um, dois ou trez tiros, não se podendo depois continuar o fogo sem nova ordem.

Na guerra de 1868 a infantaria prussiana, armada de arma de tiro rapido, apresentou-se já firmemente educada e instruida na disciplina rigorosa do fogo, possuindo tambem uma destreza na execução do tiro, que excedia a das outras infantarias estrangeiras. Nos combates travados contra os austriacos, os prussianos empregaram nas 1.^a, 2.^a e 4.^a phases, isto é, reconhecimento, preparação e perseguição, o fogo por descargas executado com plena calma, firmeza e sangue frio. Como fogo individual havia apenas o tiro rapido, empregado durante a decisão do combate, ou crise.

Apesar das victorias alcançadas contra os austriacos, os prussianos modificaram d'ahi a pouco as suas ideias respeitantes ao systema de fogo de combate e methodos de instrucção de tiro.

O principio da iniciativa do atirador foi implantado assim como a preponderancia do tiro individual sobre

as descargas, mas ao mesmo tempo desenvolvia-se a instrução de tiro e de combate de atiradores, de modo a garantir a acção do tiro individual, evitando os inconvenientes possíveis com uma instrução insufficiente.

«Quando o seu fogo não poder ter a necessaria efficacia, diz o regulamento allemão, a infantaria deve supportar o fogo do inimigo, sem lhe responder. Desde a abertura do fogo deve se pensar que o numero de cartuchos de que se dispõe é limitado e que o gasto de uma certa quantidade de munições equivale a um despendio de forças, que só se deve fazer quando fôr justificado.

«O fogo em ordem dispersa (individual) é o modo de combate preponderante da infantaria, elle permite abater a resistencia do inimigo, resistir ao seu ataque e alcançar um effeito decisivo. Para obter um tal resultado é preciso sangue frio, habilidade no tiro individual de cada homem e disciplina na execução do fogo.

«Em principio a conducta do fogo pertence aos chefes que se encontram em pessoa na linha de fogo, isto é, aos chefes de pelotão, e eventualmente aos commandantes de companhia. Os officiaes superiores devem ter no combate preocupações de uma ordem mais elevada, das quaes se não deve distrahir, para intervirem de um modo muitas vezes desastrado na direcção do fogo, que incumbe aos seus subordinados».

Para que o leitor possa fazer a respectiva comparação da doutrina sã, verdadeira do regulamento allemão, com a do nosso regulamento apresentamos a transcripção dos seguintes preceitos que elle consigna para o tiro, e que são bem differentes, e até oppostos aos do regulamento allemão.

«Ao commandante do batalhão pertence indicar aos capitães qual o objectivo principal e bem assim os pontos da linha inimiga em que mais importa concentrar os fogos.

«Quando porém taes indicações não sejam dadas ou sobrevenham incidentes imprevistos que modifiquem as condições do combate, cumpre aos commandantes de companhia determinar os objectivos e, em qualquer dos

casos, regularisar o emprego dos fogos e o consumo das munições, prescrevendo os pontos a visar bem como as alças correspondentes.

«Incumbe-lhes ainda fixar o momento de iniciar e de cessar o fogo. Os commandantes de pelotão supprem, quando se torne preciso, a acção directriz dos capitães, vigiam principalmente a boa posição da alça e a estricte execução das ordens».

Emquanto o regulamento allemão incumbe de um modo muito explicito a conducta do fogo aos chefes que se acham em pessoa na linha de fogo, o nosso estabelece o confuso systema de dar a iniciativa do fogo aos maiores, podendo porém ser supprida successivamente pelos commandantes de companhia e de pelotões.

«Nos exercicios do tempo de paz, diz o regulamento allemão, o commandante superior deve vellar por que os seus subordinados adquiram uma habil direcção do fogo».

Em consequencia da diversidade de doutrina, nos nossos exercicios do tempo de paz, os officiaes superiores em vez de exigir e facultar aos subalternos a direcção e conducta do fogo, difficultam e absorvem esse papel.

Nos ultimos tempos tem-se prestado em todos os exercitos maior attenção á instrucção militar, tanto no ramo theórico como no pratico.

Para desenvolver a instrucção pratica e a aptidão profissional tem-se recorrido a varios meios e processos. Entre estes salienta-se, pela sua importancia incontestavel, os exercicios de tactica e as manobras; todavia para que taes exercicios constituam um methodo verdadeiramente util de instrucção, é necessario que sejam feitos com certo cuidado e criterio. Dada a hypothese de se possuir uma regulamentação boa, isto é, consignando os melhores preceitos e doutrinas, os exercicios de tactica tornam possível aos quadros e ás tropas a assimilação perfeita d'essa doutrina, assim como o habito de a executarem com segurança e presteza. No que respeita ao tiro, a tactica applicada deve habituar

os soldados ao consumo das munições com criterio, economia, disciplina, e rendimento.

Os quadros devem-se habituar a exercer a sua interferencia, em harmonia com as naturaes imposições e exigencias do combate.

Admittindo que executantes possuindo defeitos de competencia attribuiveis á sua propria responsabilidade possam conduzir os exercicios tacticos de uma maneira viciosa, não podemos comtudo deixar de imputar aos proprios regulamentos certos vicios que se salientam na instrucção pratica.

Em muitos exercicios de tactica applicada, é por ahi frequentissimo serem as munições todas consumidas em obediencia a imposições superiores, sem que os capitães, subalternos e sargentos interfiram com o proprio criterio e iniciativa na direcção do fogo, e reduzindo-se a uma pura assistencia, ou papel passivo.

Forças importantes de infantaria, pelotões, companhias, batalhões, são muitas vezes compellidas a desenvolver precipitadamente em atiradores, e a romper seguidamente o fogo, sem que os graduados, nem os soldados descubram onde está o inimigo, avaliem distancias e graduem as alças, etc.

A' ordem do chefe superior, as tropas rompem n'um tiroteio desordenado e inconveniente, e assim continuam até se esgotar o ultimo cartucho.

Depois aproximam-se das linhas de atiradores desmuniadas ajudantes de campo a galope, mas o seu rosto radiante não denota que tragam ordens de censura. Pelo contrario. O fogo não foi apreciado pelos seus provaveis effeitos, mas apenas pelas detonações terrivelmente estheticas.

Pela artilheria, parece não correr melhor este assumpto da tactica applicada e do fogo.

N'umas manobras duas baterias foram compellidas a romper e executar o fogo tão promptamente que uns dois terços do seu municamento, ou uns 600 tiros, foram feitos para pontos onde o inimigo não estava.

Da habitual precipitação a inconsciencia com que

se executa o fogo resulta que muitas vezes os tiros são dirigidos sobre forças amigas.

E' asserção corrente que na guerra o proceder das tropas reflecte nitidamente os vícios da preparação, ou os habitos de desleixo do tempo de paz.

O regulamento é o instrumento destinado a estabelecer os bons principios tacticos, assim como o methodo de instrucção. Pertence-lhe consignar a melhor doutrina para o emprego do fogo no combate, e inculcar os preceitos para ensino, que assegurem a assimilação dos principios tacticos e o habito de os cumprir.

No estado actual das ideias concernentes a este assumpto, é indispensavel commetter a direcção do fogo aos graduados a quem incumbe commandar directamente na linha de fogo, e bem assim dar aos soldados uma instrucção tão aturada, que elles, quando falte a acção dos chefes, saibam por si mesmos proseguir o combate, em harmonia com as ordens anteriormente recebidas, applicando o fogo com discernimento, disciplina, economia e efficacia.

Nos exercicios de tempo de paz os chefes superiores, em vez de coarctarem a iniciativa dos subordinados no fogo fiscalisam antes o modo como elles a exercem.

A par do regulamento allemão, que estabelece ha muito tempo esta doutrina, não são menos dignos de serem citados, e consultados os regulamentos inglez e austriaco, de recente publicação.

O regulamento austriaco dá para o fogo de combate as seguintes regras :

As descargas só se fazem por secção em ordem unida, ás grandes distancias.

O fogo principal é o individual pelos atiradores ; o fogo vivo foi supprimido.

«Os atiradores devem ser ensinados a regular por si mesmos a intensidade do fogo, segundo a distancia e grandeza do alvo, e não fazer senão tiros bem ajustados, mesmo no caso em que o fogo se deve activar».

Como deve ser de todos conhecido, os inglezes par-

tiram para a guerra sul-africana com vícios de instrução, erros de tactica e regras falsas para o emprego do fogo, sendo uma d'essas o abuso e má applicação das descargas.

Lord Roberts, nomeado commandante em chefe, ao fim de seis mezes da campanha, introduziu logo modificações tacticas, sendo uma das mais notaveis tirar a importancia ás descargas, dando-a ao fogo individual.

As modificações provisórias feitas por lord Roberts e ainda outras, foram introduzidas no ultimo regulamento inglez.

Pelo que diz respeito ás descargas, tambem não consideramos acertadas as disposições do nosso actual regulamento.

O numero 195 da E. C., muito empenhado em descobrir e inculcar vantagens para as descargas diz que ellas permitem rectificar o tiro, pela observação de pontos de queda, e causam no inimigo profundo effeito moral.

Creio que se filia aqui a ideia de assustar os pretos do Cunene, com descargas para o matto, sem se ver o inimigo, ou sem alvo que pela grandeza as merecesse.

Na guerra entre civilisados o combate é todo em atiradores, a cuja disposição tem de corresponder fatalmente o tiro individual.

Em todos os momentos serios do combate, que são os que predominam, a execução das descargas é impossivel.

Nos exercicios de tempo de paz e nos fogos de polygono as descargas podem sempre executar-se mas o perigo proveniente de habituar e educar as tropas a systemas falsos e nocivos, ou inexequiveis no combate real, é evidente.

Quanto ao effeito moral, parece-nos que o systema, que melhor o assegura, é o que produzir mais effizamente a destruição material do inimigo, preservando as proprias forças.

O effeito moral vem naturalmente do effeito material. O inimigo desmoralisa-se quando soffre grandes

perdas, e enche-se de coragem e audacia, quando nota inefficacia do fogo adverso.

O fogo mais efficaz e sempre exequível é o individual executado por atiradores habéis e conscientes.

JULIO D'OLIVEIRA

Cap. de caçadores.

OS SARGENTOS

A classe dos sargentos tem sido entre nós bastante esquecida. E peor do que isso, apesar de ser constituida, em geral, por excellentes servidores, cheios de dedicação e amor pela vida que abraçam, quando algumas vezes tem sido lembrada é para lhe cercear vantagens ou garantias, formando d'esta fórma um contraste bem differente da fórma de proceder das demais nações.

A Allemanha é positivamente a nação modelar sob questões militares. Não deve, pois, ficar mal a ninguem, e bem antes pelo contrario, procurar seguir-lhe o exemplo. N'esse paiz o sargento occupa um logar muito especial e usufrue as regalias de certos direitos que se cumprem religiosamente. E procede-se assim porque se sabe que o sargento é uma mola essencial na constituição d'um bom exercito.

A vida do sargento não é de molde a offerecer futuro. Para os compensar, pois, dos serviços que prestaram na juventude e adolescencia, as epochas da vida que garantem melhores serviços, o estado destina-lhe logares certos onde possam descansar das privações passadas, porque a vida de sargento é cheia de privações, e onde encontrem os elementos indispensaveis á vida que o posto de official inferior mal garante.

Não é, não obstante, a ideia de recompensa a unica que predomina. A necessidade de attrahir sargentos ás

fileiras não é menos poderosa. Todas as nações, para alcançarem estes dois fins, attrahir e recompensar, dão ao sargento, sem ser necessario recorrer a influencias politicas, logares certos na vida civil. E com esse modo de proceder ainda alcançam mais outro fim, que é augmentarem o numero de pessoas que, em caso de guerra, lhe podem servir de bons officiaes de reserva.

Entre nós não se tem seguido uma norma identica, isto é, não attrahimos o sargento ás fileiras, e a prova é que os regimentos não os teem, não os recompensamos, de maneira que a grande maioria deixa a vida militar logo que pode alcançar uma collocação particular, e não os collocando em outros ministerios não os podemos utilizar nem como sargentos nem como officiaes de reserva.

Se se querem sargentos promulguem-se leis que os attraiam ou façam-se cumprir as que já existem sobre o assumpto.

Além d'essa falta de protecção do estado, ha as condições de promoção que apenas servem para diffcultar o accesso de bons elementos a essa classe. A promoção por corpo só se justificaria se houvesse grande concorrência em todos elles, mas não havendo, succede que em alguns corpos é necessario lançar mão de elementos que mal satisfazem, quando n'outros corpos ficaram de fóra outros que poderiam ser considerados bons. Já temos dito por mais d'uma vez que este processo deixa muito a desejar. E' mister olhar com dedicação para a classe dos sargentos que está tão esquecida. E' verdade que todos se lastimam por não haver sargentos, mas é tambem facto não menos verdadeiro que ninguem procura dar-lhe remedio, quando aliás é bem simples, pois que bastaria ordenar que os concursos fossem por divisões.

O limite d'idade precisa tambem ser alterado. O limite actual é extremamente baixo e sem trazer vantagem alguma serve apenas para prejudicar os proprios sargentos, o exercito e o estado. E' conveniente que seja alargado.

A situação economica do sargento deixa muito a

desejar. Já temos dito que para attenuar essa pouco desafogada situação se devia conceder aos que não arranchassem o auxilio que por direito lhe pertence, mas que, por motivos que mal se justificam, reverte a favor dos arranchados, o que chega quasi a merecer a honra de entrar na cathegoria das anomalias. Se isso não se faz é então necessario augmentar-lhe o pret. E' talvez mais harmonico e mais justo, porque, emfim, tudo quanto se dê aos sargentos é tão pouco que bastará dizer que os soldados das guardas fiscal e municipal ainda ficarão, em geral, com pret maior, o que é contra todas as regras e principios, incluindo os principios da disciplina, que é conveniente respeitar.

Mas não são somente estas questões capitaes que andam esquecidas. Outras ha de somenos importancia que teem a mesma triste sorte, apesar de não acarretarem despeza alguma para o estado. Ahí vae um exemplo que recommendamos á commissão encarregada de codificar a legislação que diz respeito a uniformes.

O art. 28.º do plano de uniformes de 1892 diz o seguinte:—«o uniforme do sargento ajudante é egual ao dos officiaes da arma a que pertencer». Pois tal não succede, porque enquanto o official tem 2 barretes, podendo usar ainda mais duas capas, o sargento ajudante tem apenas 1 e não pôde usar nenhuma das capas, como já foi prohibido em algumas divisões. A este respeito teem ainda menos vantagens do que o soldado, que tem 2 barretes. O desfavor, comtudo, para os de infantaria ainda não fica por aqui, pois que a esses lhe foi defeso usarem com o unico barrete que teem o cordão d'ouro, ficando d'esta fórma em inferioridade em relação aos de cavallaria, artilheria e guarda fiscal, que o podem usar.

Com tanta falta de protecção e com tantos desfavores, não é para admirar que haja falta de sargentos.

Ahí ficam, pois, mais ou menos ponderadas as questões essenciaes a que é necessario attender se não quizermos vêr o exercito desprovido d'esses indispensaveis auxiliares.



AS METRALHADORAS NOS DIFERENTES EXERCITOS

Confronto entre as organizações allemã e portugueza

III

Por um dos nossos artigos anteriores se vê que as metralhadoras na Allemanha estão organisadas, com pessoal de infantaria, em grupos completamente independentes, pois que apenas estão affectos, para effeitos de administração e disciplina, aos batalhões de caçadores e a alguns de infantaria.

Entre nós, como é bem sabido, as metralhadoras não formam grupos independentes, visto estarem igualmente repartidas pelas companhias dos batalhões de caçadores e d'ellas fazerem parte integrante.

Sendo o modo de as organisar bem differente, é necessario saber se differente deve ser tambem o seu emprego tactico. Precisamos, pois, conhecer qual das duas organizações corresponde mais cabalmente ao fim a que é destinada.

Havendo entre nós criticos para os quaes só é bom o que seja imitado da Allemanha, a organização que temos não pode ser boa para esses porque é moldada em principios differentes. E realmente assim succede, porque muitos criticos ha no nosso paiz que acham que a distribuição que lhe foi dada pelos batalhões de caçadores não é a mais propria. Pode ser que haja razões, além do exemplo que lhe vem da Allemanha, que militem a seu favor. Nós, porém, é que não as conhe-

ceamos, porque só temos ouvido e lido que a nossa organização não é boa sem que se tenham mostrado as razões que justifiquem uma afirmação d'essa natureza, podendo pois entrar na cathegoria das afirmações gratuitas.

Nós não seguiremos processo identico. Affirmamos que a nossa organização das metralhadoras pelos batalhões de caçadores é precisamente a melhor que se lhe podia dar e vamos dizer as razões que militam a nosso favor.

Os allemães teem os seus grupos de metralhadoras organisados de forma a poderem manobrar *isolada e independentemente*. Quanto á independencia que o proprio regulamento lhe concede, nada temos a dizer, por que é fóra de duvida que as metralhadoras carecem d'essa independencia, pois que só d'esta fórma é que poderão estar na mão do chefe, commandante de brigada ou divisão, para as empregar no momento e pontos criticos a que seja necessario acudir promptamente.

Ora, esta independencia que precisam ter não lhe é cerceada pela nossa organização, pois que os nossos batalhões de caçadores já por si são tropas independentes, e, portanto, é tão facil a qualquer chefe portuguez dispôr d'ellas como o pode ser a qualquer chefe allemão. Ha comtudo uma notavel differença a favor do chefe portuguez, que reside na garantia que tem certa de que sabendo onde tem as forças de caçadores terá tambem as suas metralhadoras, o que já não succede ao chefe allemão porque as metralhadoras de que dispõe podem não ter afinidade alguma com as tropas independentes que lhe pertencem, podendo pois escapar-se-lhe das mãos. Essa contrariedade não se dará, pois, entré nós, porque onde estiverem os caçadores estarão as metralhadoras. Quanto á *independencia* vêmos, portanto, que a nossa organização é ainda superior á allemã, embora a certos criticos da terra muito lhe custe.

Outro desgosto precisamos dar-lhe. A *manobra isolada* que o regulamento allemão prescreve e que os nossos criticos tambem desejam, talvez para comprazer com a propria Allemanha, não tem razão de ser pelo

facto da metralhadora não ser sufficientemente forte, embora potente, para evitar uma emboscada ou para resistir a um ataque brusco da infantaria ou cavallaria. A metralhadora é essencialmente uma arma de ataque. A sua defeza reside até no ataque, como mesmo prescreve o regulamento allemão. Casos ha, comtudo, e aliás bem frequentes, em que não poderá atacar para se defender e casos ha tambem em que não será sufficientemente potente para o conseguir, sendo pois forçoso concluir que precisa alguém que venha em seu auxilio e reforço. Os allemães, confiando talvez demasiado no valor offensivo das metralhadoras, desprezaram esses casos e não admittem que não se possam libertar d'uma situação critica. Mas seja porque razão fôr, o que é um facto é que prescrevem a manobra isolada, embora pelas razões que deixámos já antevêr, não pareça uma lição que se deva imitar, porque representa uma regra com perigosas excepções.

E este erro já foi reconhecido pelos proprios allemães, na guerra do Sudoeste Africano.

Mas, além das razões que *à priori* nos levam a discordar do principio allemão, outras razões ha que *à forciore* nos obrigam a chegar á mesma conclusão, razões estas para as quaes chamamos a attenção dos criticos cá da terra.

E' bem conhecido o emprego que as metralhadoras teem tido na actual campanha russo-japoneza. Quem tenha lido essas narrações com attenção deve ter notado que teem sido sempre empregadas com apoios, geralmente de infantaria, embora sejam destinadas a operações isoladas. Seja qual fôr a missão de que tenham sido encarregadas, ao lado d'ellas tem marchado sempre um *apoio*, geralmente de infantaria, e d'esta forma se vê a pratica a desmentir os principios que os allemães tinham regulamentado apenas inspirados na simples theoria. Vamos portanto vendo que a regra não é tão verdadeira como parece.

Os nossos criticos imitadores já hoje não encontram apoio nos proprios escriptores allemães, que, sem se lembrarem que desacompanham os criticos portugue-

zes, já combatem o principio da *manobra isolada*, prescripto pelo regulamento de 14 de maio de 1902. Ahi vae um exemplo. Em um artigo publicado no *Allgemeine Zeitung*, sobre o assumpto, encontramos o seguinte periodô que offerecemos á analyse dos contradictores da organização dos nossos caçadores. *Posto que cada metralhadora possua quasi a mesma potencia de tiro de meia companhia, não deve ser empregada da mesma fôrma; ella não pôde entrar em acção senão com a infantaria ou cavallaria e coberta por ellas.* Quer dizer, onde houver metralhadoras deve haver infantaria ou cavallaria, não podendo, pois, manobrar isoladamente.

Mais um outro argumento vamos apresentar, e este esperamos seja o *golpe de misericordia* dado nos detractores da organização das nossas metralhadoras, porque o reputamos de tal fôrma indiscutivel, não só por vir do campo de batalha mas tambem por ter tão bella paternidade, que não nos parece que possa deixar duvidas a este respeito.

A 20 de fevereiro do anno corrente, nas vespas da batalha de Mukden, o glorioso general japonês Oku, n'umas instrucções secretas que deu aos officiaes do 2.º exercito nippon, entre outras cousas bem dignas de ponderação, recommendava o seguinte: *As metralhadoras nunca devem ser empregadas isoladamente.*

E d'esta fôrma fica lançado por terra o exemplo allemão, que tanto para ahi se tem enaltecido.

Ora, desde que as metralhadoras não devem ser empregadas isoladamente e desde que precisam *apoios*, não será a nossa organização a melhor? Evidentemente, porque a propria companhia é o *apoio* natural das suas 3 metralhadoras.

Pela nossa organização, o chefe não precisa indicar, para qualquer fim que tenha em vista, tantas metralhadoras d'aqui com tantos apoios d'acolá, porque lhe bastará indicar o numero de companhias em harmonia com o fim que pretender alcançar com as metralhadoras, para saber o que tem a ordenar, sem se importar com os apoios. Outro tanto já não succederá aos alle-

mães. A nossa organização, pois, completa a acção das metralhadoras com o apoio natural que lhe é dado pela propria companhia a que pertencem.

Tendo as nossas metralhadoras a mesma independencia das metralhadoras allemães e tendo junto a ellas o apoio que a estas lhe falta, parece ficar bem demonstrado que a nossa organização é bem superior pelo simples facto de ser bem mais completa.

E' portanto conveniente não seguir servilmente os exemplos estrangeiros, como n'este assumpto temos visto fazer, e conveniente é tambem não alterar a organização das nossas metralhadoras porque, como estão, estão muito bem.

BIBLIOGRAPHIA

Summario historico sobre a defeza de Portugal, segunda parte, pelo *Coronel do estado-maior Alfredo Pereira Taveira de Magalhães*.

A segunda parte d'esta obra é sem duvida um trabalho que com toda a justiça se deve recommendar á leitura de todos os nossos camaradas.

O sr. coronel Taveira reúne, no livro a que nos estamos referindo, toda a historia politico-militar do periodo de 1815 a 1826, periodo este geralmente conhecido pela designação de advento constitucional, que tão fertil foi em acontecimentos militares, internos e externos.

Todos esses acontecimentos, tão curiosos, por serem genuinamente portuguezes, e mesmo tão ferteis em ensinamentos diversos, não são ainda bem conhecidos, apesar de ainda poderem ser considerados contemporaneos, por estarem descriptos em livros cuja leitura é bastante fastidiosa.

Ora, o livro do sr. coronel Taveira tem exactamente o merito de evitar os inconvenientes apresentados pelos livros até hoje publicados sobre o assumpto, porque além de estar escripto em estylo simples e claro, trata unicamente os assumptos necessarios para formular uma ideia segura sobre os acontecimentos militares que se desenrolaram n'um periodo tão agitado da nossa historia.

Recommendo, pois, a leitura d'esse *Summario historico* aos nossos camaradas, com o que lhe prestamos um bom serviço, estamos certos, resta-nos agradecer ao sr. coronel Taveira a sua offerta, applaudindo-o pelo seu notavel trabalho.

Discurso commemorativo da batalha do Bussaco, pelo
Capellão Ernesto A. Pereira Salles.

Devido á gentil offerta do sr. coronel Jayme Leitão de Castro, tão illustrado como dedicado inspector dos *monumentos militares* da grande circumscripção militar do centro, tivemos occasião de ler a eloquente e commovida oração pronunciada pelo sr. Padre Salles, o anno passado, na commemoração da celebre batalha do Bussaco, oração tão notavel pela sua fôrma brilhante como repassada de patriotismo ardente. O sr. Padre Salles, passando uma rapida revista aos acontecimentos que precederam esse memoravel feito das armas portuguezas, além de evidenciar os seus sentimentos, põe bem em relevo o valor d'um passado fazendo-nos vibrar o coração em puro amor da nossa patria.

Orações d'estas devem ser lidas pelo menos uma vez por anno, o que nos leva a pedir ao auctor, sr. Padre Salles, e ao organisador da festa commemorativa, o sr. coronel Leitão de Castro, que prosigam na sua obra patriotica, que por todos os titulos é abençoada.

As nossas aspirações.

O sr. José Marcellino Carrilho, dedicado tenente do corpo d'almojarifes de artilheria, interpretando o pensar geral dos seus camaradas, publicou um folheto com o titulo a que nos estamos referindo e no qual condensou uma serie de medidas que os seus camaradas desejariam vêr postas em pratica, taes como a instrucção e arrolamento da reserva, distribuição pelas companhias de equipagens, deposito de material de guerra, etc., etc.

A fôrma despretenciosa e a justificação que se faz das medidas que se pedem muito honram o seu auctor e a propria classe, por serem apresentadas em bons termos de camaradagem e por indicarem serviços em que, com vantagem, podem ser applicados com utilidade aquelles nossos camaradas. Não desejam tirar aos outros o que lhe pertence, mas pedem para si aquillo a que teem direito.

Na leitura d'essa exposição tivemos occasião de ler as seguintes palavras: «Mas onde se encontra, brilhantemente defendida a necessidade d'aquelle augmento (vencimentos) é na *Revista de Infantaria*, que honra lhe seja, acima de tudo, tem sempre posto os interesses da collectividade que representa. E' assim que nós comprehendemos os órgãos de classe»—o que muito agradecemos.

O sr. Carrilho advoga para a sua classe medidas de justiça porque pede se dê aos seus camaradas attribuições pelas quaes

possam mostrar que são uteis ao exercito e ao paiz, o que é bastante para que a causa que advoga se nos torne sympathica. Desejando pois que as suas aspirações se convertam em realidade, só temos que agradecer a gentileza da sua offerta e felicitar o seu auctor.



Secção do estrangeiro

Allemanha.— A escola de tiro de infantaria em Spandau-Ruhleben acaba de festejar o quinquagesimo anniversario da sua fundação.

O pensamento que presidiu á fundação d'esta escola foi o de crear um instituto destinado ao estudo e exame das armas portateis.

A primeira arma estudada em Spandau-Ruhleben foi a espingarda de agulha Dreyse, com que os allemães fizeram a guerra de 1870.

Todos sabem que a Dreyse abriu o caminho a todos os aperfeiçoamentos que se teem realisado nas armas de fogo de pequeno calibre ha meio seculo a esta parte.

Sabe-se tambem que correlativamente com o estudo das armas a escola devia estudar o tiro theorica e praticamente.

A escola de Spandau tomou grande notoriedade no mundo militar, sendo visitada não só por todas as notabilidades militares da Allemanha, mas tambem do estrangeiro.

A 18 de dezembro de 1890 o governo allemão deu á escola a sua actual denominação—*Infanterie-Schienschuh*—(escola de tiro de infantaria) separando d'esta escola as de tiro de artilheria de campanha e de artilheria de posição.

Foi então que se crearam cursos de informação em Spandau para officiaes generaes e officiaes superiores, que tanto desejariamos vêr estabelecidos entre nós; cursos de instrucção para capitães e tenentes; cursos de ensinamento pratico para sargentos, procurando por esta fôrma a escola manter, tanto quanto possível, o mesmo nivel de instrucção de tiro em todo o exercito.

Como na Allemanha, e de resto em toda a parte aonde se estude e se trabalhe dedicadamente pelo exercito, o tiro é o principal meio de combate, é natural que seja grande a importancia que n'aquelle paiz se liga á sua escola de tiro de infantaria.



No dia 11 do proximo mez de setembro o imperador Guilherme passará em Urmitz, entre Coblenz e Anderanck, uma revista a um grande exercito.

As tropas formadas em parada serão: 8.º e 15.º corpos do exercito (Strasbourg), 7.º (Munster), e 14.º (Carlsruhe).

O 16.º corpo será representado pela 68.ª brigada de infantaria, constituida pelos regimentos d'infanteria n.º 145 (Metz) e 135 (Thionville).

A 34.ª brigada de cavallaria e a 34.ª brigada de artilheria.

O imperador será acompanhado pela imperatriz, pelo principe herdeiro, pelo principe Henrique da Prussia e por varios outros.

Quarenta officiaes de todos os paizes da Europa serão hospedes do imperador.

França.—Trez capitães do exercito hespanhol, um de artilheria, outro de infantaria e outro de cavallaria, foram visitar os quartéis do 26 de caçadores e do 12 de artilheria, em Vincennes.

Esta visita foi minuciosa, procurando estudar a missão a contabilidade de cada regimento e os diferentes uniformes do serviço diario do soldado.

Inglaterra.—O ministerio da guerra (War Office) acaba de mandar suspender a fabricação das espingardas de cano curto, *Short Rifle*.

Esta decisão causou uma verdadeira estupefacção no meio militar.

Custa a comprehender que a Inglaterra, sendo um paiz essencialmente pratico, tenha tantos e tão profundos defeitos nas suas instituições militares.

Porque a verdade é que não só o general William Butler tinha condemnado o novo fusil mas todos os relatorios lhe foram desfavoraveis.

Mas a *administração* teimou e conseguiu afinal um relatorio de feição.

O que é certo que a *Short Rifle* foi mandada fabricar aos milhares, estando-se actualmente a substituir as *Lee Enfield* do exercito das indias pelas *Short Rifle*, não obstante se reconhecer numerosos defeitos n'esta nova arma.

Estas ordens e contra-ordens mostram que as questões militares estão na Inglaterra ainda longe de atingirem um certo grau de perfeição que é indispensavel.

E os prejuizos d'estas hesitações, d'estas incongruencias são grandes sobre o ponto de vista do dinheiro e maiores ainda sobre o ponto de vista do valor e da força do exercito inglez.





8.º ANNO

SETEMBRO DE 1905

N.º 9

REVISTA DE INFANTERIA

A arma de infantaria

As suas pretensões

V

Pelas noticias que com tanta insistencia vemos correr parece que temos vencida a *demanda* dos soldos e gratificações, que muito temos advogado.

Se assim succeder, como na presente occasião nada nos auctorisa a antever o contrario, não será isso por certo devido á fórma como nós temos advogado essa questão. Fomos os primeiros e temos sido os unicos que na imprensa militar temos tratado o assumpto, é verdade, mas os nossos esforços e os nossos fracos argumentos de pouco teriam valido se os illustres *jurados*, que no caso presente são os nossos camaradas, não tivessem perfilhado com ardor os argumentos que nos fornecia o exacto conhecimento do estado financeiro e economico do official.

Depois de annos em que tivemos de lutar com a

descrença, por um lado, e com mil difficuldades que a todos os momentos nos surgiam, por outro, tivemos o prazer de vêr a questão posta de tal fórma e com um character tão accentuadamente official que não nos parece se possa voltar para traz. E isso, como já dissemos, é devido aos jurados que nos acompanharam e que fizeram vêr ao illustre juiz, no caso em questão o sr. ministro da guerra, a necessidade de sentenciar no sentido advogado, o que sua ex.^a fez, ou parece estar disposto a fazer, e pelo que é digno do nosso maior applauso, applauso que não regatearemos porque sómente nos temos deixado inspirar pelo espirito de justiça.

Quem resolver a questão dos vencimentos presta um grande serviço ao exercito e justo é, pois, ficar merecedor da nossa gratidão. Ora pelas noticias que temos visto parece que as nossas pretensões são em parte satisfeitas e só vêmos, portanto, razão para elogiar quem merece e para nos darmos por satisfeitos pelos esforços empregados.

Na altura em que este artigo é escripto ainda não temos elementos sufficientes para podermos fazer uma analyse da medida projectada, o que faremos no numero seguinte. E', porém, conveniente consignarmos o facto, o que fazemos com muito prazer, porque, como já dissemos, nada nos auctorisa a duvidar das boas intenções do sr. ministro da guerra.

A questão dos vencimentos é mais alguma coisa do que uma aspiração da arma; é uma verdadeira necessidade, como já mostrámos e como já está reconhecido e até talvez resolvido ou em via d'isso, quando a nossa *Revista* fôr publicada. Essa necessidade vae ser atendida pelo sr. ministro da guerra, e n'esse sentido pôde contar sua ex.^a com o nosso mais amplo e rasgado apoio.

E', porém, dever nosso continuarmos estudando aquillo que verdadeiramente constitue aspirações da nossa arma. E se insistimos sobre este assumpto é porque as necessidades, que são grandes, o impoem, e porque o dever que nos assiste, é imperioso. Sabemos que

é um trabalho arduo este de defender a nossa arma, como arduo tem sido o de advogar a questão dos vencimentos, porque apesar de ser a arma principal do exercito, não está muito nos nossos habitos ver quem quebre lanças por ella. E' uma irmã das outras armas, não haja duvidas, mas apesar d'isso, com grande magua nossa, tem sido por vezes olhada e tratada como irmã bastarda, irmã que se repudia, irmã que se despreza. E não obstante, o que são as injustiças d'este mundo! é ella que no combate ganha as victorias, tem sido ella que tanto em Africa como nos campos de manobras mais se tem salientado, e é, finalmente, ella que nos garante a paz interna com esse improbo e continuado serviço de destacamentos e diligencias. Tem cumprido e cumpre o seu dever dignamente e justo é, portanto, ser attendida na devida forma.

Mas infelizmente não é isso que se tem feito. Se essa tivesse sido sempre a norma de proceder não contaríamos hoje com as celebres *vagas fluctuantes*, que ao mesmo tempo que tem servido para terem as outras armas o seu quadro de generalato no *maximo*, tem feito com que, em desigualdade flagrante, o quadro do generalato da infantaria tenha estado sempre no *minimo*, apesar de nem contar sequer os generaes necessarios para o commando das suas brigadas, o que é um contrasenso que nem se comprehende nem se justifica, mas que infelizmente existe para mal da infantaria. A arma que maior numero de generaes devia fornecer, porque é a infantaria a arma que mais se presta a fornecer individuos mais competentes para esse alto cargo devido á pratica de commando que os differentes officiaes n'ella sempre exercem, é positivamente a nossa arma, mas, em consequencia das *vagas fluctuantes*, é exactamente ella que proporcionalmente menos contingente dá. E' esta uma causa que, com justificada razão, muito desgosta os officiaes da nossa arma, e justo é pois pôr termo a uma medida de tal forma iniqua e contraproducente, iniqua, porque não dá a todos os mesmos direitos e contraproducente porque o serviço se resente d'essa falta de generaes.

A *lei dos quintos* é outra disposição que tem aggravado esse mal e muito principalmente depois da ultima interpretação que lhe foi dada, que fez com que fossem promovidos officiaes mais modernos do que os seus camaradas de infantaria com quem estavam equiparados. Ora nós não desejamos o mal do proximo nem temos inveja do bem estar dos outros. O que, porem, não podemos acceitar é qualquer prejuizo que nos tenha sido causado pelos beneficios dados a outros. E' sómente sob este ponto de vista que nós encaramos a questão, embora ponhamos de parte a significação moral que o facto possa ter, o que fazemos para não pôr mais uma vez em evidencia o desfavor e falta de protecção com que a nossa arma tem sido encarada.

Já dissemos que enquanto se não completar o quadro do generalato da infantaria de maneira a ficar proporcional ás outras armas e satisfazer ás exigencias do serviço, qualquer promoção que se faça nas outras vae redundar em manifesto prejuizo nosso. Se ha, pois, cá, sobre a terra, espirito de justiça modifiquem-se essas leis e faça-se com que todos avancem proporcionalmente ou cada um dentro da sua arma, sem prejudicar quem quer que seja.

E é tanto mais necessario attender á promoção da infantaria quanto é certo que, caso unico e virgem, em todas as demais tem este anno havido promoções excepto na nossa. Apesar d'assim succeder, como de resto ninguem ignora, vemos que a arma de artilheria, não obstante o augmento de promoção que lhe tem sido dado pela lei dos quintos, vae ter mais um alargamento de quadros nos postos de tenente-coronel, major e capitão.

Não seremos nós que combateremos essa medida, porque, como já dissemos, não temos inveja dos progressos alheios. Diremos no entretanto, que se essa medida é justa para a artilheria, tambem o é para a infantaria, porque a relação dos officiaes superiores para capitães e subalternos é precisamente a mesma nas duas armas, como já mostrámos com numeros e percentagens no penultimo numero d'esta *Revista*. Não

comprehendemos, por consequencia, a razão porque se alargam os quadros d'uma arma quando existe uma outra que está precisamente nas mesmas condições.

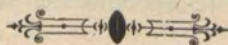
Como razão justificativa d'esse alargamento de quadros talvez se possam apresentar as exigencias de serviço. Talvez, e não o contestamos, porque é fóra de duvida que as necessidades da artilheria teem augmentado. Mas se essa razão é verdadeira, verdadeira é tambem para a infantaria, porque todos sabem que os regimentos estão sem officiaes e ninguem ignora que os serviços de recrutamento e reserva, tão importantes como necesarios, principalmente no nosso paiz porque o exercito permanente está muito longe de satisfazer a todas as necessidades, não estão sufficientemente organisados, luctando com grande falta de pessoal. Nós já demonstrámos até com elementos sufficientes, no numero 7 d'esta *Revista*, que para collocar os quadros da infantaria na mesma proporcionalidade em que se encontram os das outras armas e, ao mesmo tempo, para satisfazer a todas as exigencias do serviço da nossa arma era necessario augmentar á arma principal do exercito 17 coroneis, 17 tenentes-coroneis, 13 majores, 53 capitães e 81 tenentes. E facto curioso, esse augmento, que é o necessario para dotar os regimentos com officiaes e os diversos serviços com o pessoal necessario, corresponde exactamente ao numero com que é necessario augmentar os quadros da infantaria para ficarem na mesma proporção dos das outras armas. Quer dizer, fazendo o augmento que por nós foi indicado, attendia-se aos sãos principios e fazia-se justiça a uma arma, justiça, não pelo facto de acarretar com isso qualquer beneficio aos officiaes, mas justiça por se collocar a arma em condições de cabalmente se desempenhar da sua missão.

Exuberantemente fica demonstrado, portanto, que se essa razão subsiste para a artilheria, devia tambem subsistir para a infantaria. Se não subsistiu é porque mais uma vez foi olhada como irmã bastarda. Mas que razão poderá haver para isso e porque motivo não se colloca a infantaria em condições de tão bem se des-

empenhar da sua missão como a artilheria? Certamente não ha nenhuma; o que é crível que haja é favoritismo a favor d'aquella arma. Se assim foi, ha favores que humilham e nós isso não pediremos. Temos dito que é necessario dotar os regimentos com officiaes, que é indispensavel montar os serviços de recrutamento e reserva com pessoal sufficiente, passando pelo menos a ser commandados por coroneis, que necessario é tambem cuidar d'outros serviços e dar as funcções de ajudantes de regimento a capitães, temos demonstrado a necessidade de tudo isso se fazer e por aqui limitamos a nossa tarefa. Favores não pedimos, porque não é com favores que se monta a complicada engrenagem d'um exercito.

Temos um ideal mais nobre e uma aspiração maior. Desejariamos ver todas as armas attendidas sem beneficiar umas á custa d'outras, desejariamos ver a equidade presidir em tudo, desejariamos ver um exercito bem montado, dotado com todos os elementos indispensaveis, desejariamos ver o orçamento do ministerio da guerra com recursos sufficientes para fazer face a todos os encargos impostos pelas exigencias do serviço, como succede nos demais exercitos, não desejariamos ver favores e, finalmente, não desejariamos ver a nossa arma desmantelada, como se encontra, nem prejudicada, como sempre tem estado.

E' isso o que nós desejamos e nada mais.





QUESTÕES D'ORGANISAÇÃO MILITAR

Procurando harmonisar os diferentes principios que regulam as questões da organica militar, procuraremos vêr o que entre nós se pôde fazer n'este sentido. Antes, porém, de entrarmos no assumpto, é dever nosso fazermos umas considerações a proposito da divisão territorial do paiz em harmonia com a densidade da população, considerações que nos parecem essenciaes.

Nós somos de opinião que o nosso paiz deve ser dividido em 6 divisões territoriaes, porque além de contarmos já hoje com pessoal sufficiente para mobilisarmos 6 divisões, é exactamente essa a organização que melhor se adapta ao nosso paiz, como de resto já foi até reconhecido pelo proprio Beresfórd na sua celebre organização.

Na divisão destinada ao Minho, o problema apresenta-se-nos sem difficuldade, pois que a densidade da população sendo bastante elevada, tudo facilita; o terreno restringe-se com a facilidade das distancias e a mobilisação poderá effectuar-se com grande rapidez; a materia prima, o homem, offerece-se com prodigalidade, e as linhas ferreas servem todos os centros. E' a mais populosa de todas, mas não devemos esquecer que esse numero é reduzido em parte com a população do Porto, onde predominam estrangeiros e onde as percentagens dos isemptos soffrem consideraveis augmentos.

Fica-nos assim uma facha estreita e comprida como devem ser as regiões fronteiriças ao mar.

O Porto, pela sua importancia, impõe-se-nos para séde de divisão, ainda que não seja central, isto se attendermos simplesmente á região que tratamos, pois que não succede o mesmo se attendermos ao resto do paiz.

Na divisão destinada a Traz-os-Montes, a densidade de população, especialmente a do Norte, é pequena e as vias de comunicação escasseiam.

Teremos pois de violar o principio de não tomar o Douro para seu limite, estendendo-nos um pouco pela sua margem esquerda. Parece-nos, no emtanto, que a violação d'este principio,

longe de ser inconveniente, torna-se aqui em uma vantagem, pois que em caso de mobilisação, um rio servido por pontes magnificas como são as de Sobrado de Paiva, Baião, Pezo da Regua, e mais a leste a do caminho de ferro, não se pode considerar um obstaculo.

Accresce ainda a circumstancia de que é muito mais comodo para as populações proximas da margem esquerda, dirigirem-se a Villa Real do que para Vizeu, visto que para aqui teriam de effectuar grandes étapes atravez das serras da Senhora da Lapa e Montemuro.

Villa Real para séde de divisão, parece-nos satisfazer ás condições devidas. Bastante affastada da fronteira de modo a estar ao abrigo d'um ataque immediato, presta-se no entanto a aproveitar-se com a devida presteza.

A região comprehendida entre o Douro e o Tejo poderá ser dividida em duas zonas divisionarias, que da fronteira terrestre se estendem até á maritima.

D'este modo uma das divisões fica naturalmente limitada pelo Valle do Mondego, e a outra destinada ao Alemtejo, contribuindo logo para o estabelecimento de destacamentos da fronteira, devendo ter para isso, durante a paz, guarnição mais reforçada.

As facilidades de communicações fazem-nos ir buscar ao Alemtejo alimentos para esta divisão, utilizando-se assim a linha de leste, que ficaria sem aproveitamento se incorporassemos a população d'essa região na divisão do Alemtejo, além de que se evitava tambem as marchas do flanco ao longo da fronteira a que seriam obrigados os homens dos concelhos fronteiriços.

Resta-nos fallar das duas ultimas divisões, com séde em Lisboa e Evora: n'aquella o principio de dividir a região pelo que accusa o censo, torna-se em extremo falso, pois que os importantes numeros a que sobem os bairros de Lisboa são talvez tão ficticios para o nosso caso como os do Porto, sem a compensação de ser populosa a região visinha. No entanto, se para a primeira incorporação ha um desfalque, já o mesmo não succede para a sustentação, porque a verdade é ser Lisboa um centro para onde convergem as energias de todo o paiz, para onde se dirige um grande numero dos seus homens validos, e portanto a falta que sentirmos no recrutamento será depois convenientemente compensada.

Sendo tão variavel a densidade da população no nosso paiz e não querer exceder muito a extensão das regiões divisionarias, forçoso é que em qualquer parte se dê um defeito.

Sendo este um facto inevitavel, onde mais conhecemos que se dê é em Lisboa, porque os contingentes que hão de vir de varios pontos do paiz servem de compensação aos elementos quasi sempre inferiores que nos fornecem as capitaes e d'este modo indirectamente suavizamos este inconveniente, transgredindo um pouco o systema de recrutamento regional.

Quanto á outra divisão era inevitavel a grande extensão que

apresenta, aproveitando-se em compensação o mais possível as linhas ferreas.

Analysando as regiões divisionarias passemos agora aos districtos de recrutamento e reserva, mencionando simplesmente os que julgamos dignos de reparo.

Na divisão do Minho, as localidades escolhidas satisfazem ás condições exigidas; ha, porém, uma differença de população entre ellas, que a não se dividirem os concelhos ou agrupal-os convenientemente, seria difficil fazer os arrolamentos, devido ao seu elevado numero de habitantes.

Na região de Chaves e Bragança ha defeitos similares, por serem pouco centraes e muito sobre a fronteira.

Pareciam mais vantajosos Villa Pouca d'Aguiar e Macedo de Cavalleiros, mas a pouca importancia d'estas localidades e a falta de probabilidades d'um ataque immediato por esta parte da fronteira fez com que o não escolhessemos. Na divisão que abrange Vizeu, Aveiro e Santa Comba-Dão, a collocação dos districtos não merece reparos, pois que satisfazem ás facilidades de comunicação e de densidade de população a que se attendeu com todo o cuidado.

No entanto, n'esta divisão, devido a esses motivos, ficou-nos apenas o da Guarda, na região da fronteira. Seria talvez conveniente estabelecer uma guarnição em Trancoso ou Pinhel ou deslocar o districto da Guarda para aquella localidade.

Mas a importancia da Guarda, e sobretudo depois de ser cruzamento de linhas ferreas, leva-nos forçosamente ali a estabelecer-o.

A falta de outra guarnição para o Norte, proximo da fronteira, é compensada pela linha ferrea da Beira Alta.

Na divisão de Lisboa nada se nos offerece digno de menção. Na do sul é que se poderão levantar duvidas. Setubal e Evora, centros populosos, foram escolhidos para séde do districto. Setubal recruta na população do districto de Lisboa e Evora, recebe ainda o excedente do districto administrativo de Portalegre, que tendo de mobilisar-se pela via ordinaria entre Beja e Silves, é que poderá não satisfazer, pois que Faro não póde deixar de ser a séde do districto que recruta na parte mais habitavel do Algarve.

A séde em Silves teria a vantagem dos habitantes dos concelhos limitrophes do cabo de S. Vicente fazerem apenas uma étape pela via ordinaria, e os districtos de Beja, pela via ferrea, além de ficar no centro mais populoso. Recebendo Beja os individuos d'aquelles concelhos hão de fazer marchas ordinarias e pela linha ferrea. Mas a necessidade de ter guarnições mais proximas do Alto Alemtejo, fronteira mais provavel a uma invasão, leva-nos a optar por Beja.

A protecção das provincias ameaçadas é um dos elementos do problema a resolver na concentração dos exercitos, protecção esta que não deve todavia ser comprehendida no sentido d'uma occupação directa de todas as regiões fronteiras.

Não podemos sacrificar as vantagens do recrutamento regional á ideia d'uma invasão provavel pelo Alemtejo, porque tudo isso é muito problematico.

A verdadeira garantia residirá na rapidez da mobilisação, pois sem esta nada se consegue.

Effectivos e quadros das unidades que entram na constituição das divisões e tropas não indivisionadas

I

EFFECTIVO

Para determinar os effectivos de paz podemos tomar para base os recursos fixados pelo orçamento do paiz, mantendo nas fileiras do exercito o numero de individuos que é permitido transformar em soldados e educar e instruir, fazendo depois augmentar os effectivos das reservas pela dilatação d'um numero maior ou menor de annos de serviço de fôrma a obter o numero de classes necessarias para elevar o exercito ao effectivo de guerra.

E de facto, um paiz que luta com fracos recursos orçamentaes, só poderá attingir este effectivo á custa d'um grande numero de annos de serviço na reserva.

Suppondo que o paiz podia manter um effectivo de paz nas proporções mais usuaes para com o pé de guerra, vamos estudar os quadros indispensaveis a cada unidade, em harmonia com as necessidades da instrucção, apresentando-se assim uma organisação conforme as exigências da guerra moderna.

N'estas condições, tendo-se fixado os elementos para cada unidade organizada, facil é depois de determinar o total necessario, tanto para a paz como para a guerra, para as unidades superiores que nos são indicadas no problema proposto.

Começaremos por analysar o que se passa nos paizes estrangeiros e deduziremos em seguida separadamente os effectivos a adoptar nas differentes armas e serviços.

a) Infanteria

Os effectivos das companhias adoptados nas differentes nações são:

Allemanha — Tem no effectivo de paz, 15 inferiores, 4 corneteiros, 128 soldados, ou sejam 147 homens por companhia.

No effectivo reforçado: 17 inferiores, 4 corneteiros e 142 soldados, ou sejam 163 homens.

Em pé de guerra: 20 inferiores, 4 corneteiros e 226 soldados, ou sejam 250 praças de pret.

Austria — Tem no effectivo de paz, 11 inferiores, 2 corneteiros e 80 soldados, ou sejam 93 homens.

No effectivo reforçado tem 129 homens; em pé de guerra tem

19 inferiores, 4 corneteiros, 193 soldados, 4 sapadores, 4 maqueiros e 4 soldados do trem, ou sejam 232 homens.

Italia—O effectivo de paz de cada companhia varia durante o anno conforme os periodos d'instrucção, sendo em media o seu effectivo fraco de 3 inferiores e 87 soldados, ou sejam 90 homens.

Nas tropas alpinas tem 9 inferiores e 121 soldados, ou sejam todos 130 praças de pret.

Em pé de guerra tem 16 inferiores e 180 soldados, ou sejam 196 homens.

Lauth dá-lhe 250 praças de pret.

França—Tem no effectivo de paz, 16 inferiores, 2 corneteiros e 108 soldados, ou sejam 196 praças de pret.

No effectivo fraco 11 inferiores, 2 corneteiros e 170 soldados, ou sejam 193 homens.

Russia—No effectivo de paz tem 6 inferiores e 100 soldados, ou sejam 106 praças de pret.

No de guerra tem 24 inferiores e 215 soldados, ou sejam 293 praças de pret.

Nós admittiremos: 110 homens para o pé de paz e 250 para o pé de guerra, por companhia, incluindo os inferiores, o que dá para um regimento a tres batalhões de 4 companhias 1:320 homens no pé de paz e 3:000 homens no pé de guerra.

Considerando as equipagens e conductores, que Bannus y Comas acha que devem fazer parte do regimento e não do trem de equipagem, o pessoal para o estado maior e menor do regimento e batalhão, teremos a accrescentar 48 homens na paz e 104 no pé de guerra, o que dá um total para um regimento de 1:368 homens no pé de paz e 3:104 no pé de guerra, e para 4 regimentos activos dar-nos-hão 5:472 homens na paz e 12:416 em pé de guerra.

Para 6 divisões teremos 32:832 na paz e 74:496 em pé de guerra.

A um regimento de reserva damos 11 praças de pret na paz e um effectivo egual ao d'um regimento activo em pé de guerra, temos assim para 4 regimentos d'uma divisão 44 homens na paz e 12:415 homens em pé de guerra. Para as 6 divisões teremos 264 homens na paz e 74:496 em tempo de guerra.

b) **Cavallaria**

Os effectivos adoptados por esquadrão nas differentes nações são:

Allemanha—15 inferiores, 3 clarins, 132 soldados ou sejam 150 praças de pret em pé de paz e 170 no pé de guerra.

Austria—Tem 15 inferiores, 1 clarim e 150 soldados ou sejam 166 praças de pret em tempo de paz e 172 em tempo de guerra.

Italia—Tem 21 inferiores, 4 clarins e 129 soldados, ou sejam 124 homens em tempo de paz e 134 em tempo de guerra.

França—Tem 22 inferiores, 4 clarins e 122 soldados, ou sejam 148 praças de pret em tempo de paz.

Russia—Tem 12 inferiores e 132 soldados ou sejam 144 homens na paz.

Hespanha—Tem 80 a 85 homens em pé de paz e 150 em pé de guerra.

Como vêmos, os effectivos de paz approximam-se muito do pé de guerra, isto para que a cavallaria se possa mobilisar rapidamente. Nós adoptamos a media de 130 em pé de paz e 150 em pé de guerra, incluindo os quadros inferiores.

Relativamente ao esquadrão de deposito adoptamos o systema allemão, que dá uma composição identica para os 5 esquadrões, indicando-se no acto da mobilisação qual o que se deve transformar em deposito. Teremos, pois, para:

Um regimento activo a 4 esquadrões e 1 de deposito, 650 homens na paz e 750 na guerra.

Juntando respectivamente 20 e mais 33 homens para o estado maior e menor e equipagem, teremos: 670 na paz e 783 homens em pé de guerra. Para os 6 regimentos teremos 4:020 em pé de paz e 4:698 em pé de guerra. Considerando agora os dois esquadrões e um pelotão de deposito por divisão, teremos:

Para um grupo de dois esquadrões activos e um pelotão de deposito, 300 homens em pé de paz e 390 em pé de guerra.

Para os 6 grupos teremos 1:800 homens na paz e 2:340 em pé de guerra.

c) Artilheria

De campanha

Os effectivos por bateria nas differentes nações são os seguintes:

Allemanha—Tem 18 inferiores, 3 clarins e 110 soldados, ou sejam 131 em pé de paz e 162 na guerra.

Austria—Tem 16 inferiores, 1 clarim e 84 soldados, ou sejam 101 praças de pret na paz e 25 inferiores, 2 clarins e 169 soldados, ou sejam 196 homens em pé de guerra.

Italia—Tem 18 inferiores, 3 clarins e 72 soldados, ou sejam 93 homens em tempo de paz e 23 inferiores, 3 clarins e 133 soldados, ou sejam 159 homens em pé de guerra.

Russia—Tem 16 inferiores, 2 clarins e 158 soldados, ou sejam 176 praças de pret na paz, e 21 inferiores, 3 clarins e 208 soldados, ou sejam 233 homens em tempo de guerra.

Corticelli dá para o pé de paz 208 homens e 233 em pé de guerra.

França—Dá Corticelli 103 homens em pé de paz.

Hespanha—Tem 100 homens no pé de paz e 108 em pé de guerra.

Hollanda—Tem para o effectivo do pé de paz 80 homens. Nós adoptamos para as baterias 100 em pé de paz e 167 em

pé de guerra e accrescentando respectivamente 10 e 19 homens para o estado maior e menor, teremos :

Para um regimento a 6 baterias, 610 homens em tempo de paz e 1:022 em pé de guerra.

Dando para a bateria de deposito 12 homens em pé de paz e 167 em pé de guerra, teremos para um regimento de 6 baterias activas e uma de deposito 622 homens em pé de paz e 1:188 em pé de guerra. Para os 5 regimentos teremos : 3:110 homens em tempo de paz e 5:840 no pé de guerra.

De montanha

Os effectivos por bateria são :

Austria — Varia entre 60 a 86 homens na paz e entre 111 a 102 na guerra.

Italia — Tem 120 na paz e 280 na guerra.

Hespanha — Tem 138 para o pé de paz.

Nós dando 130 homens em tempo de paz, incluindo os inferiores e 233 para o de guerra, e 10 para o pé de paz e 15 para o de guerra para o estado maior e menor dos grupos, teremos :

Para um regimento activo a 6 baterias 780 homens no pé de paz e 1:417 no de guerra.

De guarnição

Os effectivos adoptados por bateria são :

Allemanha — Companhia a 148 em pé de paz e 240 em pé de guerra.

Hespanha — Companhia, 80 homens em tempo de paz.

Nós adoptamos 80 homens em tempo de paz e 162 no de guerra e 4 para o estado maior do grupo, teremos :

Para um grupo de 3 baterias em pé de paz 244 homens, e para 4 em pé de guerra, 652 homens.

Para os 6 grupos teriamos 1:464 homens na paz e 3:912 no pé de guerra.

De costa

O effectivo entre as differentes nações é muito variavel, sendo n'algumas constituidas as baterias por tropas de marinha.

Nós dando 100 homens por bateria em tempo de paz e 220 no pé de guerra, e juntando 4 para o estado maior do grupo teremos :

Um grupo de duas baterias de costa, 204 homens em tempo de paz e 444 em pé de guerra.

Columns de munição

A organização das columns de munição d'artilheria está dependente da dotação em tiros por peça. Na Allemanha a dotação por peça em 1.^a linha é de 250 projecteis, levando 71 nas columns de munição e 175 na bateria de combate e columns ligeiras de munições.

O relatório sobre a organização do exercito belga, inspirado em ideias apresentadas em França e no proprio Langlois, propõe também a dotação de 250 projecteis por peça, dos quaes 71 são transportados nas columnas de munições. Langlois chega também a esta conclusão partindo da hypothese que cada bateria dispenderá 100 tiros por hora e que terá de fazer fogo durante 10 horas.

Os francezes querem maior quantidade de munições na bateria de combate, levando apenas nas columnas de munições 47 projecteis por peça.

Os hespanhoes seguem a orientação franceza.

Entre nós a dotação é de 300 tiros por peça, dos quaes 149 são transportados nos carros de munição e armões das peças e 121 nas columnas de munições.

Poderíamos adoptar o seguinte: um carro e meio por peça ou sejam 9 carros de munição por bateria de 6 peças, além das que levam os armões das peças, o que dá 179 tiros por peça para a bateria em 1.^a linha, mais um carro e meio por peça para o 1.^o escalão e outro tanto para o 2.^o escalão, dará o total de 161 projecteis por peça, o que satisfaz ás exigencias do tiro rapido segundo as aspirações modernas.

Teríamos portanto: 54 carros de munições para o 1.^o escalão da columna de munições, além dos carros de bateria, forja e peças de reserva, dividindo-o em 2 secções ou grupos e dando 2 serventes e 3 conductores a cada carro e um cabo conductor por cada 3 carros, os sargentos, ferradores e artifices necessarios, teríamos:

Para uma columna de munições de artilheria de campanha: 14 sargentos, 18 cabos, 8 artifices, 4 ferradores e 349 soldados serventes e conductores, ou sejam 393 homens em pé de guerra, dando 190 homens para o pé de paz, teremos para duas columnas de munições de artilheria de campanha 380 homens na paz e 786 na guerra.

Na artilheria de montanha a dotação por peça é inferior, andando geralmente por 150.

Partindo d'este numero e seguindo um processo identico ao que empregámos nos anteriores e em attenção a que são necessarios 1 conductor e 1 servente para cada muar de carga e 1 cabo por cada grupo de 31, teremos:

Para uma columna de munições de artilheria de montanha 110 homens na paz e 185 na guerra, e as 2 columnas terão 220 homens na paz e 370 na guerra.

A columna de munições de infantaria deve ser calculada partindo da consideração de que o soldado deve dispôr de 250 cartuchos, d'estes, 120 são levados pelo proprio soldado, 48 no carro de munições e 82 nas columnas de munições e no parque.

Sabendo-se o numero de praças e o numero de cartuchos que cada carro comporta entre nós, 121:060 (um dos varios modelos existentes) teremos que serão necessarias 99 viaturas, que se hão de dividir pela columna e pelo parque.

Collocando na columna de munições 150 e dividindo-a em 2 secções, e attendendo ao numero de conductores, serventes, artilhezes, cabos e sargentos, teremos:

Para uma columna de munições de infantaria, 80 homens em pé de paz e 154 no pé de guerra.

Reunindo n'um grupo as duas columnas de artilheria e a de infantaria e dando 4 homens para o estado maior do grupo teremos:

Um grupo de 2 columnas de munições de artilheria e 1 de infantaria (artilheria de campanha), 460 homens em tempo de paz e 844 no pé de guerra.

Para 5 grupos teremos: 2:300 na paz e 4:720 na guerra.

Um grupo de duas columnas de munições de artilheria de montanha e uma de infantaria, 300 homens em tempo de paz e 528 no tempo de guerra.

(Continúa.)

J. S.

Officiaes de reserva

Verdades velhas

No numero de julho da nossa *Revista* publicámos um modesto artigo sobre *officiaes de reserva*.

Tivemos então a satisfação de vêr que um grande numero de nossos camaradas, não só de infantaria, como d'outras armas, abundavam nas nossas ideias e applaudiam essas obscuras linhas em que—seja-nos licito esta vaidade—não havia uma unica palavra, que não fosse uma verdade (amarga, mas verdade...).

Tão lisongeiro exito leva-nos a accrescentar mais algumas linhas ao que então expuzemos com toda a franqueza, com toda a lealdade e com toda a correcção.

Mostrámos então o estado de minima instrucção em que se encontram os *officiaes de reserva* e a urgente necessidade de os obrigar a um tirocinio nos corpos ou na Escola Pratica de Infantaria, afim de que elles sejam o que realmente devem ser: auxiliares valiosos em campanha dos officiaes do activo.

Ora nada d'isto se dá, positivamente.

Hoje apresentaremos os lineamentos geraes de qual deveria ser a instrucção que elles deveriam receber em Mafra. A despeito da nossa nenhuma competencia, elles ahi vão.

Candidatos a officiaes de reserva

Instrucção pratica

- a) Escola de soldado, preparação para instructores.
- b) Escola de esquadra e de pelotão tanto na tactica abstracta, como na applicada.

Tiro

- a) Instrucção preliminar de tiro (como preparação para instructores).
- b) Avaliação de distancias.
- c) Tiro individual na carreira.

Serviço de campanha

Instrucção theorica e pratica sobre este serviço.
Theorias sobre regulamentos militares. Leitura de cartas.

Para alferes e tenentes

Instrucção pratica

Escola de pelotão, companhia e batalhão, concorrendo aos exercicios da Escola.

Tiro

- a) Tiro individual na carreira.
- b) Assistencia aos fogos de guerra.
- c) Avaliação de distancias.

Serviço de campanha

- a) Theoria sobre este serviço.
 - b) Resolução de problemas na carta e no terreno.
 - c) Concorrença aos exercicios da escola.
- Theorias sobre regulamentos militares.

Para capitães

Instrucção tactica

- a) Escola de companhia e batalhão, concorrendo aos exercicios da escola.

Tiro

a) Tiro individual na carreira. b) Assistencia aos fogos de guerra. c) Avaliação de distancias.

Serviço de campanha

a) Theorias sobre este serviço. b) Resolução de problemas na carta e no terreno. c) Concorrença aos exercicios da Escola. Theorias sobre regulamentos militares.

A este programma — desde já o declaramos — deve de certo faltar muita coisa.

Mas, como atraz dissemos, tivemos unicamente a intenção de apresentar um esboço muito vago de qual deveria ser a instrucção dos *officiaes de infantaria de reserva*.

Ainda assim, permitta-se-nos que digamos que, d'este modo, sempre deveriam ter um pouco mais de instrucção do que actualmente teem.

E' claro que estas exigencias teriam tambem, como funcção, um augmento de regalias, que actualmente não devem existir, taes como: *bilhete de identidade* em eguaes circumstancias que os officiaes do activo, etc.

Mas — instruidos como deveriam estar — estamos certos de que não haveria official do exercito activo que visse com maus olhos os beneficios dos que seriam amanhã seus auxiliares, d'aquelles a quem o posto não representaria unicamente uma Regalia, mas sim tambem um encargo, um Dever.

D'isso estamos nós certos.

Muito haveria ainda a dizer sobre *officiaes de reserva*, mas não queremos roubar o espaço á *Revista de Infantaria*, espaço que tão preciso lhe é.

Por hoje repetimos o que sempre temos dito:

Nada temos contra os *officiaes de reserva*, que desejariamos vêr bem instruidos e aptos para o desempenho da sua missão. Não lhe desejamos, pois, senão bem.

Revoltamo-nos, é certo, contra as regalias, quando desacompanhadas das correspondentes obrigações.

Mas a todos aquelles que veem fazer o serviço por

gosto, a todos os que querem ser officiaes, na verdadeira acepção da palavra, mais uma vez lhes testemunhamos, como sempre, a nossa obscura sympathia e o nosso respeito pela sua competencia profissional.

Agora, aos outros, aos que são *officiaes de reserva* unica e simplesmente para gosarem dos direitos que uma lei injusta lhes concede, desculpem que lhes digamos:

Respeitamo-los muito, como honestissimos empregados, doutos bachareis, esclarecidos funcionarios publicos, mas, como militares (e com isso nada se teem a melindrar), permittam que duvidemos da sua competencia technica.

E, isto—que foi o que sempre dissemos—repetil'ohemos hoje e sempre, no direito que todo e qualquer tem de dizer uma verdade, uma verdade incontestavel!

EURICO DE SAMPAIO SATURIO PIRES

Alferes de inf. 2

LIÇÕES DA CAMPANHA RUSSO-JAPONEZA

A tactica dos japonezes

A campanha russo-japoneza, que tão fertil tem sido em acontecimentos diversos, está fornecendo novos elementos para a discussão de varios pontos de tactica, que tanto teem andado na tela da discussão n'estes ultimos tempos.

Interessam-nos sobre maneira todas as questões de tactica, como de resto devem interessar a todos os militares. Assiste-nos mesmo o dever de discutir esses assumptos por serem sempre d'uma importancia capital. Não fugiremos, pois, a esse dever, e com o fim de o cumprir diremos o quanto ao nosso conhecimento tem chegado sobre este assumpto.

E essas discussões são tanto mais necessarias entre

nós quanto é certo que temos uma ordenança que, se por um lado ainda contem muita coisa superflua, por outro não corresponde cabalmente a certas exigencias modernas que já estão perfeitamente consagradas nos exercitos estrangeiros.

As nações que mais se teem salientado n'estes ultimos annos em questões de tactica, não nos referindo á Inglaterra, que depois da campanha transwaaliana transformou por completo os seus processos tacticos, tem sido a França. A sua ordenança, de 3 de dezembro do anno passado, representa quasi uma revolução, principalmente sob o ponto de vista da execução, como teremos depois occasião de mostrar quando nos referirmos a alguns dos seus pontos mais essenciaes.

A Allemanha tem tambem estudado a questão por todos os lados, não só theoricamente, mas tambem nos seus campos de manobras. Por ser talvez mais prudente, não refundiu porem ainda por completo os seus processos tacticos.

Mas não é isso o que presentemente nos interessa, e, portanto, não desenvolveremos agora esse assumpto. O que nos importa conhecer são os ensinamentos que a campanha russo-japoneza nos tem fornecido, para depois os confrontarmos com os processos europeus.

Tratemos, portanto, de descrever a tactica dos exercitos belligerantes, japonezes e russos, para depois a confrontarmos com a dos allemães e francezes, o que finalmente nos auctorisará a fazer algumas considerações tanto da nossa ordenança como da forma por que é executada.

O tenente-coronel japoniez Kiminoura, em um artigo recente que publicou, depois de passar em revista a tactica russa, allemã e franceza, diz o seguinte:

Estamos convencidos, nos nossos processos d'ataque, ter talvez excedido os modelos europeus, e isto graças á ligação com a fortificação de campanha. Esta serve-nos não para a defensiva, mas como meio de repouso durante a marcha em frente. Na linha de atiradores, um homem faz fogo enquanto o outro cava, de sorte que alternadamente um cava e outro faz fogo. Mas nós fazemos isto por um processo muito differente do europeu. Os nossos pequenos soldados cavam deitados. Não offerecem assim

alvo algum ao inimigo e d'esta fôrma a linha mais avançada se infiltra pelo terreno sem ser notada. As linhas que a seguem encontram tudo preparado.

Como nós fortificamos assim cada *étape* do ataque, nós podemos dispensar as reservas. Nós avançamos d'esta forma com todas as nossas forças, não conservando senão uma reserva bastante forte escalonada á retaguarda das alas, cujo fim o leitor certamente comprehende.

Na Allemanha, tanto quanto eu pude vêr, só as reservas é que fazem trabalhos de fortificação. O trabalho de pá só se faz durante a noute, porque então os homens podem trabalhar de pé. Ora como nós trabalhamos deitados, podemos construir fortificações mesmo durante o dia, quer o inimigo nos ataque de frente com artilheria de tiro mergulhante, quer seja superior em numero.

O capitão Soloviev, do 34 d'atiradores siberianos, depois do seu regresso á patria escreveu isto:

E' necessario mencionar tambem (como causa dos desastres russos) o emprego (feito pelos japonezes), da fortificação de campanha. Na Russia nunca se apreciou o seu valor; os japonezes servem-se d'ella continuamente. As trincheiras não abrigam somente do fogo, dissimulam ás vistas do adversario e tornam mais difficil o calculo dos effectivos e a disposição das tropas. A melhor trincheira é a que é enterrada á altura d'um homem, sem parapeitos, tendo a terra espalhada. A sua largura na parte superior é de dois *archines* (1^m,40) e na parte inferior de *archine* e meio (1^m,05). Desce-se para ella por meio de degraus. Ha sempre rigoroso cuidado em as occultar.

Como se vê a fortificação de campanha merece aos japonezes um cuidado especial, pois que é só com a sua protecção que avançam. Pelo *manual dos trabalhos de campanha para o exercito japonês*, que temos sobre a nossa mesa de trabalho, vemos essas regras prescriptas d'uma forma original, poisque não descrevendo como os diversos trabalhos se executam, limita-se apenas a indicar em forma de maximas, rapidas e breves, quando se devem empregar. Para a execução d'esses trabalhos dá o referido *manual* a cada companhia japoneza o seguinte material: pás pequenas 68, picaretas pequenas 17, machados 8 e escopros 5.

Posto isto passaremos a indicar a traços largos a maneira como as tropas japonezas avançam para o combate. Segundo uma testemunha ocular, tanto na

batalha de Liao-Yang como na de Mukden, os japonezes avançaram pela seguinte forma:

Logo que a linha, muito tenue, de atiradores, a que também se poderá chamar linha de exploradores, reforçada, executava um avanço, immediatamente começavam os homens que a constituíam, uns, a que chamaremos os chefes de fila, a fazer fogo contra a posição inimiga enquanto os outros, cerrafilas, com a pá ou picareta que transportavam, começavam a abrir pequenos abrigos para atiradores e quando um d'elles se cançava, invertiam-se os papeis e o que cavava passava a fazer fogo e vice versa.

Depois de terem executado esse trabalho, o que por vezes levou horas, chegando o momento opportuno de avançar, geralmente indicado por officiaes, marchava-se para a frente, até nova posição, conforme as circumstancias o permittiam, isto é, ou por lanços ou por avanços isolados, mas quasi sempre rastejando.

Logo que esta primeira linha avançava, uma outra, de effectivo proximamente igual, vinha occupar os abrigos que a primeira tinha iniciado e abandonado. Executado então outro avanço, esta segunda linha deixava os primitivos abrigos á disposição d'uma terceira linha, que os occupava. Como esta terceira linha se encontrava já bastante distante da primeira, não havia geralmente perigo de ser attingida pelos fogos que sobre aquella fossem dirigidos, e como a segunda, que está sempre vigilante e de reforço á primeira, não os tinha completado, a terceira então, lançando mão da pá e picareta, transformava rapidamente esses abrigos em trincheiras-abrigos de forma a que todo o effectivo se podesse acolher.

Executado mais um avanço, o que geralmente se fazia só passadas horas, logo seguido pela segunda e terceira linhas, ficavam estas trincheiras-abrigos disponiveis para poderem ser occupadas por uma quarta linha. As tropas d'esta linha, que constituem os grandes effectivos, logo que as occupavam, recorriam á pá e picareta, com febril actividade, e as alargavam de forma a ficarem então com as dimensões definitivas. E procedendo sem-

pre d'esta forma, isto é, occupando as linhas da recta-guarda as posições que as mais avançadas lhes deixavam, é que os japonezes conseguiram aproximar-se das posições russas, por uma forma lenta, não ha duvida, mas segura e garantida. Se marchavam de vagar e com prudencia, tambem marchavam, é certo, com segurança e com um numero limitadissimo de perdas.

Quando a primeira linha não podia avançar mais, era então reforçada pela segunda, que se acolhia nos abrigos que a primeira já tinha construido de fórma a todos ficarem rapidamente occultos das vistas e fogos inimigos. Estes reforços iam então augmentando á medida que augmentava a resistencia do inimigo. N'estas circumstancias, quando não era possivel avançar durante o dia, esperava-se pela noute para se poder occupar, guarnecer e fortificar nova posição. E d esta forma chegando a pequena distancia do inimigo com a linha avançada fortemente reforçada, se o inimigo não cedia pelo fogo, tentava-se obrigar-o a ceder pela bayoneta, o que os japonezes não precisaram fazer muitas vezes porque eram geralmente os russos que iniciavam esse movimento.

Se a primeira linha não tinha força para aguentar o assalto russo, as tropas que a constituíam retiravam-se para os flancos de maneira a deixarem a frente livre para que a terceira linha correspondesse, do fundo das suas trincheiras, ao assalto dos moscovitas com um nutrido fogo por descargas.

No caso de insuccesso a primeira linha retirava sobre a segunda, tentando ahi fazer face a qualquer contra-ataque que lhe fosse dirigido. Se a resistencia que ahi fosse tentada se tornava infructifera, retiravam novamente essas duas linhas sobre a terceira, que as apoiava com o seu fogo e as abrigava com as trincheiras que tinham concluido.

Por este processo tão trabalhoso como moroso e fatigante, bastantes vezes posto em pratica, conseguiram os japonezes as victorias que todos nós conhecemos, sem que tivessem que soffrer grandes riscos nem que contar grandes baixas nos seus effectivos.

Como se vê é uma tactica prudente em que se lança mão da fortificação, mesmo nas occasiões em que o terreno está gelado, não só para occultar o corpo das vistas adversas, mas tambem para servir de escudo contra os projecteis inimigos.

Este processo de combater já não é novo, pois que ha já longos annos que foi prescripto por um notabilissimo e bem conhecido escriptor militar allemão. Os habitos, tradições e educação, não só do exercito allemão, mas até os das demais nações da Europa, fizeram com que essas doutrinas não fossem, porém, attendidas, olhadas e consideradas como mereciam. O grande numero de officiaes japonezes que o governo do Mikado mandava annualmente praticar no exercito da primeira nação militar, estudaram todas as questões com a proficiencia que hoje estão revelando, e como não tinham apego a tradições nem tinham o espirito eivado de preconceitos, reconheceram, sem duvida, que essa era a forma mais economica, seja-nos permitida a phrase, de conduzir os seus soldados no campo da batalha, isto é, aproveitaram aquillo que os allemães tinham despresado. Este processo de avançar vem tambem descripto no *manual*, a que já nos referimos, o que quer dizer que não é processo tactico improvisado no proprio campo de batalha. Estava já estudado, meditado e regulamentado.

E d'esta forma justificada fica a vaidade que revela o tenente-coronel Kiminoura quando escreveu que estava convencido de que os seus patricios tinham exceedido os processos d'ataque empregados pelos allemães, francezes e russos.

Ahi fica, pois, á ponderação e estudo dos nossos camaradas esse exemplo, que evidenciaremos novamente quando estudarmos, em artigos subsequentes, a tactica empregada pelos russos, allemães e francezes.

DAVID RODRIGUES

Ten. d'inf.^a



A theoria da marcha

(Continuado do n.º 7 -- 1905)

Definição da marcha. Centro de gravidade

Pode-se definir a marcha dizendo que consiste em utilizar o movimento das pernas para produzir, n'uma direcção dada, uma deslocação regular do centro de gravidade.

A posição do centro de gravidade, no corpo humano, é d'uma determinação muito difficil. Não sómente para um homem em particular, o centro de gravidade desloca-se a cada mudança de attitudẽ, mas tambem para uma attitude tomada por muitos individuos, a sua posição differe d'uns para outros em virtude da conformação particular de cada um.

Theoricamente, colloca-se para um homem immovel na posição de pé, um pouco acima do meio do eixo que reúne as cabeças dos dois femuros.

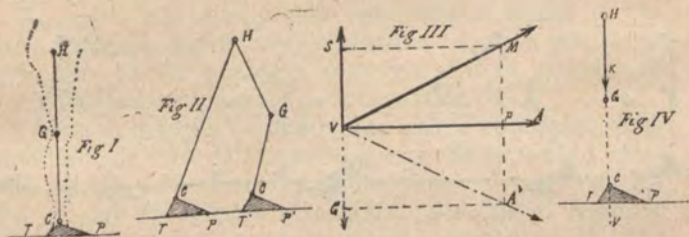
Esse assumpto, comtudo, não é de maior importancia para o nosso estudo, que não pretendemos medir exactamente os effeitos mecanicos, mas somente estudar muito em resumo a sua natureza. Considerando, portanto, para o proseguimento da nossa demonstração, o eixo das articulações coxo-femuraes como um eixo imaginario, sobre o qual repouse o corpo, nós admittiremos que toda a acção transmittida pelos orgãos da locomoção a este eixo, é, em virtude da pouca distan-

cia que os separa, transmittida por elle, sem modificações, ao centro de gravidade.

Ainda para simplificar, em virtude do pequeno comprimento do eixo, desprezaremos as suas oscillações, as quaes, de resto, são muito limitadas, o que é devido á pouca liberdade ou fracos movimentos que possuem as articulações da bacia.

Nas figuras que traçamos, pois, as pernas serão representadas como se se articulassem da mesma fôrma das d'um compasso, isto é, suporemos que o seu ponto de junção coincide com o centro de gravidade.

Estabelecida esta convenção, proseguiremos no nosso estudo, procurando as condições da deslocação do centro de gravidade causadas pela acção das pernas.



O que é necessario para que um corpo pesando V se desloque no espaço segundo uma direcção VA , horisontal ou proximamente horisontal? Bastará, evidentemente, applicar a V uma força VP , que actue na direcção VA (fig. 3); porque V estando já sob a acção da gravidade, que podemos representar por Vg , o seu movimento se produziria, não segundo VA , mas segundo a resultante VA' . Para que o movimento tenha logar segundo VA é pois necessario que uma outra força VS , egual e directamente opposta a VG , annule esta ultima.

Sabemos além d'isso que este duplo effeito pode ser produzido por uma unica força VM , de direcção e intensidades taes que tenha por componentes VS e VA .

Tal é precisamente a acção exercida pela perna na execução da marcha. Esta acção, bem entendido, não será constante e uniforme, mas sujeita a variações e alternativas que vamos estudar.

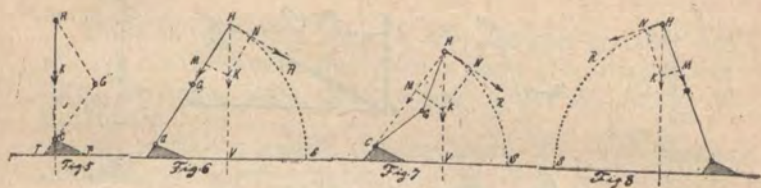
Diversos modos d'acção das pernas: attitudes, tensões, flexões

Para deslocar o centro de gravidade, as pernas actuam de duas maneiras:

1.^a modificando o seu equilibrio, pelas *attitudes* diversas que podem tomar;

2.^a transmittindo-lhe a acção da força muscular, que é ao que chamaremos *tensões* e *flexões*.

1.^a *Attitudes*. — Podem ser *verticaes* e *obliquas*, e estas ainda respectivamente *rectas* ou *inflectidas*.



Attitudes verticaes. Na posição de pé, as tres articulações *H* (femuro), *G* (joelho) e *C* (do pé) estão na mesma vertical *HV* (fig. 4) que se apoia no solo no interior da base de sustentação *TP*, havendo d'esta fórma equilibrio e immobildade.

O equilibrio existe tambem se, estando a perna inflectida segundo *HGC* (fig. 5) a contracção dos musculos se oppuzer a toda a rotação da articulação do joelho, pois que a vertical do centro de gravidade passará por *C*. Tanto n'este caso como nos que se seguirem consideraremos sempre a articulação *C* (do pé) como um eixo livre que pode executar todas as oscillações.

Attitudes obliquas. Se a perna está inclinada de forma a que o pé se encontre á retaguarda da vertical

$H V$, a gravidade $H K$ (fig. 6) pode ser considerada como a resultante de duas forças actuando segundo a direcção $H M$ (passando por C) e $H N$ (perpendicular a $H C$). A primeira d'estas componentes não tem outro effeito senão o de apoiar o pé contra o solo, emquanto que a segunda tende a imprimir ao centro de gravidade um movimento segundo o arco $H R S$, tangente a $H N$ e descripto com $H C$, como raio. Ha portanto rompimento de equilibrio e o centro de gravidade tende a deslocar-se para a frente.

No decurso do nosso estudo daremos á componente $H N$ a designação de *componente efectiva*.

O effeito seria o mesmo se a perna estivesse inclinada, em lugar de estar estendida, fosse inflectida segundo $H G C$, ficando fixa a articulação G . Tudo se realisaria como se a perna estivesse na posição $H C$.

No caso da obliquidade ser para a frente (o pé posto á frente da vertical) raciocinio identico nos mostraria um effeito analogo, mas em sentido inverso. A queda realisar-se-hia para a retaguarda.

D'esta conclusão se deduz que com a condição, bem entendido, de não deixar produzir o effeito até ao limite da queda, as attitudes obliquas para a retaguarda da vertical são favoraveis á marcha, pois que a ruptura d'equilibrio provoca uma deslocação do centro da gravidade no sentido do movimento que se tem em vista, emquanto que as attitudes obliquas para a frente provocam um movimento de recuo, sendo por consequencia, desfavoraveis.

(*Continua*)

G.





UM APPARELHO TOPOGRAPHICO

Pela *Scientific American*, vêmos que o engenheiro inglez T. Ferguson, inventou tres instrumentos a que chamou ciclographo, pedographo e hodographo, que parece serem destinados a prestar excellentes serviços na topographia e hydrographia.

Tanto o pedographo como o ciclographo teem sensivelmente a mesma construcção, servindo o primeiro para os levantamentos topographicos durante a marcha a pé e o segundo durante a marcha em bicicleta, funcionando authomaticamente tanto um como o outro.

O ciclographo, que é o que vamos descrever, consta de uma caixa chata que se prende horisontalmente ao manipulo da bicicleta.

Dentro d'esta caixa vae disposta uma folha de papel que pode ser mantido na posição que se desejar, fazendo coincidir a posição que indica um compasso unido ao aparelho, com a posição de traços de referencia que d'antemão tenham sido traçados no mesmo papel.

Em consequencia da marcha da propria bicicleta, o papel tende a deslocar-se para traz precisamente no eixo da mesma bicicleta e sobre o qual uma pequena roda, munida d'uma materia corante, traça sobre o papel o caminho seguido.

Se o ciclista muda de direcção á sua marcha, deve exercer um pequeno esforço sobre o compasso e fazer girar o papel em volta d'um ponto que existe por baixo d'aquella roda, isto é, da roda que dá o traço do caminho seguido.

Feito isto o papel continua a deslocar-se para traz e a roda vae traçando uma linha que representa a volta dada pelo ciclista.

A força motriz para que estas operações se façam é dada por meio de um excentrico collocado na roda da frente e transmittida por meio d'um arame, como se vê na fig. que juntamos.

A alavanca horisontal A oscila em volta do suporte vertical da roda B, oscilação que é limitada pelos pernos C e D.

O primeiro d'estes pernos é fixo e o perno D pode mover-se em uma escala graduada á qual está ligado.

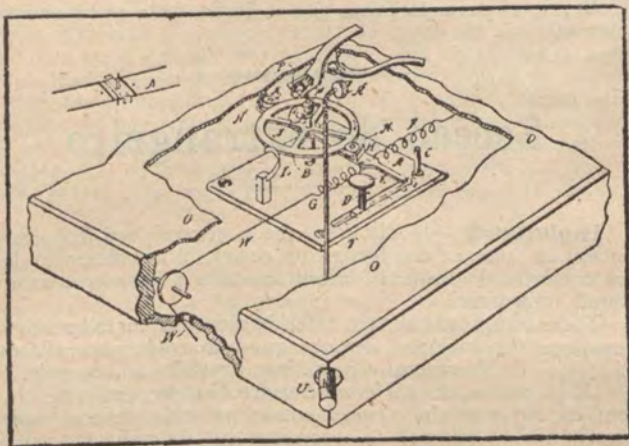
Quando o aparelho não trabalhe, a mola F, que é actuada pelo excentrico e que tem força sufficiente para manter tenso o arame W, faz com que a alavanca toque no perno C.

Quando o arame seja actuado pelo excentrico, a mola é distendida e faz com que a alavanca toque no perno D. Se houver excesso de força, é absorvida pela distensão da mola.

D'esta forma o movimento de oscillação da alavanca limita-se sempre ao espaço disponível que houver entre C e D, espaço este que é variavel em virtude da deslocação que pode ser dada a D.

Dos dois lados do ponto em volta do qual gira a alavanca, ha uma pequena placa H, que toque n'uma roda K. Quando a alavanca se desloca até D, essas placas exercem pressão sobre a roda, obrigando-a a mover-se por sua vez.

A amplitude do movimento d'esta roda pode regular-se pela posição do perno D, pois que cada revolução da roda da frente origina sempre uma volta completa do excentrico.



A roda B tem na parte superior do seu eixo um duplo filete M que faz mover a pequena roda dentada N. Os dentes d'esta roda, que passam atravez d'uma abertura da tampa da caixa, actuam sobre o papel collocado sobre esta e a roda que faz o desenho P.

Emquanto que esta roda traça a linha percorrida, a roda dentada marca no papel uns pontos que distam $0^m,001$ entre si.

Como cada oscillação da alavanca corresponde a uma volta da roda da frente da bicicleta, ou seja a um caminho percorrido de $2^m,15$ proximamente, $0^m,001$ traçado no papel representa tantas vezes $2^m,15$ quantas oscillações que são necessarias da alavanca A para fazer girar em volta de si mesma a roda B.

A roda dentada N, desloca um dente por cada meia volta, de sorte que a escala do mappa que se traça pode ser conhecida.

Para que o papel permaneça no mesmo logar e para se lhe poder dar outra posição, o aparelho foi completado com o machinismo U T A V.

Em U se vê o manipulo do mecanismo que termina na roda dentada A'; o rolo V comprime o papel contra a roda-dentada, para esta o deslocar.

O compasso empregado é d'uma construção especial, cujo detalhe se vê na figura 3, na parte superior e esquerda. O fundo e a tampa da caixa do compasso são de vidro para que o ciclista possa fazer as coincidencias dos traços de referencia com a agulha do compasso quando mudar de direcção.

O suporte que aguenta o compasso é de cobre e está solidamente ligado á caixa por meio de dois pernos, que o mantem sempre em uma posição parallela á superficie da caixa, o que junto com mais oito peças moveis e elasticas fazem com que as deslocacões da bicicleta não se transmittam á agulha.

As experiencias já feitas parece terem dado resultados satisfactorios.

Secção do estrangeiro

Inglaterra.—O discurso que o general lord Roberts pronunciou na camara dos lords com relação á insufficiencia da defesa terrestre do Imperio, causou em toda a Inglaterra uma viva e funda impressão.

Toda a imprensa se tem referido a esse discurso apontando-o como um dos maiores serviços que o honrado general tem, na sua longa e brilhante carreira militar, prestado ao seu paiz.

«Esta critica, diz a *United Service Gazette*, vindo de um homem da sua posição e com a sua experiencia, deve attrahir necessariamente a attenção e a consideração do paiz.»

«As lições da guerra sul-africana, dizia lord Roberts, teem ficado esquecidas, e eu não hesito em avançar que a nossa força armada, como corpo, é absolutamente insufficiente e não está preparada para uma guerra como não estava em 1899-1900.»

Diz o *Journal*, de Londres, que a revelação que acaba de fazer-se no parlamento é desagradavel, mas não pode senão estar-se reconhecido a lord Roberts pela coragem que manifestou procurando arrancar o paiz da lethargia em que cahiu em seguida aos successos das armas inglezas na Africa do Sul.

Lord Roberts não se limitou a apontar as deficiencias e os defeitos da organização militar ingleza, mas á sua critica junta os seus conselhos e os remedios que em sua opinlão e parecer entendia dever applicar-se a tamanho mal e a tão grande perigo.

Tudo indica que dentro em breve a Inglaterra, tão aferrada á tradição do voluntariado no exercito, ceda á evidencia dos factos e que o serviço militar obrigatorio e pessoal seja um facto n'aquelle paiz nosso alliado.

Allemanha. — Recentemente foram publicadas umas prescripções relativas á cooperação de artilheria pesada de campanha nas manobras de combate das outras armas.

São curiosas essas prescripções e mostram a importancia que na Allemanha se liga a estes exercicios, por isso as transcrevemos :

«O director da manobra deve executar uma viagem de reconhecimento ao terreno da manobra com um outro official. Se, durante o exercicio um tiro real dever ser feito, um reconhecimento especial pode ser executado com a approvação do commandante do corpo do exercito, por um official de artilheria. Durante estes reconhecimentos os commandantes de brigada podem fazer-se acompanhar por um official do seu estado maior. Para a manobra o director far-se-ha acompanhar pelo seu estado maior. Quando o commandante do corpo do exercito assista á manobra sem a dirigir pessoalmente, está auctorisado, conforme as necessidades, a levar comsigo muitos officiaes do seu estado maior. O commandante do corpo do exercito designa entre os officiaes do territorio submettido ao seu commando, até ao posto do commandante da brigada, aquelles que devem assistir como espectadores á manobra. Os officiaes generaes assim nomeados podem fazer-se acompanhar por um official do seu estado maior.»

*

Uma ordem ministerial acaba de determinar que todas as bainhas dos sabres e das espadas sejam bronzeados.

Sabe-se o que motiva esta justa determinação que deve ser imitada, é o desejo de evitar pontos brilhantes no equipamento das tropas, e que reflectindo, o sol as denuncie.

E isto é tanto mais digno de nota quanto é certo que em manobras teem sido denunciadas as tropas pelo brilho reflectido das bainhas das espadas e dos sabres.

As nossas tropas ainda usam o brinzão, não tendo ainda, infelizmente, um uniforme de campanha adquirido !

Todavia, lembramos a conveniencia de fazer desaparecer todos os pontos ou superficies luminosas do uniforme e do equipamento e armamento das tropas.

França — No dia 14 de julho o governador militar de Paris, o general Dessirier, passou revista em Longchamps ás seguintes forças :

Escola Polytechnica, Escola Central, Escola de Versailles, Escola de Saint Cyr, Guarda Republicana, 16.º batalhão de artilheria a pé, 1.º e 5.º regimento de engenharia, o batalhão de caçadores do Monte Valeriano, 26.º batalhão de caçadores, batalhões do 1.º e 4.º de zuavos, regimentos de infantaria n.ºs 24, 28, 50, 119, 101, 102, 103, 104, 46, 89, 31 e 76, os regimentos de infantaria colonial n.ºs 21 e 23, regimentos de artilheria n.ºs 11, 22, 12 e 13, trem de equipagens, esquadrão da Guarda Republicana, o 23

e o 17 de Dragões, 1.º, 2.º, 11.º e 12.º de Couraceiros e a artilheria da 1.ª Divisão de cavallaria.

*

A 2 do mez findo terminou a viagem de estado maior dirigida pelo brilhante general Hagron.

N'esta viagem tomaram parte os generaes Ondri, Laurent, d'Entraignes e d'Armagnac, commandantes dos 4.º, 8.º, 13.º e 18.º corpos do exercito.

Os estados maiores d'estes corpos do exercito eram representados por 1 coronel e 4 officiaes superiores por cada corpo.

A viagem começou em Vézélise e terminou em Lunéville, tendo gasto 8 dias em estudos.

O fim principal d'esta viagem foi fazer o reconhecimento das posições e o estudo de situações tacticas nas linhas do Moselle e do Meurthe.

O general Hagron propoz no campo a solução da seguinte operação — transportar, de um extremo ao outro da frente strategica, um corpo de exercito durante as operações de guerra.

Parece que a solução dada ao problema foi de tal modo satisfatoria, aproveitando-se as vias ferreas e as estradas ordinarias, que, ao despedir-se, o general Hagron no final da viagem, fez uma brilhante allocução agradecendo aos officiaes sob as suas ordens os esforços que tinham feito, esperando que para o futuro elles estivessem sempre promptos a repetil-os.

*

O tenente de Rouville com mais 5 praças do 10.º de dragões foi encarregado de fazer um reconhecimento entre Auch e Mirand, por occasião das manobras de guarnição. A parte notavel d'este reconhecimento está em terem os cavalleiros percorrido a distancia de 235 kilometros em 45 horas, ida e volta, incluindo n'este tempo o descanso necessario para o tratamento do gado e os altos indispensaveis para recolher as observações sobre o inimigo.

*

Quatro companhias ciclistas dos 4.º, 9.º, 18.º e 25.º batalhões de caçadores, commandados pelos capitães Guipot, Veil, Gaze e Reverchon, chegaram no dia 2 d'agosto ao campo de Chalons para constituirem um batalhão ciclista sob a direcção do major Gerard, do 147 de infantaria.

Este batalhão recebeu uma instrucção commum.

Devia partir depois para Vitry-le-François, para operar sob as ordens do general Hagron, commandante de exercito nas manobras de Este.



8.º ANNO

OUTUBRO DE 1905

N.º 10

REVISTA DE INFANTERIA

A arma de infantaria

As suas pretensões

VI

Se se realizar o que é anunciado como boato verdadeiro, o que já deve ser conhecido quando este numero da *Revista* fôr publicado, temos enfim vencida a demanda, o que é caso para dar parabens aos nossos camaradas, porque vêem attendida alguma coisa mais do que aspiração, vêem attendida uma necessidade.

Quando ha cerca de tres annos começámos a escrever sobre este assumpto e quando nos vimos sós em campo e a braços com o indifferentismo e descrença que campeiam d'uma fórma condemnavel e com outras difficuldades a que nunca nos referimos, mas que fomos arredando e vencendo conforme podemos, não acreditavamos que a causa que defendiamos fosse resolvida tão depressa.

Factores houve, é conveniente dizer para honra de todos, que bem em evidencia puzeram as intenções dos illustres jurados — os nossos camaradas — e que sem duvida muito influiram no animo de quem teve de sentenciar. Foi então que a nossa modesta campanha se

começou a tornar proficua e foi d'então para cá que começámos a vêr probabilidades da causa ser attendida conforme tinha sido posta.

Honra seja feita a todos e honra seja feita ao sr. ministro da guerra, que sentenciando proximamente no sentido por nós advogado, praticou um acto de justiça e conseguiu ligar o seu nome a uma medida de alto valor que jámais esquecerá.

Temos dito que a *Revista de Infanteria* não faz politica nem trata de questões pessoases. Dissémos já que assim como elogiou o sr. conselheiro Pimentel Pinto, por ter creado a Direcção Geral de Infanteria, por ter comprado 100:000 espingardas e 72 metralhadoras para os batalhões de caçadores e por ter encarregado o estudo de tudo isso unica e exclusivamente a officiaes da nossa arma, da mesma fôrma elogiariamos o sr. conselheiro Sebastião Telles se Sua Ex.^a resolvesse a questão dos soldos e augmentasse os quadros da nossa arma.

Apesar de termos aggravos de Sua Ex.^a, pois que começou os primeiros actos da sua gerencia por cortar as assignaturas do ministerio da guerra e por nos impedir a tiragem na Imprensa Nacional das ordens do exercito a pretexto de falsas medidas de economia, e tudo isto feito sem que da nossa parte tivesse havido o mais insignificante pretexto que justificasse tal perseguição, saberemos esquecer tudo, como é proprio das almas nobres e das tradições da propria *Revista*, que nunca discutiu questões de dinheiro com quem quer que seja, e diremos francamente que Sua Ex.^a praticou um acto que merece os nossos mais rasgados applausos. E se procedemos d'esta fôrma não se julgue que o fazemos com a mira de qualquer recompensa. O nosso applauso tem, de mais a mais, esse merecimento, pois que é apenas filho do espirito de justiça, que nos leva a esquecer os aggravos passados e a reconhecer como bom aquillo que como tal deve ser considerado.

D'esta fôrma fica mais uma vez provado que a *Revista de Infanteria* não faz politica. Tem no seu pro-

gramma a obrigação de pugnar pelos interesses da classe e implicitamente tem o dever de ser grata aos homens que correspondem ás aspirações da nossa arma, porque se é a *Revista de Infanteria*, embora modestamente, que a representa, é a ella que lhe assiste o direito de mostrar a sua gratidão para com aquelles que ouvem e attendem as nossas pretensões. Não proceder d'esta fórma seria faltar a um dever.

Mas feita a affirmação cathégorica de que o sr. conselheiro Sebastião Telles é digno dos nossos calorosos applausos pela medida projectada, seja-nos licito fazer a sua analyse, não para a depreciar, que nada tem que depreciar, mas para indicar as correções que a nosso vêr é necessario introduzir-lhe para de futuro.

Nós indicámos uma tabella pela qual se podia vêr que de posto para posto havia um augmento de 15,000 réis mensaes. Era uma fórma equitativa que não deixava de ter o seu lado sympathico. Com a tabella proposta não se dá isso, pois que são deseguaes os augmentos de vencimento.

Alem d'isso nós entendíamos, e entendemos ainda, que os coroneis e alferes deviam tambem ter um augmento qualquer, 5,000 réis que fosse. Os coroneis precisam um augmento porque são os que teem maior representação e os alferes porque, com os vencimentos que percebem, difficilmente podem viver com a decencia requerida. Para estes ha até uma razão de ordem moral que se nos afigura ser muito attendivel. O jovem alferes, que ao deixar os bancos da escola, entra no regimento com o coração cheio de illusões que lhe despertam verdadeiro amor pela carreira que abraça, se, logo nos primeiros dias, se lhe deparar pela frente o monstro da miseria que o obrigue a viver por hoteis menos decentes ou a estender a mão supplicante ás pessoas de familia que o estimem, soffrerá uma tremenda decepção que fará desaparecer todo esse sentimento caricioso que o tinha attrahido para a carreira das armas, tornando-o um arrependido, um descrente, um vencido e quasi um inutil, porque na vida militar só é grande e valioso tudo aquillo que é feito de coração e

alma. Onde ha desillusões que humilham não pôde haver estimulos que nobilitem e quando em novo se perdem as aspirações generosas difficilmente se readquirem na velhice, atravez do correr dos annos.

Pedimos, pois, para esses, que por nós nunca foram esquecidos, tambem um augmento de 5.000 réis que seja. E é tanto para lamentar que não se tivesse feito quanto é certo que o paiz inteiro achou justo e merecido o augmento de vencimentos aos officiaes do exercito e quanto é certo tambem que no seio da commissão de fazenda e dentro do proprio parlamento appareceu quem achasse que esse augmento projectado ainda não era bastante, porque não correspondia ás exigencias da vida moderna. Pena foi que não se tivesse feito e tanto que o paiz ficará agora convencido que todos os officiaes tiveram melhoria nos seus vencimentos. Pena foi que a verdade dos factos não tivesse correspondido á boa disposição geral e á arreigada convicção com que agora todos ficam. E pena foi que se não fizesse porque o augmento que causava não era tão grande que não coubesse dentro dos recursos orçamentaes.

Ha um outro assumpto que precisamos tratar e que a medida projectada não versou. Temos dito por mais d'uma vez que é necessario tratar da situação do official arregimentado. E' fóra de duvida que a situação mais ardua que o official pode occupar é a de arregimentado. Justo é, portanto, dar-lhe uma compensação. A lei projectada nada diz a esse respeito e a nós affigura-se-nos isso uma falta. Não querendo compensal'os com uma *gratificação especial*, justo seria evitar-lhe, pelo menos, a contribuição de renda de casas, porque sendo o Estado obrigado a fornecer-lhe alojamento, evite-se aquelle encargo aos que nem sequer podem usufruir uma regalia a que teem direito.

Justo seria tambem, desde que se augmentam os vencimentos, regular com uma proposta de lei annexa os descontos para monte-pio, compensação para a reforma, imposto de rendimento, que já não devia existir, e mais addicionaes, cuja existencia tambem mal se comprehende. Tudo isto constituem pois assumptos

que é necessario regular e attender para não absorverem em futuro mais ou menos proximo os beneficios que agora são dados.

E' portanto conveniente não repousar tranquillamente a cabeça sobre o travesseiro d'esse augmento. E nós se dizemos isto, não é, como já declarámos, para desmerecer do valor da medida projectada, que tem o nosso caloroso applauso, mas para chamar a attenção para as consequencias que d'ahi podem advir para de futuro. Mais vale prevenir do que remediar, diz o aphorismo popular, e por isso é que nós dizemos que não querendo vêr depois o valor d'esse augmento neutralizado, se cuide a tempo de todas essas medidas que lhe devem ser complementares e inherentes.

Muito sentimos, agora, não podermos commungar nas mesmas ideias com relação ao augmento de quadros. Temos procurado demonstrar em artigos anteriores que era extremamente necessario e justo regular a questão dos quadros, não esquecendo a necessidade que ha em dar o commando dos districtos de recrutamento e reserva unicamente a coroneis e as funcções de ajudante de regimento a capitães. Não repetiremos mais as razões que veem em nosso auxilio para não nos tornarmos fastidiosos. O que agora diremos simplesmente é que quando ouvimos dizer que iam ser augmentados os quadros de artilheria e cavallaria alimentámos a esperança de que alguma coisa se fizesse em beneficio da nossa arma, do serviço e até da disciplina, porque aquellas duas medidas indicadas são geralmente reclamadas por motivos de ordem disciplinar.

A nossa desillusão, porem, foi completa e tão grande que em lugar de vêr qualquer tentativa empregada n'esse sentido, vemos que vae ser promulgada nova reorganisação do exercito que alem de deslocar muitos dos nossos camaradas, reduz as unidades da nossa arma e tira a probabilidade de alargamento de quadros que dava a reorganisação em vigor. Não podemos, pois, comprehender a razão porque se dá ás outras armas e se tira á infantaria com a redução das uni-

dades. Nós não comprehendemos, repetimos, o valor d'essas medidas, cuja analyse, porem, depois procuraremos fazer.

Hoje, que não temos mais espaço, limitaremos por aqui a nossa tarefa.



ORGANISAÇÃO MILITAR COLONIAL

No nosso artigo anterior demonstrámos, ao que nos parece, qual a verdadeira situação dos officiaes que vêm servir no ultramar nos termos do decreto de 14 de novembro de 1901. Não sendo boa para todos, a dos alferes está ainda sobrecarregada com um periodo longo de mais e aggravada pela circumstancia de perceberem um vencimento muito pequeno.

Vamos, posto isto, continuar as nossas considerações sobre outros pontos da organização militar colonial ultramarina, mas antes d'isso temos de fazer uma referencia ao facto das officiaes serem ou não presentes a uma junta de saude antes de partirem do reino. Nós somos contrários á ideia da junta.

A junta é a desistencia. Quem se não encontra com forças para vir servir no ultramar, desiste. Todos nós sabemos como as cousas se passam e por isso estamos certos que uma boa percentagem se escaparia na rede do favoritismo. Só por isto não acceitamos a junta; e cremos ser o bastante; aliaz seríamos os primeiros a pedil-a, porque, sem dūvida, ha quem se sacrifique. Mas como tambem sabemos que muitos accei-

tam o promoção para o ultramar, não para ganhar, mas para não perder, cremos que, quem n'um anno não pôde vir por quaesquer circumstancias, vindo no immediato pode ainda encontrar o seu logar e até subir alguns furos, na respectiva escala.

Claro que comprehendemos a ideia de que, quem é julgado incapaz pela junta, não soffra qualquer prejuizo; porque soffrendo-o, melhor será não ser submettido a tal inspecção para não dar essa prova de insufficiencia physica, que nunca nos beneficia.

*

As praças de pret foram regularmente attendidos, por isso muito pouco ha a referir, em nossa opinião. Devemos notar que os 2.^{os} sargentos que para cá mandam são, a maioria, maus cabos com tres divisas. Não sabem escrever, não teem illustração nem educação militar, sendo certo que taes quesitos são cá muito mais indispensaveis, visto que o sargento substitue o official em muitas situações, e não está habilitado para isso. Acrescendo ainda que cá não ha escolas, e ainda que as houvesse de pouco serviriam, porque metade dos sargentos estão nos postos e commandos militares.

E' certo que na metropole tambem ha difficuldade em obter rasoaveis sargentos, mas este mal deriva de causas varias, impondo a solução de um problema, cujo alvitre que vamos apresentar talvez ajude a resolver.

Sabemos que existem muitos offerecimentos de 2.^{os} sargentos que desejam vir para o ultramar com posto, de accesso. Pois lance-se mão d'esses offerecimentos de preferencia, pois só assim se terão cá rasoaveis sargentos, porque tambem se poderá exigir mais alguma cousa aos cabos que se offerecem para vir como sargentos, aos quaes se exige muito pouco na convicção errada de que para a Africa tudo serve.

D'este processo resultaria um salutar estimulo para os sargentos que vêm as suas aspirações reduzidas pelas difficuldades de toda a especie que ha na metropole em, obter a divisa de 1.^o sargento, origem, a nosso ver

d'um grande mal estar que muito deve contribuir para que se não tenham bons sargentos, porque estes abandonam a carreira das armas logo que no civil encontram collocação que melhor lhes convenha. Quando se começassem a ver rapazes novos feitos 1.^{os} sargentos cheios de aspirações, vivendo na esperança de chegarem a ter futuro far-se-hiam bons sargentos. Então nós veríamos rapazes procurar carreira na vida militar, o que hoje se não nota, pois só por acaso algum vae ficando dos que o sorteio, ou as difficuldades de vida, trouxeram a assentar praça.

Nas companhias que tivessem mais de um 1.^o sargento, o mais antigo responderia pela companhia, indo os restantes para os commandos militares, aonde o immediato ao commandante precisa ser individuo habilitado a substituil-o em occasiões imprevistas, como por cá ha muitas infelizmente.

Não foi o decreto muito prodigo para os sargentos pelo que respeita a vencimentos, mas este mal encontra-se rasoavelmente attenuado com o auxilio para rancho e pão, que se lhe abona, attingindo as duas verbas, em Moçambique, 550 reis. Não sabemos, porém porque motivo em Angola se lhes abona apenas pouco mais de metade. Deve ter havido lapso, visto que Angola não é, precisamente, Loanda ou Mossamedes.

E' tambem necessario que o auxilio para rancho dos sargentos que permanecem nos commandos seja maior, o que não acontece. Não ha duvida que a despeza com a alimentação está na razão inversa do numero dos commensaes e nas companhias deve haver sempre mais de um sargento.

Este beneficio deve tambem ser applicado aos cabos europeus, devendo a estes dar-se tambem a gratificação de serviço no ultramar igual á dos sargentos.

Uma cousa que não comprehendemos, nem nos parece que facilmente nos seja explicada, é o facto de ás praças de pret, em Moçambique, se não abonarem os respectivos subsidios e gratificação de marcha. Revelando um dia a nossa estranheza, disseram-nos que o orçamento não consignava taes gratificações, ou qualquer

cousa parecida com isto. Mas não nos convencemos, pois é da legislação militar de todos os tempos que taes abonos se façam, e se os orçamentos não conteem a respectiva verba é porque não estão bem feitos, e os prejudicados teem direito a serem indemnizados.

Dá-nos isto ideia que a nossa administração militar nas colonias precisa ser remodelada convenientemente, porque o não está.

Porque será que ao soldado indigna d'Angola se paga melhor que ao de Moçambique?

Referiamo-nos ao auxilio para rancho e ao pão, que no fim de contas, fazem parte do vencimento, embora se lhes chame isto ou aquillo.

Conhecemos alguma cousa as condições economicas do indigena de Angola, e do de Moçambique, e, com franqueza, se vissemos dar-se o contrario, isto é, se ao de Moçambique se desse mais alguma cousa, não nos admirariamos.

Tratando de vencimentos occorre-nos referir um caso que muito agradecidos ficaríamos a quem nol-o explicasse. E' antiquissima a disposição que determina que em campanha se abone uma ração de etape. Não era pois necessario que o artigo 28.^o do decreto de 14 de novembro de 1901 o determinasse, embora ambigualmente, é bom acrescentar.

Estivemos n'essa situação e se o serviço de administração militar corria bem ou mal, não importa investigar agora. A alimentação diaria era fornecida pelo deposito de viveres da columna, contando todos que no fim se pagaria qualquer differença, isto é, o que se sacasse a mais alem da ração de etape. Quando estudamos administração militar ensinaram-nos que a referida ração se compunha de tantos grammas d'isto, e tantos d'aquillo, etc., e foi n'esta conformidade que baseamos os calculos. Ficamos, pois, muito surprehendidos quando, no fim, nos pagaram a etape á razão de 200 réis diarios, e ás praças a 150 réis. Pedíamos que nos explicassem a razão de tão extraordinario abono, mas a verdade é que ninguem nol-o explicou, nem mesmo quem tinha por obrigação fazel-o.

Ao mesmo tempo realisaram-se tambem operações em outros pontos de Angola e Moçambique, e, ao que nos constou, a mais ninguem se pagou etape por aquelle preço.

Temos ouvido ventilarem-se opiniões sobre se em campanha ha direito aos respectivos subsidios de marcha e residencia, afirmando alguns que tal abono não deve ter lugar, pois que é substituido pela ração de etape. Nós discordamos, e comnosco está a maioria. A ração de etape é um abono extraordinario correspondente a um trabalho tambem extraordinario e espinhoso. Não deve, pois, affectar o abono de subsidio, o qual deve ser abonado em taes circumstancias.

Ao serviço de saude não se ligou a devida importancia, sendo certo que elle devia constituir o primeiro objectivo de quem se propoz organizar o exercito ultramarino. Diz algures o relatorio que precede o decreto de 14 de novembro de 1901: — «O serviço de saude é melhorado, havendo o pessoal medico preciso para as novas unidades e distribuido por forma que aos officiaes e praças europeias nunca falte, em qualquer ponto aonde sirvam os soccorros da medicina» — Convidamos o leitor a ver o capitulo XII da organização militar do ultramar, O E. n.º 17 (1.ª serie) de 1901, e encontrará que nem só se não attendeu ás variadas situações em que é necessario o serviço de saude, como encontrará uma flagrante contradicção entre as palavras do relatorio e as disposições do referido capitulo, pois não temos a menor duvida em affirmar que dois terços dos europeus em serviço nas colonias não teem assistencia medica.

Quem escreve estas linhas ha quasi dois annos que não vê tal entidade, e como nós muitos camaradas.

Para melhorar um serviço não basta apenas augmentar o numero de individuos que collaboram n'elle, admittindo que o augmento de facultativos se tinha feito em proporção rasoavel, o que não aconteceu. Em mui-

tos districtos ha apenas um medico, o que de forma alguma pode satisfazer. Claro que não exigimos que se colloque um medico junto de cada europeu; mas que elles sejam distribuidos por determinadas circumscripções em numero rasoavel de modo a poderem inspecionar, com tal ou qual regularidade, a sua area.

Na Europa, aonde o numero de medicos chega a ser demasiado, cada regimento tem dois facultativos, e, alem d'isso, em cada quadrimestre o inspector ou sub-inspector de saude da divisão percorre a area a seu cargo, visitando todos os quartéis e estabelecimentos militares, concede licenças a quem d'ellas necessita, e faz outras propostas a bem de hygiene e salubridade. Em Africa, aonde as condições climatericas são o que se sabe, não se pensou em taes visitas, aliaz muito mais necessarias.

De modo que ha europeus que pamanecem annos pelos postos e commandos militares, arruinando-se lentamente, quando, se fossem visitados pelo menos, alguns embargos se poriam á acção destruidora do clima.

O decreto de 14 de novembro de 1901 que falla dos quadros de todas as unidades, e até dos batalhões disciplinares de cuja organização se não importou aliaz, deixa completamente esquecidas as companhias de saude tão necessarias como quaesquer outras, limitando-se a dizer vagamente que os seus quadros seriam proporcionalmente augmentados, como quem trata de cousa muito secundaria. A nós parece-nos que se deve attender muito seriamente á organização de taes companhias, e pensar n'um bom serviço de enfermagem, de forma que todos os postos e commandos militares tenham um enfermeiro, que deve ser um individuo que saiba bem cuidar de um penso, de uma fractura, deitar um caustico, coser uma sutura, e dar um golpe, e que, finalmente, tenha alguns conhecimentos de medicina tropical. Ha commandos militares tão distantes dos centros das provincias que, quem adoecer, se não tem a felicidade de se curar com o que ha nas elementarissimas ambulancias militares, succumbe fatalmente.

Os enfermeiros deverão ter a gradação de sargen-

tos, com a classificação de 1.^a ou 2.^a classe, correspondente a 1.^o ou 2.^o sargentos, sendo a promoção a 1.^o sargento ou a 1.^a classe, adquirida por bons serviços como tal considerados pelos facultativos sob cujas ordens servirem, que os proporão para tal recompensa.

Os logares de enfermeiros de 1.^a classe devem ter tantos quantos os necessarios para estabelecer uma justa compensação, e para que haja estímulo no desempenho de tão importante serviço.

Ficaremos hoje por aqui.

Africa, junho 1905.

F. S.

Instrucção dos officiaes

Correntemente se affirma, com uma auctoridade que não admite contestação, ser o regimento a necessaria, unica e verdadeira *escola pratica* do official, pois é ahi que elle tem a exercer a sua espinhosa missão, instruindo e educando, applicando e desenvolvendo os seus conhecimentos, familiarisando-se com o commando e direcção das tropas, etc., etc.

Acertado nos parece que assim deve ser effectivamente, pois é ao regimento que o official se destina. E' ahi que tem de applicar toda a sua actividade e faculdades de trabalho, estudando e aprendendo sempre no continuo evolucionar da sciencia da guerra, seguindo de perto os progressos e aperfeiçoamentos constantes d'esta, se é que a missão do official é alguma coisa mais — como o exigem a natureza e fins da instituição militar — do que o simples e mesquinho encargo de escripturação de mappas e registos com a esgrima esteril e inutil de sommas e diminuições.

Vasta e complicada dia a dia como vae sendo a sciencia da guerra, estendendo-se aos variados ramos do saber humano, com quem mantem affinidades e, por

vezes, estreitas relações, é de vêr que o official, comprehendida e bem definida a natureza da sua missão, necessita, para cabalmente se desempenhar d'ella, de uma pratica continuada e permanente das diversas especialidades que essa sciencia lhe exige e de que lhe foi, apenas, preparatorio e *fundamento* geral o estudo realisado nas escolas militares, quaesquer que estas sejam.

Quer isto dizer que, por excellente que se possa julgar o cabedal de conhecimento ahi adquirido, de forma alguma nos podemos contentar com isso; revestindo o curso obtido (qualquer que elle seja, ainda) do character de um vulgar concurso que nos deu ingresso em uma carreira puramente burocratica, encaminhando-nos, depois, para o mechanismo isochrono dos processos de administração e expediente, assim como quem applica o regimen das collectas ou uma longa pauta alfandegaria, cultivando o engenho proprio com argucias de circulares e arrebiques miudos de legislação cahotica.

Sobrelevando as exigencias administrativas dos corpos de tropas estão os cuidados da instrucção d'estas; e mal seria que o contrario acontecesse, pois desvirtuado ficaria, por essa forma, o fim unico para que ellas foram constituídas.

Ora é para essa instrucção que deve convergir todo o esforço e dedicação do official e é para satisfazer ás suas variaveis e continuas exigencias que ao official se pede estudo e applicação constantes, que lhe não consentem deter-se sobre o que um dia poudes julgar cabedal bastante de conhecimento na arte da guerra.

Esta, dia a dia, lhe vae trazendo innovações e processos differentes de que é mister elle tomar conhecimento, *estudando-os e applicando os*, para o que se requerem os meios necessarios e convenientes. No regimento, onde elle exerce a sua missão, os deve encontrar em grande parte, pelo menos, para que ella resulte fructifera, conforme se pretende.

O regimento *deve* constituir, pois, uma escola pratica onde o official encontre sempre o campo necessario para ir acompanhando, a par e passo, os successivos

aperfeiçoamentos da arte militar por meio de uma instrução mantida no grau mais elevado e perfeito.

Encaminhado para ahi é que está o character do seu papel e a natureza da sua missão.

Aprecial-os por prisma differente é enveredarmos por caminho tortuoso, que de forma alguma nos poderá conduzir a um fim desejavel.

*

Posto isto, poderemos nós considerar o nosso regimento como escola pratica do official ?

Encontrará elle ahi os meios necessarios e indispensaveis para, cabalmente, se desempenhar da sua missão, familiarisando-se com os novos e sucessivos progressos da sciencia militar, acompanhando-os dia a dia ?

Crêmos que ninguem o poderá affirmar com inteira convicção.

Exército que padece de falta dos recursos mais essenciaes á sua existencia como organismo efficaz, assente no nosso corpo social como um órgão estranho e proprio que se não acha identificado e intimamente ligado com elle, lançados os seus alicerces sobre bases pouco estaveis que não lhe permitem mais que um funcionamento incompleto, de extranhar é que a sua cupula se possa considerar de um acabamento perfeito.

Recrutamento de inferior cultura (pedregulho que o crivo da isenção e da excepção conseguiu reter), deficiencia de effectivos, aggregada a uma redução do tempo de serviço, e aggravada, por de mais, com uma organização improficua dos quadros inferiores, são os *meios* unicos que a escola pratica do regimento offerece ao official para conceber e realisar a sua missão, accrescendo ainda, para mais perfeito complemento, complicados processos de administração que absorvem todas as energias e demandam todas as atenções e cuidados.

Não é de extranhar, pois, que a instrução do official se acha invertida para segundo plano, por reconhecida carencia de meios para que possa ser desenvol-

vida e cuidada como era devido e, ainda tambem, porque os indicados processos de administração archaica se lhe antepõem exigentemente.

Desviadas as coisas para tal rumo, necessario é que as energias se concentrem nas finas concepções do *abona-se* e do *abate-se* e no calculo especioso do *deficit* do rancho, junctamente com o estudo aprofundado das *alterações* da relação de vencimento. Concentram-se ahi as nossas applicações, d'ahi surgem os talentos sublimados e por ahi haveremos que aquilatar o merito do official á mingua de outras provas que mais valiosamente nol-o podessem determinar.

Certo é que os regulamentos de instrucção existem completissimos e vestidos com os modernos preceitos da arte, mas certo é, tambem, que a defficiencia de effectivos lhes não consente mais que um começo de execução, de resultado pouco valioso, mesmo assim, pela *compensadora* defficiencia dos quadros e reduzido tempo de serviço.

Levantamentos topographicos, problemas sobre a carta, theorias para officiaes, acham-se tambem nos sobreditos regulamentos e executam-se, realmente, mas, em nossa opinião, nos parece que as *exigencias do serviço* não permitem tirar-se d'elles um aproveitamento digno de menção, pois lhes concede estricto tempo para a sua execução ou para a sua apreciação e critica.

Das theorias de officiaes crêmos que excellentes resultados se poderiam colher se acaso o serviço de administração regimental lhes não deixasse continuos intervallos para a sua realisação, consentindo que n'ellas se tratassem, de melhor forma, assumptos de maior interesse para a instrucção do official.

Acharíamos preferivel que taes theorias se convertessem em pequenas conferencias entre os officiaes, discutindo-se n'ellas varios pontos importantes do tiro, que tanto interessam á infantaria e que nos parece ser pouco cuidado, a sua applicação ao terreno, a sua influencia sobre as diversas formações, questões de tactica e fortificação, substituindo-se a theoria de perguntas e respostas sobre ordenança, que nós julgamos dever ser co-

nhecida por todo o official, empregando-se o tempo em questões de maior importancia e mais em harmonia com a cultura que o official deve possuir.

Estudando cada qual um assumpto que escolhesse ou lhe fosse distribuido, para o expôr depois em conferencia de officiaes, ahi ser discutido e apreciado por estes, crêmos que um sentimento de amor proprio levaria o conferente a estudar a questão sufficientemente, pela apreciação a que sabia ser submettida.

Tornava-se, por esta forma, uma tal instrução mais attrahente e, sobretudo, mais util.

As imperiosas necessidades do serviço obstem, em geral, a que isto se possa fazer e o que com as theorias de officiaes succede da mesma forma com as theorias de sargentos, de pouco ou nullo resultado temos visto colher-se.

A tudo o mais se subordina a instrução, dando-nos aspecto erroneo de ser ella um ponto secundario nos corpos do nosso exercito, reduzido quasi que por completo, a mezas e secretarias burocraticas, onde inspira e domina o registo dos mappas, relações, registos e mais papeis com que anda entravado o systema da nossa administração.

Esta impressão que colhemos em poucos annos de pratica de vida regimental a teem colhido, de certo, todos aquelles que, como nós, teem dado entrada no que se requer e exige que seja a escola pratica do official.

Perante o que ella hoje é, mercê dos defeitos e lacunas apontadas e outras variadas razões ainda, desfallecem a breve trecho as melhores illusões e as vontades mais decididas para se cahir acto continuo na engrenagem ronqueira da prevenção e da inspecção a alternar, de quando em quando, com a laboriosa commissão de espolio ou inutilisação de artigos.

Sem estímulo, pois, ao trabalho de valia, perdidias, antes, as suas energias no exgotante embroglio de papeis, desafeito a cultivar a iniciativa tão recommendada para a excellencia das suas qualidades militares, mas que lhe é, de facto, retirada nas coisas de minima importancia, aggravada cada vez mais a sua situação economica á

medida que se lhe vae exigindo continuamente maiores sacrificios de representação, não é de extranhar que logo nos primeiros postos o official se entregue a estudos previdentes de almanack e calculos futuros de equiparação para a reforma, quando não vae a meio extranho exercer a sua actividade, buscando recursos que minguam no serviço dos corpos.

Compulsando algumas revistas militares estrangeiras por varias vezes se nos tem ahi mostrado um contraste frisante com o que por nossa casa succede, vendo officiaes das mais elevadas patentes publicando estudos de differentes especialidades, mesmo ainda quando já tem deixado o serviço activo das tropas. Denuncia-nos este simples facto o quanto estamos em atrazo com respeito a instrucção.

Entre nós conta-se dia a dia o tempo para a reforma, seguindo attentamente o movimento dos que sahem e dos que entram, a rapidez ou atrazo das promoções e tudo quanto nos possa conduzir, o mais depressa possível, ao limite desejado.

Já acima dissémos que outra coisa se não pode esperar da situação em que nos encontramos, sem compensações necessarias que nos incitem ao trabalho e sem os meios indispensaveis para que a elles nos posamos dedicar com proveito.

Longe, pois, de increpações o que desejaríamos era que se olhasse com attenção para um tal estado de coisas, tentando melhora-lo quanto possível e tornando-o, por ventura, perfeito, visto se estar tão longe d'isso.

Um breve parenthesis se abriu este anno na desejada instrucção do official com a realisação de exercicios de quadros no Alemtejo e que para desejar é se possa continuar todos os annos.

Não havendo assistido a esses exercicios, nem possuindo elemento e competencia com que possamos apreciá-los, apenas queremos exprimir aqui que a critica dos exercicios foi, por vezes, confirmação plena das considerações que acima temos exposto.

Houve lacunas e defficiencias grandes que a critica

illustrada da direcção do exercicio não deixou de fazer salientar.

As recompensas concedidas depois, em louvor, aos que mais se distinguiram e que pela sua parcimonia (fóra dos nossos habitos) nos vem representar a expressão da justiça, não nos parece que venham ainda de encontro á nossa exposição, pois basta saber-se que apenas um subalterno d'infanteria conseguiu obter louvor. Nós bem sabemos que o louvor terá sido concedido aos trabalhos melhores, não deixando por isso de ter havido trabalhos bons, mas certo é que a critica não deixou larga margem a estes. Natural era, porém, que tal succedesse desde o momento em que a instrucção preparatoria do official nos corpos é o que é.

Por mais amargo que nos seja reconhecê-lo não temos senão que fazê-lo.

Remedio para se prover a um tal estado de coisas não se encontraria, de certo, de um momento para outro, nem o curativo necessario se poderá realisar de prompto, especialmente quando nós continuarmos desviando os olhos d'estas *minúsculas* coisas para os volvermos para questões mesquinhas e improficuas ou, então, para planos mirabolantes e espectaculosos.

E, pois, que um momento de bonhomia nos quiz fazer com que, uma vez mais, clamássemos no deserto, não nos resta agora outra coisa senão volvermos paciente-mente ás graves e sisudas locubrações da relação dos artigos de vestuario e calçado e da livrança das rações de pão.

FERNANDO A. BORGES JUNIOR.

Alferes inf. 11





OS CABOS

Verdades velhas

O nosso regulamento torna os cabos os primeiros responsaveis pela educação militar do soldado, incumbindo-os alem d'isso da vigilancia e da direcção das praças recentemente alistadas, devendo sobretudo têr um exacto conhecimento das qualidades dos soldados e dos artigos a elles distribuidos, de modo que possam informar com segurança os superiores (Vidé R. S. I. Corpos — Art. 44.^o).

Esta missão, á primeira vista de somenos valor, assume para nós, e decerto para todos os nossos camaradas, uma desusada importancia, de modo a tornal-a, a essa missão, ao mesmo tempo ardua e obscura e a exigir do cabo que seja o *guia* do soldado, o seu *modelo*, o seu primeiro conselheiro.

Em vista d'isto tem elle de reunir em si um certo numero de qualidades, que o actual systema de recrutamento d'essa classe lhe não dá e de que tanto elle precisa: a influencia, o respeito alliado á camaradagem, uma seriedade grande, um certo numero de conhecimentos e uma antiguidade de praça superior á da maioria ou totalidade das praças da companhia.

E' isto que nós consideramos ser um bom cabo e como tal um auxiliar valioso dos officiaes e dos sargentos, um elemento de disciplina na caserna, um individuo de confiança.

A falta de cabos vae-se tornando sensivel nos regimentos e os poderes superiores, instados sobre o re-

medio a dar a um tal mal, tem procurado medidas tendentes a remedial-o. E assim tem-se facilitado immenso a promoção a cabo pela redução do tempo de serviço necessario para tal fim e não e nunca por outro qualquer meio. Resultado d'isto: se algumas vezes, poucas, tem apparecido alguma concorrência, a *qualidade* é má, não entrando mesmo em linha de conta com um certo numero de irresponsaveis a quem, por desgraça sua, se poz umas divisas.

E quantos e quantos nós sabemos, que fogem de ser cabos. Porquê? Porque realmente para um individuo, que não deseja de modo algum seguir a vida militar, de que lhes servem essas divisas, que representam uma diminuição de regalias (perdas de licença, etc.) e um augmento de responsabilidades?!

Alem d'isso a medida de se exigir um tempo de serviço limitadissimo para a promoção a cabo pecca pela base. E nós diremos porquê.

Na nossa fraca opinião, com o actual systema de recrutamento d'essa classe, nunca poderá haver *cabos*, tendo as qualidades que atraz apontámos, porque o soldado nunca poderá vêr no individuo — que sentou praça com elle, que juntamente com elle aprendeu recrutar, que juntamente com elle foi dado prompto e que, passados poucos, dias foi promovido a seu superior, o que tenha de ser o primeiro a dirigil-o, a aconselhá-lo, a fiscalisar os seus actos, a reprehendel-o. Não o toma a serio, ha-de ser sempre o seu *amigo de tu*.

Esta é a verdade, que, estamos certos, ninguem ousará contestar!

De modo que, ou temos o cabo cheio de direitos e vasio de deveres (que é occasionado pela sua pouca idade e pela pequena instrucção militar) a fazer-se respeitar e a ser portanto pela mais pequena cousa uma origem de indisciplina de caserna, ou então o *cabo*, acamaradando com o soldado, peor do que este, creança como este e portanto não já á fonte de indisciplina só, mas o primeiro desrespeitador d'esta ou por fraqueza, ou por falta de prestigio, ou por vontade propria.

E aqui temos o que o actual recrutamento de cabos

tem dado. Alguns ha realmente que saem fóra d'esta regra geral, mas são tão poucos que não passam de simples excepções...

E' preciso pois, o que atraz já dissemos, que o cabo tenha maior antiguidade de praça que os restantes soldados da companhia.

Estamos certos de que ninguem quererá tirar das nossas palavras o corollario de que sonhemos a resurreição do *velho cabo*, que chrystalisou no regimento e no qual bastantes vezes o conjuncto de boas qualidades não suffocava as más. Nem tanto ao mar, nem tanto á terra: nem o *velho cabo* nem o *cabo recruta*. No meio termo está a verdade.

Parece-nos a nós que antes de dois annos de serviço effectivo no corpo nenhum soldado deveria ser promovido a cabo. Este tempo já lhe daria a pratica de serviço sufficiente e mesmo durante este periodo haveria occasião bastante para se conhecerem as suas qualidades. Menos tempo não! Cabos com tres ou quatro mezes de pratica não pódem offerecer garantias serias para uma disciplina solida.

O remedio pois, não está na diminuição do tempo de serviço a exigir; está n'outra verdade, que passamos a expôr:

«Em tornar a cabo uma especie de profissional, demoral-o na fileira, augmentando-lhe para isso os vencimentos sensivelmente e em se lhes garantir um futuro na vida militar ou na vida civil, subordinado ou não ao Estado».

O remedio é mais dispendioso, sem duvida, mas, segundo nos occorre, é o unico que vemos para que se possa ter cabos na sã accepção da palavra.

Sim! Tornal-o *uma especie de profissional*, fazer surgir, como que uma barreira entre elle e o soldado, de modo a este vêr n'elle um amigo, sim, mas sempre um superior; fazer desaparecer a intimidade de caserna, onde viveria mais separado e bastante das outras praças e exigir-lhe embora, mais responsabilidades, que não se podem exigir agora, porque assim o

manda o bom senso, mas que então se lhes poderia exigir e bem.

E estamos certos de que esta nossa noção do *cabo*, não é simplesmente uma noção theorica. O caso era que se quizesse fazer alguma cousa, não deixando ao abandono a mais preciosa instituição militar — o *Regimento*.

Hoje precisa-se ter sobretudo bons quadros!

Os tempos mudaram:

Outr'ora o *regimento*, a *caserna*, era uma profissão e havia os *velhos soldados*, os *velhos cabos*... Tinha outros defeitos, tinha outros vícios, como tinha outros merecimentos! Havia incomparavelmente mais *esprit de corps* e citam-se os classicos exemplos do amor pela profissão das armas.

Hoje os tempos mudaram.

A Evolução, fazendo caminhar a Humanidade, fez do *Regimento*, do *Quartel*, dada a presente ideia do *Exercito*, a nação em armas para a sua defesa (o dourado sonho de Von Der Goltz) — a Evolução fez do quartel a *Escola da nação*, onde todo o cidadão deve passar (entre nós leia-se: devia passar...) e o quartel deixou de ser o monopolio dos profissionaes para ser, como é justo, o *Centro* onde a Patria instrue os seus filhos de modo a tornal-os aptos para a guerra, para a sua defeza!

E os classicos exemplos desapareceram para se converterem no *tributo de sangue*, n'alguns povos sagrado, n'outros um fardo pesadissimo com que só o desgraçado, o pária, que não dispõe de cincoenta mil réis, se resigna a arcar. Alem d'estes defeitos, implantou-se entre nós o serviço reduzido e não se cuidou da questão dos quadros.

Em summa: dado o pouco tempo que o soldado permanece na fileira, o que se torna necessario?

Evidentemente ter bons quadros: isto é, ter bons cabos, bons sargentos e bons officiaes.

Hoje tratamos dos cabos.

EURICO DE SAMPAIO SATURIO PIRES.
Alferes d'infanteria.



Infanteria montada

(Continuado do n.º 6 — 1905)

Pelo que ficou exposto no ultimo artigo se conclue que a Inglaterra, para fazer face ás exigencias da guerra anglo-boer, teve que á ultima hora lançar mão de todos os recursos que podia aproveitar para esse fim, porque a infanteria montada regular de que dispunha era em numero tão limitado, como já tivemos occasião de ver, que não podia satisfazer a todas as exigencias que eram pedidas. Foi por esta razão que teve de reunir no sul da Africa todas as tropas montadas que tinha nas outras colonias e foi tambem esta razão que a levou a acceitar as offertas dos voluntarios de Yeomanry e dos lords que se dispuzeram a organizar, á sua custa, contingentes especiaes.

A cooperação de todos estes elementos tão diversos na organização e instrucção, como até em habitos e costumes, prestaram serviços de tal ordem differentes que concluida a campanha ninguem sabia já qual era a verdadeira missão da infanteria montada, pois que a confusão, devido á reunião de elementos tão heterogeneos, foi completa. Esses diversos modos de proceder deram origem a discussões acaloradas. O general Knox, por exemplo, era de opinião que a infanteria montada devia substituir completamente a cavallaria; os generaes Hamilton e Plumer eram de opinião que se lhe devia destinar um duplo papel, que era collaborar com a cavallaria para a execução dos serviços de exploração e proceder como infanteria movel; o general French que-

ria que fosse apenas um agrupamento de atiradores montados, recrutados entre cavalleiros e infantes; outros queriam ainda que fosse constituida por pequenas fracções affectas ás unidades de infantaria para serem empregadas como exploradores montados; e emfim, lord Roberts, generaes White e Baden-Pawell eram de opinião que devia apenas ser considerada como uma infantaria muito movel. Foi, porem, o marechal Roberts que poz termo a esta desorientação de ideias e que lhe definiu a verdadeira missão nas seguintes palavras:

«Como já tenho dito, a cavallaria deve aprender a combater como a infantaria, embora deva estar tambem apta a dar grandes cavalgadas, a ter todos os cuidados com os cavallo e a usar da tactica de choque. Por outro lado a infantaria montada é na realidade a infantaria transportada por qualquer processo; bicycleta, carro, cavallo, muar, para poder chegar mais rapidamente do que a pé. Os campos de batalha modernos teem uma tal extensão que é necessario recorrer a outros processos para transportar tropas aos pontos affastados em que a sua presença se torne necessaria.»

Esta opinião de lord Roberts, tão claramente emitida, poz termo a todas as discussões. Por ella se deprehende que era necessario transformar a cavallaria, e transformou-se, mas reconheceu-se tambem que era indispensavel augmentar a infantaria montada para a Inglaterra estar perfeitamente dotada com uma infantaria muito movel que podesse satisfazer a todas as exigencias, e augmentou-se. A transformação porque passou a cavallaria não a descreveremos nós aqui, por não vir a proposito. Passaremos, porem, como nos compete, a indicar a forma como depois da campanha anglo-boer passou a ser organizada e instruida a infantaria montada.

Depois d'essa campanha, em lugar de haver uma unica escola para todo o Reino Unido, passou a haver uma por cada corpo d'exercito, ficando a do 1.º corpo em Aldershot, a do 2.º em Salisbury-Plain e a do 3.º em Kilworth, na Irlanda. O funcionamento d'estas escolas é sensivelmente o mesmo que d'antes tinha a es-

cola unica de Aldershot. A duração dos cursos em cada escola é que passou a ser de 3 mezes, havendo 4 séries por anno. Depois d'esta primeira organização posta em vigor, logo depois da campanha, reconheceu-se que não era facil instruir contingentes de todos os batalhões no mesmo anno, como era necessario. Para conseguir este fim, visto serem 76 os batalhões de infantaria, organisou-se mais um batalhão supplementar, de 3 companhias, em Aldershot e outro, de 4 companhias, em Salisbury-Plain. Com estes batalhões a mais em cada serie annual podem-se, pois, instruir 19 contingentes, o que prefaz 76 por anno, visto haver 4 series em cada escola. Ora os contingentes, que antes da campanha boer eram apenas de secções, passaram agora a ser constituídos por companhias, isto é, cada batalhão manda annualmente instruir uma das suas companhias, o que quer dizer que cada batalhão tem $\frac{1}{8}$ do seu effectivo instruido como infantaria montada, visto o batalhão inglez ter 8 companhias.

Cada batalhão d'instrucção tem um pessoal permanente e está dotado com 2:196 *cohs*, cavallos ligeiros.

Na India passou a ter a mesma organização, havendo, porem, em cada commando militar duas escolas de instrucção. No sul da Africa ficou havendo 4 batalhões, de effectivo permanente. No Egypto e Malta não houve alterações sensiveis, embora se pense em a organizar como na metropole.

Apezar de lord Roberts ter definido a missão da infantaria montada, a maneira de a organizar é que foi e ainda é muito discutida. O processo posto em pratica, que é o que acabámos de descrever, foi defendido e advogado pelo tenente coronel Godley, que era na occasião commandante da escola de Aldershot. Este processo não tem, comtudo, a approvação de muitos officiaes, pois que uns querem que a infantaria montada seja constituída por unidades permanentes e outros que seja instruida nos proprios batalhões a que pertence.

Os contradictores do processo seguido dizem que tira aos batalhões de infantaria os seus melhores ele-

mentos, pois que, como já se disse, os soldados são escolhidos, principalmente entre os bons atiradores. O tenente coronel Godley responde-lhes então que é o processo que mais permite verificar a instrucção, o que se torna mais economico e que permite ainda diffundir a instrucção por um maior numero de homens.

O processo de instruir os contingentes dos batalhões nas proprias unidades a que pertencem não tem razão de ser por não ser pratico. O tornal'o em corpos permanentes tambem não tem razão de ser, porque facilmente degenerava em cavallaria, o que não está conforme os preceitos de lord Roberts.

A instrucção presentemente ministrada é a que já tivemos occasião de nos referir, pois que ainda é ministrada pelo regulamento de 1899. E' todavia mais desenvolvida visto a duração dos cursos ser maior.

A base da organisação em tempo de guerra é o batalhão a 4. companhias, que passará a ser constituido por 22 officiaes, 27 sargentos, 539 cabos e soldados, 540 cavallos de sella, 64 de tracção, 2 metralhadoras e 15 viaturas. Com as 76 companhias, d'esta forma instruidas, podem-se organizar, pois, 19 batalhões, que serão destinados 3 ás brigadas de cavallaria, restando ainda 16 que se podem empregar como unidades independentes ou que se podem affectar ás brigadas ou divisões de infantaria.

O uniforme, equiparamento e armamento ainda não soffreram modificação alguma.

(Continua)

Um Infante.





LIÇÕES DA CAMPANHA RUSSO-JAPONEZA

(Continuado do n.º 9 — 1905)

A tactica dos russos

No nosso artigo anterior mostrámos qual tinha sido a característica da tactica que os japonezes tinham empregado nos campos da Mandchuria. Hoje vamos dizer alguma coisa a respeito da empregada pelos seus antagonistas e quaes os resultados que colheram.

A tactica que os russos empregaram no inicio da campanha é geralmente conhecida, pois que é a tactica em que a bayoneta se emprega sempre armada, obedecendo ás regras bem conhecidas do velho Dragomiroff e tendo sempre em mira a carga, que ainda hoje, em detrimento dos progressos do armamento, era quasi tão preconisada como nos tempos de Souvaroff.

Alem da parte erronea e já velha d'estes principios, ha tambem os defeitos da execução, que lhe são inherentes, e os da educação, que não analysaremos.

Todas essas cousas fizeram com que o official russo se apresentasse nos campos da Mandchuria sem fazer a mais leve ideia do que seja o combate moderno. Uma affirmacão d'estas não póde, porém, ser feita sem o apoio d'uma auctoridade competente. O official supe-

rior russo, Petroff, ha pouco de regresso á sua patria, diz que os seus camaradas estavam eivados de *maus habitos*, que classifica pela seguinte fórma:

1.º — Falta d'aptação dos processos de combate e das formações ás necessidades do combate moderno e utilização insufficiente do terreno.

2.º — Os officiaes, mesmo os mais graduados, mostram-se demasiado e inutilmente ao inimigo. Os generaes percorrem as cristas, sem necessidade, com as suas bandeiras e estados maiores. D'aqui resulta um grande numero de baixas, não só para os officiaes assim expostos, mas tambem para as tropas que commandam, sobre as quaes atrahem o fogo do inimigo.

3.º — Os russos estabelecem-se muito ás vistas do inimigo, mesmo na offensiva.

4.º — Os officiaes mais graduados conservam-se muitas vezes demasiado perto das linhas d'atiradores ou das fracções avançadas, mesmo com prejuizo do conjunto das tropas que commandam, occupando-se de detalhes que os impedem de seguirem a marcha do combate.

5.º — Insufficiencia de ligação não só entre as fracções da mesma unidade como entre as vizinhas, tanto em largura como em profundidade; falta d'habito de participar á auctoridade superior, d'uma fórma breve e clara, os acontecimentos que se produzem em volta das tropas em contacto com o inimigo.

6.º — Ausencia total de iniciativa pessoal da parte dos sargentos em consequencia dos maus processos de commando e de educação do tempo de paz, onde nada se pôde fazer sem a presença d'um official, embora para as coisas mais simples os graduados subalternos tenham de estar á espera de ordens.

7.º — Execução defeituosa do serviço de segurança, tanto em estação como em marcha.

8.º — Regularisação demasiadamente exagerada dos trabalhos de fortificação, que geralmente não se coadunam com o terreno.

Esta critica, por certo imparcial e insuspeita, é verdadeiramente esmagadora. A applicação que ella por ventura possa ter ao nosso paiz não seremos nós que a poremos em evidencia. O leitor dar-se-ha por certo a esse trabalho, que de resto não é muito fatigante. Mas se não pômos esse confronto em relevo, não fugiremos á tentação de transcrever uma pequena apreciação que um jornal francez lhe faz a proposito do exercito do seu paiz. E' ella como segue:

Nós temos já mostrado todos estes pontos defeituosos da instrucção do exercito russo, mas tornamos a insistir n'estas defeituosidades que, infelizmente, se deixam ver muitissimas vezes

ainda no exercito francez, porque esperamos chegar a ferir o espirito dos nossos camaradas e a trabalhar dentro da nossa modesta esphera para ver se conseguimos fazer realizar alguns progressos.

Apoiando-nos em fim identico podiamos dizer tambem alguma cousa, mas deixamos essa tarefa, repetimos, para o leitor, porque o trabalho que terá no confronto não será grande.

A critica deverá incisiva que acabamos de descrever, junta com outras, que não transcrevemos porque apenas confirmam a justiça d'esta, fizeram com que o ministro da guerra russo mandasse publicar, ainda não ha muito tempo, a seguinte circular, que tambem é curiosa :

A experiencia da guerra actual tem mostrado a necessidade de introduzir algumas modificações no regulamento de 1900 sobre o serviço da infantaria no que diz respeito ao movimento das unidades em formação de combate, movimentos em que se deve ter conta da efficacia moderna dos fogos de infantaria e artilheria.

Em consequencia, o ministro da guerra, sem modificar, por emquanto, o regulamento, que será revisto depois da guerra com o Japão, informa os principaes chefes das circumscripções militares que, durante as manobras que vão haver durante o verão, se applicarão os processos seguintes d'instrucção de forma a pôr em harmonia a marcha da linha d'atiradores com a intensidade do fogo do inimigo.

1.º — Para pôr a linha em marcha suprimir-se-ha a vez preparatoria de — *em pé* — ordenando-se simplesmente *pelotão* (secção ou linha) *em frente*.

2.º — Quando se estiver a grande distancia do inimigo, não se formarão linhas espessas, o que não é necessario, porque a velocidade do tiro permite fornecer fogos nutridos sem meter em linha um grande numero de atiradores.

3.º — A linha d'atiradores, sob o fogo inimigo, avançará da seguinte fórma :

a) por lanços de 100 passos proximamente, executados por fracções mais ou menos importantes da linha. Esta fórma d'avancar será executada quando o fogo do inimigo fôr fraco e estiver a grande distancia ;

b) por lanços de 30 a 40 passos executados por pequenas fracções da linha (inferiores a um pelotão). Esta fórma d'avancar empregar-se-ha quando o fogo fôr já mais intenso ;

c) por pequenos lanços executados por homens isolados. Recorrer-se-ha a este processo de marcha quando o fogo do inimigo fôr muito vivo, qualquer que seja a distancia em que se encontrar. N'estes lanços os soldados poderão correr agachados ;

d) por lanços muito curtos, executados por homens rastejando. Quando a linha d'atiradores d'uma companhia avançar por este processo, poderá continuar a marchar até mais longe.

Para não permittir ao inimigo regular o seu tiro sobre as fracções que avancem, todos os lanços serão executados sem que se tenha em conta a ordem em que se mantenham as unidades em linha. Por outros termos, o movimento d'avanzo será iniciado uma vez por uma fracção de linha d'atiradores outras vezes por outra.

O commandante da linha d'atiradores, empregará, segundo o seu criterio, um ou outro d'esres processos d'avanzo.

Logo que a linha d'atiradores se desloque d'uma posição de tiro para uma outra, empregar-se-hão *particularmente todos os esforços* para que este movimento se faça tanto quanto possivel d'uma fôrma *imperceptivel*, aproveitando o terreno e os processos de marcha mais opportunos.

4.º — Em todos os casos, a marcha terá logar por commando, sem que o chefe do pelotão marche á frente da sua unidade.

5.º — O reforço da linha far-se-ha abrigadamente, utilizando todos os accidentes do terreno.

6.º — Nos combates com os japonezes se tem evidenciado que as linhas d'atiradores não se detinham na sua ultima posição a 300 ou 400 metros do inimigo, como prescreve o nosso regulamento, mas que se approximavam o mais possivel do adversario fazendo fogo a bom alcance, e que se lançavam ao grito de *hurra* quasi ao mesmo tempo que as reservas.

Habituar-se-hão as tropas a procederem assim nas manobras de verão; as linhas d'atiradores farão fogo até ao momento do cheque á bayoneta.

7.º — As reservas, logo que avancem nas zonas batidas pelos fogos da artilharia e infantaria, tomarão as formações menos vulneraveis conforme o regulamento de 1900. Mas é necessario tambem exercital'as a marchar em uma só fileira e a avancarem empregando os mesmos processos que a linha d'atiradores (por lanços, rastejando, etc.).

8.º — E' necessario convencer todas as tropas da *necessidade de se entrincheirarem*. Se as circumstancias o permittirem executar-se-hão tambem.

9.º — E' necessario exigir que se indique ás unidades, até á companhia inclusivamente, o ponto da posição inimiga que se tenha escolhida como objectivo d'ataque.

N'estas instrucções, sem duvida curiosas, ha muita coisa digna de ser ponderada, não só por vermos que envolvem a negação da tactica antiga, mas tambem porque ao mesmo tempo que se recommenda a necessidade de bem aproveitar o terreno e de evitar as vistas do adversario, se procura a fôrma de isso se conse-

guir por um processo muito sensato, incluindo o em-prego da fortificação.

Ahi fica, pois, mais um subsidio para o estudo da remodelação que é necessario introduzir na nossa ordenança.

DAVID RODRIGUES

Ten. d'inf.^a

Secção do estrangeiro

França. — *Festas organisadas nos regimentos.* — Ha no estrangeiro, e principalmente na França, o costume de em quasi todos os regimentos se organisarem festas annuaes com character militar e mais ou menos patriotico. A entrada dos recrutas é geralmente uma das epochas mais preferida.

A Hespanha tambem conta esse bello costume. O dia 8 de dezembro é para toda a infantaria hespanhola um dia de verdadeiro regosijo, porque em todos os regimentos se organisam festas em honra da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, da *arma valerosa*.

O ministro da guerra francez acaba de publicar uma circular regulando d'uma forma generica a organização d'essas festas patriotico-militares.

Para isso prescreve que o programma seja submettido á approvação do commandante do corpo d'exercito, que deve ser organizado de fórma a não prejudicar o serviço nem forçar a liberdade de consciencia de quem quer que seja.

Em alguns corpos as festas são organisadas a fim de solemnizar algum facto historico em que o regimento tivesse desempenhado um papel importante.

Austria. — *Novo regulamento de tiro.* — Como se espera que na Austria o serviço de 2 annos seja em breve implantado, já foi publicado um novo regulamento de tiro para a infantaria e caçadores em que se põem de parte todos os detalhes theoricos e todas as mais exigencias cuja inutilidade é conhecida.

O novo regulamento procura dar uma instrução que no mais curto prazo de tempo possa satisfazer ás exigencias da guerra. Os exercicios de avaliação de distancias são banidos por completo para praças de pret, não só por se obter com elles poucos resultados, mas tambem porque exigem muito tempo.

Os atiradores são apenas classificados em duas classes. Procura tambem o novo regulamento evitar tudo o que torne a ins-

tracção fastidiosa, recommendando pelo contrario se procure sempre tornar esta instrucção attrahente para despertar e desenvolver aos soldados o gosto por este genero de instrucção.

O tiro de combate será regulado pelos commandantes dos corpos, sendo sempre executado em terreno variado.

Os fogos de guerra serão executados em harmonia com as soluções que forem apresentadas aos commandantes dos corpos e na solução das quaes se possa ajuizar do valor de cada um dos officiaes. Para isso ao lado da questão tactica figurarão resoluções de problemas de tiro.

*

Diminuição do peso transportado pelo soldado. — Em consequencia das experiencias realizadas com o fim de diminuir o peso da carga transportada pelo soldado de infantaria e do augmento de datação de munições, foram dadas a titulo de ensaio as seguintes instrucções :

O numero de cartuchos que deve transportar cada soldado é de 120. Cada soldado não transportará mais do que dois dias de viveres e uma parte destinada ao proprio dia.

A terceira ração de viveres de reserva, assim como os legumes, sal, café e assucar correspondentes ao dia serão transportados nas viaturas de viveres.

As polainas e o jaleco de flanela não farão parte do uniforme de campanha, a não ser no inverno, de novembro a março, e os differentes artigos de limpeza em lugar de serem individuaes passarão a ser distribuidos por grupos de quatro homens.

Os commandantes das columnas poderão ordenar que os soldados tirem as mochilas antes d'um combate ou quando seja necessario accelerar a velocidade da marcha, desde que se disponha d'um numero sufficiente de carros, nos quaes passarão a ser transportadas.

A diminuição de peso realisada é de 1,570 gr., ficando por consequencia o peso total reduzido de 28,470 gr. a 26,900 gr. Apesar d'isso o equipamento austriaco ainda fica o mais pesado de todas as nações da Europa.

Allemanha. — *Uma experiencia.* — A 50.^a brigada de infantaria, em Strasburgo, vae executar um exercicio pelo qual se possa reconhecer se é possivel assegurar se as tropas que operam transportes estrategicos podem ser alimentadas em um local dado do percurso sem que com isso se prejudiquem os horarios de mobilisação e concentração.

Para este effeito está-se construido uma cosinha de campanha na estação do caminho de ferro de Appenweier, com oito grandes caldeiros. Logo que a installação esteja feita, dois comboios especiaes transportarão os dois regimentos da 50.^a brigada e procurar-se-ha então ver se todos os soldados terão tempo de comer a refeição que lhe fôr distribuida no tempo fixado nos horarios da concentração.



8.º ANNO

NOVEMBRO DE 1905

N.º 11

REVISTA DE INFANTERIA

O TRIPLICE PROBLEMA ECONOMICO DOS OFFICIAES

A recente proposta apresentada ao parlamento para a melhoria de vencimentos de algumas classes de officiaes comquanto, uma vez approvada, represente um sensivel allivio ao mal estar que desde ha muito vem affligindo a parte pensante e dirigente do exercito, nem por isso basta para a libertar por completo da dura necessidade de distrahir grande parte da sua actividade, intelligencia e vigor physico, da alta missao a que elles devem ser exclusivamente consagrados.

O relatorio que antecede a alludida proposta claramente consigna que esse augmento se não eleva á cifra reputada sufficiente para restabelecer o equilibrio economico entre o haver do soldo e o deve das necessidades materiaes e espirituaes da existencia, pelo preço que ellas custam, mas que, no momento presente, as forças do thesouro não permitem mais do que lançar na balança uma quota parte do contrapezo que levaria o fiel á desejavel posição de ouro e fio.

Respeitando os segredos da enigmatica esfinge que ha n'um orçamento geral do Estado, não discutimos a impossibilidade, mas tambem não deixamos de consignar que com patriotismo e boa vontade e dentro das forças da receita publica e até sem o seu concurso, se

poderiam tomar medidas acertadamente concorrentes para attenuar o muito que fica para remediar.

Atacando de frente o problema economico do official, tres incognitas se apresentam desde logo á nossa consideração, a saber: A alimentação, o vestuario e a habitação.

Baratear estas tres cousas essenciaes á vida seria passo largo percorrido no estadio da melhoria da situação dos officiaes do exercito, e nada mais facil se me afigura do que achar o valor minimo que convenha á equação.

Assim, é demais sabido que os generos alimentícios comprados pelos conselhos administrativos dos corpos aos arrematantes do fornecimento para os ranchos são sempre obtidos por preço muito inferior aos correntes no mercado, acrescido da vantagem de uma certa estabilidade d'esse preço.

E' certo que alguns corpos teem sociedades cooperativas, mas são raros, e assim, com a sua assignatura no fundo de um despacho ministerial poderia o illustre titular da pasta da guerra auctorisar que d'esses generos arrematados se satisfizessem as requisições dos officiaes, pondo-lhes um limite proporcional ao soldo para se evitar qualquer abuso.

Tal medida além dos obvios beneficios consequentes traria comsigo por ventura uma mais vigorosa fiscalização do cumprimento dos contractos de fornecimentos no que toca á qualidade dos generos, com o que tambem muito lucrariam as praças.

*

E' tambem demasiado sabido o preço exorbitante porque nas alfaiaterias da especialidade se obteem os uniformes militares, que muitos são obrigados a comprar a prestações, sobrecarregando assim o excesso do preço com a exorbitancia da usura, e que por fim ainda sómente se adquirem artefactos de inferior qualidade.

Ora, havendo em todos os corpos mestres alfaiates, nada impediria que os conselhos administrativos fossem auctorisados a comprar no mercado e onde melhores e mais baratos se encontrassem os lanifícios e pre-

paros necessarios para a confecção dos uniformes dos officiaes, e estes fossem manufacturados nas officinas regimentaes, pagando-se os feitos por uma tabella geral em que a modicidade dos preços descesse ao minimo limite remunerador do trabalho e perfeição do artifice.

E' por tabellas assim formuladas que desde ha muito se manufacturam nas officinas da Circumscripção do Norte da Guarda Fiscal os uniformes dos officiaes, tabella a que damos uma copia para se avaliar o quanto com ella se economisa em feitos.

Se a esta redução de preços se sommar o que se poupa na compra, por junto, dos lanificios e preparos, redundará em proveito dos officiaes uma redução de cêrca de 30 % no preço dos seus uniformes, que pagos a prestações ao conselho não seriam aggravados com usuras.

Tabella dos preços dos feitos dos uniformes na Circumscripção do Norte da Guarda Fiscal

Capote de cavallaria	1 \$800	Dos feitos 40 % são para corte, carvão, linhas, retroz, troçaes, etc., e os restantes 60 % para o artista.
» » infanteria	1 \$500	
Dolman de grande uniforme	2 \$000	
» » flanela	1 \$200	
Calça ou calção	\$600	Os restantes preparos serão fornecidos ou pagos pelos officiaes.
» de brim	\$400	
Capa	1 \$200	
Custo de um barrete para cavallaria ou infanteria sem emblema	1 \$300	
Concertos		
Virar qualquer artigo o preço do feitto		
Collocar galões de alferes ..	\$160	Sendo dolman de panno e em novo mais 30 %.
» » » tenente ..	\$200	
» » » capitão ..	\$200	
» » » major ..	\$220	
» » » tenente coronel	\$240	
Collocar galões de coronel ..	\$300	
» trancelins nas golas ..	\$100	
Feitto de uma gola nova em dolmans	\$200	
Idem em capotes	\$240	

Será pois outra medida de grande alcance economico que só depende da boa vontade do senhor ministro da guerra.

*

Resta apreciar a incognita habitação que, por mais importante e carecer de mais detido exame, propositamente deixei para o fim.

A nosso vêr, e salvo opinião mais auctorizada, a obrigação que tem o estado de aquartelar as tropas é também extensiva aos officiaes, e tanto assim que lá diz o n.º 13 do art. 3.º do regulamento disciplinar do exercito que *todo* o militar se deve contentar com a paga e quartel que se lhe der.

O que elle não pôde é obrigar o militar a contentar-se com o quartel que se lhe não dá, e ainda em cima obrigar-o a pagar á sua custa.

Como nós os portuguezes só gritamos pelo que doem aos outros, creio que até agora nenhum official se lembrou de reivindicar este momentoso direito de aposentadoria que nos parece não só justo mas até indispensavel á manutenção do prestigio do posto e á facilidade do serviço.

O mais que se tem pedido é a isenção da contribuição de renda de casas, e isto com vozes fracas e implorativas de quem pede esmola ou favor.

A meu vêr não ha que pedir ao governo isenção de tal contribuição, porque em bom direito fiscal ella não é devida, pois que a casa do official é o seu quartel, e o quartel do militar não é sujeito a tal contribuição.

O pedido feito tal qual o tem sido, admittindo-se a legalidade do imposto, seria absurdo porque seria uma excepção, e a lei é egual para todos em materia de contribuições.

Julgo que ninguem se lembrou ainda de recorrer para o tribunal competente por indevido lançamento de contribuição, aliás deveria ser attendido.

Um facto adduzo em abono da hypothese que por paridade induz a tal conclusão.

Estivemos de guarnição n'uma terra da provincia

cujo escrivão de fazenda se lembrou de tributar com imposto sumptuario o nosso cavallo praça.

Feita a nossa reclamação e allegado que o cavallo era para serviço do exercito, fômos attendidos e isentos de contribuição.

Ora, não nos repugna affirmar que a casa ou quartel do official interesse menos ao serviço do exercito do que o nosso cavallo praça, tanto mais que o cavallo é pago e sustentado á custa do estado e o quartel á nossa custa, com o que o thesouro já lucra mais que um grande multiplo de tal contribuição.

Se assim não é, não vejo razão porque não são tributados os officiaes que tem a rara fortuna de residirem nos quarteis e mais edificios do estado, a não ser que o beneficio da casa gratuita seja promessa para o privilegio da isenção.

Não vamos tão longe nas nossas reivindicações que queiramos isentar de contribuições sumptuarias os officiaes ricos que vivem em palacetes cujo preço de locação excederia á totalidade dos seus vencimentos de cathegoria.

Conviria esclarecer a questão nos tribunaes e recorrer ao governo para que fixasse o limite além do qual pelo preço de locação era devida a contribuição, e mais nada.

Assente porém o indiscutivel direito que assiste aos officiaes de serem alojados por conta do Estado poderia logo apresentar-se a restricção de que tal direito é singular dos officiaes e não de suas familias.

Aceitamos o correctivo, porém argumentamos que sendo assim não é licito dispôr nos quarteis, em beneficio de uns tantos privilegiados, os aposentos que devem ser distribuidos por todos igualmente, para n'elles se alojarem as familias d'aquelles.

E como à *tout seigneur tout honneur* ... succede que são os mais graduados os beneficiados em prejuizo dos que o são menos e menos remedeiados, o que representa flagrante desigualdade e injustiça.

A verdade é só uma e sem atavios.

E' certo porém que havendo aposentos disponiveis

seria duro não os proporcionar para habitação dos officiaes e suas familias, apesar de que a meu vêr se não deviam consentir senão homens a dentro dos aquartellamentos.

Não se podendo, porém, impôr o celibato aos officiaes é bom contar com o bem estar das suas familias.

Achamos perfeitamente justo que o official custeie as despesas de aposentadoria da sua familia, mas também julgamos haver meio de o subtrair ás excessivas despesas que para isso são obrigados em muitas localidades, e até ao precalço de em algumas terras lhe ser impossivel obter habitação cuja hygiene, conforto e apparencia sejam compatíveis com a dignidade do seu posto e da sua bolsa.

Ora, não ha muitos dias que o senhor ministro das Obras Publicas apresentou nas camaras um projecto de lei tendente a promover o barateamento de habitações hygienicas para operarios.

Dentro dos moldes d'esse mesmo projecto, mais ou menos modificado, se poderia elaborar outro pelo ministerio da guerra pelo qual se procurasse proporcionar aos officiaes habitações decentes, hygienicas e baratas, o mais proximo possivel dos quartéis ou de importantes estabelecimentos militares.

Com effeito o estado que dispõe de engenheiros, de operarios baratos nas fileiras do exercito, que tem pedra, madeira e outros materiaes, que póde contar com o concurso das camaras municipaes para a cessão de terrenos quando os não tenha proprios, poderia mandar construir em todas as guarnições bairros militares para habitação dos officiaes, formados de predios cuja modestia se podia alliar á commodidade e bom gosto e que além do muito que beneficiavam os interessados constituiriam importante melhoramento para muitas terras quando ajardinados e estheticamente bem dispostos.

Os officiaes pagariam como preço de locação o juro minimo do capital empregado acrescido de uma percentagem para despesas de conservação.

Não me parece que fosse difficil obter-se o capital necessario para estas construcções consignando-se o seu

seguro rendimento para garantia, e isso conseguido ficava, a meu vêr, senão resolvido pelo menos esclarecido o triplice problema economico dos officiaes do exercito.

ADRIANO STRECHT DE VASCONCELLOS
Tenente d'infanteria.

QUESTÕES D'ORGANIZAÇÃO MILITAR

(Continuado do n.º 9 — 1905)

d) Engenharia

Sapadores

Uma companhia, 122 homens na paz (110 sapadores e 12 conductores) e 259 na guerra: Para a secção de deposito damos 10 homens na paz e 70 na guerra; o que dá o total para uma companhia activa e uma secção do deposito de sapadores mineiros de 133 homens na paz e 327 na guerra.

Para as 6 divisões teremos 799 na paz e 1:962 na guerra.

Pontoneiros

A companhia tem na:

Allemanha — 53 pontoneiros na paz.

Austria — 107 na paz e 253 no pé de guerra.

Italia — 110 pontoneiros no pé de paz.

Nós daremos 125 homens em tempo de paz e 286 em pé de guerra.

Para a secção de deposito damos 10 homens na paz e 80 no pé de guerra, e que servem para:

Uma companhia activa e uma secção de deposito de pontoneiros 135 homens em pé de paz e 376 no pé de guerra.

Para as 6 divisões teremos 810 homens em pé de paz e 2:256 no pé de guerra.

Telegraphistas

Dando para uma secção de telegraphistas de campanha 9 sargentos, 36 cabos, 1 corneteiro, 33 soldados, mais 1 sargento, 4 cabos, 1 ferrador e 12 soldados, para a secção de conductores, teremos o total de 87 homens em pé de guerra e 32 homens em pé de paz.

Para as 6 secções de telegraphistas de campanha teremos: 192 homens em pé de paz e 582 na guerra.

Dando á secção de guarnição 40 homens na paz e 75 na guerra, teremos :

Para as 6 secções de telegraphistas de guarnição 240 homens na paz e 450 na guerra.

Caminhos de ferro

Démos 100 homens para effectivo de paz e 254 no pé de guerra, para o total d'uma *companhia*.

Trem

Para determinar o effectivo d'um esquadrão de trem temos que attender aos serviços que a equipagem deve fornecer aos elementos constitutivos da divisão.

O numero de individuos que o trem da divisão terá de fornecer para a constituição de unidades superiores é o seguinte :

Para o quartel general do commandante em chefe e para o commando em chefe do estado maior	9 conductores
Auditoria geral e conselho de guerra.....	5 »
Direcção superior e serviço de saude.....	19 »
Direcção superior dos serviços administrativos..	1 »
Pagadoria geral.....	7 »
Repartição postal do commando em chefe.....	8 »
Somma.....	49 »

Parque e comboio

Para transporte do material que as companhias d'engenharia não podem transportar, material lithographico e material de pontes, serão necessarias 36 viaturas por corpo de exercito, a 4 muarres na maior parte, e precisar-se-hão 80 homens.

Columna de viveres do commandante em chefe

Suppondo a columna com 6 secções e com dois dias de viveres, temos :

Attendendo ao peso de cada ração (1,500 kg. para homem e 6 kg. para cavallo)

1,500 kg. $\times$ 2:000.....	30:000 kg.
Solipedes 4:200 $\times$ 6.....	25:200 »
	55:200 »

cada carro alemtejano terá de 800 kg. a 2 muarres

$$\text{logo } \frac{55:200}{900} = 61 \text{ viaturas}$$

61 $\times$ 2 = 122 por divisão e para dois dias de viveres.

Como são 6 secções temos 732 viaturas para o 2.º escalão da columna de viveres ou do commando em chefe.

Conductores $732 + 36$ sargentos $+ 72$ cabos = 840. Artifices 50. Total 896 conductores.

Geralmente emprega-se $\frac{1}{12}$ das viaturas a 2 parelhas e de tara igual a 1:200 kilos.

Padaria de campanha

6 secções $59 \times 6 = 354$ conductores.

Peso dos fornos 1:500 kilos, dando 1:000 rações approximadamente.

Numero de fornos por divisão $\frac{20:000}{1:000} = 20$.

$$20 \times 1:500 \text{ kg.} = 30:000 \text{ kg.}$$

Total para os conductores para os diferentes serviços 2:013 conductores; dividindo por 6, encontramos o n.º de conductores que cada divisão tem a fornecer para os serviços que constitue o exercito em campanha ou seja $\frac{2:013}{6} = 335$.

Considerando apenas os elementos constitutivos da divisão, tendo deixado apenas indicado a maneira como procederíamos para os diferentes serviços do exercito e cujos individuos sairião das divisões, temos o seguinte :

Quartel general, commando e estado maior da divisão	4
Repartição e serviço de saude.....	1
Repartição postal	5
Ambulancia divisionaria.....	57
Repartição de justiça e policia.....	1
Hospitaes moveis.....	20

Columnas de viveres divisionarias ou 1.º escalão da columna de viveres

Deverá haver 4 rações de viveres, sendo 2 para substituir as rações de reserva.

Suppozemos as rações dos trens regimentaes para dois dias, estando estabelecido em Portugal apenas o transporte de rações para um dia.

E' muito deficiente o material empregado entre nós nas columnas de viveres no mappa do nosso regulamento, para a columna do exercito em campanha.

Tinhamos calculado 61 viaturas para o transporte de 1 dia de viveres da divisão, suppondo que ella leve 4 dias dá 244 viaturas.

Como algumas podem ser de requisição e, entre nós assim

teria de acontecer na mobilisação, podemos apenas estabelecer para o total 182.

Uma secção de padaria de campanha.....	59
Reserva $\frac{1}{10}$	36

Vemos, pois, para 1 esquadrão 80 homens no effectivo da paz e 403 em pé de guerra.

Pelotão de deposito 5 homens em tempo de paz e 100 no de guerra, teremos para um esquadrão de 4 pelotões activos e 1 de deposito do trem 95 homens no pé de paz e 503 no pé de guerra.

Para as 6 divisões teremos : 570 no pé de paz e 3:018 em pé de guerra.

f) Administração

Uma secção tem a fornecer :

Repartição de administração militar.....	2
Padaria de campanha.....	87
Columnas de viveres	17

Temos, pois, 40 homens em tempo de paz e 105 em pé de guerra.

Para as 6 secções temos 240 na paz e 630 na guerra.

g) Serviço de saude

Secção sanitaria

Fornecerá para a ambulancia divisionaria.....	154
Quatro hospitaes moveis.....	92
Repartição de saude no quartel general.....	44
Tropas da divisão.....	29

Teremos, pois, para cada secção 40 homens em tempo de paz e 318 em pé de guerra.

Para as 6 secções teremos 240 na paz e 1914 na guerra.

Considerações acerca dos numeros que deixamos expostos

Ao apresentarmos este quadro representativo dos effectivos adoptados pelas differentes nações não foi com o fim de adoptarmos como copia visível para a nossa organização numeros deduzidos simplesmente d'este quadro.

Quando se trata de reformar as instituições militares não se deve nunca pôr de parte o que adoptam as nações estrangeiras.

Repellir um systema, um detalhe mesmo de organização, sob o pretexto de que seria pouco compativel com os habitos,

costumes, temperamento, é sempre grave imprudencia porque qualquer systema ou detalhe adoptado por uma ou outra nação pode-lhe dar a superioridade na lucta, que se deve sempre esperar sustentar contra ella.

E' uma consequencia da pergunta feita ao fim com que um paiz cria um exercito.

Para que um paiz possa fazer a guerra a outros paizes, deve estar tudo em condições de poder atacar ou de poder repellar os seus ataques.

Por conseguinte a organização militar d'um povo deve necessariamente influir sobre a organização militar dos outros: a observação reciproca das diversas potencias, desde o ponto de vista militar, a obrigação de cada uma d'ellas de regular a sua organização pela das potencias visinhas, de adoptar muitas vezes medidas que se impõem: porque a outra potencia adoptando-as adquire um grau de força offensiva, ao qual a 1.^a deve estar em condições de poder responder, de contrabalançar.

Não quer isto dizer que a organização militar dos diferentes paizes seja identica.

Tudo se synthetisa na regra commum: organizar os exercitos em harmonia com as exigencias da guerra moderna.

A maior parte dos numeros adoptados para os effectivos que deixamos expostos estão em harmonia com a deducção logica baseada n'esses principios.

Recapitulação dos effectivos

Designação	Paz	Guerra	Differença
Companhia de infantaria	110	250	144
Regimentos de 3 batalhões de 4 companhias	1:368	3.104	1:736
Regimentos de reserva	11	3:104	3:093
4 regimentos activos	5:472	12:416	12:344
4 regimentos de reserva	44	12:416	13:372
6 divisões activas	32:832	74:496	41:664
6 divisões de reserva	264	74:486	72:232
Total para a infantaria	84:096	148:992	115:896
Esquadrões activos ou de deposito	13	150	20
Regimento a 4 esquadrões activos e 1 de deposito	670	783	113
2 esquadrões activos e 1 pelotão de deposito	300	390	90
Cavallaria d'uma divisão	970	1:173	203
Total para a cavallaria	5:820	7:038	1:218

Designação	Paz	Guerra	Diferença
Bateria de campanha	100	167	67
Bateria de deposito	12	167	155
Regimento de 6 baterias e 1 de deposito	622	1:188	566
Bateria de montanha	130	233	103
Bateria de deposito de montanha....	12	233	221
Regimento de montanha a 6 baterias activas e 1 deposito	802	1:650	848
Artilheria 6 divisões (5 companhia e 1 de montanha)	3:912	7:590	3:678
Bateria de guarnição	80	162	82
Grupo de 3 baterias na paz e 1 na guerra	244	652	408
6 grupos d'artilheria de guarnição...	1:464	3:912	2:448
Columna de munições d'artilheria...	190	393	203
Columna de munições d'infanteria...	80	154	84
Um grupo de 2 columnas de munições d'artilheria e 1 d'infanteria	460	940	480
Columna de munições d'artilheria de montanha	110	185	75
Grupo de 2 columnas de munições d'ar- tilheria de campanha e 1 d'infanteria	300	528	228
5 grupos de 2 columnas de munições d'artilheria de montanha e 1 d'inf. ^a	2:300	4:720	2:420
Total para os 6 grupos de columnas de munições	2:600	5:248	2:648
Bateria de costa	100	220	120
Um grupo de 2 baterias de costa....	204	444	240
Total para a artilheria....	8:180	17:194	9:014
Companhia de sapadores mineiros...	122	257	135
Secção de deposito de sapadores....	10	70	60
Companhia de sapadores mineiros e 1 secção de deposito	132	327	195
6 companhias	792	1:962	1:170
Companhia de pontoneiros	125	286	161
Secção de deposito de pontoneiros...	10	90	80
Companhia de pontoneiros e 1 secção de deposito	135	376	241
6 companhias	810	2:256	1:446
Secção de telegraphistas de campanha	32	97	65
6 secções de telegraphistas de cam- panha	192	582	390
Secção de telegraphistas de guarnição	40	75	35
6 secções de telegraphistas de guar- nição	240	460	210
Companhia para o caminho de ferro..	100	254	154
Total para a engenharia	2:134	5:504	3:370

Designação	Paz	Guerra	Diferença
Esquadrão de trem.....	90	403	313
Pelotão de deposito de trem.....	5	100	95
Esquadrões com 4 pelotões activos e 1 de deposito.....	95	503	408
6 esquadrões de trem.....	570	3:018	2:448
Secção d'administração militar.....	40	105	65
6 secções.....	240	630	390
Secção sanitaria.....	40	319	278
6 secções sanitaria.....	240	1:914	1:674
Total geral	50:280	184:290	134:010

J. S.



Os quadros da infantaria

Quando constou que iam ser augmentados os quadros da artilheria com 3 tenentes coroneis, 4 majores e 12 capitães e os de cavallaria com 7 capitães sempre julgámos, depois de termos mostrado por mais de uma vez que é a nossa arma aquella que mais desfavorecida está na organização e constituição dos seus quadros, que os da infantaria tambem fossem augmentados como era de plena justiça.

Depois de termos mostrado á saciedade que além do desfavor em que a nossa arma se encontrava era uma necessidade remodelar os quadros, necessidade imposta por motivos de ordem de serviço, e alguns até de ordem disciplinar. Além d'estas razões, que de-

vem ser sempre ponderosas, havia o acto de justiça que nos quer parecer que tambem não deve ser desprezado. Em summa, por todos estes motivos, e visto estar a razão do nosso lado, acreditámos sempre que as nossas palavras fossem attendidas e que portanto logo que se augmentassem os quadros a qualquer arma tambem a infantaria seria, no todo ou em parte, attendida. Mas apesar das razões expostas, com grande surpresa nossa, vemos que tal não succederá.

Se a infantaria até aqui estava em accentuado desfavor, como provámos, em relação ás outras armas, em muito peiores condições passará a ficar agora, porque emquanto as outras vão augmentando os quadros dos seus officiaes superiores, e portanto augmentando as probabilidades d'accessão aos altos postos da hierarchia militar, a infantaria não só vae ficando na mesma, mas até vê na sua frente um projecto de reorganisação que lhe vae reduzir as unidades e consequentemente lhe vae tambem tirar todas as probabilidades futuras de alargamento de quadros. Emquanto, pois, os outros sobem, se engrandecem e se elevam, a infantaria permanece no mesmo pé de desfavor, estacionaria e com todas as esperanças de dias melhores completamente perdidas. Emquanto, pois, uns contemplam um horizonte vasto, dourado e radioso e que lhe deixa ante-aver as mais altas culminancias da vida militar, a infantaria, triste e humilhada, vê-se envolta n'um ceu escuro onde nem sequer penetra um raio de luz que deixe ante-ter uma esperança para o dia de amanhã.

E este facto é de certo bem lamentavel e merecedor de acres recriminações, porque no seio de um exercito não ha armas protegidas, porque todas o devem ser igualmente, não ha differenças de nobrezas, porque todas são igualmente nobres, e não deve haver tambem armas em que se morra em major reformado quando ha outras em que depressa se alcançam as dragonas de general. E se essas differenças existissem, é necessario que se note, deviam ser a favor da infantaria porque é a arma base de todos os exercitos, porque é a arma do sacrificio, porque é a arma que no comba-

te accusa sempre maior numero de baixas e, finalmente, porque é a arma *principal do exercito*.

Quem tiver lido as narrações da ultima campanha russo-japoneza encontrará elementos de sobra não só como confirmação do que deixamos dito, mas até como affirmação de que o valor e importancia da rainha das batalhas tem augmentado d'uma forma consideravel. E' a arma em que mais se morre, mas é tambem a arma que fornece mais elementos de triumpho, porque emquanto o tiro de artilheria causa baixas na razão de 10,2 0/0, como foi provado nos campos da Mandchuria e o da cavallaria 4,3 0/0, o da infantaria accusa nada menos do que 87,12 0/0, o que exuberantemente mostra que é com ella que se ganham as victorias e se alcançam os triumphos.

Como, pois, se pode admittir que a nossa arma seja desprezada a ponto de se augmentar os quadros ás outras quando era e é, e agora ainda mais, precisamente a infantaria que está mais destavorecida e até com os quadros peor organisados?

As razões que levam a proceder d'uma forma tão contraria aos principios de justiça e da sciencia militar devem ser por certo muito nebulosas, metaphisicas e transcendentales, porque aquella que se deixa antever não a podemos acreditar.

Seja, porém, como fôr, o facto dá se. Desprezando, pois, a causa procuraremos fazer-lhe a analyse para lhe avaliarmos as consequencias.

Para mostrar o desfavor em que se encontra a infantaria basta estabelecer o confronto dos quadros que na nossa arma devia haver, se estivessem organisados em relação aos das outras armas, com os que realmente existem, para se reconhecer a verdade do que affirmamos. Se o leitor não se quizer dar a esse trabalho ahi lhe offerecemos o seguinte quadro, no qual encontrará os numeros respectivos, que nos auctorisa a dizer que se ha arma que necessite de alargamento de quadros é precisamente a nossa. Ahi vae o quadro.

TOS POS	Quadros que deviam haver na infantaria em relação aos das outras armas	Quadros que ha actualmente na infantaria	Diferença em desfavor da infantaria
Coroneis.....	65,8	49	16,8
Ten. Coroneis...	65,8	49	16,8
Majores.....	99,4	86	13,4
Capitães.....	378,7	324	53,7
Subalternos.....	735,8	654	81,7

Essa differença passará a ser maior por se terem augmentado os quadros de artilheria e cavallaria. Mas desprezaremos essa differença para mostrar que quando isso se fez já havia razões de sobra para não ficarmos esquecidos.

E' nos postos superiores que mais beneficemente se fazem sentir os alargamentos de quadros, porque, além de se augmentar a probabilidade de lá entrar, o beneficio que envolvem vae resentir-se em toda a arma. Estabelecendo agora a relação dos officiaes superiores para capitães e subalternos, vemos que se houve razões de equidade que levaram a augmentar os quadros superiores da artilheria, as mesmas razões devia haver para se fazer outro tanto á infantaria, porque a relação n'estas duas armas é exactamente a mesma, como o mostra o quadro seguinte :

Postos entre os quaes se calcula a percentagem	ARMAS			
	Eng.	Art.	Cav.	Inf.
Officiaes superiores para ca- pitaes e subalternos.....	34 %	18 %	21 %	18 %

Quanto a razões de equidade e justiça não pode haver duvidas, porque as percentagens são as mesmas nas duas armas. Se a uma, pois, se lhe alargou os ho-

risontes, á outra não se lhe devia encobrir com o esquecimento a ameaça de redução de unidades. Isso, porém, são considerações de outra natureza que deixamos para depois. Hoje temos simplesmente em vista mostrar a injustiça que se commette quando se augmentam os quadros das outras armas e se esquecem os da arma principal.

Por esses quadros e numeros que já deixámos apontados não póde haver duvida sobre este assumpto. Mas para corroborarmos bem accentuadamente a nossa affirmativa, vamos ainda recorrer a um outro processo, identicamente comparativo, mas talvez mais relativo.

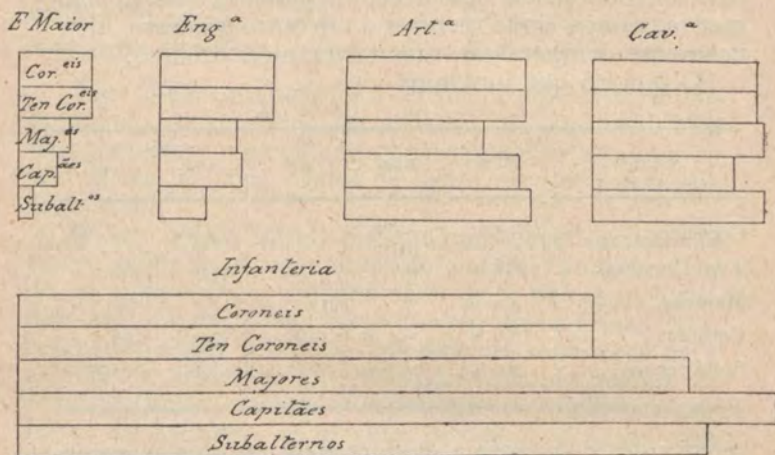
O quadro que juntamos

POSTOS	E. M.	Eng.	Art.	Cav.	Iaf.
Coroneis.....	6,3 0/0	10,6 0/0	15,9 0/0	14,7 0/0	52,1 0/0
Ten. Coroneis....	6,3 »	10,6 »	15,9 »	14,7 »	52,1 »
Majores.....	4,2 »	7	12,7 »	15,4 »	60,5 »
Capitães.....	3,6 »	7,4 »	12,8 »	12,9 »	63,7 »
Subalternos.....	0,9 »	4,3 »	17,3 »	15,2 »	62,8 »

mostra perfeitamente a desvantagem em que se encontra a nossa arma em relação ás demais, porque emquanto n'umas — engenharia e estado maior — a percentagem dos officiaes dos differentes postos vae diminuindo dos officiaes superiores para os subalternos, e em outras, como artilheria e cavallaria, se mantem sensivelmente a mesma percentagem em todos os postos, na infantaria, na arma base, na arma principal do exercito, succede precisamente o contrario, isto é, as percentagens vão augmentando dos postos superiores até ao posto de subalterno. Quem quizer verificar a exactidão d'esses numeros dê-se ao trabalho de estabelecer a percentagem dos officiaes de qualquer posto de uma determinada arma em relação á totalidade dos officiaes do mesmo posto de todas as armas. Quem fizer isso te-

rá então occasião de reconhecer a veracidade d'esses numeros e de ficar sabendo que é o processo mais relativo, e, portanto, o mais fiel que se pode empregar.

Para mostrar ainda melhor a razão que nos assiste recorreremos ao processo graphico. Reduzindo á escala as percentagens que esse quadro indica, encontraremos esse *schema*, que apresentamos á admiração dos legisladores.



Por elle se vê tambem que o estado maior e engenharia teem, em relação ás outras armas, mais officiaes superiores do que capitães e subalternos; que a artilheria tem em harmonia os postos de coronel, tenente coronel e capitão, accusando, porém, uma grande percentagem de tenentes; que a cavallaria tem os seus quadros regularmente constituídos; e, finalmente, por esse graphico se vê da mesma forma que só na infanteria se dá o contrario do que succede nas outras armas, porque só n'ella é que as percentagens vão augmentando de cima para baixo, só ella é que accusa os quadros dos officiaes superiores n'uma percentagem inferior á dos tenentes e capitães.

Ora, como é bem sabido, quanto maiores forem as percentagens dos officiaes superiores, tanto maior numero de probabilidades haverá de lá chegar porque maiores são esses quadros. A inversa é também verdadeira, como o prova a nossa arma, porque tendo muito subalterno e capitão e poucos officiaes superiores, a grande maioria terá de morrer em major reformado, porque os quadros superiores, como accusam uma percentagem pequena, só comportam um limitado numero. Não tendo, portanto, logar nos postos superiores, como succede nas outras armas, e ninguém desejando reformar-se no posto de major, explicado fica o atrazo de promoções na infantaria.

Visto todas as armas, excepto a infantaria, accusarem uma percentagem de officiaes superiores maior do que as de capitães e subalternos, desde que se mexeu na constituição dos quadros superiores de qualquer arma não podiam ficar esquecidos os quadros superiores da infantaria. São os numeros que o apontam e é a logica que nos diz que esse era o unico caminho racional, justo e equitativo que havia a seguir. E se não se seguiu é porque a infantaria ou foi desprezada ou victima de qualquer ideia metaphysica que não se pode coadunar com principio algum, nem com a justiça, nem com a sciencia.

Talvez se suppozesse que a nossa arma ficava satisfeita com o augmento de vencimentos, como de resto se deu ás outras armas e serviços, e como era justo. Se assim foi os nossos camaradas que avaliem, pois que nós limitamo-nos apenas a dizer que a arma que estava necessitada de alargamento dos seus quadros superiores era precisamente a nossa, como afinal nos quer parecer ter ficado exuberantemente demonstrado.

E com isto, devemos declarar com a maior franqueza e lealdade que não temos em vista contrariar qualquer beneficio que se dê ás outras armas, porque nos alegra a felicidade dos nossos camaradas, mas mostrar apenas que, desde que se alargaram os quadros a algumas, a infantaria não podia nem devia ter ficado esquecida.



Infanteria montada

Do distinctissimo capitão de cavallaria sr. F. Sá Chaves, official sobejamente conhecido em todo o nosso exercito pelos seus primorosos trabalhos sobre cavallaria, de que tem sido um verdadeiro campeão, recebemos a carta e o artigo que seguem, e que com muito prazer publicamos.

Antes de o fazer, porém, precisamos esclarecer um ponto: os artigos que n'esta *Revista* teem sido publicados sob a epigraphe — *Infanteria montada* — teem estudado muito simplesmente os serviços que pode prestar e o emprego e applicação que essa tropa, ou essa 5.^a arma, pode e deve ter nas colonias. E' sob o ponto de vista colonial que esse estudo tem sido feito, e nada mais.

E sendo assim, tudo ficará como d'antes e não haverá, pois, pernas partidas, por não haver razão para discordias, pois que em coisa alguma ficará offuscado o brilho dos nossos cavalleiros nem ficarão a verter sangue os principios que regulam a constituição dos exercitos. Como o artigo do nosso presado camarada e amigo é, porém, muito interessante, não deixamos, comtudo, de lhe dar a publicidade que merece, agradecendo ao mesmo tempo a distincta collaboração com que nos honrou.

Uma carta

Meu caro David Rodrigues:

O promettido é devido.

Ahi vae, em apresentar armas á sua *Revista* a minha *Infanteria montada*.

Os cavallos em que a remontei são inteiros e rinchões, ao contrario do que acontece na cavallaria actual, em que abundam os castrados...

Como velho official da minha arma, corre-me a obrigação de o prevenir de que, necessario é tomar cuidado com taes animaes: se teem a nobreza da sua virilidade, facilmente se irritam e dão coice.

Agora, um outro caso que muito importa consignar, para que os seus leitores me compreendam: Refiro-me ao qualificativo que emprego, para definir as tres escolas distinctas, que diversamente julgam dos destinos futuros da cavallaria: os cavalleiros *torrenciaes*, de *posição* e *opportunistas*: os primeiros, que tudo esperam da *carga*, os segundos, que só cuidam da *bala* e os terceiros—em que me arregimento—que recorrem á *espada* ou á *carabina*, segundo os casos e as circumstancias.

Como vê é a repercussão, sobre a tactica de cavallaria, da lucta travada—nos ultimos 6 ou 7 annos, com encarniçamento—entre os *Historicos*, os *Racionalistas* e os *Eclecticos* da tactica geral.

Finalmente, meu caro e illustrado camarada: ou me apresenta aos seus leitores com as suas palavras elegantes e syntheticas, ou consente na inserção d'esta minha carta desataviada e já prolixa, para explicar tudo o que ha de mais modesto e correntio, o character e o estylo.

Do seu am.^o ob.^{mo}

F. de Sá Chaves

Belem — R. da Junqueira, 512.

Isolada, nada póde; está á mercê d'um ataque dirigido pela cavallaria contra os seus cavallos á mão. Se se junta porém á cavallaria, deixa-lhe, na maioria dos casos, a totalidade dos seus sabres e triplica-lhe a potencia, dando, aos ataques dos cavalleiros, a preparação e o appoio dos proprios fogos; faculta-lhes a força defensiva que lhe falta (*sic*) e assegura-lhe, em caso de revez, um appoio solido. Pelo seu lado, a cavallaria dá á infantaria montada a segurança necessaria, combina a acção das suas cargas com a dos fogos de infantaria e completa o successo por uma perseguição energica.

...Nos acantonamentos a infantaria montada assegura á cavallaria o descanso de que tanto carece.

(*These sustentada por um cavalleiro torrencial, na «Revue de cavalerie»*). (1)

(1) N.^o correspondente ao mez de junho de 1905.

Não nos riamos da these e discutamos a serio :

Juntaes á cavallaria a *infanteria montada*, para que? Para lhe dar a *resistencia* que lhe faltava ; não é assim? Bem. Mas para isso, haveis de concordar, que desde que temos o canhão ligeiro e de tiro rapido, a metralhadora e a carabina, a cavallaria possui a faculdade de *durar* e as qualidades de *resistir* indispensaveis e bastantes á sua *independencia*, sem restricções e sem embaraços, sem lhe cercear emfim, a *mobilidade* e a *aptidão manobradora*, que são o seu apanagio.

Pois a *pom-pom*, não lhe assegura a demonstração e a potencia inconfundivel do fogo? Pois a metralhadora—mas a que monta, como nós, um só cavallo, que é servida pelos nossos soldados, commandada pelos nossos camaradas d'arma, que entende a nossa tactica e que obedece ás mesmas vozes de commando—essa metralhadora de cavallaria, deixa por isso de ser: a *infanteria condensada e atirando muito bem*? Não dispensa ella o apoio que a cavallaria carece dar aos vossos cavallos á mão, quando empenhares o combate a pé, e ás vossas marchas de estrada e ás vossas reuniões de expectativa, quando a cavallo, em que estaes tão desarmados, como os artilheiros subidos ás suas viaturas? Não nos allivia ella—tanto ou melhor de que vós, infantes montados—das contingencias d'alguns combates a pé? Não nos dispensa, mais do que vós, a segurança e guarda dos nossos canhões e acantonamentos? Pois a bala mata apenas porque é disparada por uma espingarda, em vez de o ser por uma carabina?

Transformar assim a cavallaria chamada *independente* ou de descoberta, em cão de guarda, como a de *protecção* foi e é (na imagem pittoresca de Cherfils) o *cão de cego* de toda a infantaria, não redundo n'um paradoxo, quando não seja uma contradicção grosseira?!

Antes de proseguir, um ligeiro paranthesis :

Eu tenho ouvido mofar de que nós, officiaes de cavallaria, queiramos ser, a um tempo, estrategistas e tacticos, equitadores e atiradores, ergrimistas e telegra-

phistas, topographos e sapadores e agora até, metralhadores.

Por mais que isso custe aos sarcásticos, a verdade é que temos de sê-lo, não proficientes e especialistas, mas razoáveis conhecedores de todos estes ramos da frondosa sciencia militar. Basta para isso que nos convençamos d'esta grande verdade e necessidade:

Que o nosso estudo não pôde parar no momento em que transpomos, para sahir, os humbraes da Escola do Exercito ou da Escola Pratica. Desde que fazemos *vida* da profissão das armas, e d'entre estas escolhemos a mais exigente e brilhante, a de cavallaria, importa estudar sem descanso, durante os 30 ou 35 annos da nossa *vida util* de official.

E' licito julgar e justo suppôr, o que uma intelligencia e uma aptidão, mesmo medianas, podem conseguir n'um tão largo periodo de actividade, quando aproveitado convenientemente.

Que as tendencias do nosso espirito, que a capacidade do nosso corpo, nos levem a profundar uma ou muitas das especialidades acima apontadas, é natural e humano; que nos circumscrevamos n'uma só d'ellas e tenhamos pelas restantes o desplantado despreso, compativel apenas com uma ignorancia crassa, é mais do que reprehensivel, porque chega a ser criminoso.

E' caso para invocar agora o artigo do «Regulamento de Campanha» hespanhol que diz assim, e que eu, para lhe não fazer perder a marca e o sainete especial, transcrevo na propria lingua de Cervantes:

«*De ahí que el oficial subalterno de Caballeria necesite hoy adquirir en la paz una instrucción muy cerkana á la del oficial de Estado Mayor*».

Continuemos porém a annalysar o problema da *Infanteria montada*, porque vale a pena fazel-o, para o arredar d'uma vez para sempre, da tela da discussão, onde conseguiu manter-se, por mais tempo de que era licito.

Digam os panegyristas da 5.^a arma:

que ella não embaraça os movimentos rapidos da cavallaria;

que remonta em cavallos mediocres;
 que se toma o cavallo como *meio de transporte* e não como *arma*, a infantaria montada pode e sabe conduzir o combate pelo fogo, á *infanteria*, permittindo que nós, cavalleiros, nos dediquemos á acção que nos deve ser exclusiva, o *choque*, a arma branca; por ultimo, dizem-nos os infantes chouvinistas e os cavalleiros torrencias:

que se nós, *opportunistas*, encarecemos a potencia do dragão moderno, porque o boer nos reduziu, o necessario é montar as espingardas, em vez de apeiar as carabinas, porque o boer é um infante montado.

Este allegar, não é mais do que um tenue tecido de falsidades, deixando de transparecer a pobreza dos argumentos, dos que pretendem sustentar a contestavel e contestada interferencia e as vantagens, mais pobres ainda da Infantaria montada.

Ora, se a instrucção equestre da 5.^a arma (?) é accidental, reduzidissima; se ella remonta e aproveita cavallos mediocres, como póde concluir-se que não embaraça os movimentos rapidos dos cavalleiros profissionaes e bem montados?

E que me digam, mas sem proposito reservado, sem opinião preformada:

—Em que se distigue o combate pelo fogo da Infantaria montada, do combate a pé da Cavallaria?

—A infantaria montada—dizeis vós, julgando-vos victoriosos—não só *o* pode conduzir sempre até á sua ultima phase o *assalto*, porque para *elle* dispõe da bayoneta (que falsidade!); mas, praticando-o, está no seu papel, que é a acção *pelo fogo* (que euphemismo!).

Segundo a *Tactica d'hoje*, as characteristics d'um combate pelo fogo, de infantaria, podem agrupar-se em dois periodos:

1.^o — *Approximação* ou avanço mascarado e sem começar fogo, de abrigo em abrigo, executado sob a direcção *immediata* do capitão, avanço feito por pelotões ou secções e excepcionalmente por esquadras ou por toda a companhia reunida;

2.º — *Infiltramento*, periodo mais demorado, em que o atacante procura abeirar-se do adversario, *rastejando* e fazendo fogo, passando de abrigo em abrigo, secções, esquadras ou grupos ainda menores de atiradores conduzidos *imediatamente* pelos subalternos e sargentos, sob a direcção *mediata* e suprema do capitão, avanço que as fracções ou grupos mais favorecidos topographicamente, preparam e auxiliam.

Hoje a 1800 metros está-se de debaixo de fogo. Se a zona efficaz (1300 a 540 metros, para acceitarmos a classificação ingleza) ⁽¹⁾ não póde ser atravessada pela cavallaria, sem perdas sensiveis, menos ainda o poderá ser pela *infanteria montada*. Logo esta, para empenhar o combate, á *infanteria*, terá de pôr pé em terra a 1300 metros, pelo menos; e para chegar á *decisão* do seu combate (540 a 0 de metros) terá de vencer 1300 metros a pé, *approximando-se e infiltrando-se*. A tal distancia dos seus cavallos, elles são bem infantes propriamente ditos, isto é, individuos d'uma arma a mais incapaz de recusar o combate, uma vez empenhado!

Por outro lado, as *espadas e as carabinas* reservadas e immobilisadas na guarda e protecção dos cavallos da *infanteria montada*, são outros tantos *cavalleiros ou atiradores* perdidos para o combate geral.

Para evitar este absurdo, o que restava fazer e o que se faria?

Infanteria montada que acompanhasse a cavallaria, teria de empregar o combate pelo fogo, não á *infanteria* — como julgaes possivel e conveniente — mas como a cavallaria o emprega e preconisa, isto é, escolhendo as *posições de tiro* (para o que é necessario, muitas vezes, longas cavalgadas, quasi sportivas, incapazes de serem feitas pela inaptidão equestre da *infanteria montada*) e executando-o *por surpresa, a distancia efficaz na offensiva, e ás grandes distancias na demonstração ou na defensiva. A superioridade do fogo* haveria de conquis-

(1) *Combined Training*.

tal-a, repito, pelo numero, pela instantaneidade, pela surpresa e simultaneidade dos esforços, e não pela acção methodica e progressiva, mas obstinada e lenta, presuppondo *escalonamento em profundidade, reforçamento de atiradores, aproximação mascarada*, de 1300 a 540 metros, e infiltramento subrepticio de 540 a 0 de metros, até ao corpo-a-corpo, á *decisão* a ferro frio!...

—Mas o *assalto*; como fazel-o a cavallaria, se lhe falta a bayoneta??—perguntareis.

—O *assalto*—respondo—99 vezes em cada 100, será levado a fundo pela reserva a cavallo. E se, em condições muito raras de terreno e de combate, os atiradores de cavallaria tiverem de recorrer a elle, n'esse caso excepcional, obrigariam os defensores a capitular, perante a ameaça de morte, a tiro, se tentassem resistir. Na falta da bayoneta, d'um effeito moral espectacular, mas incontestavel, resta-lhes a boca da carabina, sufficientemente ameaçadora. N'um desvairamento de heroismo e na frente d'um punhal, appetece protestar e resistir... os braços descahem impotentes porém, deante da arma de fogo, que, aperrada, ameaça vazar-nos os miolos, á queima roupa. A sagração historica do expediente guerreiro, deu-se no Transvaal e confirmam n'os os milhares de prisioneiros feitos pelos boers, que bastas vezes chegaram ao corpo-a-corpo, mas sem bayoneta.

Que seja «necessario montar as espingardas, em vez de apeiar os nossos cavalleiros, já pouco numerosos;»⁽¹⁾ que se «a cavallaria é a arma que inspira a offensiva;»⁽¹⁾ como tal convinha deixar lhes pois «as suas armas offensivas—o cavallo e a lança,»⁽¹⁾ porque procedendo assim, apenas se perderão «más espingardas,»⁽¹⁾ (?) d'isso vamos fallar agora, mas sem desvirtuar os factos como o fazem os inconsequentes *torrenciaes*:

(1) General Beauchesme — *Stratégie et tactique cavalières* (edição de 1905) pag. 15 e 16.

Para ser coherente, paraphrasiarei o meu argumentar de ha pouco, ao referir-me á *independencia* da cavallaria:

—O que falta á infantaria para se approximar do ideal? A *velocidade* e a *faculdade manobradora*, não é assim? Sigamos: A *velocidade*, o cavallo, a bicycleta ou a viatura podem dar-lh'a, dentro de certos limites, como vimos; mas a *faculdade manobradora*, só a equitação—professada fóra das estradas e atravez os variados terrenos—a garante, como só a tactica de cavallaria a direcciona e aproveita. E qual é mais exequivel: armar até aos dentes os *nossos cavalleiros*, já pouco numerosos ou montar e tornar cavalleiros dignos d'este nome, esses interminaveis infantes dos exercitos modernos, a *nação armada*, emfim?

Se crear e manter um exercito de 200 mil dragões modernos, acompanhados por numerosa e bem atrellada artilheria, coubesse nos recursos economicos e equinos de qualquer paiz, esse exercito seria invencivel.

E' esta mesma ordem de ideias que fez traçar a Hohenlohe o periodo, para nós memoravel, d'uma das suas *Cartas*:

«A nossa cavallaria deve ser tão numerosa quanto possamos tel-a».

Meditando no *modo de executar* o pensamento de Napoleão ao escrever:

« . 3000 dragons, ne doivent pas hésiter à attaquer 2000 hommes d'infanterie que, *favorisée par leur position*, voudraient les arrêter ». . é que nós nos acobertaremos da exprobação condicional e merecida de Verdy de Vernois:

«Une cavalerie que ne sait pas s'émanciper de l'infanterie, ne voudra jamais l'argent qu'elle coûte».

F. Sá Chaves

Capitão de cavallaria





A theoria da marcha

(Continuado do n.º 9 — 1905)

Depois do que deixámos dito é também conveniente notar que quanto maior fôr a obliquidade d'uma curva tanto maior será a componente effectiva e, por consequencia, mais accentuado o rompimento de desequilibrio.

Com effeito, para uma obliquidade representada por $H G$ (fig. 9) sendo a gravidade $H K$, temos as componentes $H M$ e $H N$. Se a obliquidade fôr $H G'$ as componentes passarão a ser $H M'$ e $H N'$ que serão taes que

$$H M' < H M$$

e ao contrario, para as componentes effectivas

$$H N' > H N$$

Posto isto podemos agora entrar no estudo das *tensões e flexões*.

Sabe-se que estando a perna collocada em qualquer attitude, as articulações são susceptíveis de certos movimentos de rotação que determinam as contracções musculares e que teem por effeito fazer variar os angulos que entre si formam as diversas alavancas: coxa, perna e pé. Se a acção muscular faz augmentar o angulo que formou, produzir-se-ha uma *tensão*. Pelo contrario, se a acção muscular o fizer diminuir originar-se-ha uma *flexão*.

Tensão do jarrete. Tomemos, por exemplo, a attitude $H G C$. Se os musculos do tornozelo e do joelho

actuaem de forma a augmentar os angulos HGC e GCP (fig. 10) a perna tomará a attitude hgC , movimento este que será executado sobre o centro de gravidade como o faria uma força de direcção HA .

Se, por outro lado, HN representa a componente effectiva da gravidade, para a attitude inicial HGC , vê-se que o movimento do centro de gravidade se produzirá, segundo a resultante AR , tomando successivamente a perna as attitudes $H'G'C$, $H''G''C$, etc. Haverá pois deslocação do centro de gravidade.

Chamaremos *tensão do pé* áquella que, pela rotação do tornozelo e a deslocação do calcanhar, teria por effeito fazer passar o pé da posição TP (fig. 11) á posição $T'P$ e de deslocar o centro de gravidade de H para H' . Fazendo identico raciocinio como fizémos para a tensão do jarrete, veriamos que o movimento do centro de gravidade produzir-se-hia segundo a resultante HR .



Notaremos que tanto n'um como n'outro dos casos estudados as componentes effectivas da gravidade permaneceram as mesmas para uma mesma attitude, pois que a intensidade da acção muscular é variavel, não tendo outros limites senão a força do proprio individuo. E', pois, da intensidade d'esta acção muscular que dependerá a direcção da resultante HR , segundo a qual terá logar o movimento definitivo. Notaremos tambem que a tensão do jarrete e do pé, que estudámos separadamente, podem realisar-se simultaneamente, accrescendo pois o effeito d'uma ás da outra.

Flexões. Qualquer que seja a attitude da perna, no momento em que se produz uma flexão, esta produz sempre o effeito de diminuir ou suprimir a resistencia

offerecida pelo membro á acção da gravidade, envolvendo, portanto, um abaixamento do centro de gravidade.

Tomemos a attitude $H G C$ (fig. 12), na qual suporemos a principio que as articulações são fixas. A gravidade $H K$ tem por componentes, como já ficou dito, $H M$ e $H N$. Sabemos já que o effeito da componente $H M$ é compensado pela resistencia, que póde ser representada por $H A$, egual e directamente opposta a $H M$.

Supponhamos agora que as artitulações G e C cedem, em certa medida, á acção da gravidade, resultando uma deminuição de $H A$ que poderá não ser maior, por exemplo, do que $H a$. Em virtude d'este facto $H M$ não será inteiramente compensada e, por consequencia, exercerá uma acção effectiva que se poderá representar por

$$H m = a A.$$

O movimento do centro de gravidade não se produzirá, pois, segundo $H N$, mas segundo a resultante $H R$, de $H N$ e $H m$. A flexão terá por effeito levar a perna a tomar successivamente as attitudes $H' G' C'$, $H'' G'' C''$, etc.

Em resumo, se compararmos entre si os effeitos que acabamos de descrever vemos que as attitudes produzem, em virtude da ruptura do equilibrio, um deslocamento do centro de gravidade segundo uma trajectoria determinada, que é o arco descripto, no plano vertical com o tornozello, como centro, e a distancia $C H$ como raio, e que as tensões e flexões são susceptíveis de modificar, em uma medida variavel, a forma d'esta trajectoria.

O mecanismo da marcha consiste, pois, em combinar as attitudes com as tensões e flexões de forma a imprimir ao centro de gravidade um movimento tão uniforme quanto possivel segundo uma trajectoria tambem o mais simples possivel.

Trajectoria simples será aquella que mais se approxime da direcção parallella ao solo. E' evidente, com effeito, que toda a sinuosidade, quer latteral quer prin-

principalmente vertical, da linha de translação corresponde a um desvio ou a uma ascensão do centro de gravidade, representando, portanto, uma perda de trabalho que vae affectar o fim principal, a progressão em frente, a marcha. E este inconveniente é aggravado quando o individuo transporta uma carga, como geralmente succede ao soldado quando transporta o seu equipamento e armamento.

(Continua)

G.

Secção do estrangeiro

Austria — Nem todos os paizes da Europa comprehenderam ainda bem qual é a missão das metralhadoras. em campanha.

Nas manobras da Bohemia a artilheria a cavallo foi substituida por metralhadoras.

Cada brigada de cavallaria, attribuida a cada partido, foi reforçada com um grupo de metralhadoras de 4 peças e dois carros de munições.

A este respeito diz o «Danzers Armée Zeitung» que estas manobras mais uma vez vieram demonstrar que as metralhadoras não pôdem substituir a artilheria e que o desejo de effectuar essa substituição influe molestamente no seu emprego.

«As metralhadoras, diz o alludido jornal, são por assim dizer a essencia da infanteria; devem pois ser empregadas como tal, notando-se que a sua rapidez de movimentos e o pouco espaço que occupam na columna tornam-nas aptas a poderem acompanhar a cavallaria».

«Mas se a metralhadora precisar quasi tantos cavallos de tracção como a bocca de fogo e tantos serventes como esta arma a questão fica pendente sobre se n'estas condições se não deva dar a preferencia ás boccas de fogo.»

Para nós a questão é bem evidente, a metralhadora, que é a arma do futuro, representa o fogo da infanteria concentrado, tem as suas applicações tacticas muito especiaes, sendo por vezes um incomparavel auxiliar para a lucta, mas será loucura pretender attribuir-lhes as qualidades que são inherentes á artilheria, como sejam o alcance e as propriidades destructivas dos obstaculos.

Ha casos em que uma metralhadora presta mais serviço do que uma bocca de fogo, mas as funcções d'estas armas são differentes e differente por tanto tambem é o seu emprego tactico.

Não se podem nem se devem substituir.

D'aqui o erro apreciado nas manobras do exercito austriaco, na Bohemia.

Todavia devemos reconhecer que as metralhadoras estão destinadas a prestar grandes e inolvidaveis serviços á cavallaria independente, mórmente nas guardas avançadas ou guardas da retaguarda.

Para isso é preciso dar-lhe toda a mobilidade creando-se algumas companhias de metralhadoras a cavallo.

Japão—Muito se tem fallado em horrosos hecatombes japonezes na guerra que findou.

Parece, pelas phantasticas noticias dos jornaes, que as descargas dos russos ceifavam no campo japoniez como a fouce de um habil ceifador em louras cearas.

Apparece-nos agora um telegramma de Tokio para o jornal russo *Novoié Urémia* a dar conta detalhada das perdas do exercito japoniez.

Diz o telegramma :

Mortos no campo de batalha	46.180
Mortos em resultado de ferimentos.....	10 970
Mortos de doenças	15.200
Total.....	72.450

Esta cifra será verdadeira ?

Ainda é cedo para se fazer um juizo completamente seguro dos factos occorridos n'essa guerra.

Todavia a cifra officiosa das perdas japonezas está muito longe do que se dizia que perdera em homens o exercito nipponico.

Allemanha—Segundo o *Militar Zeitung*, de Berlim, no dia 1.º de outubro do anno corrente foi creado na Baviera um regimento de cavallaria, que constará, provisoriamente, de tres esquadões, sendo um creado de novo e os outros dois serão tirados dos caçadores a cavallo bavaros. Este novo regimento ficará aggregado á 5.ª brigada de cavallaria bavara, que faz parte da 5.ª divisão de infantaria.

Na mesma data se augmentou com uma companhia o 3.º batalhão de sapadores bavaros, que até aqui era apenas constituido por duas companhias.

No anno corrente, como de resto é norma n'aquelle paiz, as unidades de infantaria tambem teem sido augmentadas, embora isso seja feito d'uma fôrma imperceptivel e que só mais tarde peze no orçamento. É por este processo prudente que o Imperador tem conseguido, sem reluctancias de maior, augmentar o seu poderoso exercito.



8.º ANNO

DEZEMBRO DE 1905

N.º 12

REVISTA DE INFANTERIA

Os quadros da infantaria

Mais uma vez precisamos voltar a este assumpto porque é da mais capital importancia para a nossa arma. A infantaria, sob o ponto de vista de promoções, está atravessando uma crise aguda, a que é necessario accudir promptamente. Nos postos superiores não ha promoções: no posto de major e tenente coronel gasta-se já hoje 7 annos em cada um, quando regulava por quatro no maximo. No posto de capitão eternisa-se um official e no de tenente, quando a media era de 6 e meio, está sendo já de 8 annos e mais.

Causa dó consultar o almanack do exercito e mais dó causa ainda a lembrança de que os individuos que ha mais d'um anno estavam no cume das escalas dos seus postos ainda hoje occupam sensivelmente os mesmos lugares. No posto de tenente dá-se até um facto virgem, porque sendo a media das promoções a capitão superior a 50, no anno presente está limitada a 2. Esta situação é insustentavel e nós chamamos a attenção para este assumpto. Quando não ha promoções não ha es-

timulos e faltando estes difficilmente se pode contar com dedicações.

Quão factos d'esta ordem se dão nos outros paizes immediatamente se lança mão de qualquer expediente que pareça consentaneo para debelar o mal que ameaça a instituição. Na Allemanha, por exemplo, provocam-se as reformas nos postos superiores. A França, não querendo talvez recorrer a um processo tão deshumano, recorre ás reformas por antecipação, taes como dar, por exemplo, aos individuos que teem 25 annos de serviço a reforma com as mesmas garantias que teem os de 30. Por um processo ou outro aquellas duas nações teem sempre os seus quadros rejuvenescidos.

Nós temos tambem a reforma por equiparação, mas entre nós ha verdadeiro horror á reforma porque os descontos que se lançam sobre os já magros vencimentos dos reformados são tão grandes que essa mudança de situação representa uma perfeita calamidade, não dando, portanto, esse benefico principio fructo algum apreciavel.

O caminho que ha, pois, a seguir é muito diverso. Remodelem-se os quadros pondo os da infantaria em harmonia com os das outras armas, promulguem-se leis justas, equitativas e despidas de todo o favarotismo e protecção e ver-se-ha então a promoção normalisada e egualada em todas as armas e serviços.

Nós já temos mostrado bem á evidencia não só a pessima organização e constituição dos quadros da infantaria, mas até o desfavor em que se encontram em relação ao das outras armas. Tudo isso dá a este assumpto uma importancia capital, como já dissémos, e, por isso, não o abandonaremos mais sem vêr que é feita a justiça devida. Faremos como sobre os vencimentos. Andámos em lucta profiada e insistente durante mais de 3 annos, mas por fim sempre conseguimos alguma coisa. Outro tanto faremos com os quadros, podem os nossos camaradas ficar certos.

Se se completassem os quadros pedidos pela organização presentemente em vigor, todas essas lacunas, defficiencias e injustiças desappareciam por completo. Nós sempre esperámos que d'esta forma se pro-

cedesse, razão porque não temos tratado este assumpto com a insistencia devida. Mas desde que essa esperanza desaparece com a reorganisação projectada, porque se reduzem as unidades da nossa arma, facto que tambem só no nosso paiz succede, porque em todos os mais se augmentam constantemente, precisamos então voltar com cuidado a attenção para este assumpto, a fim de se reclamar se nos faça a justiça a que temos direito e os interesses mais caros da patria exigem.

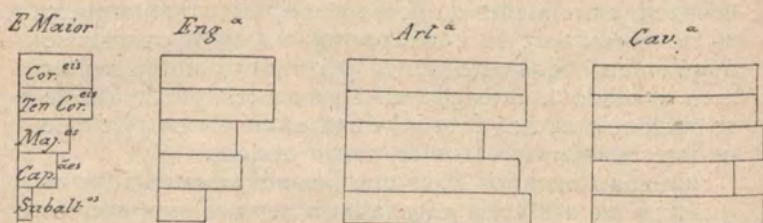
Quando ouvimos dizer que iam ser augmentados os quadros da artilheria e cavallaria sempre suppozemos que os da nossa arma não ficariam esquecidos. Mas desde que o esquecimento se dá e o ostracismo se realisa precisamos nós então tornarmo-nos lembrados, pedindo justiça, que é sempre uma coisa que fica bem entre os homens. Nós queremos paz e justiça e, portanto, á boa paz pediremos a sã justiça, embora estejamos já cansados de a pedir sem que nos ouçam.

Trilhando, pois, serenamente o caminho da paz, continuaremos demonstrando que augmentar os quadros ás outras armas e esquecer a infantaria constitue uma injustiça... muito grande. Comparando a relação de officiaes superiores para capitães e subalternos já vimos que a infantaria tem a mesma percentagem de que a artilheria e uma percentagem muito menor de que a cavallaria e engenharia. Ora se é logico augmentar os quadros d'aquellas armas, mais justo e mais logico é augmentar os da infantaria.

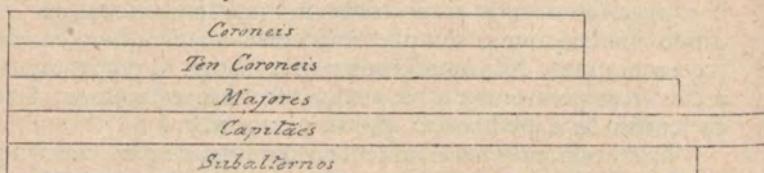
Pelos artigos anteriores se pode vêr que a arma principal do exercito tem uma percentagem muito pequena de officiaes superiores. Tendo, pois, uma cabeça muito pequena para um corpo tão grande, como mostra o graphico que novamente juntamos, poucos officiaes teem lá logar e a maioria apenas, por consequencia, poderá contar com a sorte de major reformado.

Hoje vamos demonstrar isso mesmo por um outro processo, que, levando-nos ás mesmas conclusões, mostrará não só a injustiça de que sômos victimas, mas tambem que todas as nossas conclusões são verdadeiras. E mostrará tambem que muita força teem aquelles que se

collocam, como nós, do lado da razão, da justiça e da equidade.



Infanteria



Procurando a percentagem com que o estado maior e as diferentes armas entram actualmente na composição e organização do nosso exercito, o que é conveniente que todos façam como contra-prova e verificação dos nossos processos, encontramos o seguinte quadro :

Armas	N.º de officiaes	Percentagem
Estado-Maior	48	2,4 0/0
Engenharia.....	118	6,1 0/0
Artilheria.....	314	16,3 0/0
Cavallaria,.....	279	13,8 0/0
Infanteria.....	1:163	60,4 0/0

Nós não discutimos essas percentagens, o que poderíamos fazer se as confrontássemos com as dos exerci-

tos estrangeiros. E não o fazemos porque quasi todas ellas estão exageradas, excepto a da infantaria, o que poderia parecer que iamos pedir se reduzissem direitos adquiridos. Nós, repetimos, não temos inveja dos progressos das outras armas; a unica coisa que todavia desejamos é não ficar atraz, razão porque estamos pedindo nos colloquem apenas no mesmo pé d'egualdade.

Acceitando, portanto, como boas essas percentagens e fazendo a distribuição dos quadros pelas diferentes armas, abstrahindo do estado maior por já hoje ser considerado corpo aberto, em relação ás percentagens que acima ficam indicadas, encontramos o quadro, que é conveniente que tambem seja verificado.

POSTOS	Total dos quadros	Armas com os quadros em relação á percentagem			
		Eng. 6,1 %	Art. 16,3 %	Cav. 13,8 %	Inf. 60,4 %
Coroneis.....	94	5,7	15,3	12,9	56,7
Ten. coroneis....	94	5,7	15,3	12,9	56,7
Majores.....	142	8,6	23,1	19,5	85,7
Capitães.....	541	33,0	88,1	74,6	326,7
Subalternos.....	1.051	64,1	171,3	145,0	634,8

Se a constituição dos quadros do exercito fosse feita em harmonia com as percentagens que competem ás diferentes armas, se não se augmentassem ou reduzissem conforme os caprichos ou ao sabor das imposições ou sympathias, cada arma devia ter em cada posto os officiaes indicados n'esse quadro. Se não é logico tirar esta conclusão descremos então da logica.

Posto isto passaremos a indicar as armas que estão beneficiadas ou prejudicadas. Para isso faremos o confronto separadamente, começando pela engenharia. Confrontando os quadros que esta arma tem actualmente com os que devia ter em harmonia com a sua

percentagem, encontramos os officiaes a mais e a menos que o quadro que segue indica.

Engenharia

POSTOS	Total dos quadros	Quadros existentes presentemente	Quadros que deviam existir em relação á percentagem 6,1 %	Quadros que ha presentemente	
				A mais	A menos
Coroneis	94	10	5,7	4,3	
Ten. coroneis	94	10	5,7	4,3	
Majores	142	10	8,6	1,4	
Capitães	541	40	33,0	7	
Subalternos	1:051	48	64,1		16,1

Confrontando agora esses numeros com o graphico que acima juntamos, vêmos que este está precisamente certo e que as nossas conclusões são rigorosamente verdadeiras.

Fazendo agora identico confronto para a artilheria encontramos o quadro que segue.

Artilheria

POSTOS	Total dos quadros	Quadros existentes presentemente	Quadros que deviam existir em relação á percentagem 16,3 %	Quadros que ha presentemente	
				A mais	A menos
Coroneis	94	15	15,3		0,3
Ten. coroneis	94	15	15,3		0,3
Majores	142	18	21,3		5,1
Capitães	541	86	88,1		2,1
Subalternos	1:051	180	171,3	8,7	

E por este quadro se conclue que a artilheria, tendo a mesma relação de officiaes superiores para capitães e subalternos que a infantaria, tambem não está beneficiada nos seus postos superiores.

Outro tanto já não podemos dizer para a cavallaria, pois que pelo quadro que segue se vê que tem officiaes superiores a mais.

Cavallaria

POSTOS	Total dos quadros	Quadros existentes presentemente	Quadros que deviam existir em relação á percentagem 13,8 °/o	Quadros que ha presentemente	
				A mais	A menos
Coroneis	94	14	12,9	1,1	
Ten. coroneis	94	14	12,9	1,1	
Majores	142	22	19,5	2,5	
Capitães	541	70	74,6		4,6
Subalternos	1:051	159	145,0		14,0

Passando então á infantaria, a differença é flagrante e concludente, como o mostra o seguinte quadro.

Infantaria

POSTOS	Total dos quadros	Quadros existentes presentemente	Quadros que deviam existir em relação á percentagem 60,4 °/o	Quadros que ha presentemente	
				A mais	A menos
Coroneis	94	49	56,7		7,7
Ten. coroneis	94	49	56,7		7,7
Majores	142	86	86,1		0,1
Capitães	541	325	326,7		1,7
Subalternos	1:051	654	624,8	19,2	

A analyse d'este quadro e o seu confronto com os das outras armas bem mostra a verdade do graphico e a injustiça de que estamos sendo victimas. Se a artilheiria não está beneficiada, como realmente o seu quadro privativo mostra, a infantaria está então muito mais prejudicada, porque emquanto n'aquella o prejuizo é expresso n'uma pequena fracção, n'esta, na nossa arma, o desfavor e prejuizo é expresso por aquelles numeros inteiros e bem eloquentes. E no entretanto augmentam-se os quadros áquella arma, como aliás é justo, e nós ficamos esquecidos!

Como tudo isto é triste!



Administração militar

A orientação dada no nosso paiz aos serviços de administração militar não é ainda de molde a attribuirem-se-lhe a importancia e o valor que realmente tem nos exercitos constituídos em condições de satisfazerem ao seu fim na guerra.

A nossa administração militar, tem-se dito muita vez e repete-se ainda, está atrazadissima em relação ás suas congeneres dos exercitos estrangeiros.

Em primeiro lugar, é restrictissima a sua acção, limitada quasi ás questões de contabilidade e expediente, que absorvem quasi que por completo os seus officiaes, atrophando-os n'um serviço ingrato para commettimentos de maior alcance pratico.

Em segundo lugar, entregam-se ainda á industria

civil alguns fornecimentos, não só com *onus* material para o Estado, pois se obteriam em melhores condições pela administração, mas ainda com o gravissimo inconveniente de não serem uma garantia segura no caso d'uma campanha.

A contabilidade, sem processo, verificação e fiscalisação, tem sido até hoje quasi que a unica missão da nossa administração militar.

Os ramos mais importantes do seu serviço, como sejam os de subsistencias, os de fardamento, os de mobililia, os de equipagens militares, etc., estão relativamente atrasados uns, entregues outros a entidades diferentes.

A administração militar portugueza não conseguiu ainda reunir em si todos os serviços de character tecnico que o exercito possui, e os poucos mesmo que reuniu, não teem ainda o desenvolvimento que seria para desejar, tornando proficua a sua acção e desenvolvendo a iniciativa e as aptidões dos seus officiaes.

Se a ella se não entregam todos os serviços que lhe competem, com receio da pouca preparação do pessoal, façam-se mais pesadas exigencias aos que pretendem o ingresso no quadro e obriguem-se os que a elle já pertencem, ao estudo das suas variadas funcções, exijam-se-lhes provas d'esse estudo, facilite-se-lhes a preparação conveniente, colloquem-se, enfim, nas devidas condições de os desempenharem com vantagem para o exercito.

Se esse facto provem, porém, e para esta causa nos inclinamos, da falta de pessoal, que é *real e verdadeira*, mesmo nas actuaes condições de organização, com accentuado cunho *papelista*, alargue-se o quadro nas proporções devidas, alargamento que não produzirá encargos tão pesados que a fazenda publica não suporte.

O actual estado de cousas traduz se em pouco proficuos resultados e em menos se traduziria ainda se houvesse necessidade de mobilisar quaesquer forças militares.

O outro ponto que nos propuzemos tratar n'este despretencioso artigo, é o da necessidade de possuirmos a nossa administração *toda militar*.

A proposito da noticia, ainda não confirmada, da criação d'um *deposito-casão de fardamento* no Porto, a imprensa d'aquella cidade publicou varios communicados, inspirados decerto por industriaes de tecidos, condemnando tal medida, pelos prejuizos materiaes que, no seu entender, traria ao progresso das industrias do norte.

Por esse motivo appellavam para o ex.^{mo} Ministro da Guerra e não sabemos mesmo se moveram outras influencias no sentido do *deposito* não ser creado.

A objecção é absurda e não pode colher, porque:

1.^o — Não resultaria d'esse facto prejuizo algum para os industriaes de tecidos do norte, porquanto elles poderiam concorrer com os seus collegas das outras terras ás arrematações que necessariamente teriam de ser feitas, visto que a administração não tem estabelecimentos seus de fabrico de tecidos.

2.^o — Ainda mesmo que as industrias do norte ficassem prejudicadas, não seria isso razão bastante para eliminar a criação d'um estabelecimento que traria beneficios materiaes ao Estado e enormes vantagens ao serviço de fardamento do exercito.

Primeiro que tudo, devem ser salvaguardados os interesses do exercito, que são os que mais legitimamente se ligam aos do paiz de que é sustentaculo.

A criação do *deposito* no Porto offerece vantagens de fornecimento aos corpos da 3.^a divisão militar e isso basta a determinial a.

O fornecimento de calçado ao exercito é hoje ainda feito pela Penitenciaria de Lisboa. Este fornecimento nenhuma garantia tem de regularidade e até mesmo cremos que são satisfeitas com morosidade as requisições dos corpos.

Este facto representa, mesmo em condições de paz,

um grave inconveniente; em caso de guerra crearia difficuldades talvez insuperaveis.

Junto aos *depositos-casões de fardamento* poderiam e deveriam haver *officinas militares de calçado* que garantissem um fornecimento regular ás tropas da divisaõ e uma reserva graciosa para um caso de campanha; só assim poderemos ter segurança no fornecimento de calçado ao exercito.

Relativamente aos generos para rancho, o seu fornecimento é hoje feito por arrematação nos differentes corpos do paiz. Este processo pode, apparentemente, demonstrar vantagens, por alguns generos serem mais baratos em determinadas regiões do que n'outras.

Se, porém, todos os generos fossem obtidos, por administração directa, nos mercados mais favoraveis do paiz para cada classe de genero, para o que se constituiriam commissões especiaes, e se se organisassem *depositos regimentaes* para o consumo do anno, e *depositos divisionarios* para formarem uma reserva para campanha, reserva periodicamente renovada, sobre estar mais garantida a alimentação das tropas em todos os casos, haveria ainda um grande lucro material para o Estado.

As compras a grosso são sempre feitas em melhores condições e no processo actual de arrematação lucta-se sempre com a má fé do fornecedor, se o genero foi arrematado por preço inferior ao do mercado.

10/10/905.

A. DAVID BRANQUINHO
Tenente d'administração militar.





OS SARGENTOS

Não tem havido entre nós prodigalidade com os sargentos, os indispensaveis auxiliares dos officiaes. E de facto assim succede e nem esta circumstancia de *indispensabilidade* lhe tem valido para coisa alguma.

As suas regalias teem sido por vezes cerceadas, quando felizmente só ha razão para succeder o contrario, porque o desempenho das suas funcções está sendo cada vez mais perfeito e correcto.

A muitas d'ellas, que representam verdadeiras injustiças, nos temos referido e hoje vamos indicar mais uma outra.

Tem-se propalado, e é da convicção de muitos, mas não da maior parte, que o serviço prestado nos districtos de reserva não é contado aos 1.ºs sargentos como serviço de escala. Não sabemos em que razões se fundam aquelles; estes, alguns dados teem para poder formar a sua opinião. A contagem, para todos os effeitos, do serviço prestado pelos 1.ºs sargentos dos districtos de reserva já vem de longa data, e senão vejamos.

O decreto de 30 d'outubro de 1884, no seu artigo 184, publicado na O. E. n.º 20, diz:

«As funcções de sargento ajudante serão desempenhadas por um 1.º sargento, escolhido pelo coronel entre as praças da mesma classe que, em concurso, houverem obtido approvação para o cargo e revelarem melhor aptidão para a disciplina e serviço da secretaria.»

O que nos mostra este artigo? Qualquer 1.º sargento nas condições apresentadas podia ser promovido a sargento ajudante com qualquer tempo de posto de 1.º sargento. Mas vamos adiante.

Em 9 de março de 1887 foi publicado o regulamento das reservas, que diz no artigo 135:

«Os actuaes sargentos ajudantes dos regimentos activos de infantaria e caçadores poderão ser transferidos para os correspondentes quadros dos districtos de reserva, quando satisfaçam ás condições determinadas no artigo 6 d'este regulamento e houver conveniencia para o serviço.»

Este artigo 6 diz :

«Todas as praças de pret graduadas dos quadros dos districtos de reserva deverão pelo menos estar no segundo periodo de readmissão.»

Depois veio a circular n.º 5, da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 27 de julho de 1888, publicada na O. E. n.º 1.º, que determina o seguinte:

«Parecendo não ter sido bem interpretado o artigo 181 do decreto de 30 d'outubro de 1884, que extinguiu o posto de sargento ajudante, e sendo necessario fixar as obrigações que competem aos 1.ºs sargentos nomeados para o desempenho das funcções que, anteriormente á promulgação do referido decreto, competiam áquelle posto, determina-me sua ex.ª o ministro da guerra que eu diga a v. ex.ª se sirva communicar aos commandantes dos corpos, que os sargentos ajudantes nomeados em virtude da disposição do referido artigo são obrigados ao desempenho dos deveres que, pelos regulamentos e leis em vigor, forem fixados para o dito posto, com excepção dos relativos a commando ou direcção, que os exercerão unicamente nos actos de serviço a que não compareçam 1.ºs sargentos mais antigos.»

Mais tarde, em 1891, eram ainda estes direitos salvaguardados pela determinação do artigo 131 do regulamento das reservas d'esta data, que determinava:

«Os actuaes sargentos ajudantes dos quadros dos districtos de recrutamento e reserva, enquanto estiverem n'esta situação conservarão todos os direitos, vencimentos e vantagens de que gosam na data da publicação do presente regulamento.»

Esta mesma doutrina é reforçada pelo artigo 4.º do decreto de 5 de março de 1892.

N'estas condições foram promovidos a sargentos ajudantes quando por escala lhes pertenceu, alguns 1.ºs sargentos que por concurso já desempenhavam aquellas funcções, sem os taes tres annos a que chamam serviço d'escala e por consequente a official sem os 4 annos da ordem.

Pelo regulamento das reservas, de 1891, eram as praças de pret do exercito activo dos quadros dos districtos nomeados pelos commandantes dos regimentos correspondentes aos districtos, devendo os 1.ºs sargentos ser os mais antigos dos respectivos corpos; assim o determinava o § 4.º do artigo 5.º. Mas como este systema de nomeação trazia bastantes inconvenientes para o bom andamento do serviço de secretaria, pois que quando os 1.ºs sargentos começavam a entrar na engrenagem de tal serviço, eram promovidos a sargentos ajudantes, este inconveniente foi remediado pela disposição 3.ª, inserta na O. E. n.º 11 (1.ª serie), de 1898, que determinava o seguinte:

«Tendo-se reconhecido a inconveniencia de se nomear para fazer parte do quadro dos districtos de recrutamento e reserva os 1.ºs sargentos mais antigos dos regimentos correspondentes a esses districtos; e convindo consequentemente alterar o disposto no § 4.º do artigo 5.º do regulamento para a organização dos serviços

do exercito activo de 31 de dezembro de 1891: Determina Sua Magestade El-Rei que, sob proposta dos commandantes dos districtos de recrutamento e reserva, os commandantes dos corpos nomeiem para o serviço dos referidos districtos quaesquer outros 1.^{os} sargentos, contanto que tenham n'este posto pelo menos dois annos de serviço de escala regimental».

Por esta disposição, não pôde restar duvida, que os 1.^{os} sargentos nomeados n'estas condições, eram promovidos a sargentos ajudantes sem os tres annos e por conseguinte a officiaes sem os quatro a que chamam serviço de escala nos regimentos.

Hoje, o actual regulamento das reservas apenas exige como condição especial o deverem ser readmittidas todas as praças de pret graduadas dos districtos.

Dada a actual organização independente dos districtos, para o seu quadro são transferidos os 1.^{os} sargentos mais modernos dos readmittidos por ser a escala que assim determina, e, onde, por conseguinte ficam desempenhando o serviço que por escala lhes pertencem.

Nos estabelecimentos militares, como por exemplo no deposito disciplinar, deposito de praças do ultramar, escolas praticas, etc., conta-se como serviço de escala; e só o dos districtos não se deve contar! Que differença haverá entre as escalas d'aquella unidade e a dos districtos? Sim, porque nos districtos tambem ha escala; porque de contrario, o commandante não poderia nomear as praças para serviço; e figurando os sargentos durante o anno muitas vezes em diligencia, quer na ordem, quer nos mappas e relações, a enviar ás estações superiores, porque será que dizem que não se conta como serviço d'escala? Ou estas escalas serão differentes e o serviço dos districtos de reserva não será tão bom como os das outras unidades?!

Quer nos parecer que é até melhor.

Pelas leis em vigor, os 1.^{os} cabos e 2.^{os} sargentos dos quadros dos districtos podem concorrer ao exame para o posto immediato sem nunca terem sequer visitado o regimento correspondente; o tenente é promovido a capitão; este, é que deve ter dois annos de commando de companhia (coisa differente do serviço de escala) o capitão é promovido a major, o major a tenente-coronel, e tenente coronel a coronel e este a general. Só o 1.^o sargento não pôde ser sargento ajudante! Altos misterios de Deus. Isto é o que se diz mas não o que se deve fazer.

O serviço dos districtos de reserva não é para todos; é só para aquelles que não gostam de passear e que teem amor pelo trabalho: de contrario anda tudo embrulhado e por isso é de justiça que seja contado para todos os effeitos. Os factos ali ficam e contra elles não pode haver argumentos.

M. S.



OS VENCIMENTOS DOS OFFICIAES NO ULTRAMAR

A nossa attitude, occupando este modesto logar na imprensa militar, tem sido sempre propugnar por tudo quanto é de palpitante interesse para a defeza nacional, não esquecendo nunca que temos a subida honra de representar no nosso meio intellectual os mais caros interesses da arma mais numerosa do exercito, a arma principal, a que, hoje como hontem, é ainda a que decide da sorte das batalhas e portanto da sorte do paiz.

E cumprimos um dever de honra, que não um chauvinismo de arma, procurando erguer bem alto a infantaria portugueza, porque todo o exito na guerra depende essencialmente do exito da nossa arma.

E' mesmo a arma do sacrificio.

O general barão Bilderling, que commandou um corpo de exercito russo na Mandchuria, dizia, n'um aliás notavel relatorio que corre mundo traduzido em allemão, em francez e em inglez, que *«o mais violento trabalho e as mais esmagadoras perdas foram supportadas pela infantaria, que é a arma principal.»*

Esta consideração devia bastar para despertar em todo o exercito um sentimento de amor e de respeito pela nossa arma, e ao mesmo tempo uma dedicação sincera e nobre da parte do sr. ministro da guerra para a erguer á culminancia da força e do prestigio, para assim ter cimentado em bases bem solidas a defeza nacional.

Infelizmente, a acção dirigente nem sempre se harmonisa com esta aspiração tão altruista.

Portanto, a nossa missão é toda patriótica e visa mais alto e mais longe do que ao interesse acanhado e restricto de uma arma do exercito.

Todavia, não poderemos nunca esquecer tambem que um dos factores mais importantes para o engrandecimento do exercito reside na elevação do nivel moral da sua corporação de officiaes.

Por isso nunca descuramos a defeza dos direitos sagrados dos nossos camaradas, procurando por todos os modos ao nosso alcance advogar tudo quanto é justo, tudo quanto teem direito pelo seu trabalho e pela sua abnegação.

E n'esta ordem de ideias iremos até ao fim.

E eis a razão porque não podemos nem devemos esquecer os nossos camaradas do exercito ultramarino, que atravessam um periodo bem difficil na sua vida economica.

Nas nossas possessões ultramarinas ha duas especies de officiaes. Uma dos destacados da metropole, outra dos privativos das colonias. Tanto uns como outros estão mal remunerados.

Os da metropole, porque, longe das suas familias, encontram-se na dura necessidade de dividir o soldo, e o que lhe resta para a sua subsistencia nas colonias é insufficiente, ficando em igualdade de circumstancias com os officiaes privativos do exercito ultramarino que não tenham familia na metropole.

Ora a pratica da vida, a experiencia de alguns annos, tem mostrado que a insufficiencia de meios para o official se poder manter nas colonias é deprimente para o exercito, é contrario aos interesses nacionaes, e, arrastando por aquellas plagas um grande numero de torturados, afoga e esmaga o fogo sagrado que deve animar todos os officiaes no cumprimento do dever.

E' mesmo um dos grandes symptomas de má administração.

Um alferes, no Congo, por exemplo, que faz parte da nossa colonia occidental da Africa, vence, no serviço

de fileira, 44 000 réis mensaes, o tenente 50 000 , e o capitão 60 000 . Evidentemente esta remuneração é insufficiente para terras aonde a carestia dos generos essenciaes á vida é extraordinaria, como bem se sabe.

Os officiaes da metropole, que teem vencimentos maiores, ficam reduzidos ás mesmas circumstancias logo que o encargo de familia os obrigue a deixarem em Portugal pelo menos o correspondente ao soldo que cá percebiam.

Ora, é indispensavel que o governo lance a sua attenção para este estado de cousas, tanto mais quanto é certo ter o governo intenção de organizar serviços nas colonias, não diremos largamente remunerados, mas com grande vantagem sobre os magrissimos soldos dos officiaes.

Os serviços agronomicos, por exemplo, que o governo tenciona organizar nas colonias, concede aos agnomos nos primeiros 3 annos de serviço no ultramar um vencimento que oscilla entre 1:000 000 e 1:500 000 réis por anno; dos 3 aos 6 annos, 1:500 000 réis a 2:000 000 réis, e dos 6 por diante 2:000 000 réis a 2:500 000 réis. Quer dizer, sae um agronomo das escolas e vae para o ultramar ganhar muito mais do que um capitão do quadro privativo e tanto como um capitão do exercito da metropole.

Esta differença é sem duvida injusta e irritante. Mas o mais grave está no seguinte:

Diz o § 4.^o da base 4.^a do projecto: «Todos os funcionarios technicos que attingirem 10 a 15 annos de serviço effectivo nas colonias, quando impossibilitados, teem direito á reforma com o ordenado correspondente ao primeiro periodo de serviço; os que attingirem mais de 15 annos, nas mesmas condições, terão igualmente direito á reforma com o ordenado correspondente ao segundo periodo de serviço». Quer dizer, com mais de 15 annos de serviço teem vencimentos na reforma que oscillam entre 1:500 000 e 2:000 000 réis.

Pergunta-se agora ao governo, que graduação deve ter um official para, passados 15 annos de serviço nas colonias, quando impossibilitado, ter direito á reforma

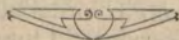
com um vencimento de 1:500\$000 réis a 2:000\$000 réis?

Ora, evidentemente estas desigualdades offendem e ferem o brio do exercito, porque não admittimos que nas colonias seja mais arduo, mais violento e mais accidentado o serviço de qualquer funcionario civil do que o dos nossos camaradas, que além de trazerem as suas vidas tantas vezes em risco nas guerras gentilicas, se encontram destacados pelo sertão sem convivio social, sem conforto de especie alguma, e até muitas vezes sem a alimentação indispensavel ao europeu, por falta de generos, por falta de carregadores, por causa de mil incidentes que só bem os avalia quem já os experimentou.

E' uma iniquidade isso que se pretende fazer, deprimindo e amesquinhando o nosso serviço, nós, militares, que somos o unico elemento que mantem em respeito e em obediencia o espirito rebelde e em constante revolta do preto.

Remodele-se, pois, os vencimentos da burocracia civil do ultramar, mas paralellamente lance-se um olhar compassivo para os nossos camaradas do exercito ultramarino afim de que se possa dizer que em Portugal ha justiça e egualdade, sendo respeitado o direito de cada um.

Esperamos, com toda a sinceridade, que o governo attenderá as nossas palavras, que são unicamente inspiradas por um sentimento de justiça.





DUAS ESCOLAS OPPOSTAS

(Négrier—Langlois)

Em materia de tactica, cada grande potencia da velha Europa segue a sua *escola*. Assim temos a *escola russa* (antes da guerra) embebida dos principios de Dragomiroff; a *escola allemã*; e dentro da França, adversas uma da outra, contradizendo-se, e capitaneadas por dois illustres generaes, nada menos de duas.

Referimo-nos aos generaes de Négrier e de Langlois—que sendo dois chefes de exercito são simultaneamente dois vultos notabilissimos da moderna litteratura militar—cujas concepções e ideias tacticas tão oppostas tem conquistado cada qual os seus adeptos: os do primeiro, reformadores, innovadores; os do segundo, que seguem o Credo Napoleonico da Escola de Guerra.

Pretende Langlois que o *Decreto de 25 de maio de 95 sobre o serviço dos exercitos francezes em campanha* é baseado na propria experiencia da guerra e que portanto os seus principios são estaveis e precisam unicamente de sêr bem comprehendidos e seguidos com um largo uso da iniciativa individual.

Não é d'esta opinião Négrier e as suas theorias ultra modernas estão bem expressas nos seus livros e nas ordens e instrucções dadas por occasião das grandes manobras francezas de 1903 entre o 12.^o e 13.^o corpos d'exercito.

Qual dos dois mestres na arte da guerra terá razão?
Ignoramo-lo...

Futuras campanhas, que Deus afugente, se encar-

regarão de dar razão a um ou a outro... a ambos mesmo.

Pela nossa parte pedimos venia unicamente para apresentar um *compte rendu* das ideias das duas escolas.

As ideias de Négrier podem synthetisar-se em duas palavras: a *onda*, a *onda humana* extraordinariamente semelhante á *onda* liquida, que na maré invade a praia até onde lhe chegam as forças.

Assim o *escalonamento em profundidade* desaparece fundindo-se na *onda* composta da simples linha de atiradores densa; e desaparece devido ao poder do moderno armamento, que impediria o avanço das fracções de reserva, dizimadas antes de poderem fazer uso do fogo.

Como a *onda* liquida, esta chegará até onde lhe permitam as forças.

Atraz d'esta *onda*, outra virá, composta de tropas frescas, dar o novo *élan*. Se ambas puderem tomar a posição inimiga, muito bem; caso contrario outra nas mesmas circumstancias virá dar novo alento, nova força, nova coragem.

Entretanto as tropas da retaguarda manobrarão fóra das zonas perigosas, prolongarão as frentes—que attingirão dimensões extensissimas—procurarão ameaçar o flanco do adversario e por meio da infantaria montada, pela cavallaria, com as unidades de cyclistas ameaçarão a linha de retirada do inimigo. Fóra dos casos excepçionaes nada de cargas de cavallaria, nada de bayoneta mas sim e sempre granadas, o fogo em *ra-fales*!

Quanto opposta a esta é a theoria de Langlois!

Este mestre todo elle é inspirado nos principios, que reputa estaveis, do actual regulamente francez, se bem que não considere a tactica como cousa immutável, antes pelo contrario tendo as suas leis de Evolução, que se podem synthetisar nó seguinte:

1.^o — Os aperfeiçoamentos successivos da espingarda augmentam as difficuldades do ataque de frente, conduzido unicamente pela infantaria; e dão á fortificação ligeira de campanha um accrescimo constante de força de resistencia; facilitam os ataques de flanco, isto é, a *manobra*.

2.^o — Os progressos da artilheria facilitam o *ataque*, qualquer que elle seja.

3.^o — O progresso do armamento augmenta constantemente as difficuldades do contacto e facilita para a defesa a acção em profundidade pela *manobra*; obriga assim a offensiva a fortalecer os órgãos destinados ao contacto.

4.^o — As frentes de combate tomam uma extensão cada vez maior com o alcance efficaz das armas de fogo; d'onde a necessidade da *manobra* e a sempre crescente da *decisão* na zona determinada, isto é, o *ataque decisivo*.

E Langlois, cujos principios assentam na intima união das armas, attribuindo a cada uma o seu papel, reputa d'este modo as ideias de Négrier, que coincidem com as modernas tendências allemãs:

Ao ataque por *ondas* attribue os desastres russos no sector central da 3.^a batalha de Plewna e os de Tabayama-Hill e Spion Kop dos inglezes na guerra-anglo-boer, desastres estes que subsistirão porque cada onda será successivamente esmagada e aniquilada no mesmo ponto pelo adversario.

E a concepção de Langlois sobre o *combate*: *tactear por toda a parte e cahir a fundo sobre o ponto fraco* leva-o a repudiar o systema de *ataque linear* sem reservas que diz corresponder simplesmente ao actual *combate de preparação*, lento, tenaz, sempre progressivo, assente na união intima da infantaria e artilheria faltando-lhe pois a decisão subita e imperiosa, caracterizada pela profundidade e pela bayoneta, sobre o ponto reconhecido como fraco no inimigo.

Esse *combate linear* com ambos os adversarios, procurando envolver-se mutuamente, diz Langlois fazer lembrar o *caoutchouc*, que estendendo-se até onde dê a

elasticidade, rebenta á mais pequena força exercida no meio. Assim tambem com o systema de combate linear: se um dos adversarios *cahe á fundo* sobre o centro do inimigo ahi temos o outro, que não tem reservas, esphacelado, partido em dois.

A divisão, pois, do combate em *preparação e decisão* são os característicos da theoria de Langlois.

A' bayoneta attribue um papel importantissimo, quando depois da *preparação pelo fogo* ella, ensinando os canos das espingardas, vae mostrar ao inimigo a chegada subita de tropas frescas de reserva promptas para o corpo a corpo, para a *ultima ratio*! Que o choque se dê ou não, pouco importa: a bayoneta *aura rempli son office*!

A cavallaria diz: «dans toute la durée de la bataille, ils trouveront encore l'occasion de charges brillantes sur des troupes démoralisées par un feu inopiné et écrasant». Assim, embora reconheça que para a exploração a cavallaria não poderá operar só, mas sim com o concurso das outras armas, attribue a esta arma um papel ainda importantissimo e de largo futuro, para o que precisa de bellos cavallos e ousados cavalleiros conhecedores do *métier*.

A *infanteria montada* não a acceita em guerras europeias, mas simplesmente nas campanhas coloniaes, onde prestarão serviços relevantes. A infanteria precisa de mobilidade, é certo, mas na opinião de Langlois não existe infanteria menos movel em guerras europeias que a *montada*. Alem d'isso, se é mal montada e mal instruida, não poderá prestar serviços que a cavallaria presta; bem montada e bem instruida, rapidamente se transformará em cavallaria. D'onde se conclue que a a infanteria montada nunca poderá substituir a cavallaria nas guerras europeias.

E' sabido o enthusiasmo de Langlois pelas unidades cyclistas, destinadas á occupação rapida de posições e a sustentar-se ahi enquanto a infanteria não chega. As ultimas manobras (1905) puzeram em alto relevo o batalhão cyclista do major Gérard, o que vem depôr immenso em abono do enthusiasmo do illustre general,

que se tinha arvorado em campeão do cyclismo militar.

Temos tocado assim os topicos das duas theorias antagonicas, theorias de grande merecimento, que bem mostram a alta capacidade dos seus chefes, duas verdadeiras glorias da grande Patria do Pensamento Humano.

Ao estudo, á ponderação dos nossos camaradas elles ahi ficam expostos, por nos parecerem dignos de tal estudo e de tal ponderação.

Lisboa — Setembro, 1905.

EURICO DE SAMPAIO SATURIO PIRES
Alfêres d'Infanteria.

A entrada dos recrutas

Com um exito feliz festejou-se este anno no Regimento de Infantaria n.º 16 a entrada dos recrutas. E' um facto novo entre nós e que muito nos desvaneece, porque não ha vida ou carreira em que mais necessario seja desenvolver o espirito de camaradagem e solidariedade do que no arduo mister das armas, em que todos nós, irmãos por sermos militares e pertencermos á mesma familia, precisamos do auxilio mutuo para mantermos intangivel a Patria que servimos e defendemos. É só esse espirito de solidariedade e de boa camaradagem que nos pode dar força para realisar o ideal, a defensão da sagrada Patria, em que todos nós, como velhos portuguezes de outras eras, andamos empenhados. A missão é nobre, mas a tarefa é ardua e não havendo um forte traço de união que nos ligue no mesmo pensamento, esse ideal jámais será cumprido.

Bem fizeram, pois, os nossos camaradas d'aquelle regimento, procurando com uma festa, logo na entrada dos recrutas, mostrar aos novos soldados, que podem ser os martyres ou os heroes de amanhã, o que seja e o que valha este nobre sentimento que se chama amor da Patria. Sendo recebidos festivamente ficarão logo sabendo que bastará serem considerados soldados para serem estimados como homens uteis e prestadios ao exercito e ao seu paiz. E ao mesmo tempo ficarão sabendo que, sem quebras de disciplina nem faltas de decoro, todos podemos, como verdadeiros irmãos, embora uns mais velhos e outros mais novos, confraternisar na mais santa das harmonias. E a maneira nobre como esses noveis soldados foram recebidos far-lhe-ha surgir ao seu espirito a idéa de que

o sentimento da Patria é tão grande e tem uma influencia tão poderosa, que todos aquelles que veem a alistar-se como homens valerosos em volta da sua bandeira são dignos de ser olhados e admirados como homens prestantes e de valor. E d'ahi lhe virá a convicção, a esses homens rudes, mas de espirito juvenil, que é devéras importante o serviço que veem prestar no exercito, por meio do qual se tornarão uteis ao seu paiz defendendo a sua patria, cujo symbolo viram logo na bandeira tremulante que n'esse dia foi collocada no meio do seu regimento, em volta da qual todos se reuniram.

E essa convicção, despertando-lhe o amor proprio, fará só por si com que todos tomem amor á nova vida que passam a abraçar e á causa nobre e cheia de sentimentos altruistas que passarão a defender. E' só então que se realisará o conselho do defunto Dragomiroff. — «Vê na tropa de que tu fazes parte uma familia, em cada chefe um pae, em cada camarada um irmão e em todos os subordinados um parente proximo; e então todos estarão contentes, em familia, e se esquecerão de todos os seus pezares.»

A vida militar é toda de tradições e symbolismos. Nas tradições vemos os heroes que nos servem de exemplo, e nos symbolos vemos o guia que nos ensina o caminho que devemos seguir no futuro. Os symbolos representam-nos o dever, e as tradições a forma de o cumprir, imitando os feitos heroicos que nos legaram os nossos antepassados. E tudo isso, que só representa abnegação, heroismo e heroicidade, precisa ser ensinado, logo ao entrar no quartel, aos novos recrutas, não só para lhe mostrar o quanto envolve de grandioso e imponente a vida militar, mas até para lhe desbravar o seu rude espirito de falsos preconceitos que por ventura traga do seio da sua familia.

E esta ultima razão é bem imperiosa. A educação civica do nosso povo é detestavel. O padre, nas suas catecheses, em vez de ensinar tudo que é bom, necessario e essencial a um povo que deseja ser grande e culto, limita a sua acção ás exigencias da cartilha; o mestre escola, que devia ser um dos esteios mais solidos da educação das creanças, limita a sua tarefa ao ensino do A B C; o pae, que é o primeiro responsavel pela educação dos filhos, tendo recebido uma educação imperfeita e alheia de todos os sentimentos que a Patria lhe pode inspirar, porque felizmente poucas vezes lh'os tem acordado, apenas cuida do ganha-pão quotidiano. En'estas condições, os filhos das nossas aldeias e talvez mais ainda os das nossas cidades, chegam á idade do recenseamento sem saber o que sejam esses sentimentos. E' pois na entrada do quartel que nós, militares, precisamos completar a educação que os outros não souberam ministrar. Mas ensinar não é reprimir. Ensinar é exemplificar, e bem andaram consequentemente os nossos camaradas de Infantaria n.º 16, mostrando aos novos soldados a bandeira como symbolo da Patria, a espada desembainhada como symbolo do commando, a formatura e a continencia como symbolos da disciplina e obediencia e os festões alegres e enfeitados como symbolo da camaradagem franca e despreocupada.

E d'esta forma tanto o soldado bisonho e estranhadiço como aquelle que lacrimojante se despede da familia como quem vae para uma cadeia ou viagem desconhecida, encontrará logo em todos esses symbolos razão sufficiente para perceber que na vida militar todos se estimam, porque todos commungam no mesmo ideal nobre e levantado. As saudades da familia e o horror pela vida militar, que no nosso paiz é grande, serão então em breve offuscados pelo enlevo e até enthusiasmo, que tudo isso desperta.

Mas, se é necessario animar e predispor o espirito do soldado, não é menos imperiosa a necessidade de educar e orientar o povo. O paiz inteiro precisa saber que o quartel não é uma prisão, mas um lar e uma escola. Essa tarefa é a nós, militares, que nos pertence. Nós é que precisamos mostrar ao paiz a forma como educamos e preparamos os seus filhos. Se isso um dia se conseguir, se podermos mostrar bem claramente que o exercito vive perfeitamente identificado com a sua nação, o horror pelas armas, que infelizmente ainda campeia d'uma forma bem accentuada, será em breve substituido pelo sentimento contrario, pelo enthusiasmo e affecto reciproco. Estas festas não servem, pois, sómente para estimular os soldados novos, servem tambem para desenvolver o espirito militar entre as classes populares, fazendo desaparecer os falsos preconceitos de horror que ainda os domina e atormenta. E talvez esta ultima razão seja até a mais poderosa para nos dizer que não devemos desanimar no proseguimento da tarefa tão auspiciosamente encetada.

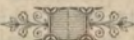
Nos exercitos estrangeiros estas festas são frequentes. Na Alemanha, a festa mais imponente é a do juramento da bandeira, principalmente em Berlim, onde se reúnem os recrutas de todos os corpos para jurarem sobre as bandeiras, como symbolo da sua patria, e sobre a espada do seu Imperador, que se colloca entre aquellas, como o representante da sua nação. Apesar das festas militares que se seguem n'este dia solemne, chega-se ao extremo de mandar os recrutas pelas cidades, acompanhados por cabos e sargentos, com o fim d'estes lhes explicarem tudo quanto represente os progressos recentes ou evoque as glorias passadas. Na França, apesar de ser já uso antigo receber os recrutas festivamente, o ex-ministro da guerra, Berteaux, expediu este anno uma circular aos commandantes dos corpos em que estimulava a realisação d'essas sympathicas festas, deixando a sua organização dependente da phantasia dos chefes. A Hespanha tem tambem um costume bem original. Não festeja a entrada dos recrutas, mas cada arma festeja o dia da sua santa padroeira. Para a infantaria hespanhola, *la valeroza*, o dia 8 de dezembro, dia da Senhora da Conceição, que é a *patrona de la infantaria*, é um perfeito dia festivo em todos os quarteis d'esta arma.

Nós, devido ao exemplo que nos foi fornecido, precisamos proseguir tambem na mesma ordem de ideias. Affastados já os preconceitos provenientes d'uma rotina muito velha, não vemos mesmo razão para nos determos no caminho tão auspiciosamente encetado. Para melhor estimulo, porém, é sem duvida preferivel que

o proprio ministerio da guerra tome a iniciativa para os annos futuros, indicando os topicos geraes a que devem obedecer. E n'este sentido vamos até emittir a nossa opinião. Um juramento de bandeiras collectivo, em globo, de todos os recrutas da guarnição deve indubitavelmente constituir um espectáculo grandioso e imponente, não só pelo elemento militar que o constitue, mas também pelo elemento official, que não deve ser esquecido, e pelo povo, que é sempre conveniente que assista a estas cerimoniaes para se identificar com o exercito e conhecer de perto como os seus filhos são por nós tratados. Para isso bastará que essa cerimonia se realice 2 ou 3 dias depois dos recrutas encorporados, que será o bastante para aprenderem a marchar e fazerem a continencia, que é quanto precisam conhecer. Realizado então este acto solemne, os recrutas recolheriam aos seus corpos, onde se seguiriam depois as festas que a phantasia indicasse e que os commandantes das divisões auctorisassem. E d'esta forma mostrariamos ao paiz inteiro não só como nós encaravamos o sacrificio da Patria, mas até a forma carinhosa como tratavamos os seus filhos, com o que todos teriamos a lucrar.

DAVID RODRIGUES

Ten. d'Infanteria.



NO EXTREMO ORIENTE

(Continuado do n.º 7 — 1905)

A concentração dos japonezes até Liao-Yang

Já dissemos como o I corpo d'exercito japonéz, Ku-roki, passou o Yalou e já descrevemos o desembarque do II corpo e a fórma como Oku conseguiu apoderar-se da península de Liao-Tung com a tomada de Porto Arthur.

Estando na posse d'esses pontos, que serviram aos japonezes de verdadeiras bases de operações, resta-nos descrever o movimento offensivo que executaram em direcção ao norte, a fórma como concentraram os tres corpos d'exercito sob o commando do marechal Oyama, para depois podermos entrar na descripção pormenorizada das grandes batalhas de Liao-Yang e Mukden.

Comecemos pelo I corpo, Kuroki. Este corpo d'exercito, depois de ter effectuado a passagem de Yalou, concentrou muito lentamente o grosso do seu effectivo em Teng-hang-tcheng, mandando uma columna como guarda de flanco sobre Sai-ma-tsé, passando por Kouandian. Tanto esta columna como as avançadas do corpo principal sustentaram o contacto com os russos durante mais d'um mez.

Esta demora, quasi paralysação d'este corpo d'exercito, obedece a uma estrategia prudente. Kuroki não queria avançar, não queria investir com as forças principaes de Kouropatkine porque esperava combinar o seu avanço com o do II corpo e com o desembarque do III. Não proceder d'esta fôrma seria metter-se na bocca do lobo.

E, de facto, assim succedeu. Kuroki só iniciou um movimento offensivo energico quando Oku conseguiu fechar Stoessel em Porto-Arthur, pois que só depois d'isso é que se encontrou livre para poder seguir em direcção ao norte.

Estes dois corpos d'exercito achavam se muito separados, e sem a intervenção d'um outro corpo d'exercito que lhe estabelecesse a ligação, não poderiam de certo executar movimentos combinados.

Para preencher esta lacuna foi ordenado o desembarque do III corpo, Nodzu, que se effectuou em Takuschan, no mez de maio, e emquanto Oku conseguira fechar parte das forças russas em Porto-Arthur. Emquanto, pois, este general effectuava esta operação, que já descrevemos, e emquanto mandava Nogí cercar aquella cidade, que tão gloriosamente conquistou, Nodzu effectuava o desembarque do III corpo, e Kuroki esperava pacientemente que todas essas operações se effectuassem afim de poder iniciar a sua marcha com garantias de successo.

Estando estes tres corpos a postos, com toda a harmonia e obedecendo a uma combinação quasi theatral, iniciam a offensiva sobre Liao-Yang, onde deviam concentrar-se para dar batalha decisiva. Para isso, o I corpo, Kuroki, formava o flanco direito, o II, Oku, o

flanco esquerdo, e o III, Nodzu, o centro, estabelecendo a ligação entre aquelles dois.

Tanto a preparação como a execução d'este movimento offensivo constitue, sem duvida, um dos episodios mais brilhantes de toda a campanha russo-japoneza, tal foi o methodo, ordem e sciencia com que tudo foi preparado.

O general Kouropatkine, que pouco tempo antes tinha tomado o commando em chefe, não possuia forças sufficientes para evitar esse movimento offensivo. Do seu quartel general, em Liao-Yang, limitou-se apenas a ordenar alguns movimentos para o sul com o fim de incomodar e retardar o avanço dos nippons. Nos principios do mez de junho, porém, recebendo uma ordem expressa de S. Petersburgo, ordenou ao general Stackelberg a execução d'um energico movimento, executado por Kaiping. Este general, no cumprimento da sua missão, conseguiu bater-se com uma parte das forças de Oku, mas, apesar dos louros de Vafangou viu-se em breve obrigado a ceder o terreno que tinha occupado.

O general Kuroki, no flanco direito, tambem teve que vencer a resistencia que o general Kelier lhe soube oppôr até ao momento da sua morte.

Os corpos d'exercito I e III, flanco direito e centro, foram os encarregados de executar os movimentos verdadeiramente demonstrativos. O I corpo, com uma frente de 150 kilometros, teve que lutar com enormes difficuldades para vencer a aspereza do terreno, deveras montanhoso e cortado, e os ataques que lhe eram dirigidos ás suas columnas, que por vezes se encontravam bem dispersas.

Avançando, porém, sempre, os tres corpos d'exercito japonezes conseguiram apoderar-se respectivamente dos desfiladeiros de Maticuline, Daline e Fenhauiline, que conduziam a Liao-Yang, e do de Hai-tcheng, que conduz a Kai-ping. Depois da tomada de Kai-ping, que foi a 8 de julho e que se effectuou sem resistencia, só a 23 é que os japonezes iniciaram de novo a sua offensiva, demora esta que foi motivada pela difficuldade em rom-

per a estrada de Nidutchouamg. Mas para isso foi necessario repellir mais para norte o corpo de Stackelberg, que depois de varios combates sem importancia se tinha estabelecido em Da shi-tchao. Para o desalojar foram empregadas tropas do II e III corpos d'exercito e cuja fórma de proceder passamos a descrever, pois que constitue um dos combates de retaguarda mais importantes que os russos sustentaram.

A demora em atacar Da-shi-tchao foi tambem motivada pelo atrazo do III corpo d'exercito, pois que só a 20 d'este mez é que a divisão da esquerda conseguiu sahir das montanhas e chegar a Tautchi, a 20 kilometros a sudoeste d'aquella povoação.

A infantaria moscovita tomou posição a cerca de 8 kilometros a sul de Da-shi-tchao, nas collinas que dominam a linha ferrea e a estrada mandarina.

A frente occupada tinha a extensão de 20 kilometros, formando um arco de circulo alongado. Era sustentada por numerosa artilheria, á retaguarda da qual havia fortes reservas. Uma brigada de cossacos foi collocada á retaguarda da ala direita e uma outra á retaguarda da ala esquerda. A infantaria moscovita era constituida por 4 brigadas.

A 22 o general Ôku inicia o seu ataque, no que foi seguido pela divisão da esquerda de Nodzu. A 23 foi estabelecido o contacto e a 24, logo de manhã, os japonezes romperam um energico fogo de artilheria. A infantaria japoneza, temendo a superioridade que o terreno dava á artilheria moscovita, inicia em quasi toda a frente o seu ataque de demonstração. Enquanto o ataque se arrastava indeciso, a divisão do III corpo japonéz tenta um ataque ao flanco esquerdo russo, que foi repellido por um energico contra-ataque. O duello das duas artilherias continuou durante todo o dia. Logo que chegou a noite, apesar de tudo fazer prever uma victoria para os russos, estes, como tinham cumprido a sua missão, pois que se tratava d'um simples combate de retaguarda, effectuaram a sua retirada, indo occupar nova posição, de ante-mão preparada, um pouco a sul de Haitschou.

N'esta nova posição feriu-se também um combate de retaguarda, no qual o general Kouropatkine sacrificou alguns homens simplesmente para ganhar tempo para poder organizar mais á retaguarda as posições de Liao-Yang, em que tencionava offerecer resistencia séria. Este combate effectuou-se a 31 de julho, que foi exactamente o dia em que Kuroki, mais a oeste, se apoderou dos desfiladeiros de Vauzelm e Vuchulin.

A' medida que os russos se iam concentrando em volta das posições de Liao-Yang, os nippons iam avançando lentamente para não perderem nem a ligação nem a harmonia dos seus movimentos. Assim, enquanto Oku ia seguindo os russos pela estrada mandarina, Nodzu, seguindo uma direcção proximamente parallella, tomou, a meados d'agosto, a posição de Kioutchang, de onde pode auxiliar a esquerda de Kuroki, effectuando d'esta fórma a sua concentração e formando com marchas concentricas o arco de circulo que, pelo sul e oeste, envolvia as forças de Kouropatkine.

E d'esta fórma descriptas ficam a traços largos as operações preliminares da batalha de Liao-Yang, que passaremos a descrever.

D. R.

Secção do estrangeiro

Japão — O imperio do Sol Nascente projecta as seguintes reformas militares: elevar a 20 o numero das suas divisões militares; o serviço nas fileiras ser de dois annos em vez de trez; formação de um regimento de caminhos de ferro e de um destacamento de aerostatos militares; introdução de metralhadoras em cada regimento de infantaria; creação d'uma divisão de cavallaria e de um certo numero de caudelarias para remonta.

A marinha vae também soffrer grandes modificações, sendo augmentado o numero dos seus couraçados, todos do typo inglez e com 12 peças de 12 pollegadas, pelo menos, cada navio.

As esquadilhas de torpedeiros e de submarinos serão augmentadas.

A experiencia mostrou o excellente serviço da cavallaria japoneza no seu trabalho de exploração e de reconhecimento, mas os peritos reconheceram que era insufficiente em numero.

Egualmente se notou a mesma falta no serviço de transportes militares e do material de caminhos de ferro.

Russia—A Cruz Vermelha russa teve o seguinte desenvolvimento desde o começo da guerra até 1 de janeiro do corrente anno, a saber:

a) Fóra do theatro das operações: 32 hospitaes a 200 leitos cada um; 14 hospitaes a 100 leitos; 9 hospitaes a 50 leitos; e 2 hospitaes a 25 leitos.

b) Sobre o theatro da guerra—na zona da frente, 64 hospitaes com 12.035 leitos; em todo o Extremo Oriente, 158 hospitaes com 25.851 leitos.

c) Columnas moveis que pensaram e deram hospitalisação a 1.028 homens e alimentaram 22.000.

d) Centros de alimentação com 1.980 leitos, recolheram 20.600 doentes e alimentaram 130.000.

A Cruz Vermelha enviou para o theatro da guerra 50 bibliothecas para officiaes doentes e 99 para soldados.

E' curiosa esta nota:—Os hospitaes do theatro da guerra registaram 2.890.738 dias de dietas, que importaram em 3.836.600 rublos.

O rublo vale 2 francos e 65 ou pouco mais ou menos 500 réis da nossa moeda.

França—Em Mont-Cassel teve logar um exercicio de quadros em que tomaram parte officiaes da reserva e do exercito territorial.

Estes officiaes foram divididos em dois grupos: um dirigido pelo coronel M. Brieu e outro pelo major do 110.º de infantaria M. Levy.

A parte mais interessante d'esta manobra foi a discussão e a marcha para o combate, devendo as posições serem atacadas com todas as regras do combate moderno.

Para nós torna-se digno de registro a circumstancia do exercicio ter sido feito com officiaes da reserva e territoriaes.

E' um exemplo que deve ser imitado.

E' urgente cuidar-se com attenção dos nossos officiaes da reserva, já augmentando o seu numero, já augmentando a sua instrucção.

Como as coisas se passam entre nós, não vão bem.

Pouco ou nada se faz para prender e estimular a classe illustrada da nossa sociedade a alistar-se na reserva, e menos ainda se faz para os valorisar, tornando-os uma entidade apreciavel e que offereça garantias quando a patria chamar pelo concurso de todos os seus filhos validos para a lucta sagrada da sua defesa.

Consta-nos até que o sr. ministro da guerra difficultou e embaraçou os nossos officiaes de reserva que espontaneamente se offereceram para tomarem parte no periodo da instrucção dos reservistas.

Allemanha—Durante as manobras tem-se ensaiado algumas vezes na Allemanha o systema da alimentação do soldado pela população civil, mediante uma determinada indemnisação.

Este systema tem na verdade extraordinarias vantagens. Evita a grande fadiga das distribuições e da preparação dos alimentos, e reduz a quasi nada as questões do abastecimento de viveres ao cuidado das auctoridades militares.

Além d'isto, que é da maior importancia, familiarisa tambem as populações com este genero de alimentação ás tropas que poderá, em certas occasiões, prestar os mais importantes serviços na guerra.

A questão capital, para os allemães, está no quantum da indemnisação.

O governo allemão paga pela alimentação de cada soldado a quantia de 80 pfennigs, o que corresponde a 190 réis da nossa moeda, pouco mais ou menos, com o cambio ao par.

Dizem os allemães que com este dinheiro é impossivel poder fornecer uma alimentação forte e substancial ao soldado, tornando-se por isso, este systema de alimentação, um pesado imposto sobre as populações que ficam dentro do theatro das manobras.

Dizem os jornaes allemães que a indemnisação deve ser elevada a 1 marco e 50 por cada soldado, o que equivale a 398 réis da nossa moeda.

Em França pensa-se em fazer experiencia identica.

Ahi fica o alvitre.

Inglaterra—O Ministerio da Guerra inglez vai convidar os poetas e musicos do seu paiz para um grande concurso de marchas e canções militares.

A intenção do ministro é mandar reunir em livrinho uma collecção de cantos para cada soldado, seguindo o exemplo da Allemanha.

Chega-nos ao conhecimento que o illustre coronel commandante de cavallaria 9, o sr. Domingos Corrêa, já tem no seu regimento a ensaios uma formosa canção militar para ser antrada nas marchas que um esquadrão do seu regimento terá em breve de fazer na expedição aos cuamatás.

Ha muitos annos já que advogamos esta mesma ideia e por isso muito a desejaríamos vêr generalisada no exercito.

Porque se não compõe uma canção patriotica para ser cantada com a musica do hymno nacional?

13016-1420/
- 8.º-1911-
my

INDICE

Adriano Strecht de Vasconcellos , <i>tenente de infantaria</i>	
O triplice problema economico dos officiaes	321
Alberto David Branquinho , <i>tenente da administração militar</i>	
Administração militar	360
Alfredo de Leão Pimentel , <i>tenente de infantaria</i>	
A reorganisação do exercito ultramarino	69
Antonio Leite de Magalhães , <i>alferes d'infanteria</i>	
Saldos e gratificações	177
Antonio Cabreira	
O capitão d'infanteria Pereira Batalha	89, 187
Antonio Marinho de Sousa Barros , <i>coronel de infantaria</i>	
A excepção de incompetencia do 1. ^o conselho de guerra	34, 81
David Augusto Rodrigues , <i>tenente de infantaria</i>	
No Extremo Oriente	33, 140, 204, 378

Soldos e gratificações.....	109
Lições da campanha russo-japoneza.....274,	315
A entrada dos recrutas	375

Eurico de Sampaio Saturio Pires, alferes de infantaria

A instrucção por companhias.....	78
Officiaes de reserva	214, 271
Os cabos.....	307
Duas escolas oppostas.....	371

Fernando Augusto Borges Junior, tenente de infantaria

A acção do commando e o uso da iniciativa.....	42
Instrucção militar	153
Instrucção dos officiaes.....	300

Francisco Lopes, capitão de infantaria

Carreiras de tiro	113
-------------------------	-----

F. S.

Organisação militar colonial	173, 200, 294
------------------------------------	---------------

Francisco de Sá Chaves, capitão de cavallaria

Infanteria montada.....	340
-------------------------	-----

G.

A theoria da marcha.....218, 280,	348
-----------------------------------	-----

João A. Correia dos Santos, tenente de infantaria

Questões d'organisação militar	262, 327
--------------------------------------	----------

José Cesar Ferreira Gil, major de infantaria

Conferencia pronunciada na Escola Pratica de Infanteria.	49, 87
---	--------

Julio Lopes d'Oliveira, capitão de infantaria

Emprego do fogo no combate.....	237
---------------------------------	-----

M. A.

Situação desesperada.....	73,	170
---------------------------	-----	-----

Um infante

A infantaria montada.....	39, 83, 122, 181,	311
---------------------------	-------------------	-----

Y.

Sargentos e cabos.....		46
Serviço de dois annos.....		157

Da Redacção

Aos nossos camaradas.....		33
A favor da paz.....		57
Emprego tactico da metralhadoras.....		58
A' Revista Militar.....		65
Armamento da infantaria.....	97,	129
A bala e a bayoneta.....		118
A arma de infantaria..	128, 161, 194, 227, 258, 289,	333
As propostas da guerra.....		145
As metralhadoras nos differentes exercitos..	150, 168,	248
General Lencastre e Menezes.....		225
Os sargentos.....	246,	364
Um apparelho topographico.....		284
Os quadros da infantaria.....	333,	353
Os vencimentos dos officiaes no ultramar.....		367

Bibliographia

Relatorio geral dos trabalhos effectuados no campo en-		61
trinceirado de Lisboa.....		61
Serviço de cavallaria em campanha... ..		159
Considerações sobre a provincia de Cabo Verde.....		222
Annibal e Napoleão.....		253
Summario historico sobre a defeza de Portugal.....		254
Discurso commemorativo da batalha do Bussaco.....		254
As nossas aspirações.....		

Secção do estrangeiro

Allemanha...	94, 127, 159, 189, 255, 287, 320, 352,	384
Austria	127, 191, 223, 319,	351
Belgica		64
Bulgaria		224
França	160, 224, 255, 287, 319,	383
Inglaterra	96, 191, 255, 286,	384
Italia		190
Japão	96, 127, 352,	382
Noruega		95
Russia	62, 192,	383
Suissa		223
Suecia		128
Turquia.. ..		160





